

UFRRJ

INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO DE CIÊNCIAS
SOCIAIS EM DESENVOLVIMENTO, AGRICULTURA E
SOCIEDADE**

DISSERTAÇÃO

**A CONSTRUÇÃO SOCIAL DA AGRICULTURA FAMILIAR
INTEGRADA NO PROCESSO DE MODERNIZAÇÃO DA
AGRICULTURA: EXPERIENCIANDO AS TRANSFORMAÇÕES
NO RURAL EM TEUTÔNIA-RS (1970-2010)**

Juliano Luís Palm

2012



**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO DE CIÊNCIAS SOCIAIS EM
DESENVOLVIMENTO, AGRICULTURA E SOCIEDADE**

**A CONSTRUÇÃO SOCIAL DA AGRICULTURA FAMILIAR
INTEGRADA NO PROCESSO DE MODERNIZAÇÃO DA
AGRICULTURA: *EXPERIENCIANDO AS TRANSFORMAÇÕES*
NO RURAL EM TEUTÔNIA-RS (1970-2010)**

JULIANO LUÍS PALM

Sob a Orientação da Professora

Claudia Job Schmitt

Dissertação submetida como
requisito parcial para obtenção do
grau de **Mestre em Ciências Sociais**,
no Programa de Pós-Graduação de
Ciências Sociais em
Desenvolvimento, Agricultura e
Sociedade.

Rio de Janeiro/RJ,

Outubro de 2012

338.1098165
P172c
T

Palm, Juliano Luís

A construção social da agricultura familiar integrada no processo de modernização da agricultura: experienciando as transformações no rural de Teutônia-RS (1970-2010) / Juliano Luís Palm. 239f.

Orientador: Claudia Job Schmitt

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Instituto de Ciências Humanas e Sociais.

Bibliografia: (f. 230)

1. Agricultura familiar – Teses. 2. *Integração*– Teses. 3. Modernização da agricultura – Teses. 3. Atores sociais – Teses. 4. Desenvolvimento rural – Teses. I. Schmitt, Claudia Job. II. Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Instituto de Ciências Humanas e Sociais.

.

**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO DE CIÊNCIAS SOCIAIS EM
DESENVOLVIMENTO, AGRICULTURA E SOCIEDADE**

JULIANO LUÍS PALM

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de **Mestre em Ciências Sociais**, no Programa de Pós-Graduação de Ciências Sociais em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade.

DISSERTAÇÃO APROVADA EM 17/10/2012

Claudia Job Schmitt Dra. CPDA/UFRRJ
(Orientadora)

Nelson Giordano Delgado Dr. CPDA/UFRRJ

Guilherme Francisco Waterloo Radomsky Dr. PPGS/UFRGS e PGDR/UFRGS

Leonilde Servolo de Medeiros Dra. CPDA/UFRRJ
(Suplente)

Flávia Charão Marques Dra. PGDR/UFRGS
(Suplente)

“Um galo sozinho não tece uma manhã:
ele precisará sempre de outros galos.
De um que apanhe esse grito que ele
e o lance a outro; de um outro galo
que apanhe o grito que um galo antes
e o lance a outro; e de outros galos
que com muitos outros galos se cruzem
os fios de sol de seus gritos de galo,
para que a manhã, desde uma teia tênue,
se vá tecendo, entre todos os galos.

E se encorpando em tela, entre todos,
se erguendo tenda, onde entrem todos,
se entretendendo para todos, no toldo
(a manhã) que plana livre de armação.
A manhã, toldo de um tecido tão aéreo
que, tecido, se eleva por si: luz balão.”

João Cabral de Melo Neto
(1920-1999)

RESUMO

PALM, Juliano Luís. **A construção social da agricultura familiar integrada no processo de modernização da agricultura: experienciando as transformações no rural de Teutônia-RS (1970-2010)**. 2012. 234f. Dissertação (Mestrado de Ciências Sociais em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade). Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro (RJ), 2012.

Esta dissertação de mestrado tem como objetivo central compreender de que forma a *integração* de agricultores familiares às agroindústrias consolidou-se, historicamente, tanto do ponto de vista simbólico como pelos resultados econômicos alcançados, particularmente por um segmento específico de produtores, em uma trajetória de “sucesso” e de permanência na agricultura e no espaço rural em Teutônia-RS. Para isso examina-se o modo como diferentes atores, em que se destacam agricultores familiares e técnicos de diferentes instituições, experienciaram o processo de modernização da agricultura brasileira, a partir da década de 1970, neste universo específico. Tomando como ponto de partida a atual configuração da agricultura familiar neste município, buscou-se reconstituir historicamente, de um lado, a trajetória social de famílias que hoje permanecem no meio rural e, de outro, as transformações econômicas, sociais, culturais e político-institucionais ocorridas em seus campos de relações. O trabalho buscou perceber a interrelação existente entre estruturas, atores e percepções na construção social da *integração* como alternativa hegemônica na agricultura familiar do município. Buscou analisar, também, os atores sociais que tiveram capacidade de agência na consolidação desta forma de fazer agricultura como sendo a mais valorizada, com destaque para a Cooperativa Languiru. Além da *integração* foram identificados, também, dois outros tipos de trajetórias que refletem as distintas formas como as famílias agricultoras experienciaram o processo de modernização do rural em Teutônia. Em muitas unidades produtivas observou-se uma secundarização da agricultura como fonte geradora da renda familiar. Um número reduzido de explorações agrícolas optou, no período mais recente, por arranjos técnico-produtivos voltados à agregação de valor e inserção em circuitos curtos de comercialização. Para além dos fatores econômicos, chama-se atenção para a importância dos aspectos políticos, sociais e culturais na análise das transformações do mundo rural.

Palavras chave: agricultura familiar, *integração*, modernização da agricultura, atores sociais, desenvolvimento rural.

ABSTRACT

PALM, Juliano Luís. **The social construction of family agriculture integrated in the process of modernization of agriculture: experiencing transformations in rural Teutonia-RS (1970-2010)**. 2012. 234f. Dissertação (Mestrado de Ciências Sociais em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade). Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro (RJ), 2012.

The main objective of this dissertation is to understand how contract farming, based in the integration of family farmers to the agroindustry, was consolidated, over time, not only in symbolic terms, but through the economic results achieved by a specific group of producers, as a successful trajectory and a strategy of permanence in the agricultural activity and the rural space in Teutônia-RS. In order to accomplish this task, the research examines the way different actors, with emphasis on farmers and technicians from different institutions, experienced the modernization process of Brazilian agriculture, from the 1970s on, in this specific social universe. Taking as a starting point the current configuration of family farming in Teutônia-RS, we attempted to reconstitute historically, on the one hand, the social trajectory of families that still remain in the countryside and, on the other hand, the economic, social, cultural, political and institutional changes occurring in their fields of relations. The study sought to understand the interrelationship between structures, actors and perceptions in the construction of contract farming as a hegemonic alternative among family farmers in the municipality. The research aimed, also, to identify which social actors had agency capacity in the consolidation of this form of practicing agriculture as the most valued in this specific setting, with special attention to the role of the Cooperativa Languiru. Other than the option for contract farming, two other typical trajectories were identified among family farmers in Teutônia, reflecting the different ways the modernization process was experienced at local level. In many farm units it was possible to observe a diminishing importance of agriculture as a source of family income. A small number of farms chose, recently, to build different technical and productive arrangements, focused in the production of added value at farm level and in the insertion in short food supply chains. Beyond economic factors, this research calls attention to the importance of political, social and cultural transformations in the analysis of the rural world.

Keywords: family farming, *integration*, modernization of agriculture, social actors, rural development.

Agradecimentos

“A ellos que me enseñaron el verbo amar”

(Joan Manuel Serrat)

Tal qual Aureliano Buendía, em meio a estes *anos de solidão*, solitários, mas não desacompanhados, não haveremos de entender muito bem como fora se encadeando toda uma série de sutis e irrevogáveis causalidades que nos levaram ao momento presente, mais especificamente a esta pesquisa e à versão de seus resultados que ora apresentamos. Diversos foram aqueles que, ao longo de minhas vivências, durante estes anos, tiveram, em maior ou menor grau, importância para que chegássemos a este momento, desta forma. Assim, seguindo Eduardo Galeano, na abertura *De pernas pro ar*, gostaria de declarar que este texto “tem muitos cúmplices” e que tenho imenso “prazer em denunciá-los”. A eles agradeço e, seguindo ainda Galeano, mas agora na abertura de *As veias abertas da América Latina*, “dedico o resultado ora apresentado, do qual são, é claro, inocentes”.

Primeiramente, gostaria agradecer aos meus avós, Edgar e Bernadete Schneider, Celita e João Palm (*in memoriam*), como também aos meus pais, Waldemar e Marlene Palm. Agradeço pelas *vivências* de infância, oportunizando-me o acesso e sensibilizando-me para um saber específico, que foram capazes de construir como forma de enfrentar a precariedade e a instabilidade existencial, conformado em suas experiências enquanto agricultores familiares. O conhecimento acumulado por essas pessoas, mesmo quando utilizado como um recurso em outros contextos, me ofereceu uma riqueza de subsídios para delinear formas de enfrentar a vida, desafio presente na trajetória de meus pais que, em sua juventude, saíram do rural para trabalhar nas indústrias do setor coureiro-calçadista de Teutônia-RS. A estes, também gostaria de registrar minhas desculpas pela opção de vir a residir em pagos distantes, para realizar meu curso de mestrado, o que limitou ainda mais nossas oportunidades de convívio e troca de experiência. Todavia, mesmo que com esta distância espacial, lembro que sentimentalmente sempre estamos juntos. Amo vocês!

Da mesma forma, gostaria de registrar meus agradecimentos a meu irmão, Luciano Palm. As vivências com Luciano foram de crucial importância, também, para que eu percebesse as possibilidades de outro mundo possível, existente nas palavras escritas, que só precisam ser alteradas para que a gente se metamorfoseie em outro. Agradeço também a Tatiana Palm, esposa de Luciano, com quem pude construir laços

de proximidade ao longo da pesquisa de campo que deu origem a esta dissertação, em vista de ambos terem voltado a residir em Teutônia, no mesmo momento em que retornei à cidade para realizar meu campo, no ano de 2011. Nestes meses de vivência acabamos por redefinir muitas de nossas concepções acerca do mundo, construindo projetos, sonhos e utopias que, se ainda não se tornaram reais, em sua plenitude, passaram a nortear nossas vivências desde aquele momento. Amo vocês, meus caros!

Na realização da pesquisa de campo ao longo do ano de 2011, também retomei as vivências com diversos amigos que, desde a infância, fizeram parte de minha vida e que, assim, impactaram, de alguma forma, minhas opções ao longo da vida. Por todas as vivências de infância, adolescência e futuras, meu muito obrigado a Ernani Lerner, Fabrício Borges, Alexandre Diedrich, Aquél Diehmer, Rafael Strate, Glauco Rohsig, Wiliam Jacobs, Derli e Mauri Helfenstein.

Minha opção em sair de Teutônia e ir fazer o curso de graduação na Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) se deu em conjunto com a companheira Rose Wegner, a qual tenho muito que agradecer, pelos oito anos compartilhados e pelo companheirismo de sempre. Muito obrigado por existir em minha vida, Fofucha!

Ao longo do curso de graduação em História na UFSM, tive a oportunidade de conhecer pessoas magníficas que, de alguma forma, em maior ou menor grau, também foram de suma importância nos rumos que tomei em minha vida. Gostaria de agradecer, em especial, aos companheiros do grupo Coragem para ter Consciência, nos anos de luta no Diretório Acadêmico Quilombo dos Palmares: Iris Carvalho, Henrique Cignachi, Piero Tessaro, Franciele Cocco e Maria Luiza Favasa.

Dos amigos feitos neste período, tenho o enorme prazer em denunciar um dos cúmplices centrais na trajetória que me levou até esta dissertação, o companheiro de lutas, professor e orientador de toda a graduação Diorge Alceno Konrad. Da mesma forma, tenho enorme prazer em denunciar a cumplicidade e companheirismo e dos camaradas Bruno Limana e Alex Menguel.

Alex, além do companheirismo ao longo de toda graduação, foi de crucial importância em minha decisão de realizar o mestrado no Programa de Pós Graduação de Ciências Sociais em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade (CPDA), da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), sendo, ainda, um dos grandes cúmplices da elaboração deste texto, em nossas conversas ao longo dos últimos dois anos. Valeu, che!

Nos dois últimos anos também tive o prazer de conviver, compartilhar dilemas pessoais, alegrias, tristezas e muito aprender com pessoas super especiais, às quais tenho um enorme prazer em nominar. Aos colegas de curso e professores do CPDA, muito obrigado. Dentre os professores do CPDA gostaria de destacar as contribuições da orientadora desta dissertação, Claudia Job Schmitt. Claudia, além das importantes contribuições acadêmicas, tornou-se uma grande amiga, compartilhando todas as aflições que foram surgindo no processo de elaboração desta pesquisa. Sou grato pela sua generosidade e apoio!

Grandes amizades surgiram ao longo destes dois anos de curso, em que destaco os colegas de turma de mestrado de 2010: Bruno Prado, Bernardo São Clemente, Camila Carneiro, Clarisse Kalume, Fabrício Walter, Fernando Aglio, Gerardo Cerdas, Laila Sandroni, Lea Reis, Mario Ney, Rosana Braga. Além destas maravilhosas amizades, tive a felicidade de compartilhar minha vida com Camila Carneiro por grande parte destes dois anos. Amoreca, “pelo que já foi valeu”! Compartilhar todos estes momentos contigo foi maravilhoso! Também tive o enorme prazer de conhecer e conviver com a mãe de Camila, Sonia Batista, pessoa maravilhosa que deixou muitas saudades ao partir, em julho de 2012. Por fim, não posso deixar de agradecer a Camila por ter me apresentado a São Pedro da Serra.

Os maravilhosos ares e pessoas que conheci em São Pedro da Serra tiveram uma enorme influência sobre os rumos que este trabalho tomou. Viver estes meses em São Pedro da Serra foi de crucial importância para que eu ampliasse minha percepção de “rural” e “ruralidade”. As belezas naturais do local, sua efervescência sociocultural, sua carinhosa e maravilhosa população, fizeram com que rapidamente eu me apaixonasse por estes pagos. Ali, grandes amizades surgiram. Com a professora e amiga Maria José Carneiro, estreitaram-se os laços iniciados no CPDA. Aqui conheci também Lia Carla Caldas, com quem estou tendo a enorme felicidade de conviver, como também participar da construção da Casa dos Saberes, idealizada por Lia. Na construção da Casa ainda tive o enorme prazer de estreitar laços com o incansável músico e produtor cultural Reinaldo Ferrerira Queiroz. Compartilhar a coordenação da Casa dos Saberes com Lia e Rei está sendo uma das experiências mais fantásticas que já tive. Em São Pedro da Serra também conheci Marjorie Botelho e Claudio Paulino, com os quais o grande prazer de conviver e trabalhar. A todos esses amigos, gostaria de registrar meu carinho e agradecimento!

Este trabalho não teria sido possível sem a parceria e solicitude de diversos atores sociais, aos gostaria de registrar minha gratidão: a todas as agricultoras e agricultores familiares de Teutônia, em especial aqueles que tive a felicidade de conviver ao longo da pesquisa de campo, à EMATER de Teutônia e de Lajeado, ao engenheiro agrônomo Lauderson Holz do Centro de Apoio ao Pequeno Agricultor, à Silvério Brune da Secretaria de Agricultura e Meio Ambiente de Teutônia, à Cooperativa Languiru, em especial o Departamento Agropecuário desta instituição.

Por fim, gostaria de agradecer aos professores Nelson Giordano Delgado e Guilherme Francisco Waterloo Radomsky por terem aceitado participar da banca de minha defesa de dissertação, e assim contribuir com este trabalho. Como também, destacar o apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), através da bolsa de pesquisa concedida pelos dois anos de mestrado, que tornou possível a realização desta pesquisa. Muito obrigado!

Lista de siglas e abreviações

CAPA - Centro de Apoio ao Pequeno Agricultor

CONTAG – Confederação Nacional dos Trabalhadores da Agricultura

CPDA – Programa de Pós-Graduação de Ciências Sociais em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade

CONSEA – Conselho Nacional de Segurança Alimentar

DAP – Departamento Agropecuário da Cooperativa Languiru

EMATER - Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural; empresa pública de direito privado com atuação estadual.

FARSUL – Federação da Agricultura do Rio Grande do Sul

FEE – Fundação de Economia e Estatística

FETAG – Federação dos Trabalhadores da Agricultura do Rio Grande do Sul

FETRAF – Federação Nacional dos Trabalhadores e Trabalhadoras na Agricultura Familiar

FUNRURAL – Fundo de Assistência do Trabalhador Rural

GT – Grupo de Trabalho

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

MST – Movimentos dos Trabalhadores Sem Terra

PAA – Programa de Aquisição de Alimentos

PNAE- Programa Nacional de Alimentação Escolar

POA – Perspectiva Orientada aos Atores

PRONAF – Programa Nacional de Apoio à Agricultura Familiar

PDT – Partido Democrático Trabalhista

PMDB – Partido do Movimento Democrático Brasileiro

PSDB – Partido da Social Democracia Brasileira

PT – Partido dos Trabalhadores

RJ – Rio de Janeiro

RS – Rio Grande do Sul

UFSM – Universidade Federal de Santa Maria

UFRGS – Universidade Federal do Rio Grande do Sul

UFRRJ – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Sumário

Apresentação	15
Introdução	18
1. Modernização da agricultura e transformações do rural brasileiro: diálogos teóricos e metodológicos.....	32
1.1O processo de modernização da agricultura e as transformações do rural brasileiro.	32
1.2Estudos e debates: articulações econômico-produtivas construídas para e pelos agricultores familiares no Brasil.....	40
1.3De onde e como estamos pensando: diálogos teórico-metodológicos	52
2. Repertórios de possibilidades de articulação econômico-produtiva no rural teutoniense.....	66
2.1A produção colonial da região de Teutônia e sua articulação com os circuitos mercantis.....	67
2.2Estruturação da Cooperativa Languiru: um complexo agroindustrial nos setores de aves, suínos e gado leiteiro.	73
2.3Reconfigurações na realidade fundiária teutoniense e a expansão de alternativas de trabalho não agrícola no complexo agroindustrial e no setor coureiro calçadista.....	81
2.4A Cooperativa e os efeitos da crise econômica da década de 1980: ‘ <i>a saída é diversificar</i> ’.	87
2.5Reconfigurações político-institucionais na década de 1980.....	96
2.6Restrições à emergência de alternativas de organização produtiva e de comercialização paralelas a <i>integração</i> em Teutônia, nas décadas de 1990 e 2000. ..	101
2.7A consolidação da <i>integração</i> a Cooperativa Languiru a partir de fins da década de 1980.	103
3.Experiências de agricultores familiares nas transformações no rural de Teutônia.	115
3.1Experienciando as transformações no rural teutoniense.	115
3.2Experiências: a necessidade de se observar a “sequencia precisa dos eventos” e “os vários possíveis a cada momento do processo”.	143
4.O empoderamento da Cooperativa e de seus atores no processo de modernização da agricultura em Teutônia.	158
4.1Estruturação e trajetória do Departamento Agropecuário da Cooperativa Languiru.	Erro! Indicador não definido.
4.2Interações entre técnicos do DAP e agricultores cooperativados: ações e percepções dos técnicos.....	Erro! Indicador não definido.
4.3Interações entre técnicos do DAP e agricultores cooperativados: ações e percepções de agricultores cooperativados.....	179
5.Estruturação de alternativas à <i>integração</i> no processo de modernização da agricultura em Teutônia: a Feira Livre dos Produtores rurais e as agroindústrias familiares (1985-2011)	194
5.1Ações e percepções da assistência técnica na estruturação de alternativas à <i>integração</i>	195

5.2Ações e percepções dos agricultores teutonienses na estruturação da Feira Livre de Produtores rurais e das agroindústrias familiares.	209
Considerações finais.	226
Referências bibliográficas.....	230

Apresentação

Reconhecer a própria trajetória e as motivações que levaram a nos debruçar sobre determinada pesquisa é um processo essencial para o rompimento com várias das pré-noções e, portanto, crucial na construção do objeto de pesquisa científico (Bourdieu, 1975). Trata-se, por outro lado, de um processo doloroso, em que várias destas motivações são repensadas, juntamente com estas pré-noções. No caso desta investigação, as motivações que levaram à realização do trabalho imbricam-se com a trajetória de pesquisa e de vida do autor.

Em fins da década de 1970 meus pais vieram da área rural para trabalhar nas indústrias do setor coureiro-calçadista, atividade que se expandia na região de Teutônia naquele contexto. Assim, em meados da década de 1980 nasci, sendo o segundo filho deste casal. Durante a infância, em quase todos os finais de semana, visitava meus avós, que permaneceram no campo trabalhando como agricultores familiares. Visitas que, juntamente com estadias mais longas que ocorriam, geralmente, durante as férias escolares, teceram fortes laços e vivências com o rural.

Dos quatorze aos dezoito anos trabalhei em uma pequena fábrica em Teutônia, também vinculada à indústria do calçado. Depois fui para Santa Maria, na porção central do estado do Rio Grande do Sul, cursar História na Universidade Federal existente naquela cidade. Logo passei a me aproximar de pesquisas relacionadas ao trabalho industrial na cidade de Santa Maria, tendo como recorte temporal a Primeira República (1889-1930). Fui motivado, nestas pesquisas, tanto pela minha história pessoal, como pelas formulações teóricas de autores marxistas, que reforçavam a importância das transformações ocorridas no mundo do trabalho para a compreensão dos processos históricos. Assim, ao lado do companheiro e orientador, Prof. Dr. Diorge Alceno Konrad, estudei por três anos esta temática. Importante dizer que Diorge orientou todos os trabalhos de pesquisa que tive oportunidade de desenvolver durante a graduação, dispondo-se, inclusive, como ocorreu durante o meu trabalho de conclusão de curso, a dialogar com temas relacionados à agricultura e ao mundo rural, que não faziam parte, pelo menos em primeira mão, de sua área de estudos, centrada nos *mundos do trabalho* industrial na primeira metade do século XX. Sou grato pela sua generosidade e apoio!

A partir das discussões no GT *Mundos do Trabalho*,¹ passei a perceber certa carência de estudos com foco no rural brasileiro, na disciplina de História, especialmente no século XX.² Assim, iniciei uma pesquisa de iniciação científica sobre mundos do trabalho rural no Rio Grande do Sul, tendo como horizonte temporal o interregno 1930-1945. Dei continuidade a esta pesquisa até o final de meu curso de graduação, no início de 2010. Paralelamente, fiquei cada vez mais motivado em compreender o processo de modernização da agricultura em Teutônia. Em função disso, como trabalho de conclusão de graduação, defendi a monografia intitulada *Modernização da agricultura em Teutônia: o aprofundamento da metamorfose de colono à agricultor familiar vinculado à Cooperativa Languiru (de meados da década de 1970 a 1990)*. Pautando-me essencialmente em pesquisas documentais e fortemente influenciado por teóricos marxistas, leninistas e kautskianos, busquei descrever, ao longo do trabalho, o processo que permitiu que famílias de agricultores, com melhor condição econômica, modernizassem suas unidades produtivas, especializando-se na produção de aves, suínos e gado leiteiro, na grande maioria dos casos em sistema de *integração* com a Cooperativa Languiru. Uma ampla camada destes agricultores não conseguiu participar, entretanto, deste processo. Os indivíduos mais jovens, oriundos destas unidades produtivas, passaram, em muitos casos, a trabalhar em atividades não agrícolas na área urbana do município. Agricultores mais idosos mantinham-se na área rural, em unidades produtivas de pouca expressão econômica e produtiva, em comparação com explorações agrícolas integradas à agroindústria. Todavia, estas perspectivas de análise, de cunho macroestrutural, não pareciam dar conta dos processos sociais vivenciados pelos homens e mulheres com quem eu convivia, em Teutônia, desde a minha infância, incluindo as pessoas da minha própria família. Assim, em concordância com Thompson (1981), me parecia que este tipo de abordagem se restringia a fotografar os processos sociais como se fossem campos de trigo secos, reduzindo as plantas à sua estrutura. Mas os processos sociais não são assim, são como

¹ O Grupo de Trabalho Mundos do Trabalho é vinculado a ANPUH (Associação Nacional de História). Sendo o mesmo organizado em nível nacional, regional e estadual, em alguns estados, como no Rio Grande do Sul.

² No âmbito da disciplina de História, pode-se observar que os estudos com foco no rural dedicam-se, muito frequentemente, a analisar o período que se estende do Brasil Colonial às primeiras décadas do século XX, sendo escassos os trabalhos que tomam como recorte temporal a segunda metade do século XX. Esta constatação pode ser reforçada a partir da análise, realizada nos anos de 2009 e 2010, da produção bibliográfica de dois grupos de estudos nacionais estruturados no âmbito desta disciplina, o GT – História Agrária, em que observa-se o predomínio de estudos referentes a situação fundiária brasileira do século XVI ao início do século XX e o GT – Mundos do Trabalho, onde predominam estudos sobre as relações de trabalho urbanas, com especial atenção ao período da Primeira República (1889-1930).

um campo de trigo verdejante, em constante movimentação, pela ação de ventanias e diversas intempéries, onde as plantas crescem e se movimentam constantemente, tendo seus caules torcidos, quebrados e redefinidos na sua forma.

Percebendo que meus anseios dificilmente poderiam ser respondidos dando continuidade a estudos no âmbito da História, passei a buscar cursos de sociologia rural onde pudesse desenvolver uma pesquisa que respondesse a tais angústias. Entrando em contato, durante a graduação, com diferentes trabalhos desenvolvidos no âmbito das ciências sociais percebi que diversos sociólogos haviam trazido relevantes contribuições no estudo de um amplo conjunto de temas relacionados ao mundo rural, utilizando abordagens que condiziam com meus anseios. Assim, motivado, especialmente pelo companheiro de lutas no movimento estudantil Alex Mengel,³ me inscrevi na seleção de mestrado do Programa de Pós Graduação de Ciências Sociais em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade (CPDA), da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Ao entrar neste Programa, ao mesmo tempo em que me dedicava às disciplinas, buscando também definir melhor meu objeto de pesquisa, segui aprofundando o levantamento de dados de campo, com a realização de entrevistas e dando continuidade às pesquisas com fontes documentais iniciada na graduação. Estes estudos exploratórios, que incluíram períodos de permanência em Teutônia, foram realizados principalmente nos dois recessos entre aulas no primeiro ano do curso: em meados do ano de 2010, no mês de dezembro deste mesmo ano, e em janeiro e fevereiro de 2011. Os dados recolhidos nesta fase inicial do trabalho foram posteriormente confrontados com as pesquisas de campo realizadas entre abril e novembro de 2011, como também entre janeiro e fevereiro de 2012.

Desta forma, então, chegamos ao presente trabalho, em que, para além da trajetória e motivações aqui explicitadas, deve-se levar em conta o encadeamento de uma série de sutis, incompreensíveis e irrevogáveis causalidades, que foram condicionando à conformação do estudo ora apresentado, que deverá se consolidar através de debates, tanto com a banca examinadora como com os sujeitos pesquisados, para os quais também pretendo apresentar a versão final do trabalho.

³ O qual estava realizando sua pesquisa de mestrado no CPDA.

Introdução

O objetivo central desta dissertação de mestrado é compreender de que forma a *integração* de agricultores familiares às agroindústrias consolidou-se, historicamente, tanto do ponto de vista simbólico, como pelos resultados econômicos alcançados por um segmento específico de produtores, como uma trajetória de “sucesso” e de permanência na agricultura e no espaço rural.⁴ A pesquisa tem como foco um estudo de caso do município de Teutônia⁵, no estado do Rio Grande do Sul, tomando como horizonte temporal as últimas quatro décadas.

O fenômeno da *integração* como sistema de relações entre produtores familiares e empresas agroindustriais tem sido analisado, tanto no Brasil como em diferentes partes do mundo, sobretudo em seus aspectos econômicos, por diversos estudiosos. Nos termos propostos por Paulilo (1990) e Tedesco (1999), a relação de *integração* se caracteriza pelo estabelecimento de contratos entre empresas agroindustriais e agricultores, ficando a cargo das empresas e/ou cooperativas integradoras o fornecimento, em graus diversos, com variações nos diferentes setores, de material genético, insumos e assistência técnica. O produtor integrado é, portanto, aquele que produz matéria-prima para uma empresa agroindustrial sob supervisão da mesma, comprometendo-se com a entrega de sua produção.

Entre as principais vantagens e motivações que levam os agricultores familiares a estabelecer vínculos com as empresas agroindustriais, em sistema de *integração*, destacam-se: segurança de venda dos produtos, com base em um calendário

⁴ Compreende-se por agricultor familiar *integrado* aquele que, juntamente com sua família e, a partir de suas diferentes capacidades de resistência e adaptação a transformações sociais mais amplas, estabeleceu como estratégia de reprodução econômica e social o desenvolvimento de atividades produtivas articuladas a cadeias produtivas agroindustriais em um ou mais setores. Atualmente, em Teutônia, as principais atividades em *integração* se dão na produção de leite, suínos e aves, com destaque para a integração à Cooperativa Languiru. Na conceituação dos agricultores de Teutônia, são compreendidos como *integrados*, de modo geral, apenas os agricultores que trabalham em sistema de *integração vertical* na produção de aves e suínos de corte. Isso se deve ao fato de que as formas de organização técnico-produtiva adotadas pelos agricultores em sua vinculação com estas cadeias agroindustriais são fortemente condicionadas pelas orientações técnicas das empresas ou cooperativas vinculadas a estes circuitos agroindustriais. Todavia, no setor leiteiro, concebe-se que, mesmo em menor grau, a organização produtiva dos agricultores também foi paulatinamente condicionada às orientações técnicas estabelecidas pelas agroindústrias, particularmente no que diz respeito padrões sanitários a serem seguidos. Desta forma, ao longo do trabalho, conceituaremos como *integrados* todos os agricultores que desenvolvem atividades produtivas articuladas a determinadas empresas ou cooperativas agroindustriais em um ou mais setores, atentos, no entanto, à diversidade que este conceito comporta.

⁵ O município de Teutônia, emancipado de Estrela em 1983, localiza-se a 100 km de Porto Alegre, na região fisiográfica *Encosta Inferior do Nordeste* do Rio Grande do Sul, fazendo parte da *Região de Antiga Colonização Alemã* do estado.

previamente estabelecido; garantia de assistência técnica; utilização de mão de obra familiar, elevando a renda da família; maior possibilidade de especialização produtiva; e diminuição dos desembolsos financeiros durante o processo de produção (Gomez et al, 2008; Mior, 2005; Paulilo, 1990).

Todavia, foi se tornando cada vez mais latente, nas minhas vivências no município, a observação de que, além dos aspectos econômicos, outros fatores eram, também, de grande importância na consolidação desse sistema no contexto analisado. Neste sentido, o presente trabalho elegeu como objeto de estudo as mediações sociais, políticas e culturais que, em articulação com os arranjos técnicos e econômicos constitutivos do sistema de *integração* vigente em Teutônia, possibilitaram que este pudesse se consolidar neste contexto específico. Tomou-se como fio condutor da pesquisa as *experiências* históricas⁶ dos agricultores familiares de Teutônia e os campos de relações envolvidos em sua conformação. A análise buscou compreender quais foram os atores sociais que conseguiram se afirmar na implantação e consolidação do sistema de *integração*, suas dinâmicas de interação e sua real importância nas relações de força e poder historicamente estabelecidas, considerando tanto os agricultores como os demais agentes sociais envolvidos no processo de modernização da agricultura no município.

Esta dissertação encontra-se inserida em um conjunto mais abrangente de estudos que tem como tema o processo de modernização da agricultura no Brasil. Destarte as observações de autores como Neves (1987, 1990), Schneider, Conterato, Niederle e Radomsky (2011), sobre a necessidade de se compreender as mediações socioculturais que possibilitaram que um modelo de agricultura semelhante pudesse se implantar em uma ampla diversidade de contextos, observa-se, em uma parcela importante dessas análises, o predomínio de abordagens macroestruturais centradas nos processos econômicos.

⁶ O conceito de *experiência* é utilizado nesta pesquisa a partir das formulações do historiador inglês E. P. Thompson (1981, 1998). Nos termos de Thompson, com a reincorporação da noção de experiência ao escrutínio analítico “os homens e mulheres também retornam como sujeitos (...) não como sujeitos autônomos, ‘indivíduos livres’, mas como pessoas que experimentam suas situações e relações produtivas determinadas como necessidades e interesses e como antagonismos, e em seguida ‘tratam’ essa experiência em sua *consciência* e sua *cultura* (...) das mais complexas maneiras (sim, ‘relativamente autônomas’) e em seguida (...) agem, por sua vez, sobre situação determinada” (Thompson, 1981: 182). Busca-se, assim, apreender “a resposta mental e emocional, seja de um indivíduo ou de um grupo social, a muitos acontecimentos interrelacionados ou a muitas repetições do mesmo tipo de acontecimento” (1981: 15).

O presente trabalho toma como referência uma perspectiva analítica que busca valorizar os atores e suas interações microssociais, sem perder de vista, no entanto, a sua inserção em quadros relacionais mais amplos. Através da reconstituição histórica do processo de modernização da agricultura em um contexto sócio-espacial específico, neste caso, um pequeno município da região Sul do Brasil, buscou resgatar as dimensões sociais, políticas e culturais desse processo.

Apresentando-se, desta maneira, o objetivo central desta pesquisa, poderia parecer que certo dia *o autor-pesquisador* acordou e, numa sentada, resolveu conduzir a investigação nestes termos. Mas isto negligenciaria todo um processo doloroso e angustiante de construção do objeto e da própria pesquisa, desde seu início até a formulação discursiva de seus resultados. Desconsiderar-se-ia, também, uma ampla gama de atores que, através de suas produções textuais ou de uma participação mais concreta e direta, sentimental e intelectualmente, influenciaram nos objetivos e resultados deste trabalho⁷. Deixar-se-ia de lado, também, as influências futuras que o trabalho tende a receber, a partir dos apontamentos de outros leitores e das diferentes apropriações que estes possam vir a fazer de seu conteúdo.

Por mais que uma apresentação acabada dos objetivos e resultados de uma pesquisa possa agradar ao *homo academicus*, fazendo desaparecer do trabalho todos os retoques e pinceladas, muitas vezes constrangedores, que levaram à obra final, restringindo falas que possam indicar erros e/ou limites, é preciso reconhecer que esta postura cerceia, em muito, como destaca Bourdieu (2011: 19), as possibilidades de discussão de uma dada pesquisa. Assim, tomando uma atitude inversa a do show dos objetivos e resultados finais alcançados, julga-se importante explicitar os tortuosos caminhos que levaram à realização deste trabalho. Entende-se que esta é a melhor forma de tomar verdadeiramente o partido da *ciência*, explicitando erros e limites presentes nas produções científicas, com vistas a um diálogo profícuo sobre suas verdadeiras contribuições na construção do conhecimento sobre o mundo social (Funtowicz, Ravetz, 1993).

Inicialmente, conforme exposto na apresentação deste trabalho, o objetivo central da pesquisa era examinar o conjunto de fatores sociais, culturais, políticos e econômicos que levaram à atual conformação do rural, em um pequeno município da

⁷ Pois, como salienta Foucault (2001), é preciso estar atento ao fato de a produção científica encontrar-se situada em uma trama discursiva contextual, que não pode ser negligenciada ao analisar-se a produção de determinando *autor*.

região Sul do Brasil, ao longo do processo de modernização da agricultura. Com este objetivo, foi selecionado um conjunto de disciplinas a serem cursadas no Programa de Pós-Graduação de Ciências Sociais em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade (CPDA), da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), que pudessem auxiliar em meu processo de formação e no desenvolvimento da pesquisa. Juntamente, ao longo das reuniões de orientação acadêmica, foi sendo discutido um conjunto de autores, vinculados a diferentes perspectivas analíticas, que poderiam auxiliar e trazer contribuições para o andamento do trabalho. Assim, como resultado dos diálogos travados com esta literatura, como também com a orientadora, demais professores e colegas de curso, chegamos ao projeto de pesquisa defendido no final do primeiro ano de realização do mestrado.

A versão deste projeto que foi apresentada à banca examinadora, a partir dos referenciais bibliográficos mencionados, identificava, em linhas gerais, duas principais tendências de transformação da agricultura familiar, que teriam se aprofundado, tanto no Brasil como em diferentes partes do mundo, sobretudo, a partir da década de 1990. A primeira delas estaria vinculada a um processo de especialização produtiva, com o aumento escalar de produção e o fortalecimento das cadeias globais de *commodities*, particularmente através da atuação das grandes empresas transnacionais do setor agroalimentar. De forma geral, estas transformações estariam associadas, também, a uma padronização de hábitos alimentares, ocorrida tanto em âmbito nacional como internacionalmente. Este caminho estaria se tornando cada vez mais excludente, não se colocando como opção para a grande maioria dos agricultores familiares. Outra tendência de desenvolvimento da agricultura seria a diversificação produtiva, visando, principalmente, abastecer a demanda gerada por mercados ‘locais’ e ‘regionais’, mas eventualmente também, através de circuitos mais longos, com produtos portadores de atributos diferenciados, a exemplo dos produtos coloniais, orgânicos e artesanais. Neste contexto, o processamento de alimentos em unidades produtivas familiares de pequeno e médio porte, de tipo artesanal, ou em agroindústrias de pequena e média escala, em combinação com outras estratégias, tanto agrícolas como não agrícolas de agregação de valor e valorização do espaço rural, apresentar-se-ia como o melhor caminho a ser percorrido pelos agricultores e pelas políticas públicas na construção de alternativas de desenvolvimento rural mais equitativas e menos excludentes (Maluf, 2004; Wilkinson, 2008).

O projeto tomava como referência analítica a Perspectiva Orientada aos Atores (POA), buscando desconstruir a ideia de ‘intervenção planejada’ para, em seu lugar, analisar as ‘práticas de intervenção’, ou seja, como os distintos agentes influenciam as configurações e reconfigurações dos projetos de desenvolvimento rural em um processo interativo, em que as ‘forças externas’ só afetam as oportunidades sociais e a conduta dos indivíduos na medida em que se introduzem em suas experiências cotidianas, em seu repertório cultural, social, econômico e político-institucional, em âmbito local (Long, 1992, 2007; Ploeg, 1990, 1994 e 2003; Long e Ploeg, 2000). Da mesma forma, naquele projeto de pesquisa foram incorporados alguns pressupostos teóricos presentes em trabalhos mais recentes de autores referenciais da Perspectiva Orientada aos Atores. Assim, por exemplo, a partir do trabalho *Camponeses e Impérios Alimentares* (2008) do Professor Jan Douwe van der Ploeg⁸, destacava-se a capacidade de *agência* dos agricultores na construção dos arranjos técnico-produtivos desenvolvidos em suas explorações agrícolas, fazendo uma leitura da articulação dos agricultores familiares com empresas agroindustriais como uma das expressões do modo de ordenamento dos *Impérios Alimentares*.

Todavia, ao longo da realização das entrevistas com os agricultores familiares teutonienses, como também no decorrer da análise de diferentes fontes documentais referentes ao processo histórico analisado, percebeu-se que se tornava cada vez mais latente a necessidade de uma reavaliação dos pressupostos analíticos dos quais havíamos partido para a realização deste estudo. Isso porque, ao longo do trabalho de campo, foi sendo observado que, na percepção da ampla maioria dos atores sociais envolvidos no rural teutoniano, a *integração* de agricultores familiares a empresas agroindustriais, com destaque para a Cooperativa Languiru,⁹ não era concebida como

⁸ Neste trabalho, compreende-se que Ploeg realiza uma releitura de diversos aspectos da POA, dialogando com uma série de outras vertentes analíticas acerca das perspectivas do desenvolvimento rural. Desta forma, o autor destaca o fortalecimento da capacidade de *agência* dos camponeses analisados neste trabalho, em regiões da Europa e da América Latina, observando expressões de resiliência do *modo camponês de fazer agricultura* frente aos *Impérios Alimentares*, através da recriação de arranjos sócio-produtivos e da reconfiguração, por parte dos camponeses, de suas relações com os circuitos mercantis. O *Império Alimentar* é definido, pelo autor, como o “princípio orientador que cada vez mais governa a produção, o processamento, a distribuição e o consumo de alimentos, (...) contribuindo para o avanço do que parece ser uma crise agrária inevitável” (Ploeg, 2008: 28). O Império provoca, por parte dos camponeses, formas de resistência, de luta e de resposta. Através do confronto com o Império, o princípio camponês, como uma noção emancipatória, é fortalecido e alargado. (Ploeg, 2008: 286).

⁹ Em 1955 foi fundada a Cooperativa Agrícola Mista Languiru Ltda, na vila de Teutônia, que então pertencia ao município de Estrela. Paulatinamente, esta cooperativa passou a incorporar diversas ‘casas de comércio’, pequenas cooperativas e indústrias beneficiadoras que haviam sido fundadas na região até então. Ao longo deste processo histórico, de meados do século XX à contemporaneidade, a Languiru foi estruturando um amplo complexo agroindustrial nos setores de aves de corte, suínos e gado leiteiro, como

expressão de um processo desterritorializado, atuando por meio “de uma exploração ecológica e socioeconômica descuidada, se não mesmo através da degradação da natureza, dos agricultores, dos alimentos e da cultura” (Ploeg, 2008: 28). Muito antes pelo contrário, na compreensão de boa parte destes atores, a *integração* era percebida como a “melhor” forma de articulação econômica produtiva para a agricultura familiar, sendo as alternativas à *integração*, a exemplo da estruturação de agroindústrias familiares e da Feira Livre de Produtores, existente em Teutônia, vistas com muitas reservas e não vislumbradas como possibilidade viável para a maioria dos agricultores familiares da região. Da mesma forma, tornava-se cada vez mais explícita a observação de que, no rural teutoniense, paulatinamente, boa parte dos arranjos produtivos estruturados pelos agricultores em suas unidades de produção familiar, foi sendo influenciada pelas interfaces estabelecidas com diferentes agentes vinculados à modernização da agricultura, com destaque para a Languiru e a rede de atores a ela associados.

Nesse processo de reflexão e de interação com o contexto empírico analisado, foi se consolidando, pouco a pouco, o objetivo central desta pesquisa, ou seja, compreender de que forma a *integração* de agricultores familiares às agroindústrias consolidou-se, historicamente, tanto do ponto de vista simbólico, como em termos econômicos, como exemplo de uma trajetória produtiva de sucesso e de permanência na agricultura e no espaço rural em Teutônia. Nesse esforço de reavaliação, aprofundamento e redefinição do quadro de interpretação da pesquisa, percebeu-se que juntamente com os instrumentais analíticos propostos pelos referenciais teóricos utilizados, acabávamos tomando, em parte, suposições que resultavam da aplicação destes referenciais em pesquisas empíricas específicas. Assim, por exemplo, percebeu-se que, em partes do projeto de pesquisa defendido, de antemão, era salientada a capacidade de *agência* dos agricultores na construção de seus arranjos produtivos, ao invés de incorporar, como procedimento metodológico, a necessidade de um exame de quem emergiu como ator influente, ou seja, quem foi sendo agenciado e quem teve capacidade de agenciamento no processo histórico estudado. Da mesma forma, observou-se que a partir das formulações da POA não deveríamos tomar, *a priori*, a articulação de agricultores familiares a empresas agroindústrias como uma das

também uma rede de supermercados e de comercialização de insumos agrícolas, consolidando-se como principal agente de articulação econômica e produtiva dos agricultores familiares de Teutônia, como será analisado nos capítulos subsequentes.

expressões específicas do modo de ordenamento dos *Impérios Alimentares*, mas sim compreender a lógica desta forma de articulação em nosso estudo de caso. Pois, como destacam Long e Ploeg: “não existem motivos (...) para um tipo de identificação ontológica e *a priori* de ‘hierarquias’ ou ‘estruturas’, uma vez que, à medida que elas mesmas se manifestam como categorias relevantes para análise, elas têm necessariamente de surgir de uma compreensão das formas intrincadas em que os projetos dos atores estão interligados” (2011: 34).

Desta forma, para não se deixar ser objeto dos problemas estudados, torna-se necessário historicizar o processo de construção do rural teutoniense e das imagens produzidas, ao longo do tempo, sobre e neste universo social. Esta pareceu ser a forma mais profícua de romper com as pré-construções que nos deparávamos naquele momento, tanto em relação às representações sobre este processo social advindas dos atores sociais analisados, como no que diz respeito às formulações sobre os agricultores, à *integração* e às agências envolvidas no processo de modernização, explicitada no projeto de pesquisa apresentado à banca de qualificação.

Assim, para desenvolver a pesquisa nos termos propostos, tomou-se como ponto de partida a atual configuração da agricultura e do rural de Teutônia, de forma a identificar trajetórias percorridas pelas famílias de agricultores do município. O trabalho de campo permitiu identificar três trajetórias típicas, associadas, também, a arranjos técnico-produtivos e de mercado específicos. A primeira destas trajetórias caracteriza-se pela permanência dos indivíduos mais idosos trabalhando nas unidades produtivas e pela inserção dos membros mais jovens das famílias em atividades não agrícolas, caminho seguido por um expressivo número de agricultores e unidades produtivas de Teutônia. Nestas unidades, a grande maioria dos indivíduos mais idosos passa a ter, como sua principal fonte de renda, a aposentadoria, mantendo uma produção agrícola bastante reduzida. Outro grupo de maior expressão caracteriza-se por uma trajetória fortemente marcada pela *integração* produtiva às agroindústrias, com destaque para a Cooperativa Languiru, particularmente através da produção de aves, suínos e/ou gado de leite. O terceiro grupo, de reduzida expressão numérica em Teutônia, é composto por famílias e unidades produtivas que passaram a ter nos circuitos curtos de produção, a exemplo da Feira Livre e das agroindústrias familiares, sua principal forma de articulação econômico-produtiva. Nas explorações agrícolas pertencentes a esses três grupos identificados na pesquisa, observamos a presença de um expressivo contingente populacional, principalmente com idade inferior a quarenta anos, que mesmo mantendo

residência no rural, tem, como sua principal fonte de renda, trabalhos não agrícolas, combinados, ou não, com atividades nas unidades produtivas.

A atual importância da *integração*, como forma de articulação econômico-produtiva para os 1.027 estabelecimentos rurais existentes em Teutônia, registrados no Censo Agropecuário de 2006, pode ser claramente observada no trabalho desenvolvido pela Secretaria de Agricultura e Meio Ambiente do município em 2010. Este estudo, realizado pelo técnico agrícola Silvério Brune, que foi o primeiro Secretário Agricultura e Meio Ambiente de Teutônia e que, atualmente, continua trabalhando nesta Secretaria, buscou analisar a importância social e econômica das principais atividades agropecuárias no município, com base em dados dos anos de 2008 e 2009 compilados pela própria Secretaria. Aparecem no estudo como principais atividades econômicas a produção de leite, aves e suínos de corte. O autor estima a existência, nesse período em Teutônia, de aproximadamente 775 produtores de leite, 111 produtores de aves e 189 produtores de suínos. Foram computados, nesse caso, os agricultores que comercializavam a sua produção com as empresas agroindustriais.

Em relação a estes dados cabe destacar dois aspectos. O primeiro deles, diz respeito ao fato de que o setor que apresenta o maior número de agricultores integrados às agroindústrias é o setor leiteiro, que embora relevante para a economia das unidades familiares de produção, só se constitui como um setor de alta rentabilidade para um segmento restrito de produtores, marcado por um elevado grau de especialização produtiva. Como observa o autor, o setor leiteiro tem capacidade de garantir maior retorno econômico direto aos agricultores, exigindo, ao mesmo tempo, investimentos menores, em infraestrutura, se comparado aos setores de aves e suínos, mas esse retorno, em muitos casos, pode não ser tão grande se comparado a estes segmentos. Ao ser entrevistado, Brune salientou, ainda, a dinamicidade econômica nos setores de aves e suínos observando: “os suínos e as aves dinamizam a propriedade, fazem entrar muito dinheiro, mas o leite mantém constante a coisa, né?”

Isso nos conduz a uma segunda observação, ou seja, de que o número de agricultores que encontraram na integração uma resposta para a dinamização econômica de suas propriedades é relativamente restrito. O setor de aves envolveria, segundo esses cálculos, cerca 11% dos agricultores e a integração ao setor de suínos, 18% dos produtores. O leite atende a uma faixa mais ampla de produtores, com retornos bastante diferenciados, complementando-se com outras atividades, agrícolas e não agrícolas.

Este tipo de constatação complexifica a percepção da *integração* como uma referência simbólica de trajetória econômico-produtiva de sucesso.

Da mesma forma, confrontando-se estes dados com o número de agricultores teutonienses integrados à Cooperativa Languiru, fundada na região em 1955, pode-se observar a sua importância como empresa agroindustrial no município. Das 1.027 unidades produtivas registradas em Teutônia, 578 são *integradas* à Cooperativa, sendo 479 em leite, 84 em aves e 113 em suínos¹⁰. Já nas atividades econômico-produtivas alternativas ou complementares à *integração*, envolvendo produtos de qualidade diferenciada ou circuitos curtos de produção, observa-se que atualmente três famílias de agricultores teutonienses trabalham na Feira Livre dos Produtores (estruturada a partir de 1985), cinco famílias de agricultores trabalham em suas agroindustriais familiares (estruturadas a partir de fins da década de 1990) sendo que, mais recentemente, sete novas famílias de produtores estão implementando pequenas agroindústrias.

Segundo os técnicos da EMATER de Teutônia, na década de 1970, 85% da população teutoniense vivia na área rural do município, percentual, que na década de 1980, teria se reduzido para 61,7% (7.529 pessoas), passando a 45,5% (7.500 pessoas) na década de 1990, e chegando, nos anos 2000, a 18,9% (3.996 pessoas) residindo no rural no meio rural¹¹. O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 1991) computou dados sobre a população de Teutônia apenas a partir do Censo Demográfico de 1991, tendo em vista que, anteriormente, o distrito de Teutônia pertencia ao município de Estrela. Em 1991, segundo o IBGE, a população residente na área rural de Teutônia seria de 5.942 (33,8% da população total); no início da década de 2000 foram computadas 5.096 habitantes (22,35% da população total) residindo na área rural do município, número que teria caído para 3.950 (14,5% do total) no levantamento realizado em 2010¹². No que se refere ao pessoal ocupado nas atividades agropecuárias no rural teutoniense, observa-se que, em 1985, 4.577 pessoas, acima de 14 anos de idade, trabalhavam nestas atividades (IBGE, 1985: 350-351). Em meados da década de 1990, este mesmo universo era composto por 4.182 pessoas (IBGE, 1995-96: 213). Já

¹⁰ Banco de dados da Cooperativa Languiru, referente ao ano de 2011.

¹¹ Estes dados foram acessados nos Relatórios e Planos de Trabalho de 1983 a 2010 dos técnicos da EMATER do Escritório de Teutônia, arquivados no Centro Administrativo de Teutônia.

¹² A redução expressiva, entre 2000 e 2010, no contingente populacional residente na área rural de Teutônia, também se deve a emancipação da Linha Schmidt, em 2001, assim formando o município de Westfália, que possui um expressivo contingente populacional residindo na área rural.

em 2010, segundo o IBGE, somente 2.607¹³ pessoas, acima de 14 anos, ocupavam-se de atividades agropecuárias no município¹⁴.

Da mesma forma, pode-se observar que ao longo do período analisado ocorreram significativas reconfigurações na realidade fundiária teutoniense. Em meados do século XIX, a área média dos lotes vendidos aos *colonos* era de 25 hectares (Gerhardt, 2004; Sommer, 1984). Cem anos depois a média de área das unidades produtivas na região de Teutônia era de 20 hectares (Boletim Farsul, Aspectos Gerais de Estrela, Abril de 1951. Ano X. Nº 97: 13). Em meados da década de 1980 a área média dos 1.656 estabelecimentos rurais existentes em Teutônia era de 11,5 ha¹⁵ (IBGE, 1985: 182), o que parece ter se estabilizado a partir deste período, pois em meados da década de 1990 o IBGE computou a área média dos 1.487 estabelecimentos rurais existentes em Teutônia em 13,2 hectares (IBGE, 1995-96: 202), e em 2006 este mesmo órgão registrava que a área média dos 1.027¹⁶ estabelecimentos rurais em Teutônia era de 12,46 hectares¹⁷.

A partir destes dados é possível inferir que no processo de conformação da atual configuração da agricultura e do espaço rural em Teutônia, apenas a algumas unidades produtivas e uma parcela limitada dos agricultores familiares do município conseguiu se manter residindo na área rural e ter nas atividades agropecuárias sua principal fonte de renda, com destaque para a *integração*.

Ao longo da pesquisa de campo, foi possível observar que a grande maioria das famílias de agricultores que mantém as atividades agropecuárias como a sua principal fonte de renda, utilizando-se para isso de diferentes estratégias, ou seja, integrando-se às agroindústrias, vendendo produtos na Feira ou agregando valor através do processamento de produtos agrícolas em pequenas unidades de beneficiamento, são percebidas pelos demais agricultores como tendo “boas” condições materiais. Cabe destacar que para os agricultores, os principais indicadores de bem-estar material, e que funcionam também como elementos que diferenciam economicamente as famílias, são,

¹³ A partir destes dados, percebe-se que entre meados da década de 1980 e meados da década de 1990 ocorreu uma diminuição de 8,6% do total de pessoas, acima de 14 anos, ocupadas nas atividades agropecuárias em Teutônia. Já de meados da década de 1990 a 2010, observa-se que ocorreu uma redução de 62,3% no total de pessoas, acima de 14 anos, ocupadas nas atividades agropecuárias no município.

¹⁴ Fonte: IBGE. <http://www.ibge.gov.br/cidadesat/painel/painel.php?codmun=432145#>, Acesso em 12/12/2011.

¹⁵ A média de área são resultados de cálculos realizados pelo autor.

¹⁶ Em relação à expressiva redução do número de estabelecimentos rurais em Teutônia, no interregno de 1995 a 2006, é importante lembrar que em 2001 a Linha Schmidt se emancipou do município, formando Westfália.

¹⁷ Fonte IBGE, in: <http://www.ibge.gov.br/cidadesat/painel/painel.php?codmun=432145#>

atualmente, a posse de automóveis e possuir residências em bom estado de conservação. Estes eram os elementos que os entrevistados utilizavam para dizer se seus vizinhos ‘estavam bem’ ou não. Considerando-se, fundamentalmente as percepções sobre as condições econômicas, observa-se que a diferenciação mais expressiva se dava em relação à parcela de unidades produtivas em que permaneceram apenas os indivíduos mais idosos, tendo como principal fonte de renda a aposentadoria, com reduzida produção agropecuária. Entre estas pôde-se observar a existência de unidades produtivas e famílias que não “estavam bem” segundo os parâmetros de aferição dos agricultores. Todavia, dentre o conjunto das unidades que seguiram esta trajetória é possível perceber, também, que aquelas que eram concebidas como não ‘estando bem’ eram mais exceções do que a regra geral, em vista da grande maioria também contar com condições econômicas semelhantes às demais¹⁸.

Nas entrevistas realizadas com indivíduos integrantes de unidades produtivas representativas dos três grupos típicos identificados, foi recorrente a percepção de que a *integração* de agricultores familiares a empresas agroindustriais é a tendência predominante no município, sendo considerada a “melhor” alternativa de articulação econômico-produtiva para a agricultura familiar pela ampla maioria destes indivíduos¹⁹. Essa afirmação contrasta com a observação empírica de que, para muitas famílias, a possibilidade de permanência no meio rural não foi um resultado, somente, da *integração*. A principal diferença em termos de percepção, entre os agricultores, em relação à valorização dessas diferentes alternativas produtivas e de inserção mercantil, se dava em relação aos que participavam da Feira e/ou haviam investido na implantação de agroindústrias familiares. A convivência, no campo, mostrou que estes agricultores, mesmo possuindo origens étnicas comuns,²⁰ mantendo o uso do dialeto germânico nas relações sociais cotidianas, estilos de vestimenta muito semelhantes, frequentando espaços religiosos e festivos comunitários, eram portadores de percepções distintas no que se refere à modernização da agricultura e ao processo de integração. Entre os

¹⁸ Múltiplas são as maneiras pelas quais a maioria das famílias que residem nestas unidades ‘estão bem’, principalmente através da permanência de filhos residindo nas unidades produtivas dos pais, trabalhando em atividades não agrícolas nos centros urbanos.

¹⁹ Destarte os apontamentos de que na agricultura *a coisa não é fácil*, tratando-se de uma atividade que demanda altos investimentos, particularmente no caso dos agricultores *integrados*, com retornos financeiros incertos.

²⁰ Inexiste um levantamento estatístico sobre a origem étnica da população rural teutoniense. Entretanto, pode-se observar uma grande predominância de descendentes de imigrantes germânicos. Na avaliação do técnico agrícola Silvério Brune, cerca de 95% da população rural do município seria de origem étnica germânica.

agricultores feirantes e que estruturaram suas agroindústrias familiares, observou-se predominar uma percepção crítica das atividades em *integração*, mesmo que muitos também sejam *integrados*, principalmente no setor leiteiro. Da mesma forma, percebeu-se que expressões como ‘circuitos curtos de mercado’, fortalecimento da ‘agricultura familiar’, produção orgânica e agroecológica, estão presentes no vocabulário de muitos dos agricultores que optaram por construir arranjos produtivos e de mercado alternativos ou complementares à integração²¹. Entretanto, conforme já foi observado anteriormente, em termos quantitativos a presença de agricultores feirantes ou envolvidos em agroindústrias familiares em Teutônia, é pouco significativa.

Partindo da constatação desta configuração atual do rural teutoniense, elegeu-se como objetivo central de pesquisa compreender as mediações sociais, culturais e políticas que possibilitaram que a *integração* se consolidasse historicamente em Teutônia, como expressão de uma trajetória produtiva de ‘sucesso’ e de permanência na agricultura e no meio rural, criando um ambiente pouco propício à emergência de outras alternativas, e de certa forma, capaz de inibir a dinamização de outros arranjos sócio produtivos, em meio à emergência de diferentes perspectivas de desenvolvimento rural para a agricultura familiar, materializadas, no caso da Região Sul do Brasil, em diferentes iniciativas de produção e comercialização, com destaque para a estruturação de agroindústrias familiares e arranjos produtivos de base agroecológica, como demonstrado por diferentes trabalhos²².

Para desenvolver este objetivo foram realizados diversos recortes analíticos através dos quais buscamos delimitar melhor o nosso objeto de pesquisa. Chama-se atenção, primeiramente, para o fato de estarmos utilizando, como unidade de análise, um fragmento territorializado inserido em um campo mais amplo de relações, do qual aquele fragmento faz parte. Da mesma forma, salienta-se que o recorte temporal selecionado foi estabelecido em função do objetivo central de pesquisa. Assim, examina-se a estruturação das alternativas de articulação econômico-produtivas via *integração*, com maior acuidade, a partir de meados da década de 1970, momento em que as mesmas foram dinamizadas e começaram a ser estruturadas na forma como se apresentam atualmente. Já no estudo das atividades econômico-produtivas paralelas à

²¹ O que parece ser expressivo das diferentes redes sociais construídas e/ou reforçadas a partir da estruturação destas iniciativas por estes agricultores.

²² Em ambos os casos veja-se o amplo conjunto de estudos desenvolvidos no âmbito do Projeto Sementes e Brotos da Transição. Inovação, Poder e Desenvolvimento em Áreas Rurais do Brasil. Ver: <http://www6.ufrgs.br/pgdr/ipode/projeto.htm>. Consultado em: janeiro de 2012. Ver também: Schmitt, 2001; Anjos, Caruso, Caldas, 2011; Pinheiro, 2010; Alves, 2008; Oliveira, 2004.

integração, realiza-se um exame mais rigoroso da estruturação da Feira Livre dos Produtores rurais de Teutônia a partir de meados da década de 1980, e da construção das agroindústrias familiares a partir de fins da década de 1990, períodos em que estas atividades foram sendo estruturadas. Todavia, estes diferentes recortes temporais são condensados no exame das *experiências*²³ dos indivíduos membros das unidades produtivas representativas das diferentes trajetórias atualmente observáveis no rural teutoniense, como também na análise das diferentes possibilidades de articulação econômico-produtiva que se apresentaram como alternativas para os agricultores familiares do município a partir de meados do século XX. Outro recorte analítico que deve ser salientado refere-se ao modo como os sujeitos históricos foram analisados, privilegiando-se, aqui, sua relação com atividades econômico-produtivas, vinculadas ao rural em detrimento de outras características relevantes em sua constituição enquanto seres sociais, como pais, mães, filhos, filhas, jovens, idosos, amantes, humoristas, jogadores de futebol, alcoólatras, fumantes, entre outras, as quais são consideradas, nesta análise, apenas na medida em que influenciam as interações elegidas como foco da pesquisa.

Como forma de sistematizar o processo e os resultados da pesquisa, o texto final da dissertação foi subdividido em cinco capítulos. O primeiro busca contextualizar a modernização no Brasil, explorando as diferentes perspectivas de desenvolvimento rural que se delinearam a partir desse processo. Discute-se, além disso, as diferentes abordagens presentes na literatura acerca das relações estabelecidas entre os agricultores familiares e as empresas agroindustriais. São apresentados, por fim, o referencial teórico e a metodologia do trabalho. O segundo capítulo explora as diferentes possibilidades de articulação econômico-produtiva que se apresentaram e/ou foram construídas pelos agricultores familiares teutonienses a partir de meados do século XX. Com este capítulo objetiva-se compreender as relações de força e poder presentes nas interações estabelecidas entre os diferentes atores sociais ao longo do processo histórico analisado, condicionando as práticas e as estratégias destes atores. Nos três capítulos subsequentes aprofunda-se o exame dos processos sociais que levaram à consolidação da *integração* como uma perspectiva hegemônica de desenvolvimento e à compreensão, pela maioria dos atores sociais atualmente envolvidos no rural teutoniense, de que esta se constitui na

²³ Tomando-se o conceito de *experiência* a partir das formulações do historiador inglês Edward Palmer Thompson (1981), frente ao qual salienta-se que neste trabalho o mesmo será operacionalizado acerca das atividades econômico produtivas praticas por estes sujeitos históricos. Conforme apresentado no primeiro capítulo deste trabalho.

“melhor” alternativa de articulação econômica produtiva para a agricultura familiar, em detrimento de outras. Assim, no terceiro capítulo, examina-se como os agricultores familiares de Teutônia *experienciaram* este processo histórico a partir da década de 1970, lançando mão de diferentes estratégias de reprodução econômico-social, cuja estruturação só pode ser compreendida com base em uma leitura cuidadosa do contexto econômico, social e cultural de inserção destas famílias e de suas unidades produtivas. Com a análise empreendida neste capítulo busca-se, também, delinear quais foram os *agentes* de destaque na construção da atual configuração do rural teutoniense, considerando tanto seus aspectos econômicos e produtivos como as percepções historicamente construídas sobre a mesma pelos diferentes atores nela envolvidos. Assim, no quarto capítulo, são analisadas as interações estabelecidas entre os atores sociais vinculados à Cooperativa Languiru e os agricultores cooperativados, de meados da década de 1970 à atualidade, com o objetivo de discutir as relações de força e poder envolvidas no processo de construção da *integração* dos agricultores familiares de Teutônia à Cooperativa Languiru como uma perspectiva hegemônica de desenvolvimento em nível municipal e regional. O quinto capítulo buscou reconstituir a trajetória de construção de alternativas de organização produtiva e de comercialização para a agricultura familiar de Teutônia paralelas à *integração*, com destaque para a Feira Livre dos Produtores rurais em Teutônia-RS e as agroindústrias familiares atualmente em atividade no município, objetivando compreender as possibilidades de emergência de estratégias alternativas no contexto do município.

1. Modernização da agricultura e transformações do rural brasileiro: diálogos teóricos e metodológicos

*“Ele ainda vai entrevistar outros agricultores,
depois vai pensar isso que nós estamos falando,
com o que outros já escreveram.
Mais ou menos isso, né?”*

(Fragmento de entrevista realizada com agricultor de Teutônia)

Conforme pontuado na introdução deste trabalho, três são os objetivos centrais a serem desenvolvidos neste capítulo. Primeiramente, busca-se reconstituir as grandes linhas de força do processo de modernização da agricultura brasileira, dialogando, para isso, com a literatura existente sobre o tema, de forma a melhor contextualizar o caso estudado. Num segundo momento, revisam-se algumas das principais formulações presentes na literatura brasileira relacionada ao processo de *integração* e às relações da agricultura familiar com diferentes circuitos de mercado. Por fim, apresentam-se os principais instrumentos e pressuposições teóricas que, ao serem postos em ação no decorrer da pesquisa, foram percebidos como eficazes para a interpretação dos dados recolhidos a campo.

1.1O processo de modernização da agricultura e as transformações do rural brasileiro.

A estruturação da lógica produtiva e de comercialização via *integração*, atualmente predominante na agricultura familiar teutoniense, encontra-se associada a um conjunto de transformações ocorridas em âmbito internacional, sobretudo a partir de meados do século XX, relacionadas ao processo de modernização da agricultura. Nos anos subsequentes à Segunda Guerra Mundial, consolidou-se um novo modelo agrícola que, gradualmente, se tornou hegemônico em muitas partes do mundo. Este novo padrão tecnológico transferiu-se dos países desenvolvidos, particularmente dos Estados Unidos, para o chamado Terceiro Mundo²⁴, através de arranjos políticos e institucionais envolvendo o poder público, o setor privado, organismos multilaterais e fundações privadas, a exemplo da Fundação Ford e da Fundação Rockefeller. Esse processo, conhecido como Revolução Verde²⁵, alterou radicalmente a organização produtiva da

²⁴ Sobretudo para países da Ásia e da América Latina.

²⁵ Nos termos propostos por Goodman, Sorj e Wilkinson (1990), a Revolução Verde representou um dos principais esforços para internalizar os processos de apropriação e substitucionismo, ou seja, transformar as atividades rurais em industriais, reduzindo os limites impostos pela natureza à reprodução

agricultura em suas relações com a natureza, com a indústria e com os mercados, integrando as famílias rurais a novas formas de racionalidade produtiva, e mercantilizando a vida social em diversos âmbitos (Goodman, Sorj e Wilkinson, 1990; Goodman, Redclift, 1991; Cotter, 2003; Albergoni e Pelaez, 2007; Borlaug, 2010).

No Brasil, como um desdobramento da crise econômica e política ocorrida no início dos anos 1960, verifica-se uma recomposição do pacto econômico-político dominante que sustentou, desde a década de 1930, mas, principalmente, a partir dos anos 1950, um projeto de desenvolvimento nacional centrado na industrialização. Esse projeto foi recomposto com o Golpe Militar, mantendo-se, como observa Delgado “*o pacto político tradicional que incluía as elites agrárias como um de seus componentes*” (Delgado, 2009: 34). A *modernização conservadora*²⁶ da agricultura no Brasil esteve fundamentada em um pacto político que envolveu o capital industrial, o Estado e grandes e médios proprietários de terra (Delgado, 1985). As transformações desencadeadas por este processo tiveram como efeito: o aumento de concentração fundiária, a elevação das disparidades de renda, o aumento do êxodo rural, a elevação da taxa de exploração da força de trabalho nas atividades agrícolas e o crescimento dos níveis de autoexploração da força de trabalho nas propriedades menores, com degradação na qualidade de vida da população trabalhadora no campo (Palmeira, 1989: 87).

Na compreensão dos ideólogos deste projeto modernizante, o desenvolvimento rural tornava-se sinônimo de modernização das atividades agrícolas. O novo modelo valorizava os sucessivos aumentos de escala, a homogeneidade das culturas e das paisagens e a padronização do processo de trabalho na agricultura, através da difusão de uma mesma cultura. A disseminação deste paradigma provocou profundas transformações sociais, econômicas, políticas e ambientais no rural brasileiro, “que trouxeram resultados bastante penosos para os trabalhadores rurais e muito favoráveis às elites agrárias, agrícolas e agroindustriais” (Delgado, 2009: 4).

No Brasil, a disseminação desse novo padrão tecnológico foi impulsionada nas décadas de 1960 e 1970, através do desenvolvimento de diversos programas estatais, em

do capital. Para estes autores, com a Revolução Verde, progressivamente, as indústrias a jusante e a montante da agricultura estariam formatando as estruturas do sistema agroalimentar, apropriando-se de elementos discretos do processo de produção agrícola que passam a se configurar como setores específicos da atividade industrial. Juntamente com este processo, Godmann e Redclift (1991), destacam o aprofundamento da homogeneização dos padrões de consumo alimentar.

²⁶ Expressão utilizada por diversos estudiosos influenciados, sobretudo, pela economia política marxista, a partir do final da década de 1960.

que merece destaque a implementação de um sistema de crédito agrícola em nível nacional, o Sistema Nacional de Crédito Rural (SNCR), como também a estruturação e dinamização de instituições voltadas a pesquisa agropecuária, com a criação da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (EMBRAPA), em 1973, e da Empresa Brasileira de Assistência Técnica e Extensão Rural (EMBRATER), em 1974. Nestas políticas públicas para a agricultura eram privilegiados determinados produtos e lógicas produtivas (Leite, 2009: 55), incluindo-se aí, principalmente no Brasil Meridional, a vinculação da produção familiar a cooperativas e empresas agroindústrias nos setores de trigo, soja, leite, suínos, aves, fumo, uva, entre outros (Delgado, 1985: 181). Desta forma, no contexto das décadas de 1960 e 1970 foram sendo empoderados atores sociais vinculados as lógicas produtivas e produtos privilegiados pela modernização da agricultura, levando a certa homogeneização das perspectivas de desenvolvimento rural, em que arranjos produtivos alternativos a este paradigma eram vistos com grandes reservas, tanto pelos agentes estatais quanto por estudiosos da temática.

Todavia, já em fins da década de 1970, com o estancamento da fase expansionista da economia capitalista mundial do Pós-guerra, esse modelo de desenvolvimento rural começou a dar expressivos sinais de suas limitações. Neste período, o crédito estatal, abundante desde a década de 1950, sofreu grandes restrições. Entre 1979 e 1984 o volume de crédito agrícola foi reduzido em mais de cinquenta por cento (Kageyama, 1987: 61). Estes fatores, somados às constantes secas em diversas regiões do país ocorridas ao longo da década de 1980, à redução da demanda de alimentos - associada à queda de renda per capita e ao crescente desemprego - e às constantes altas na inflação, levaram à explicitação de diversos limites do processo de modernização da agricultura no Brasil (Tedesco, 1994).

Mesmo assim, a crise desta década não chegou a romper com a dinâmica do processo de modernização da agricultura brasileira, em curso desde meados do século XX. Destarte as expressivas reduções no crédito agrícola, os setores agroexportadores e agroindustriais mantiveram alguns de seus privilégios. Da mesma forma, o crédito subsidiado e a abertura de novas fronteiras agrícolas permitiram a manutenção dos níveis de produtividade agrícola alcançados nos períodos anteriores (Tedesco, 1994). Em suma, poder-se-ia dizer que na década de 1980 “as políticas cambial, de preços mínimos e tecnológicas viabilizaram o crescimento agrícola em um ambiente macroeconômico interno e externo bastante desfavorável” (Delgado, 2009: 14), o que possibilitou a manutenção do dinamismo de grande parte das lógicas produtivas

vinculadas ao processo de modernização da agricultura brasileira (Tedesco, 1994). No ajuste interno da economia nacional, na crise econômica da década de 1980, o papel da agricultura foi transformado, tornando-se esse setor o “principal instrumento da conta de transações correntes da balança de pagamentos, através de um grande estímulo governamental às exportações” (Delgado, 2009: 6). A partir deste período, este se tornou o principal papel do setor agrícola na economia nacional, na visão dos gestores públicos e das elites político-econômicas do país.

Entretanto, desde a década de 1980, a temática do desenvolvimento rural passou a ganhar nova complexidade, com a ascensão de atores sociais e novas perspectivas em âmbito nacional. Aprofunda-se, a partir do final da década de 1970, a crise de poder e legitimidade da ditadura militar, culminando no processo de redemocratização do país. Em um ambiente de abertura política, diversas reivindicações passaram a ter maior visibilidade no rural brasileiro. Antigas e novas representações sindicais de trabalhadores rurais adquirem mais força, juntamente com diversas organizações não governamentais. Neste processo, ganham vigor político e conceitual as contundentes críticas “ao caráter excludente e aos nefastos efeitos ambientais, culturais, econômicos e sociais do processo de modernização agrícola da Revolução Verde” (Delgado, 2009: 16), aprofundado no decorrer das décadas de 1990 e 2000.

No caso brasileiro, como destaca Delgado:

esta crítica foi encabeçada por associações de agrônomos e por ONGs, e gradativamente assumida pelos movimentos sociais rurais, iniciando um processo de debate em torno das então chamadas ‘tecnologias alternativas’, cuja politização e aprofundamento conceitual e técnico iria desembocar na convicção de que não bastava e era equivocado reivindicar a democratização da revolução verde, que a luta deveria centrar-se na construção e na implementação de um outro modelo de desenvolvimento rural, cujas consequências ambientais, sociais, econômicas, culturais e políticas fossem benéficas aos pequenos produtores e às populações rurais (2009: 17).

Assim, a década de 1990 pode ser considerada como um momento crucial “tanto para a continuidade do processo tradicional de exclusão e dominação que tem acompanhado o padrão de relações economia-meio rural no Brasil”, ao longo do processo de modernização da agricultura; “quanto para a progressiva elaboração de uma visão alternativa acerca do significado do rural e de desenvolvimento rural sustentável e para a democratização das relações sociais e políticas no campo” (Delgado, 2009: 23). Ambas as perspectivas são expressões da “confluência perversa”²⁷ entre dois projetos políticos contraditórios e em disputa, que emergiram na sociedade brasileira a partir

²⁷ Na expressão cunhada por Dagnino (2004), também utilizado por Delgado (2009).

deste período. Por um lado, o *projeto político neoliberal*, tendo na expansão do “agronegócio” a principal proposta de desenvolvimento rural, defendendo a “privatização do setor produtivo estatal e a redução do protagonismo do Estado no crescimento econômico”, enfatizando o “papel ativo das empresas internacionais em mercados domésticos desregulados e liberalizados, através da abertura comercial”, como também o “papel estratégico das exportações agrícolas para enfrentar o estrangulamento recorrente da balança de pagamentos e para alavancar a retomada do crescimento da economia” (Delgado, 2009: 24).

Esta visão da agricultura e de sua vinculação macroeconômica ganhou força nos dois governos do Partido da Social Democracia Brasileira (Fernando Henrique Cardoso - 1995-2002), mantendo grande parte de seu vigor nos governos do Partido dos Trabalhadores (de 2003 à atualidade), em vista da composição ministerial, das articulações construídas com a bancada ruralista no Congresso ampliando a base de apoio ao governo e em função da política macroeconômica adotada.

Assim, ao longo das décadas de 1990 e 2000, o *projeto político neoliberal* tornou-se:

portador da proposta dominante de desenvolvimento para a agricultura brasileira que, em sua essência, tenta atualizar para os tempos e para a ideologia da globalização o tradicional modelo de modernização da agricultura, concentrador, excludente e destruidor do meio ambiente, predominante desde a década de 1970 (Delgado, 2009: 27).

Uma das principais manifestações deste projeto, em relação ao rural e à agricultura, foi o incentivo estatal à elevação da produção para a exportação, por meio de políticas públicas e de outros benefícios governamentais, visando viabilizar a contínua obtenção de superávits crescentes na balança comercial. Foi consideravelmente aprofundada, com isso, a especialização da agricultura brasileira na produção para a exportação, transformando o “agronegócio” “no principal protagonista e beneficiário deste projeto no meio rural” (Delgado, 2009: 27).

Verifica-se, por outro lado, segundo Delgado (Delgado, 2009) a emergência de um *projeto político democratizante*, tendo na agricultura familiar, social, ambiental, política e economicamente sustentável, sua principal proposta de desenvolvimento rural. Este projeto originou-se na luta pela democratização do país a partir de fins da década de 1970, ganhando força com a democratização institucional em 1985 e, mais à frente, com a eleição de Luís Inácio Lula da Silva para a Presidência da República em 2002. Assim, as principais reivindicações dos atores sociais deste projeto concentraram-se no

alargamento da democracia e ampliação da esfera pública, por meio da criação de novos espaços de participação, de modo a viabilizar a inclusão de novos atores sociais e a estruturação de novas práticas de interlocução entre o Estado e a sociedade.

Para o autor, a Constituição de 1988 foi uma conquista exponencial do *projeto político democratizante*, ao viabilizar a constituição de arenas públicas de participação, avançando no controle social e descentralização de diversas políticas públicas setoriais. No que tange, especificamente, à formulação e gestão das políticas de desenvolvimento rural, merecem destaque, em nível nacional: 1) a criação do Conselho de Segurança Alimentar (CONSEA), que realizou sua primeira Conferência Nacional de Segurança Alimentar em julho de 1994, sendo, posteriormente, extinto no primeiro Governo de Fernando Henrique Cardoso e recriado no início do Governo Lula²⁸; 2) o surgimento do Conselho Nacional de Desenvolvimento Rural Sustentável (CNDRS), no primeiro Governo de Fernando Henrique Cardoso. Este Conselho, a partir do Governo Lula assumiu a sigla CONDRAF, sendo reafirmada sua condição de espaço público nacional para a participação de representantes da sociedade civil e de organismos governamentais na formulação de políticas públicas voltadas ao desenvolvimento rural, à reforma agrária e fortalecimento da agricultura familiar, sob coordenação do Ministério do Desenvolvimento Agrário.

Na construção e consolidação do *projeto político democratizante*, ao longo dos anos 1990, observa-se que “em função da intensidade e abrangência das tensões e das lutas sociais existentes, do avanço da crítica, intelectual e política, ao modelo dominante de modernização” da agricultura, e da crescente consciência de que o fortalecimento dos “movimentos sociais e o atendimento das demandas de seus representados exigiam entrar pesadamente na disputa pelos recursos públicos administrados pelo Estado através das políticas públicas”, três novas identidades emergiram com considerável importância política: os “sem terra”, os “assentados”, e os “agricultores familiares” (Delgado, 2009: 28). As identidades de “sem terra” e “assentados” se forjaram mais diretamente na reivindicação pela reforma agrária. A emergência da identidade social de “agricultores familiares”, que veio a substituir a de “pequenos produtores”, dominante até então, teve como motivações:

- (1) a perda de relevância política dos assalariados rurais; (2) a maior complexidade social e política dos pequenos agricultores, tanto em termos de

²⁸ Todavia, mesmo após a extinção do CONSEA, diversas organizações da sociedade civil, de diferentes maneiras e enfoques, mantiveram discussões no entorno da temática, culminando na recriação do Conselho no primeiro Governo Lula.

suas demandas e mobilizações, como de suas lideranças, que passam a ganhar maior peso no sindicalismo em todo o país, através principalmente das chamadas ‘oposições sindicais’; (3) a progressiva decepção com a modernização da agricultura e sua incapacidade de atender às demandas desses agricultores, bem como o surgimento de várias ‘questões’ correlatas, como a das ‘tecnologias alternativas’, da organização produtiva, da comercialização, da agroindustrialização, do meio ambiente etc, o que acelerou a percepção em torno da necessidade de um novo modelo de desenvolvimento; e (4) a intensificação da reflexão intelectual e do debate sobre a permanência, o significado e a importância econômica e social da agricultura familiar para um desenvolvimento rural mais democrático e inclusivo, tomando principalmente como referência o conhecimento da experiência europeia, que muitas assessorias e lideranças sindicais passaram a ter acesso através de intercâmbios promovidos pela Igreja e por ONGs (Delgado, 2009: 28).

Disto resultou a ascensão da categoria de “agricultor familiar” ao centro das discussões sobre políticas públicas para o desenvolvimento rural, valorizando e resignificando temáticas acerca da produção, comercialização, escolha de técnicas produtivas, agroindustrialização, preços e crédito, formas associativas, questões ambientais. O que, por sua vez, revelou a urgência da construção de um projeto alternativo de desenvolvimento rural com base na agricultura familiar, sendo a primeira vez que o movimento sindical “afirma a possibilidade concreta de um projeto alternativo (à modernização conservadora e ao agronegócio) de desenvolvimento rural fundado na agricultura familiar” (Delgado, 2009: 29).

Assim, observa-se a emergência de um ambiente sociopolítico mais favorável à estruturação e dinamização de alternativas de desenvolvimento rural críticas aos moldes da modernização da agricultura. Todavia, em um contexto contraditório e extremamente complexo, tendo em vista a predominância da lógica produtivista nas novas políticas públicas para a agricultura que também incorporavam as demandas emergentes, como pode ser observado na criação do Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar - PRONAF, em 1996. Além disto, merecem destaque os efeitos variáveis destas políticas públicas nas diferentes regiões do país, em vista da diversidade de arranjos sócio-produtivos, políticos e culturais configurados nas mesmas, ao longo do processo de modernização da agricultura no Brasil.

No Rio Grande do Sul, uma expressiva conquista do *projeto político democratizante* foi a eleição de Olívio Dutra (Partido dos Trabalhadores – 1999-2002) para o Governo do Estado. Com a ascensão deste Governo, ocorreu uma significativa reconfiguração nas perspectivas que orientavam as políticas de desenvolvimento rural em âmbito estadual, com destaque para “a proposta do governo em reorientar a

assistência técnica prestada pela EMATER-RS²⁹, na qual a prioridade seria a construção de uma matriz produtiva baseada nos princípios da agroecologia, cujo público preferencial seria os agricultores familiares e os assentados da reforma agrária” (Da Ros, 2006: 331). Esta redefinição vinha ao encontro de redefinições na concepção de assistência técnica e extensão rural que paulatinamente vinham se afirmando entre alguns quadros técnicos da EMATER-RS (Caporal, 1999), como também entre o quadro de técnicos de organizações não governamentais que prestavam assistência técnica aos agricultores em determinadas regiões do estado.

No Governo Olívio também foi estruturado o Programa de Agroindústrias Familiares no Estado, mais conhecido como “O Sabor Gaúcho”, dinamizado através da assistência técnica da EMATER. Criado em 1999, este Programa buscava beneficiar a produção de agricultores familiares, fomentando “novas possibilidades e estratégias que atenuassem as dificuldades econômicas das famílias rurais, diversificando as fontes de ingresso econômico e ampliando suas possibilidades no cenário local e regional”. Tinha por objetivo “oferecer ao agricultor familiar outras formas de sustentação material, em consonância com as potencialidades de cada região” (Anjos, Caruso, Caldas, 2011: 90).

Todavia, estas redefinições nas perspectivas de desenvolvimento rural por parte do Governo Estadual sofreram um forte refluxo nos dois governos que o sucederam. Já no Governo de Germano Rigotto (Partido do Movimento Democrático Brasileiro – 2003-2006), as perspectivas de desenvolvimento rural dinamizadas durante o Governo Olívio, foram, em grande parte, redirecionadas ao fortalecimento do agronegócio no Estado, o que foi aprofundado no Governo de Yeda Crusius (PSDB – 2007-2011), em que foram demitidos mais de quatrocentos funcionários da EMATER, expressando a política de desmonte desta instituição por parte do governo do PSDB no Estado. A partir de 2011 o Partido dos Trabalhadores reassumiu o Governo do Estado, com Tarso Genro como governador. Neste Governo começaram a ser reestruturadas diversas das políticas de desenvolvimento rural adotadas durante o Governo Olívio.

Na relação entre os projetos políticos *democratizante* e *neoliberal*, observa-se, de modo geral, uma situação conflitiva, que se manifesta, como destaca Delgado:

em diversos aspectos, (...): (1) as propostas de desenvolvimento rural de que são portadores, (2) as fontes de crescimento de que dependem: do crescimento do mercado interno num caso, da contínua abertura de mercados externos em outro, e (3) os padrões e os instrumentos de política pública que privilegiam e reivindicam (2009: 31).

²⁹ Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural; empresa pública de direito privado com atuação estadual.

Entretanto, cabe destacar que estes dois projetos políticos não devem ser pensados como estanques. Muito antes pelo contrário, “seus relacionamentos são inúmeros, e o comportamento de um influencia as possibilidades e as características que vão ser assumidas pelo outro” (Delgado, 2009: 31). Da mesma forma, existem “possibilidades de complementaridades e de alianças entre atores de cada um dos projetos em situações específicas” (Delgado, 2009: 31). Neste sentido, também é necessário ponderar-se que nem sempre o que ocorre é uma disputa de projetos, como se pode observar no caso de cooperativas e demais empresas agroindustriais que trabalham com a *integração* de agricultores familiares no Brasil Meridional, por exemplo. Pois, nestes casos, observa-se a ocorrência de apropriações, pelos atores vinculados a estas iniciativas, de políticas públicas e instrumentos inspirados no *projeto político democratizante*, pautado na dinamização da agricultura familiar, para objetivos, que, muitas vezes, não contemplam as críticas ao modelo tecnológico da Revolução Verde, como se pode observar no estudo de caso desenvolvido nesta dissertação.

A atual perspectiva de desenvolvimento rural predominante em Teutônia, ancorada na *integração* de agricultores familiares a empresas agroindustriais, ilustra bem a complexidade das relações que se estabelecem entre esses dois projetos. Em muitas situações a Cooperativa Languiru busca, através da defesa da importância da agricultura familiar e do cooperativismo, por exemplo, angariar a parceria de diversos atores sociais próximos ao *projeto político democratizante*, para dinamizar uma das expressões do agronegócio brasileiro denominada, por vezes, de forma pejorativa, como “agronegocinho”³⁰. Isso será observado ao longo deste trabalho, especialmente no capítulo subsequente.

1.2 Estudos e debates: articulações econômico-produtivas construídas para e pelos agricultores familiares no Brasil.

Não foram poucos os estudos e debates acerca do papel e destino da produção familiar e sua relação com o desenvolvimento capitalista da agricultura brasileira. Esta temática está presente nos estudos clássicos de Alberto Passos Guimarães (1968), Caio Prado Jr. (1976), entre outros. Nas últimas décadas esse tema foi abordado por um

³⁰ Termo cunhado por representantes de alguns movimentos sociais para designar a articulação econômica e produtiva da agricultura familiar às empresas agroindustriais e suas expressões sociais e produtivas, a exemplo da *integração*.

amplo conjunto de estudiosos, com base em diferentes perspectivas de análise. Nesta seção do trabalho não se tem a enfadonha pretensão de esgotar a vasta literatura produzida acerca da temática, busca-se apenas apresentar estudos que se compreende serem emblemáticos das diferentes abordagens presentes na literatura acerca das relações estabelecidas entre agricultores familiares, cooperativas e empresas agroindustriais, essencialmente a partir da década de 1970. Com esta apresentação, objetiva-se explicitar o contexto de debates em que se encontra inserida esta investigação e os diálogos possíveis com este conjunto de trabalhos.

Em sua tese de doutoramento, *Capital financeiro e agricultura no Brasil: 1965 – 1985*, o economista Guilherme da Costa Delgado também dedica parte de seu trabalho ao exame das relações historicamente constituídas entre “pequenos agricultores”, os mercados e o grande capital monopolista, sob o comando do capital financeiro, na segunda metade do século XX no Brasil. Para isso, Delgado propõe a divisão da categoria geral “pequenos produtores” em dois subgrupos: *associados* e *não associados* ao capital financeiro.

A primeira categoria, como aponta este autor: “compreende o grupo de pequenos produtores tecnificados, sócios menores do projeto de *modernização conservadora*, mas que lograram, de qualquer forma, se associar à acumulação capitalista na agricultura” (Delgado, 1985: 180), sendo o “canal mais explícito desta associação a figura (...) da ‘multicooperativa’ e, em menor instância, também a grande cooperativa atacadista” (Delgado, 1985: 180). Neste sentido, Delgado chama atenção para o fato de que nessas organizações o processo de acumulação encontra-se centralizado “no alto *staff* diretivo das cooperativas”, sendo que “a capacidade do pequeno produtor, enquanto cooperado, de influir sobre essa, é desprezível” (Delgado, 1985: 181).

Para o autor, somar-se-ia à categoria de *pequenos produtores associados* um outro segmento de produtores familiares vinculados a empresas agroindustriais privadas, que da mesma forma que os agricultores articulados às cooperativas, foram integrados aos complexos agroindustriais nos setores de avicultura, fumicultura, suinocultura, fruticultura, vitinicultura, dentre outros, como fornecedores de matérias primas³¹. Na concepção de Delgado (1985), esta categoria de pequenos agricultores

³¹ Todavia, este autor reforça a necessidade de que sejam observadas diferenças entre os pequenos agricultores associados ao movimento cooperativista e os produtores familiares integrados às grandes empresas agroindustriais no que diz respeito ao seu grau de autonomia nas relações estabelecidas com o complexo agroindustrial. Para Delgado, os agricultores ligados às cooperativas teriam uma maior capacidade de influenciar na conformação dos complexos estruturados pelas cooperativas, ainda que com

associados, com alto grau de integração técnica às indústrias a *jusante* e a *montante*, poderia lograr alguns benefícios, conseguindo manter-se e reproduzir-se no contexto de uma agricultura modernizada, sob o domínio do capital financeiro.

A categoria de pequenos agricultores *não associados* é descrita por este autor, por sua vez, como sendo constituída por:

uma gama vasta de pequenos proprietários, pequenos arrendatários, trabalhadores permanentes, ocupantes e parceiros, etc., cuja condição em comum é a mais completa exclusão dos meios de associação ao capital financeiro, seja diretamente, como sócio menor, seja indiretamente, como partícipe de benefícios e compensações financeiras mediadas pela política estatal (Delgado, 1985: 183).

Em termos numéricos, segundo a estimativa de Delgado, esta grande categoria representava cerca de quatro milhões de pequenos estabelecimentos rurais brasileiros na década de 1980, mantendo-se “em condições de marginalidade aguda, percebendo rendimentos insuficientes para a subsistência social, sob condições de subemprego, emprego sazonal por curtos períodos ou mesmo desemprego aberto” (Delgado, 1985: 183).

A partir de um confronto entre os dados disponíveis sobre o rendimento econômico destes pequenos estabelecimentos rurais e a realidade fundiária dos mesmos, Delgado (1985) aprofunda sua análise subdividindo essa categoria de produtores em cinco grupos, chamando atenção para a predominância de agricultores *associados* nas regiões Sudeste e Sul do país e de agricultores *não associados* nas demais regiões.

Em seu livro, *A modernização dolorosa. Estrutura agrária, fronteira agrícola e trabalhadores rurais no Brasil* (1981)³², Graziano da Silva também dedica um artigo especial à análise das formas assumidas pela ‘pequena produção’ no processo de modernização da agricultura brasileira³³. Da mesma forma que Delgado (1985), o autor parte de uma subdivisão desta categoria em dois grandes grupos: (i) *subordinados ao capital comercial e ao proprietário fundiário* e, (ii) *subordinados às agroindústrias e a ‘cooperativas capitalistas’*.

grau restrito de influência. Refletindo, ainda, acerca dessa categoria de agricultores associados, considerando tanto os produtores integrados às grandes empresas como os agricultores vinculados ao complexo agroindustrial através das cooperativas, Delgado sugere que as restrições impostas pelas políticas de financiamento rural tenderiam, com o tempo, a excluir uma parcela significativa destes agricultores, incorporando-os à ‘categoria inferior’, ou seja, a dos pequenos produtores não associados ao capital financeiro.

³² O livro *A Modernização Dolorosa* consiste em uma coletânea de artigos desenvolvidos pelo autor ao longo das décadas de 1970 e 1980.

³³ Neste sentido, ver também o livro de Graziano da Silva, *A pequena produção agrícola* (Silva, 1984).

Neste sentido, Silva constata que o primeiro grupo seria bastante presente nas regiões de fronteira agrícola “em que posseiros estão subordinados às mais variadas formas do capital comercial: beneficiador, bodegueiro, caminhoneiro, intermediário, atacadista, etc” (Silva, 1981: 129). A segunda categoria de pequenos produtores, segundo este autor, encontrar-se-ia “associada à produção de matérias-primas que exigem intensamente força de trabalho e situa-se especialmente na Região Centro-Sul do país” (Silva, 1981: 130). A partir desta constatação, o autor busca se contrapor, por um lado, à ideia de que este grupo social (de ‘pequenos produtores’) constitui um modo de produção específico, dentro do movimento mais amplo de desenvolvimento do capitalismo na agricultura, por outro, à identificação desses produtores como sendo resquícios de modos de produção arcaicos, que tenderiam a ser eliminados com o desenvolvimento do capitalismo. Na sua concepção, a produção e reprodução deste ‘novo camponês’ seria parte intrínseca do movimento de desenvolvimento do capitalismo na agricultura, em um processo no qual este grupo social é chamado a exercer o papel de “trabalhador para o capital”.

A expressão, “trabalhador para o capital”, utilizada por Silva, remete ao importante artigo publicado pela socióloga Maria Nazareth Baudel Wanderley intitulado *O camponês: um trabalhador para o capital* (1979). Neste artigo, Wanderley defende a ideia de que o espaço da produção familiar camponesa na sociedade capitalista é de “um trabalhador para o capital”, diferente do trabalhador assalariado, mas também sendo “agente e portador de força de trabalho”.

Neste sentido, Wanderley busca romper com algumas das dicotomias postas nas discussões acerca das tendências da pequena produção no Brasil, no contexto de debates da década de 1970. Ao considerar que, apesar da diversidade das condições concretas enfrentadas pelo campesinato nas distintas regiões do país, existiria um denominador comum que os uniria: a “eliminação de uma forma particular da produção camponesa e reprodução de um trabalhador não proletário para o capital” (Wanderley, 1979: 14).

Assim, na concepção desta autora, não existiria uma separação rígida entre camponeses e trabalhadores rurais, como se fossem duas classes sociais com interesses distintos. Pois, mesmo enfrentando situações diversas, em que é possível adotar estratégias diferenciadas, estes camponeses teriam como reivindicação comum o “acesso à propriedade da terra em condições de estabilidade e suficiência o que representa, em última instância, a reivindicação dos frutos de seu trabalho” (Wanderley,

1979: 72). Esta seria uma forma de resistência ao temor da proletarização absoluta e completa.

Para chegar a estas conclusões, Wanderley parte de um amplo conjunto de estudos com base empírica realizados nas mais diversas regiões do país. Neste sentido, a autora busca demonstrar como os trabalhadores rurais residentes em engenhos da região produtora de cana-de-açúcar procuravam manter uma organização de trabalho familiar, complementando a renda salarial através do trabalho desenvolvido nas lavouras de cana. Outra situação mencionada por Wanderley é a dos pequenos proprietários da região Sul do país que, através da manutenção da propriedade jurídica da terra, lutariam contra a proletarização completa e absoluta, vendendo os resultados de seu sobretrabalho às agroindústrias empresariais e cooperativas. Neste caso, a principal luta se daria em torno de uma melhor remuneração pelo produto, materialização do trabalho familiar, o que não impediria a apropriação do sobretrabalho destes agricultores pelo capital industrial. Nessa mesma perspectiva, Wanderley compreende a ação dos posseiros, em especial nas áreas de fronteira que, em seu processo migratório, buscavam romper com a dominação dos grandes proprietários, restabelecendo sua condição camponesa enfrentando, todavia, nessas novas áreas, a constante ameaça da volta à condição de ‘cativos’, em função das pressões de latifundiários, do Estado e de investimentos estrangeiros.

Desta forma, a autora considera que seria possível pensar a posição social dos camponeses inseridos nestes diferentes contextos num duplo nível, complementar:

Por um lado, ao nível da polarização direta e imediata, eles se defrontam com os representantes da grande propriedade e do grande capital, através de formas diversas de relações de trabalho, de produção ou de fornecimento de mercadorias. Neste nível, o campo de luta é definido em função destas relações, através das quais o sobretrabalho escapa ao controle de seu produtor. Por outro lado, a um nível mais amplo, o confronto entre estes mesmos camponeses e estes mesmos representantes do capital revela o confronto entre duas concepções do desenvolvimento da agricultura no Brasil, que supõem concepções diferentes da propriedade da terra e do trabalho (Wanderley, 1979: 75).

Sendo que em ambos os níveis, como salienta a autora, o futuro do campesinato está vinculado ao desenvolvimento do capitalismo no país.

Para referendar suas reflexões acerca da produção camponesa na Região Sul do Brasil, Wanderley se pauta em um dos estudos pioneiros sobre o campesinato realizado pelo sociólogo José Vicente Tavares dos Santos, intitulado *Colonos do Vinho: estudo sobre a subordinação do trabalho camponês ao capital* (1978). Neste estudo, Santos

(1978) parte da análise etnográfica de um grupo de vinte e duas famílias de produtores familiares vinculadas à produção agroindustrial vinícola, na comunidade de São Pedro (Bento Gonçalves-RS). Em sua investigação, o autor busca analisar o processo de apropriação do trabalho excedente destes camponeses pela “burguesia industrial”. Com base em um esforço de pesquisa etnográfica e na reconstituição da trajetória histórica de interação entre “camponeses” e as “agroindústrias do vinho” (empresas privada e cooperativas), este autor defende a tese de *subordinação* do trabalho “camponês” ao “capital” agroindustrial. De acordo com essa perspectiva o elemento central desse processo seria a manutenção, por esses camponeses, da propriedade jurídica da terra, através da qual conseguiriam manter o controle sobre o processo produtivo, mas não o domínio sobre o seu sobretrabalho, apropriado pelo capital industrial.

Nos diversos estudos que buscaram refletir acerca das relações entre produtores familiares e as agroindústrias, diversos autores chamam atenção para o papel que o cooperativismo agrícola desempenhou no processo de modernização da agricultura brasileira, especialmente nas regiões de predominância de uma agricultura de base familiar. Autores como Coradini (1981), Duarte (1986), Coradini e Fredericq (1981) chamam atenção para os diferentes mecanismos de apoio estatal ao cooperativismo, que foi a forma de associativismo privilegiada pelo Estado autoritário no meio rural, em detrimento de outros formatos organizativos, fomentados por setores menos identificados, politicamente, com o regime militar. Como observam estes analistas foi através do crédito facilitado às cooperativas agrícolas que o Estado buscou reorientar as possíveis insatisfações sociais destes produtores, colocando como objetivos prioritários e msua agenda difusão da modernização agrícola e elevação da produtividade física das culturas. Com base nessa estratégia, a intervenção governamental buscou restringir as mobilizações político-ideológicas, para que não extrapolassem os “limites propostos e as concessões e rearranjos permitidos pelo padrão vigente da acumulação e dominação social, ou, em outras palavras, de acordo com o capitalismo associado-dependente e o Estado autoritário” (Coradini, 1981: 61).

A literatura a que tivemos acesso sobre o cooperativismo nos anos 1970 e 1980, e que busca analisar o papel destas organizações no processo de modernização da agricultura brasileira, boa parte dela influenciada por uma economia política de inspiração marxista, tende a caracterizar o cooperativismo agrícola, “como um eficiente elemento a serviço do capital e de seus mecanismos de dominação” (Loureiro et al,

1981: 7), com um papel muito semelhante às demais empresas agroindustriais no processo de modernização da agricultura (Coradini e Fredericq, 1981; Duarte, 1986).

Neste sentido, observa-se que no contexto de debates das décadas de 1970 e 1980, o conceito de *agroindústria* surgiu “como um elemento para analisar o processo da modernização agrícola, fundamentalmente para identificar uma crescente subordinação da agricultura às forças econômicas exógenas à atividade agrícola em si” (Wilkinson, 1999: 34). A utilização desta categoria apontava para “um processo dinâmico que minava a autonomia e a capacidade produtiva independente da produção agrícola, especificamente da pequena produção, como era chamada naquele tempo”³⁴ (Wilkinson, 1999: 35). Chamava-se, aqui, atenção, para a subordinação dos processos agrários a forças econômicas exógenas, em que a organização produtiva da agricultura era crescentemente dominada e controlada por grandes grupos empresariais, a jusante e a montante da agricultura.

Este tipo de enfoque analítico ensejou o desenvolvimento de diversas pesquisas acadêmicas (Wilkinson, 1999: 35), em que a ideia de falta de autonomia passou a ser repensada e redefinida, sobretudo a partir de estudos desenvolvidos no âmbito das ciências sociais, a exemplo da tese de doutoramento defendida por Maria Ignez Silveira Paulilo: *Produtor e agroindústria: consensos e dissensos* (1990) no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Museu Nacional.

Com base em pesquisa realizada com produtores familiares *integrados* ao complexo agroindustrial da região do Oeste Catarinense, esta autora busca demonstrar como a situação vivida pelos agricultores era muito mais complexa do que os conceitos de “assalariamento”, “produtor para o capital” e “propriedade formal da terra” poderiam sugerir. Neste sentido, Paulilo (1990) chama atenção para a capacidade deste grupo social de manter uma “autonomia relativa” em sua vinculação com o capital agroindustrial, portando-se como sujeitos ativos ao tomarem a decisão de aderir ao sistema de integração com as agroindústrias, mantendo também um amplo conjunto de atividades que extrapolavam, em muito, o âmbito de atuação dessas empresas. Entre os agricultores pesquisados, o produto comercializado através do sistema de *integração* nem chegava, em muitos casos, a se constituir como o principal produto, nem em

³⁴ Neste sentido, lembra-se que no decorrer da década de 1990, em substituição a conceituação de *pequena produção*, firmou-se, social, política e academicamente, o conceito de agricultura familiar (Wilkinson, 1999: 35), conforme observado anteriormente.

termos econômicos e nem do ponto de vista do esforço laboral despendido em sua produção.

Da mesma forma, Paulilo (1990) destaca como as próprias agroindústrias estimulavam a policultura, que diminuía os custos de manutenção do grupo familiar, garantindo também aos agricultores uma maior margem de manobra frente a contextos de crise no setor. Neste sentido, esta autora salienta que a produção em *integração* poderia ser compreendida como “uma forma de diversificar a policultura já existente”, entendendo, assim, que “uma postura mais adequada seria a análise da convivência das várias lavouras e criações em termos de uma ‘simbiose’, não necessariamente tranquila, onde o produto integrado entra com sua parcela de contribuição para o produto final” (Paulilo, 1990: 174).

Todavia, mesmo que com variações, pode-se observar que na ampla maioria das pesquisas desenvolvidas até a década de 1990 tendo como foco o processo *integração* da produção familiar a empresas agroindustriais, o eixo central da análise acaba recaindo sobre as relações *verticais* estabelecidas neste sistema de articulação econômico-produtiva. Esse tipo de abordagem tendia a “ênfatar a relativa homogeneidade nas relações sociais do sistema de *integração* agroindustrial” (Mior, 2005: 90), como também a homogeneizar as perspectivas de desenvolvimento rural, vendo com muitas reservas formas de articulação econômico-produtiva para a produção familiar paralelas a *integração* agroindustrial.

Este cenário começou a se modificar a partir de meados da década de 1990, na literatura especializada, em função, de um lado, das reconfigurações ocorridas no debate sobre o rural brasileiro e, de outro, do aprofundamento da crise no setor agrícola, juntamente com o surgimento e dinamização de alternativas produtivas e de comercialização paralelas à *integração*. Nesse contexto, os limites dos projetos de modernização da agricultura passaram a ser cada vez mais flagrantes, fazendo com que as possibilidades de desenvolvimento da agricultura familiar via *integração* passassem a ser crescentemente questionadas.

No conjunto de debates desenvolvidos a partir deste período, observa-se que nas discussões sobre o cooperativismo é possível identificar, em linhas gerais, duas grandes tendências de interpretação, diferenciadas, mas não excludentes. Na primeira delas, salienta-se a criação de novas solidariedades e sociabilidades através do cooperativismo. A segunda enfatiza a busca da competitividade, da capitalização e da centralização administrativa, como resultado de pressões oriundas do “atual ambiente econômico

imposto pela globalização da economia” (Pires, 2004: 51). No que se refere ao cooperativismo agrícola, diversos autores chamam atenção para o fato de que num contexto em que a produção e circulação de mercadorias requerem que “as cooperativas agrícolas desenvolvam alianças, estabeleçam fusões e aquisições de empresas, (...) conquistem novos mercados, procedendo de forma semelhante às empresas capitalistas” (Pires, 2004: 56; Medeiros, 1998; Weydmann, 1998), a segunda tendência (competitividade/capitalização/integração) é predominante. Esta literatura chama atenção para as relações dialéticas que se estabelecem entre a prática e o projeto cooperativista levando, também no cooperativismo agrícola, a uma imbricação conflitiva destas duas tendências.

Nas pesquisas referentes à agricultura familiar e sua *integração* às empresas agroindustriais, privadas ou cooperativas, observa-se que, principalmente a partir de fins da década de 1990 e ao longo da década de 2000, diversos estudos, além de salientarem os aspectos excludentes deste sistema, passam a chamar atenção para a necessidade de estimular novas formas de organização produtiva e de comercialização para a produção familiar (Maluf, 2004; Wilkinson, 1999; Wilkinson, 2008)³⁵. Assim, arranjos produtivos e de relação com os mercados paralelos à *integração*, ganham relevância como objeto de pesquisa. São delineadas nesses trabalhos duas grandes tendências de transformação das relações estabelecidas pela agricultura familiar com os circuitos mercantis.

A primeira destas tendências seria a *integração* a grandes empresas agroindustriais, com atuação em âmbito nacional e internacional, em um processo:

cada vez mais excludente, com as exigências de maior escala de produção, maior capacidade financeira por parte dos integrados e maior especialização nas suas atividades agrícolas. Assim, a integração agroindustrial não se coloca mais como opção realista a ser almejada pela grande maioria dos produtores familiares (Wilkinson, 2008: 80).

Outra tendência seria a diversificação produtiva visando abastecer a demanda, principalmente, de mercados locais ou regionais, com produtos de atributos diferenciados (coloniais, orgânicos, artesanais), o que não exclui a possibilidade de relações complementares entre a atuação em circuitos locais e regionais e a integração à agroindústria. Entretanto, a manutenção destas relações complementares e o perfil diversificado das unidades familiares rurais, com seus múltiplos vínculos mercantis, tenderia a se ver comprometida pelas pressões competitivas na direção da elevação da

³⁵ Estas questões mantiveram-se em pauta ao longo da década de 2000, momento em que novas dimensões como a questão ambiental e a problemática da segurança alimentar também ganharam espaço nesse debate.

escala de produção e, conseqüentemente, de um maior grau de especialização produtiva via *integração*. Nesse movimento, sob os rótulos da *capitalização* ou da *modernização*, teria ocorrido o desaparecimento de grande contingente de pequenos estabelecimentos rurais que não dispunham dos recursos necessários para se “acompanhar essa corrida” ou que simplesmente se tornaram supérfluos em face da elevação da escala produtiva das demais unidades (Maluf, 2004).

Neste sentido, autores passaram a destacar a necessidade de se analisar como estas diferentes tendências da agricultura familiar, ou seja, a diversificação/inserção em circuitos locais e regionais e especialização/vinculação às grandes empresas agroindustriais interagem (Maluf, 2004; Wilkinson, 2008). Como um exemplo dessa linhagem de trabalhos cabe mencionar a tese de doutoramento de Luiz Carlos Mior: *Agricultores familiares, agroindústrias e redes de desenvolvimento* (2005), que trouxe relevantes contribuições a esse debate. Em seu trabalho, Mior busca analisar o desenvolvimento das redes agroindustriais convencionais e o surgimento de novas redes de agroindústrias familiares na região do Oeste Catarinense, a partir do diálogo entre a perspectiva analítica das *redes de desenvolvimento rural* e a *Teoria do Ator-Rede*.

Mior identifica, com base no trabalho de Murdoch (2000), dois principais conjuntos de *redes de desenvolvimento rural* que interagiriam entre si: *redes verticais* e *redes horizontais*. Segundo o autor:

O termo *rede vertical*, refere-se à forma como a agricultura é incorporada em processos mais amplos de produção, transformação, distribuição e consumo de alimentos e matérias-primas, dentro de uma abordagem setorial do desenvolvimento. Já o termo *redes horizontais* de desenvolvimento rural refere-se à incorporação da agricultura e dos territórios rurais em atividades que os atravessam e estão imersas nas economias locais e regionais, inclusive urbanas (Mior, 2005: 57).

Na abordagem proposta pelo autor “as *redes verticais* e *horizontais*”, estão associadas, respectivamente, as ideias de desenvolvimento setorial e desenvolvimento territorial (Mior, 2005: 57). Neste sentido, enquanto as *redes verticais* foram tradicionalmente analisadas com base em um recorte setorial, nos termos propostos pela abordagem de cadeias de *commodities* e, mais contemporaneamente, por um enfoque orientado pela Teoria do Ator-Rede, as *redes horizontais* ganharam ênfase nos recortes territoriais, “a partir da noção de redes sociais de inovação e de aprendizagem” (Mior, 2005: 61).

Neste tipo de análise, as potencialidades e limites das diferentes *redes* são enfatizadas em suas especificidades. Todavia, como aponta Mior, é importante perceber

de que forma estas *redes* interagem, redefinindo-se em um mesmo espaço. O autor parte, portanto, em seu trabalho, de uma perspectiva de análise na qual as *redes horizontais* e *verticais* são examinadas em sua interação, em uma mesma região.

Este referencial analítico permitiu a Mior tecer relevantes contribuições para a compreensão do processo de desenvolvimento rural na região Oeste Catarinense, a partir da década de 1990. No que diz respeito às *redes verticais*, merece destaque a forma como o autor analisa a ação das grandes agroindústrias nesta região, chamando atenção para o amadurecimento do *cluster* agroindustrial de suínos e aves e ressaltando o mútuo processo de internalização e externalização de suas atividades, bem como a conquista de novos mercados nacionais e internacionais. A partir destas constatações, Mior chama atenção para um processo de diversificação dos atores econômicos envolvidos nestas redes, apontando para certa autonomia regional frente às grandes agroindústrias.

Em relação às *redes horizontais*, Mior salienta as mudanças em curso nas políticas públicas, em seus vários níveis entrelaçados (federal, estadual e municipal), que contribuíram para o surgimento de novas formas de inserção da agricultura familiar, especialmente com a construção de agroindústrias familiares.

Na percepção do autor, uma nova forma de regulação do desenvolvimento rural estaria em processo de construção, com a constituição das *redes horizontais* de desenvolvimento rural, abrindo espaço para uma crescente participação dos atores ‘locais’ e ‘regionais’. Segundo Mior “embora a ênfase da política agrícola brasileira ainda seja o apoio ao modelo produtivista ou de desenvolvimento agrícola – através de incentivos ao aumento da produtividade e da competitividade agrícola – está havendo uma clivagem da mesma” (2005: 163), tendo em vista que as políticas públicas de desenvolvimento rural começaram a dar os primeiros sinais de diferenciação. Neste sentido, merece destaque a implementação do Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (PRONAF), a partir de 1996. O qual, como salienta Mior, “propõe uma explícita descentralização, com aumento da influência dos espaços estaduais, regionais e locais na elaboração e execução de políticas agrícolas” (2005; 163). A partir do PRONAF também foram criados o CONDRAF e os Conselhos Municipais e Estaduais de Desenvolvimento Rural, de grande relevo neste processo.

O presente estudo encontra-se inserido neste conjunto de debates. Assim, questiona-se: de que forma esta dissertação, a partir do desenvolvimento do objetivo central de pesquisa elencado, pode trazer contribuições? Um primeiro aspecto a ser

salientado, neste sentido, se refere ao recorte temporal trabalhado nas pesquisas desenvolvidas nesta temática, ao longo das décadas de 1990 e 2000. Poucos foram os trabalhos que, a partir do revigorar do conjunto mais amplo de estudos e das perspectivas analíticas acerca da temática do desenvolvimento rural na década de 1990³⁶ (Navarro, 2001; Schneider, 2011), analisaram as mediações sociais, políticas e culturais envolvidas na construção de arranjos econômico-produtivos vinculados à agricultura familiar em períodos anteriores à década de 1990. Pesquisas que caminhem nessa direção são consideradas, aqui, como essenciais para a compreensão das tendências de longo prazo através das quais foi sendo estruturada e consolidada, historicamente, uma determinada perspectiva de desenvolvimento rural e de reprodução da agricultura familiar, “afinada” com o processo de modernização, que se tornou dominante em diversas regiões do Sul do Brasil. Neste sentido, considera-se que o presente estudo pode trazer contribuições ao debate particularmente pelo fato de adotar uma perspectiva metodológica *longitudinal* através da qual:

os movimentos através do tempo podem ser compreendidos. Ou seja, é através do estudo das tendências de longo prazo que a natureza, a dinâmica e o impacto de diferentes formas de ordenamento podem ser compreendidos (Ploeg, 2008: 28).

Entende-se, ainda, concordando com Thompson, que:

a ‘história’ é um bom laboratório, porque o processo, o ato de acontecer, está presente em cada momento da evidência, testando cada hipótese através de uma consequência, proporcionando resultados para cada experiência humana já realizada (Thompson, 1981: 59).

Da mesma forma, considera-se que este estudo pode contribuir com um conjunto mais amplo de debates a partir do exame de um processo histórico específico, ou seja, a construção da *integração* como alternativa de desenvolvimento rural, incorporando ao escrutínio analítico aspectos sociais, culturais e políticos-institucionais, para além da dimensão econômico-produtiva. Pois, conforme pontuado na introdução deste trabalho, observa-se que dentre os estudos desenvolvidos na temática da *integração*, autores destacam como vantagens e motivos que levam os agricultores familiares a se integrarem às empresas agroindustriais, a obtenção de ganhos econômicos ou resultados produtivos. Todavia, o trabalho de campo realizado em Teutônia trouxe à tona, além dos elementos referenciados nesta literatura, todo um conjunto de aspectos sociais, étnicos e

³⁶ Neste sentido, ver, dentre outros, o instigante artigo de Schmitt (2010), sobre as diferentes correntes interpretativas, desenvolvidas a partir da década de 1980 e que ganharam maior representatividade nas discussões brasileiras a partir da década de 1990, que passaram a incorporar a noção de rede como ferramenta capaz de interligar atores, objetos, significados e práticas, no estudo dos processos de desenvolvimento rural.

culturais que são, no nosso entender, fundamentais para que possamos analisar a forma como os agricultores familiares e os diferentes atores vinculados ao sistema de *integração* experienciaram este processo, colocando em ação diferentes *estratégias*.

Desta forma, concebe-se ainda que a pesquisa possa contribuir para o exame dos processos microssociais em que foi sendo construída a modernização da agricultura brasileira, apreendendo seu movimento de constituição em um determinado recorte espacial, conforme reclamado por diversos autores (Neves, 1987, 1990; Schneider, Conterato, Niederle e Radomsky, 2011; Miguel, 2006).

1.3 De onde e como estamos pensando: diálogos teórico-metodológicos

Partindo-se da premissa de que “é somente em função de um corpo de hipóteses derivado de um conjunto de pressuposições teóricas que um dado empírico qualquer pode funcionar como prova” ou indício de certa compreensão sobre os processos sociais, e de que, assim, “as opções técnicas mais ‘empíricas’ são inseparáveis das opções mais ‘teóricas’ de construção do objeto” de pesquisa (Bourdieu, 2011: 24), iniciamos, aqui, a apresentação do quadro teórico e metodológico orientador desta pesquisa.

Conforme apontado na introdução deste trabalho, partiu-se para a pesquisa de campo com um conjunto de hipóteses derivado de uma compreensão crítica e, de certa forma, até pejorativa da *integração* de agricultores familiares às empresas agroindustriais. Em contraponto, tínhamos uma concepção que valorizava positivamente iniciativas alternativas a esta. Orientava-nos, ainda, a percepção de que os agricultores familiares teriam *capacidade de agência*, expressando algum tipo de resistência ao processo de modernização da agricultura e negociando “margens de manobra” na estruturação dos arranjos produtivos implementados em suas explorações agrícolas e nas suas relações com os mercados.

Desta forma, fortemente influenciado pela Perspectiva Orientada aos Atores – POA (Long, 2007; Ploeg, 1990; Ploeg, 2003; Ploeg, 2008; Ploeg e Long, 2011), me propus a recolher o mais amplo conjunto de dados que, considerando as condições práticas e objetivas encontradas a campo, pudessem auxiliar na compreensão deste processo social. Evidencia-se, aqui, uma das importantes contribuições da Perspectiva Orientada aos Atores para esta pesquisa, em sua recusa aos sectarismos metodológicos, instigando a mobilização das mais variadas técnicas que pareçam adequadas ao

problema posto e ao contexto de investigação (Long, 2007; Ploeg e Long, 2011) e valorizando, ainda que não exclusivamente, as dimensões qualitativas dos processos sociais.

Assim, foram utilizadas tanto fontes documentais quanto entrevistas, estruturadas e semi-estruturadas. Dentre as fontes documentais, os principais materiais pesquisados foram: o periódico mensal Informativo Languiru, desde o início de sua publicação, em setembro de 1980, até janeiro de 2012³⁷; os projetos e relatórios de trabalho elaborados pelos técnicos da EMATER do escritório de Teutônia, entre 1983 e 2010³⁸. Trabalhou-se, também com uma ampla gama de documentos encontrados no decorrer da pesquisa, tanto em arquivos particulares como em acervos públicos, a exemplo do arquivo particular do engenheiro agrônomo Hércio Krabbe e do arquivo público da Fundação de Estatística e Economia do Rio Grande do Sul (FEE) e da EMATER-RS.

Paralelamente à análise das fontes documentais, foram realizadas mais de trinta entrevistas em 2010, 2011 e 2012³⁹. Dentre elas, merecem destaque as entrevistas realizadas com vinte e uma famílias de agricultores de Teutônia e oito técnicos que atuaram no município como extensionistas em diferentes momentos de sua trajetória (técnicos agrícolas e em agropecuária, médicos veterinários e engenheiros agrônomos). Do conjunto de técnicos entrevistados, destacam-se as entrevistas com profissionais que trabalharam no Departamento Agropecuário (DAP) da Cooperativa Languiru, criado em 1974, e com técnicos do escritório da EMATER em Teutônia, criado em 1983.

Nas entrevistas com os agricultores do município, partiu-se de uma primeira caracterização do rural teutoniense, feita durante a etapa exploratória do trabalho de campo. Essa primeira imagem, que havia sido construída no processo de elaboração de meu trabalho de conclusão de curso elaborado durante a graduação foi, posteriormente, refinada através de um conjunto mais amplo de informações, recolhidas a campo, em meados do ano de 2010 e início de 2011. A partir desta primeira caracterização, realizou-se uma seleção de agricultores que pudessem expressar as mais diversas trajetórias percorridas pelas famílias agricultoras e por suas unidades de produção

³⁷ Os exemplares deste jornal encontram-se arquivados no Departamento Agropecuário (DAP) da Cooperativa Languiru, no bairro Languiru, de Teutônia.

³⁸ Esta documentação encontra-se disponível no escritório da EMATER de Teutônia, no bairro Centro Administrativo, Teutônia-RS.

³⁹ Para além das 30 entrevistas realizadas entre 2009-2011, já haviam sido realizadas seis entrevistas com agricultores, técnicos, dirigentes sindicais e da Cooperativa, no ano de 2009, para a realização de meu Trabalho de Conclusão de Graduação, no Curso de História da Universidade Federal de Santa Maria.

familiar. Estas famílias foram entrevistadas, nos anos de 2011 e 2012, em conversas conduzidas com base na utilização de um questionário semi-estruturado que buscava descrever os arranjos sócio-produtivos e de mercado existentes nestas unidades produtivas, considerando três grandes marcos temporais: 1980, 1995, 2010. A partir destes marcos cronológicos, considerou-se ser possível examinar as diferentes trajetórias dos grupos familiares e das unidades produtivas ao longo do período examinado. Na seleção dos agricultores a serem entrevistados foi de crucial importância a contribuição do primeiro Secretário de Agricultura e Meio Ambiente de Teutônia, o técnico agrícola Silvério Brune, profissional este que também participou da primeira equipe de técnicos do DAP. Tive a oportunidade de analisar, juntamente com Silvério, os dados econômicos e produtivos referentes às diversas unidades produtivas em atividade no município disponíveis na Secretaria e compilados ao longo de minhas primeiras inserções a campo. Assim, foram selecionados para as entrevistas agricultores representativos das diferentes trajetórias da agricultura familiar em Teutônia. Trata-se, aqui, portanto, de uma aproximação de base qualitativa que buscou captar a diversidade de situações sociais presente no campo.

Com base nessas informações preliminares foi possível identificar, como já observou-se anteriormente, duas trajetórias características, que se revelaram como predominantes entre as unidades produtivas do município. Um grande grupo de famílias tinha sua história marcada pela permanência somente dos membros mais idosos, já aposentados, nas atividades agrícolas, cabendo observar que estas famílias mantinham uma produção menos intensiva e, em alguns casos, voltada principalmente para o autoconsumo. Um outro grupo de famílias tinha sua trajetória econômica e produtiva vinculada à integração nos setores de aves, suínos e gado de leite.

Assim, na seleção destes agricultores buscou-se entrevistar indivíduos vinculados às unidades de produção familiar existentes no município que fossem expressões destas trajetórias. Neste sentido, priorizamos entrevistas com indivíduos que estivessem diretamente envolvidos na gestão das unidades produtivas e que conhecessem sua trajetória. Em muitas situações conversamos com mais de um dos membros destas famílias de agricultores, sendo que na maioria dos casos os diálogos foram travados com os membros do sexo masculino das mesmas⁴⁰. Tentamos, também,

⁴⁰ Neste sentido, destacam-se duas observações. Primeiramente, o fato de que socialmente, na visão predominante em Teutônia, os homens são considerados responsáveis pela organização das unidades produtivas. Emblemático, neste sentido, foi a observação de que, na maioria dos casos, ao apresentarmos

abarcando a maioria das localidades rurais de Teutônia. Desta forma, foram realizadas seis entrevistas com famílias de agricultores de unidades produtivas que poderiam ser identificadas como tendo percorrido a “Trajetória 1”, ou seja, membros mais idosos permanecendo nas unidades produtivas e envolvimento dos mais jovens em atividades não agrícolas, mantendo ou não a residência no meio rural. Nove entrevistas foram realizadas com famílias de agricultores de unidades produtivas com forte investimento de seus membros em atividades agrícolas e que operavam em regime de *integração* com as agroindústrias, particularmente com a Cooperativa Languiru.

Não foi utilizada, como critério de seleção das unidades produtivas pesquisadas, a existência ou não de membros do grupo familiar que, mesmo mantendo residência no rural, tinha atividades não agrícolas como sua principal fonte de renda. Isso se deu, em primeiro lugar, por não dispormos, nessa etapa preliminar, de informações disponíveis que nos permitissem estabelecer algum tipo de recorte ou diferenciação. Em segundo lugar por acreditar-se que esse tipo de vinculação apareceria, de qualquer maneira, nas entrevistas com os dois grupos de famílias. Sendo estas duas as trajetórias predominantes entre as unidades produtivas familiares no município, buscou-se, ainda, entrevistar agricultores que tivessem percorrido uma trajetória diferenciada, construindo arranjos produtivos e de mercado paralelos ao sistema de integração⁴¹. Desta forma, foram realizadas entrevistas com os três agricultores que atualmente participam da Feira em Teutônia, além de um dos agricultores fundadores desta iniciativa e que não participa mais da feira. Entrevistou-se, também, um agricultor que tem na comercialização de sua produção de hortaliças para a alimentação escolar municipal sua principal fonte de renda e que participa da Feira de Teutônia produzindo hortaliças sem o uso de agrotóxicos. Entrevistou-se, ainda, os cinco agricultores que estruturaram suas agroindústrias familiares a partir do final da década de 1990 e ao longo da década de 2000, como também o único agricultor reconhecido pelos demais como produtor ‘orgânico’ no município e que, na atualidade, produz para o autoconsumo familiar. Foram utilizadas também, como material de pesquisa, as entrevistas que eu havia realizado em períodos anteriores, em meados do ano de 2009 e no ano de 2010, período em que foi realizado o estudo exploratório que serviu de base à elaboração do projeto.

os objetivos da pesquisa, eram chamados os membros do sexo masculino para falarem sobre a unidade de produção, ficando as mulheres responsáveis pelas respostas acerca do consumo na unidade doméstica. Em segundo lugar, compreende-se que o fato de o entrevistador ser do sexo masculino também tenha fortalecido esta configuração das entrevistas.

⁴¹ No mapeamento destes agricultores, também foi de crucial importância a contribuição do engenheiro agrônomo do Centro de Apoio ao Pequeno Agricultor (CAPA), Lauderson Holz.

Na realização destas entrevistas buscou-se, também, captar a percepção dos agricultores sobre os sistemas produtivos e as estratégias de comercialização implementadas por seus vizinhos em uma mesma localidade, visando ampliar as possibilidades de mapeamento da realidade do rural teutoniense identificando, eventualmente, trajetórias divergentes das que já haviam sido mapeadas. Entretanto, as conversas realizadas com os agricultores, corroboraram a percepção construída anteriormente.

No decorrer deste trabalho de coleta de dados, conforme anteriormente pontuado, observou-se que o conjunto de hipóteses derivado dos referenciais teóricos explicitados no projeto de pesquisa encaminhado à banca de qualificação de mestrado apresentava diversas incongruências com os resultados colhidos a campo. Assim, compreendendo-se que este conjunto de dados somente poderia ser apreendido como indiciário e/ou comprobatório em função de um corpo de hipóteses derivado de determinadas formulações teóricas, mas que, ao mesmo tempo, tais dados não deveriam ser subjugados pelo referencial analítico utilizado, mas sim, servir de base para um diálogo profícuo com o mesmo (Thompson, 1981)⁴², demos início a um processo de reflexão que acabou reformulando, em grande parte, o conjunto de hipóteses sobre o objeto analisado. Esse processo nos conduziu a um rearranjo dos instrumentos e formulações teóricas que, ao serem postos em ação no decorrer da pesquisa, demonstraram-se mais eficazes para a compreensão das transformações ocorridas em Teutônia nas últimas décadas.

Neste sentido, elencou-se como objetivo central compreender de que forma a *integração* se consolidou historicamente como uma trajetória produtiva de sucesso e de permanência na agricultura e no meio rural teutoniense, sendo concebida como “o melhor caminho a seguir” pela ampla maioria dos atores sociais, em um cenário marcado pela emergência de diferentes perspectivas de desenvolvimento rural para a agricultura familiar, sobretudo a partir dos anos 1990, e pela exclusão de uma parcela significativa de agricultores do arranjo produtivo implementado pelas agroindústrias. Esse objetivo tem como base alguns questionamentos teóricos que acabaram se tornando focos importantes de reflexão. Como um grupo de indivíduos forma uma sociedade que se configura de maneiras específicas, em detrimento de outras configurações, não sendo este resultado pretendido ou planejado por qualquer um destes indivíduos tomados isoladamente, mas sendo, ao mesmo tempo, o resultado do conjunto

⁴² O que se compreende ser a mais profícua maneira de romper com as perspectivas analíticas presentes tanto no hiperempiricismo positivista, como no estruturalismo ortodoxo.

das ações destes indivíduos? Seriam estas configurações a realização de projetos planejados e criados por indivíduos e organizações sociais, ou seja, da intervenção dos atores, ou forjadas por forças supra-individuais, ou seja, por estruturas sociais de mais amplo escopo? Ou ainda, como se pretende demonstrar ao longo deste trabalho, não seria nem isto nem aquilo, mas as duas coisas (Elias, 1986)⁴³?

Assim, a primeira necessidade que se apresentou foi de estruturar um referencial teórico que possibilitasse, em diálogo com os dados empíricos, compreender de que forma, e em que medida, os distintos agentes, ‘locais’ e ‘não-locais’, influenciam nas configurações e reconfigurações de um determinado campo de relações sociais. Buscava-se compreender como, e em que grau, as ‘forças externas’, ou seja, estruturas de mais longo escopo afetam as oportunidades sociais e a conduta dos indivíduos, agindo sobre as configurações sociais que estruturam suas experiências cotidianas e seus repertórios de ação ‘locais’.

Neste sentido, compreende-se que o desenvolvimento do conceito de *interface* seja extremamente instigante. Como aponta Long, raras são as vezes em que as opiniões sobre desenvolvimento rural expressadas por técnicos agrícolas, trabalhadores de extensão e agricultores coincidem (Long, 2007: 144). Entende-se que esta diversidade esteja vinculada a modos diferenciados de socialização e profissionalização, em vista das diferentes trajetórias destes atores sociais, que levam a problemas comunicativos ou choques de racionalidades, como aponta o autor. Assim, destaca-se a observação de que mesmo que as *interfaces* pressuponham algum grau de interesse comum para acontecerem, as mesmas ocorrem nos entrecruzamentos de diferentes lógicas cognitivo culturais, se dando, normalmente, a algum grau de conflitividade. Sendo que, nesses entrecruzamentos, estas lógicas vão sendo redefinidas.

O conhecimento adquire importância especial nas interações que se estabelecem em situações de *interface*, nas quais interagem e/ou confrontam-se diferentes formas de conhecimento, com crenças, valores e forças postas em jogo por sua legitimação. Neste sentido, o conceito de *interface* descreve o conhecimento como surgido de ‘um encontro de horizontes’, em que a incorporação de novas informações só pode ter lugar dentro

⁴³ Por mais ingênuos e ultrapassados que possam parecer estes questionamentos, é importante lembrar que as questões que aqui buscamos sistematizar permanecem subjacentes ao debate contemporâneo sobre o desenvolvimento rural e no debate das Ciências Sociais de um modo geral. Ao analisar as perspectivas analíticas presentes nos estudos sobre o desenvolvimento rural, no último quartel do século XX, Buttel (1994) destaca duas posições principais: a primeira, que enfatiza a globalização-internacionalização dos circuitos globais de produção de alimentos e matérias primas e uma segunda que tem como eixo central a discussão sobre realocação-diversidade da agricultura e do desenvolvimento rural. Estas duas correntes marcaram, como destaca Mior (2005), a maioria dos trabalhos desenvolvidos nas décadas de 1990 e 2000.

dos marcos discursivos já existentes, reformulados por meio de um processo interativo. Esse conhecimento emerge, assim, como “um produto de interação, reflexão e disputas de significados, envolvendo aspectos de controle, autoridade e poder” (Long, 2007: 145). Nas relações de força e poder estabelecidas em situações de interface, é possível perceber diferenças na capacidade de *agência* construída pelos distintos atores que, assim, têm condições diferenciadas de pautar as definições que emergem de suas interações (Long, 2007: 177), assimetria essa que deve ser sempre problematizada (Arce & Villarreal, 1993).

Neste sentido observa-se que uma das questões de suma importância na revitalização dos estudos sobre desenvolvimento rural que, no caso do Brasil, passaram a ganhar maior expressão a partir de meados da década de 1990⁴⁴, foi tentar reconciliar, a partir de uma perspectiva relacional construcionista, as noções de ‘estrutura’ e ‘ator’⁴⁵. Neste esforço de reconciliação, a categoria analítica *agência* emerge como sendo de crucial importância, levando, por sua vez, a uma redefinição do próprio conceito de *ator social*, compreendido como sendo sustentado meta-teoricamente pela capacidade de agência dos diferentes atores. A *agência*, de forma genérica, atribui “ao ator individual a capacidade de processar a experiência social e de delinear formas de enfrentar a vida, mesmo sob as mais extremas formas de coerção”. Reconhece-se que “dentro dos limites da informação, da incerteza e de outras restrições (físicas, normativas ou político-econômicas) existentes, os atores sociais são ‘detentores de conhecimento’ e ‘capazes’”. Em sua prática cotidiana buscam solucionar problemas, “aprender como intervir no fluxo de eventos sociais ao seu entorno e monitorar continuamente suas próprias ações, observando como os outros reagem ao seu comportamento e reagindo a circunstâncias inesperadas” (Ploeg e Long, 2000: 6).

⁴⁴ Importante observar que ao mesmo tempo em que é possível identificar na literatura brasileira, anterior à década de 1990, o predomínio de uma visão macro-estrutural acerca do processo de *modernização* da agricultura, é possível identificar, especialmente no campo da sociologia e da antropologia, autores que se dedicaram a uma análise mais detalhada do modo como diferentes sujeitos históricos experienciaram e agiram diante das transformações sociais e tecnológicas associadas à *modernização* da agricultura, participando ativamente das configurações que conformaram esse processo social, a exemplo de Neves (1988); Garcia Jr. (1989); Palmeira, (1981); Heredia (1986).

⁴⁵ Este aspecto foi central nas críticas às concepções predominantes até então, que privilegiavam a interpretação dos processos macrosociais e o efeito de forças estruturais, compreendidas como determinantes para a análise da conduta dos atores sociais. Como observam Long e Ploeg este viés pode ser observado, tanto na versão liberal na teoria da *modernização*, quanto nas perspectivas desenvolvidas a partir do marxismo em sua vertente estruturalista. Nestas abordagens, segundo os autores citados, os atores apareciam como fantoches nas mãos de macro-estruturas. A Perspectiva Orientada aos Atores (POA) foi elaborada como uma crítica a estas formulações, buscando apreender os indivíduos e grupos sociais como ‘sujeitos ativos’ na construção dos processos sociais em que estão envolvidos (Long, 2007; Ploeg, 1990; Ploeg, 2003; Ploeg, 2008; Ploeg e Long, 2011).

Neste sentido, é relevante enfatizar-se que a *agência*:

não é simplesmente um atributo do ator individual. A agência (...) acarreta relações sociais e somente pode se tornar efetiva através delas. Por conseguinte, a agência requer capacidades de organização e não é simplesmente o resultado de certas capacidades cognitivas, poderes persuasivos ou formas de carisma que um indivíduo possa ter. A capacidade de influenciar os outros ou de transmitir uma ordem (por exemplo, fazer com que os outros aceitem determinada mensagem) reside fundamentalmente nas ações de uma cadeia de acontecimentos, que cada um traduz de acordo com seus próprios projetos (...) (sendo) o poder composto, aqui e agora, pela associação de muitos atores em um dado esquema político e social (Ploeg e Long, 2000: 6-7).

Estes autores consideram, ainda, que:

Por outras palavras, a capacidade de agente (e o poder) depende crucialmente da emergência de uma rede de atores que se tornam parcialmente, embora quase nunca completamente, envolvidos nos projetos e práticas de outro indivíduo ou indivíduos. Por conseguinte, o agente efetivo requer a geração/manipulação estratégica de uma rede de relações sociais e a canalização de itens específicos (como reivindicações, ordens, bens, instrumentos e informação) através de certos pontos fundamentais de interação (Long e Ploeg, 2011, p. 8).

Assim, pode-se observar que a capacidade de *agência*, na concepção de Ploeg e Long (2011), não é atribuída somente aos indivíduos, estando relacionada, também à construção de redes de atores. E para que esta ação aconteça “torna-se essencial que os atores sociais vençam as ‘lutas’ que ocorrem sobre a atribuição de significados sociais específicos a determinados acontecimentos, ações e ideias” (Long e Ploeg, 2011: 26).

Observa-se assim que, na concepção dos autores referenciais da Perspectiva Orientada aos Atores, deve-se analisar os diferentes contextos de lutas e de relações de interação e poder em que os atores, atuando em forma de rede, dispõem de capacidades efetivas, mas assimétricas (Arce e Villarreal, 1993), para influenciar decisões, opiniões e conquistar demandas, legitimando suas práticas. Desta forma, as noções de capacidade de agência, poder e conhecimento devem ser pensadas como elementos constituintes do processo de construção dos atores sociais e das diferentes configurações que os mesmos compõem em recortes espaço-temporais específicos.

Essas visão relacional dos atores e sua capacidade de *agência* parece se aproximar das formulações de Eric Wolf (2003) sobre o poder e a ação dos mediadores na construção de determinadas configurações sociais. Wolf (2003) identifica quatro *modos*, interconexos, de estruturação das relações de poder e dos processos de empoderamento. No primeiro destes *modos*, como salienta este autor, o poder é compreendido “como atributo da pessoa, como potência ou capacidade”. Este primeiro *modo* “chama a atenção para o dom das pessoas no jogo de poder” (2003: 326).

Entretanto, como coloca o autor, este primeiro *modo* “nos diz pouco sobre a forma e direção deste poder”. Assim, torna-se necessário pensar um segundo *modo* em que estas relações de poder se dão, “entendido como a capacidade de um *ego* de impor sua vontade sobre um *alter*, em ação social, nas relações interpessoais” (2003: 326). Todavia, este segundo *modo* em que se dão as relações de poder só fica mais evidente quando passamos à identificação de um terceiro *modo* de poder: “aquele que controla os cenários em que as pessoas podem mostrar suas potencialidades e interagir com as outras”. Com a análise deste terceiro *modo*, conceituado por Wolf (2003) como tático ou organizacional, chama-se atenção “para as instrumentalidades do poder. Esta abordagem nos ajuda a compreender como ‘unidades operacionais’ circunscrevem as ações de outros dentro de determinados cenários”.

Entretanto, como destaca Wolf (2003), é necessário os três “tipos” anteriormente mencionados em suas interconexões com um quarto *modo* de poder, o qual “não funciona somente dentro de cenários ou domínios, mas também organiza e orchestra os próprios cenários e especifica a distribuição e direção dos fluxos de energia” (2003: 326). Este *modo* de poder é conceituado por Wolf como poder estrutural. Esse termo, como pontua o autor, parece retomar “a noção mais antiga de ‘relações sociais de produção’ e pretende enfatizar o poder de dispor e alocar o trabalho social”. Assim, compreende-se que “o poder estrutural molda o campo social de ação de forma a tornar possível alguns tipos de comportamento, enquanto dificulta ou impossibilita outros” (Wolf, 2003: 326).

A análise deste quarto *modo* de poder, conforme proposto por Wolf (2003), parece ser de crucial importância para que se examine quem foi empoderado com o processo de modernização e como determinados agentes atuaram como mediadores sociais, estabelecendo determinadas interfaces entre o jogo de forças estruturais e as configurações contextuais ‘locais’. O que, por sua vez, deve ser pensado em relação ao processo de aprofundamento de “dependência funcional” entre diferentes regiões do mundo, a partir do século XVI, em que atores sociais destas diferentes regiões passaram a desempenhar funções cada vez mais especializadas e interconexas, com um crescente empoderamento de atores que atuaram como mediadores sociais (Wolf, 2003: 73-92).

Entende-se, aqui, que o exercício de pensar, desta maneira, as relações de poder nos conduz a uma melhor compreensão dos ordenamentos, regulações, assimetrias e hierarquias que emergem no curso das interações sociais em larga escala, resultantes de processos abertos e interdependentes, em intermitente condicionamento mutuo, mesmo

que assimétrico (Elias, 1986).

Neste sentido, ressalta-se a compreensão de que as estruturas macrossociais não são simplesmente a soma de episódios e situações em nível ‘local’. Existe uma interconexão entre processos macrossociais e processos microssociais, que se condicionam mutuamente. Assim, compreende-se que a ‘estrutura social’ poder ser caracterizada como:

um conjunto com alto grau de fluidez e propriedades emergentes que, por uma parte, são o produto de enlace e/ou o distanciamento dos vários projetos dos atores, sendo que, por outra, constituem um conjunto importante de pontos de referência e possibilidades constritoras/habilitadoras que afiançam a elaboração, negociação e confrontação dos projetos dos atores (Long, 2007: 130).

Desta forma, compreende-se ser possível também contrapor uma das principais críticas dirigidas a Perspectiva Orientada aos Atores, ou seja, de que a mesma negligencia “‘as relações sociais’ e/ou o ‘cenário estrutural mais amplo’” (Long e Ploeg, 2011: 41). Entendemos que a compreensão desenvolvida pelos autores da POA não implica, como observam Long e Ploeg, em uma “rejeição do significado das relações sociais de produção, nem do conceito de relações sociais de produção,” pelo contrário, como afirmam os autores, “nossa ênfase reside em como estas relações sociais específicas são construídas, reproduzidas e transformadas” (2011: 41).

Por outro lado, observa-se que o exame da capacidade de *agência* (e de sua distribuição) e dos processos de empoderamento, tendo como referência as formulações acima propostas, também colocam o pesquisador diante de uma ampla constelação de atores e redes de atores que caracterizam e delimitam uma dada paisagem social. Esta complexidade nos traz alguns desafios metodológicos, pois, torna-se necessário eleger algumas conexões prioritárias a serem investigadas.

Entretanto, não se deve presumir que exista uma interpretação universal e constante de *agência* em todas as configurações socioculturais⁴⁶, em vista de esta noção ser construída de forma distinta nestes diferentes espaços e nos segmentos sociais diversos que os conformam enquanto tais, a exemplo de camponeses e populações urbanas (Long e Ploeg, 2011: 27). Neste sentido, torna-se central salientar que o estudo aqui desenvolvido, conforme colocado na introdução do trabalho, interessa-se em compreender a construção da noção de *agência* no rural teutoniense, mais

⁴⁶ Mesmo que isto seja possível, através da apresentação de evidências de um crescente processo de ocidentalização e mercantilização da agricultura com o empoderamento dos mediadores sociais, por exemplo.

especificamente, nas interações sociais de estruturação de diferentes formas de articulação econômica produtiva para a agricultura familiar, sem desconsiderar, no entanto, outros fatores (sociais, culturais, político institucionais, entre outros), na medida em que foram observados como sendo relevantes para a análise dos processos estudados.

O conceito de *experiência*, nos termos propostos pelo historiador inglês Edward Palmer Thompson (1981,1998), assumiu também, no decorrer da análise, grande importância. A partir de suas críticas à noção totalidade⁴⁷, intrínsecas aos conceitos de *modo de produção* e *determinismo econômico* do marxismo estruturalista, Thompson propõe uma perspectiva de interpretação dos fenômenos sociais em que mulheres e homens devem ser concebidos como estando no centro da historicidade dos processos sociais. Desta forma, o autor aponta a necessidade de se retomar a noção de *experiência*, que o estruturalismo althusseriano havia banido do escrutínio analítico, considerando-o expressão do empiricismo. Com o conceito de *experiência*, nos termos de Thompson:

Os homens e mulheres também retornam como sujeitos (...) não como sujeitos autônomos, 'indivíduos livres', mas como pessoas que experimentam suas situações e relações produtivas determinadas como necessidades e interesses e como antagonismos, e em seguida 'tratam' essa experiência em sua *consciência* e sua *cultura* (...) das mais complexas maneiras (sim, 'relativamente autônomas') e em seguida (...) agem, por sua vez, sobre situação determinada (Thompson, 1981: 182).

A operacionalização deste conceito, como lembra Thompson, “por mais imperfeito que seja, é indispensável ao historiador, já que compreende a resposta mental e emocional, seja de um indivíduo ou de um grupo social, a muitos acontecimentos inter-relacionados ou a muitas repetições do mesmo tipo de acontecimento” (1981: 15)⁴⁸. Desta forma, compreende-se ser possível apreender como a ação histórica ocorre em meio a escolhas e decisões, realizadas em interação com os demais sujeitos históricos e em relação com configurações presentes em um determinado contexto, a partir do qual tais escolhas e decisões são referenciadas em valores, normas e atitudes específicos, que devem ser situadas em seus diferentes recortes espaciais, temporais, culturais, sociais, econômicos, políticos e institucionais.

⁴⁷ Críticas direcionadas especialmente ao marxismo estruturalista althusseriano, que atribuía um papel secundário à ação dos sujeitos sociais concretos, compreendidos como resultantes das determinações estruturais do *modo de produção* capitalista.

⁴⁸ Assim, percebe-se que em Thompson cristaliza-se uma perspectiva analítica, desenvolvida por marxistas heterodoxos desde as primeiras décadas do século XX, em que os indivíduos são apreendidos como sujeitos ativos na construção de suas vidas, realizando escolhas em meio a necessidades e interesses específicos. No que merece destaque as formulações de Antonio Gramsci.

Nesta perspectiva analítica, ressalta-se ainda a necessidade de compreender as diferentes estratégias e capacidade de interação dos diversos sujeitos históricos em sua relação “com as estruturas sociais e as instituições econômicas em que estão inseridos”, nos diferentes contextos (Schneider, 2009: 239). O que, por sua vez, deve ser pensado em relação às particularidades do segmento social em análise, como também destacam Ploeg (2008) e Tedesco (1999). Busca-se assim, compreender estes homens e mulheres, agricultores familiares de Teutônia, como:

portadores de uma tradição (cujos fundamentos são dados pela centralidade da família, pelas formas de produzir e pelo modo de vida), mas que devem adaptar-se às condições modernas de produzir e de viver em sociedade, uma vez que todos, de uma forma ou de outra, estão inseridos no mercado moderno e recebem a influência da chamada sociedade englobante (Wanderley, 2003; 47-48).

Trata-se de perceber os agricultores estudados como partícipes ativos do mundo, construindo “sua própria história nesse emaranhado campo de forças que vem a ser a agricultura e o meio rural inseridos em uma sociedade moderna (...) procurando adaptar-se (...) às novas ‘provocações’ e desafios do desenvolvimento rural” (Wanderley, 2003; 59). Como ressalta a autora, o camponês ou agricultor familiar deve ser compreendido e reconhecido em sua grande diversidade de situações concretas, a partir do exame de sua “capacidade de resistência e de adaptação às transformações mais gerais da sociedade” (Wanderley, 2003; 60), que, no caso de análise específico, busca-se compreender e reconhecer ao longo do desenvolvimento do presente estudo.

Assim, partindo-se da análise de como os agricultores familiares pesquisados *experienciaram* as configurações e reconfigurações do mundo rural em Teutônia, a partir da década de 1970, busca-se compreender como foi sendo construída a noção de *agência* nestas interações, quais foram as mediações sociais envolvidas no processo de modernização da agricultura e a que atores foi conferida capacidade de *agência*. Entende-se que este exame seja fundamental para o desenvolvimento do objeto de estudo do presente trabalho, ou seja, as mediações sociais, políticas e culturais que, em articulação com os arranjos técnicos e econômicos constitutivos do sistema de *integração* vigente em Teutônia, possibilitaram que este pudesse se consolidar neste contexto específico. Desta forma, inicia-se com a análise dos atores sociais aos quais foi sendo atribuída capacidade de *agência* (conforme realizado no terceiro capítulo desta dissertação), para, a partir daí, examinar as dinâmicas e a importância dos atores sociais agenciados neste processo, nas interações entre as redes de atores envolvidos no rural teutoniense (o que será realizado no quarto e quinto capítulos deste trabalho).

Todavia, antes de se passar a análise das *experiências* históricas destes sujeitos sociais, em suas relações econômico-produtivas, entende-se ser essencial e primordial, para o avanço da análise, uma contextualização, dos atores, conjuntos de atores e redes, como também da paisagem social e contextos históricos específicos em que interagem no rural teutoniense, conforme realizado no capítulo subsequente. Pois, se faz algum sentido examinar as práticas individuais e coletivas de mulheres e homens reais, deve-se pensá-las em suas *experiências* cotidianas, apreendendo-as em sua dimensão social, econômica, cultural, política e institucional.

Para a realização deste empreendimento analítico então, em diálogo com as formulações teóricas acima expostas, compreende-se ser necessário, primeiramente, examinar as diferentes possibilidades de articulação econômico-produtiva presentes no campo de relações no qual estiveram inseridos os agricultores teutonienses ao longo de sua trajetória. O que se realiza no capítulo subsequente. Compreende-se que esta análise seja essencial, em vista de ter sido a partir desse horizonte de possibilidades que estes atores foram elaborando seus planos e estratégias de ação, relações de força e poder, sociais, econômicas, políticas e institucionais, configuradas de diferentes formas nos diversos contextos. A partir do que entende-se ser possível melhor compreender a viabilidade e o resultado das propostas e ações dos diferentes atores, desde que avaliadas em conjunto as condições materiais, naturais ou criadas, de modo que permitam apreender as estratégias de produção e comercialização, articuladas com os diferentes arranjos produtivos. E, assim, compreender como foi sendo construída a noção de *agência* nestas interações, os atores aos quais foi sendo atribuída esta capacidade, as dinâmicas e a importância da mesma, nas interações sociais entre estes atores.

Sem esta análise, entende-se que o estudo carecera de uma amarração precisa dos diferentes contextos e condicionamentos em que interagiram os atores, grupos e redes, de que se fala, como também seria difícil entender suas propostas, ações e percepções das mesmas, envoltas em relações de poder específicas, que cerceiam ou facilitam, quase sempre modificando, suas propostas, ações e percepções. Ou seja, sem esta primeira análise considera-se que não seria possível compreender de que forma a *integração* de agricultores familiares às agroindústrias consolidou-se historicamente em Teutônia, tanto do ponto de vista simbólico, como pelos resultados econômicos

alcançados por um segmento específico de produtores, como uma trajetória de “sucesso” e de permanência na agricultura e no espaço rural.

2. Repertórios de possibilidades de articulação econômico-produtiva no rural teutoniense.

“Ah...isso, alguma coisinha a gente sempre vendeu”

(Fragmento retirado de entrevista com agricultor de Teutônia)



1. Imagem de Teutônia na primeira metade do século XX (fonte: Arquivo Histórico Municipal). 2. Agricultores colhendo milho (fonte: Cooperativa Languiru, 1980: 6). 3. Instalações da Cooperativa Languiru (fonte: Cooperativa Languiru, 1980: 12).

Neste capítulo analisa-se o processo de construção e transformações no repertório de possibilidades de articulação econômico-produtiva disponíveis e estruturadas pelos agricultores familiares de Teutônia, a partir do processo de colonização europeia desta região, em meados do século XIX. Juntamente, busca-se desenhar a paisagem sociocultural e político-institucional construídas pelos atores sociais vinculados ao rural teutoniense em suas interações ao longo do tempo.

Compreende-se que este estudo seja de crucial importância para que se delineiem as relações de força e poder envolvidas nas interações entre os diferentes atores sociais vinculado ao rural teutoniense ao longo do processo histórico analisado. Pois, compreende-se que estas formas diversas de articulação econômico-produtiva condicionaram as possibilidades de ações e estratégias postas em prática por estes atores nos diferentes contextos. Assim, sendo crucial ainda, observar-se os diferentes resultados destas diversas articulações, em vista de seu peso sobre os planos e estratégias postos pelos atores sociais ao longo do período histórico analisado.

O capítulo está subdividido em sete seções, além desta. A próxima seção é dedicada ao exame da organização agrícola familiar teutoniense e sua articulação em diferentes circuitos mercantis de meados do século XIX a meados do século XX. Na seção subsequente é analisado o processo de estruturação de um complexo agroindustrial nos setores de aves, suínos e gado leiteiro, pela Cooperativa Languiru em Teutônia, de 1955 a fins da década de 1970. No subitem que segue, são examinadas as reconfigurações na realidade fundiária teutoniense e a expansão de alternativas de

trabalho não agrícola, no complexo agroindustrial e no setor coureiro-calçadista, de meados do século XX a contemporaneidade. Na seção subsequente são analisados os efeitos da crise econômica da década de 1980 no complexo agroindustrial estruturado em torno da Cooperativa Languiru. O subitem que segue é dedicado a análise das reconfigurações político institucionais ocorridas em Teutônia na década de 1980, atreladas ao processo de emancipação municipal. Posterior a isto, analisa-se a emergência de alternativas de organização produtiva e de comercialização para a agricultura familiar paralelas a *integração* em Teutônia, nas décadas de 1990 e 2000. Por fim, passa-se ao exame do processo de dinamização e conformação atual das atividades em *integração* com a Cooperativa Languiru no município, a partir de meados da década de 1980.

2.1A produção colonial da região de Teutônia e sua articulação com os circuitos mercantis.

A colonização da região que veio a formar o município de Teutônia remonta ao processo migratório europeu do século XIX e às transformações ocorridas neste continente com o advento da Revolução Industrial. Desde o início do século XIX, grande parte dos camponeses germânico–westfalianos, como a grande maioria dos camponeses europeus do período, enfrentavam uma série de pressões que ameaçavam sua reprodução econômica e social. As terras desgastadas tinham um baixo rendimento produtivo e estavam extremamente concentradas nas mãos de poucos latifundiários. Ao mesmo tempo, os impostos eram bastante elevados e a densidade populacional nas áreas rurais era alta. Por sua vez, a intensa industrialização também não apresentava melhoras a este grupo social, tendo em vista as paupérrimas condições de trabalho oferecidas aos contingentes proletarizados (Hobsbawm, 1979; Marx, 1982).

Por outro lado, neste contexto havia o interesse de países com “vazios demográficos”, como o Brasil, em atrair estes imigrantes. No Sul do Brasil, a colonização foi resultado de ações estatais, empreendidas principalmente na primeira metade do século XIX e da ação de empresas colonizadoras, de capital privado, que ganharam maior expressão a partir da segunda metade do século XIX. Ao atrair imigrantes europeus para regiões de terras “disponíveis”,⁴⁹ o governo imperial brasileiro

⁴⁹ Essas terras, vistas como “disponíveis” pelo Governo Imperial e pelas empresas privadas de colonização, sendo consideradas pela Coroa como terras devolutas. Todavia, eram habitadas por diversos povos indígenas.

objetivava: o branqueamento racial; a ocupação de 'vazios demográficos' tendo em vista os constantes conflitos com os países platinos; valorização fundiária destas terras e sua vinculação aos circuitos mercantis (Petrone, 1982).

No Rio Grande do Sul, a empresa colonizadora contou com o apoio de comerciantes locais, que comercializavam produtos oriundos das regiões coloniais com diferentes mercados consumidores. O capital acumulado nestas transações foi de vital importância para a industrialização no Estado, de fins do XIX e início do XX (neste sentido ver: Pesavento, 1988; Petersen, 2001).

Na Colônia Teutônia, os primeiros imigrantes germânico-westfalianos chegaram em meados do século XIX, através da empresa colonizadora de Carl Schilling (Gerhardt, 2004). Schilling comprou estas terras de um dos maiores latifundiários da região, José Francisco Soares Pinto (Sommer, 1984: 28). Já nestes primeiros anos, este empreendedor instalou uma casa comercial, onde passou a receber parte da produção dos *colonos*,⁵⁰ em troca de bens que não eram produzidos em suas explorações agrícolas.

Estas terras, consideradas “disponíveis”, já eram habitadas por indígenas, principalmente pelos Kaingang, alguns poucos descendentes de imigrantes portugueses e afrodescendentes (Megedanz, 2004; Gerhardt, 2004; Sommer, 1984). Como resultado do avanço da frente de colonização, ocorrido ao longo do século XIX, grande parte dos habitantes desta região, principalmente indígenas, acabaram sendo forçados a abandonar seus territórios originais. Assim, observa-se que, na região de Teutônia, até a atualidade, o contingente populacional predominante é de descendentes de migrantes germânicos⁵¹.

⁵⁰ Como observa Schneider, “a palavra colono refere-se ao sujeito que vive numa colônia”. Para o autor, “o termo colônia, no sentido como é empregado no Sul do Brasil, não indica uma possessão exterior ultramarina, de um Estado nacional (como por exemplo ‘as colônias africanas dos países europeus’). O verdadeiro sentido da palavra colônia (‘kolonie’ em alemão) tem sua origem no processo de colonização que se propõe a introduzir habitantes alienígenas num lugar onde eram inexistentes e inseri-los em atividades agrícolas. Por colônia, no Rio Grande do Sul, também se designa uma propriedade de terra padrão, ou seja, aquela destinada pelo governo aos imigrantes. Deste modo, colono passou a ser sinônimo de ‘bauer’, que no alemão designa camponês (...) (‘paysan’ para o Frances, ‘peasant’ para o inglês, ‘contadini’ para o italiano, etc.). Nas regiões de colonização alemã usa-se muito a palavra germanizada ‘kolonist’ como declinação de colono” (1999: 24).

A designação *colono* é utilizada ainda contemporaneamente na região, referindo-se à população que reside e/ou trabalha no *rural*. Conceituação esta que pode ser utilizada com caráter pejorativo ou não, servindo, por vezes, como sinônimo de costumes e hábitos rudimentares e arcaicos.

⁵¹ Conforme pontuado na introdução deste trabalho, inexistiu um levantamento estatístico sobre a origem étnica da população rural teutoniense. Entretanto, pode-se observar uma grande predominância de descendentes de imigrantes germânicos. Na avaliação do técnico agrícola Silvério Brune, que a partir de 1974 trabalhou na primeira equipe de técnicos do DAP e foi o primeiro Secretário de Agricultura e Meio Ambiente de Teutônia, atualmente, cerca de 95% da população rural do município seria de origem étnica germânica.

Esta identidade é fortemente valorizada na região, expressando-se, por exemplo, no uso corriqueiro do dialeto germânico nas interações sociais cotidianas, principalmente na área rural.

A ocupação espacial nesta região, a exemplo do que ocorreu na maioria das regiões de ocupação europeia do Rio Grande do Sul, estruturou-se, desde o século XIX, com base nas *linhas*. As *linhas* são os caminhos onde, de ambos os lados, foram distribuídos os lotes adquiridos pelos imigrantes e implantadas suas residências. Esta organização sócio-espacial se mantém até a atualidade. Em torno das *linhas* foram se constituindo os *espaços de vida* destes *colonos* (Schneider, 1999). Cada uma das linhas possuía o seu referencial de capela, casa de comércio, cemitério e escola, estruturando-se como uma comunidade de interconhecimento dotada de relativa autonomia. Na atualidade, estes espaços de sociabilidade, embora mantenham algum nível de coesão, enfrentam, também, uma série de pressões no sentido de sua dispersão, frente à diversificação das relações de trabalho no meio rural e as inúmeras relações estabelecidas para além da comunidade (Tedesco, 1999).

Para a melhor localização desta classificação, abaixo expomos o mapa oficial atual do município de Teutônia:

início da colonização em Teutônia, concentravam a compra da produção oriunda das áreas de colonização. Controlavam, também, a venda para os *colonos*, de artigos que não eram produzidos em suas explorações agrícolas ou nas comunidades rurais: tecidos, determinados gêneros alimentícios, ferragens e diferentes instrumentos utilizados nas atividades agrícolas. Chama atenção, nessa relação, o fato de que todos estes comerciantes eram imigrantes germânicos ou descendentes de imigrantes de origem germânica, cuja atuação se distribuía nas diferentes *linhas* da região.⁵² Ao longo da primeira metade do século XX foram sendo instaladas, além disso, diversas empresas beneficiadoras de matérias primas oriundas da agricultura colonial existente na região de Teutônia.

Em 25 de dezembro de 1918, Teutônia foi elevada à condição de Vila, passando a constituir o quinto distrito de Estrela, município emancipado de Taquari em 20 de maio de 1876. Assim, os dados obtidos sobre a produção agrícola e organização da mesma em meados do século XX são referentes ao município de Estrela. Em 1951 a FARSUL confeccionou um boletim especial em comemoração ao 75º aniversário do município de Estrela. Nesta publicação foram sistematizados alguns dados relevantes acerca da produção agrícola existente nesse município e que nos ajudam a construir uma imagem do tipo de agricultura existente, naquele período, na região.

Segundo consta no Boletim da FARSUL: “atualmente (1951) existem no município de Estrela apenas quatro propriedades rurais com mais de cem hectares, sendo a média de 20 hectares” (FARSUL, 1951: 13)⁵³. Nesta mesma publicação, a agricultura é apresentada como a principal atividade econômica e a mais expressiva fonte de receitas do município. Entre os produtos agrícolas de maior relevância merecem destaque o milho e a mandioca, destinados, principalmente, à criação de suínos, que abastecia o então promissor mercado de banha. Destaca-se, em segundo lugar, a produção de laticínios industrializada, como manteiga, nata, queijo e caseína. O Boletim chama atenção para a promissora instalação de empresas beneficiadoras de suínos e leite no município de Estrela, processo esse que vinha ocorrendo desde a

⁵² Essa distribuição dos comerciantes nas diferentes linhas pode ser observada a partir das listagens de donos de ‘casas comerciais’ no município. De meados do século XIX a década de 1880, Carl Schilling e Carl Arnt. Na década de 1880, outros imigrantes também estabeleceram ‘casas comerciais’ na Colônia. No Morro dos Winks (Winks Berg), Rudolf Osterkamp; na Picada Frank, Ernest Borgelt; na Boa Vista Fundos, August Birkheuer; na Picada Wolf, Mathias Dorr; na Paissandu, Ernest Pott; na Picada Germano (Hermann). Além destes, Karl Schaeffer, Wilhelm Altmann, Friederich Brackmann, Friederich Wilhelm Jasper; dos quais não são conhecidos a localidade de atuação (Gerhardt, 2004: 34).

⁵³ Esta documentação encontra-se no arquivo da FARSUL, em Porto Alegre. A qual foi pesquisada em fevereiro de 2012.

década de 1930. Na maioria das vezes, estas empresas passaram a beneficiar a produção escoada pelos comerciantes locais das diferentes *linhas*, como também adquirindo parte da produção a ser beneficiada diretamente dos agricultores da região.

No Boletim da FARSUL, mereceu destaque, também, o dinamismo do associativismo na região: “além de sua benemérita Associação Rural fundada a 11 de julho de 1938, o Cooperativismo penetrou no município e foram fundadas cooperativas: cooperativas de crédito – 3, de álcool e aguardente – 2, e de laticínios – 1.” (1951: 29). A difusão do ideário cooperativista ocorreu na região, ao que tudo indica, a partir de inícios do século XX, como em grande parte da região de colonização europeia do Rio Grande do Sul. Referindo-se ao processo de estruturação do cooperativismo na região de colonização europeia do Rio Grande do Sul, Schneider e Konzen (2001) destacam que os associados destas cooperativas eram, na sua grande maioria, pequenos agricultores familiares, que:

dedicavam-se a produções diversificadas que atendiam a suas necessidades de consumo e, de acordo com as aptidões da região, destinavam alguns produtos ao comércio, incluindo, geralmente suínos, algumas aves coloniais e produção leiteira. Para a sustentação dessas atividades, dificilmente poderia faltar a produção de milho, mandioca e de outros produtos para a alimentação dos animais (2001: 13).

A instalação de grande parte dessas cooperativas foi instigada por lideranças locais. Isso ocorreu, também, na região de Teutônia, onde o contador Elton Klepker⁵⁴ auxiliou na formação de doze pequenas cooperativas, que se estruturaram, em diferentes *linhas*, ao longo da primeira metade do século XX⁵⁵. De modo geral, estas pequenas cooperativas recebiam a produção dos agricultores da região, mantendo, ainda, pequenos armazéns com gêneros consumidos e não fabricados pelos próprios agricultores, assumindo, portanto, diversas funções desempenhadas pelas casas comerciais ali existentes. Nas *linhas* em que foram implantadas estas pequenas cooperativas observa-se que as casas comerciais foram sendo, paulatinamente, fechadas, com a incorporação de seus espaços pelas cooperativas, ou, em sua grande maioria, apenas mantendo sua importância enquanto local de encontro e lazer, como bares.

Em meados do século XX, os principais produtos comercializados pelos agricultores eram o suíno (com destaque para a banha) e o leite (em especial manteiga e queijo), além de uma infinidade de outros produtos de menor expressão. Essa produção

⁵⁴ Klepker foi uma das lideranças que participou da fundação da Cooperativa Languiru, mantendo-se como presidente da instituição até a década de 1980.

era intermediada tanto por comerciantes locais como por pequenas cooperativas, que começaram a ser fundadas em diversas *linhas*, comercializando produtos agrícolas e atendendo às necessidades de consumo dos agricultores a elas vinculados.

A maior parte desta produção era beneficiada por agroindústrias que haviam sido implantadas na região, ou escoada diretamente para centros urbanos maiores, com destaque para Porto Alegre. Importante ressaltar, ainda, que nestes circuitos mercantis os agricultores eram proprietários de todos os meios de produção necessários em suas unidades produtivas, como também os responsáveis pela organização produtiva de suas explorações agrícolas. Esse cenário começou a ser modificado na região de Teutônia a partir de meados da década de 1950, com a estruturação da Cooperativa Languiru, que dos anos 1950 ao início da década de 1980, consolidou-se como uma das principais alternativas de comercialização dos produtos oriundos da agricultura familiar da região, com a estruturação de um amplo complexo agroindustrial nos setores de suínos, gado leiteiro e aves de corte, conforme será descrito na próxima seção.

2.2 Estruturação da Cooperativa Languiru: um complexo agroindustrial nos setores de aves, suínos e gado leiteiro.

Em 1955 foi fundada, na Vila de Teutônia, a Cooperativa Agrícola Mista Languiru Ltda. Paulatinamente, esta Cooperativa passou a incorporar diversas casas de comércio, pequenas cooperativas e indústrias beneficiadoras que haviam sido fundadas na região. Na década de 1970 a Languiru já figurava como um dos principais atores na comercialização da produção agrícola em sua área de atuação.

A fundação da Languiru insere-se em uma segunda fase da trajetória do movimento cooperativista sul rio-grandense, nos termos propostos por Schneider e Konzen (2001). Esse período tem como marco a década de 1930, estendendo-se até meados dos anos 1960. Neste contexto, com o forte apoio estatal, foram sendo estruturadas diversas cooperativas de maior porte, quando comparadas às do período anterior. Dentre estas, predominava o “‘modelo das cooperativas agrícolas mistas’, de pouca especialização organizacional e administrativa, onde a figura do ‘gerente geral’, profissionalmente polivalente, conduzia o dia a dia das cooperativas” (2001: 20).

Um ator social de grande destaque desde a fundação da Cooperativa Languiru foi o contador Elton Klepker, cujo perfil de atuação corresponde ao dos “gerentes gerais” descritos por Schneider e Konzen (2001). Klepker esteve à frente de cargos diretivos da Cooperativa desde sua fundação até década de 1980, quando se afastou da

mesma para assumir a prefeitura do recém emancipado município de Teutônia. No periódico da Cooperativa, Informativo Languiru, de 1980, Elton Klepker relatou a fundação da Cooperativa Languiru da seguinte forma:

Como foi realmente? Em 13 de novembro de 1955, pouco mais de uma centena de agricultores reuniram-se no potreiro de Germano Ernesto Horst, num matinho de angico que hoje ainda existe, à margem esquerda do Arroio Boa Vista. Ali se decidiu a fundação de uma Cooperativa para defender esses produtores que se dedicavam à suinocultura. Na época vigorava o IVC, imposto estadual que hoje corresponde ao ICM. As cooperativas eram isentas deste imposto. Nas dez cooperativas⁵⁶ que havíamos ajudado a organizar na região, sentimos bem claro que o maior interesse dos cooperados era ganhar, de imediato, este imposto invés de deixá-lo na cooperativa, e que era o propósito da lei de isenção. Constituída nossa Cooperativa fixamos uma subscrição de Cr\$ 50,00, para cada associado, o que era insignificante, mas retivemos para o Fundo todo IVC sobre suínos comercializados. Sofremos a concorrência das coirmãs (Informativo Languiru, Novembro de 1980: 1).

Assim, em 1º de junho de 1956, começou a operar a Cooperativa Agrícola Mista Languiru Ltda, com 174 associados e já se utilizando, naquele momento, de incentivos governamentais. Os principais produtos entregues pelos agricultores cooperativados à recém criada cooperativa, neste período, eram: “suínos, ovos, aves e outros de menor expressão. Produtos estes, anteriormente, entregues em outras cooperativas e estabelecimentos particulares”, conforme consta no Informativo Languiru (Informativo Languiru, novembro de 1980: 2). No período posterior à sua fundação, a Cooperativa recebia a produção dos associados em um “galpão” instalado no bairro Languiru, da Vila de Teutônia. Neste espaço também foi instalada uma seção de consumo, em que eram comercializados insumos agrícolas, gêneros alimentícios e outros itens não produzidos pelos cooperativados.

Em janeiro de 1957 a Cooperativa começou a estruturar seu complexo agroindustrial, alugando um abatedouro de suínos e bovinos na Linha Schmidt⁵⁷. O abatedouro foi adquirido pela Languiru na década de 1970 e, posteriormente, transformado no frigorífico de aves da Cooperativa. Ainda em 1957, foi instalada a fábrica de rações da Cooperativa, “para o fornecimento aos seus 504 associados, na época” (Informativo Languiru, novembro de 1980: 2). Com o aumento do número de suínos e bovinos abatidos, a Languiru buscou estruturar novos mercados, colocando um entreposto comercial em Porto Alegre, em fins da década de 1950. Na década de 1960

⁵⁶ E. K. teria auxiliado na formação de doze pequenas Cooperativas no município (In: <http://www.klepker.com.br/>; única. Acessado em 20/11/2009). Segundo ele próprio, estas teriam sido paulatinamente incorporadas pela Cooperativa Languiru, (Em entrevista concedida em 14/07/2009).

⁵⁷ A Linha Schmidt estava localizada onde hoje é o centro urbano do município de Westfália, que se emancipou de Teutônia na primeira década de século XXI.

as atividades da cooperativa nas áreas de beneficiamento e comercialização ampliaram-se ainda mais com a estruturação de sua indústria de laticínios, que entrou em funcionamento em 1964, ano em que recebeu 2.303 litros de leite de seus associados (Informativo Languiru, novembro de 1980: 2). Segundo consta no Informativo, a industrialização da produção leiteira tornou-se necessária pelo fato de “a Cooperativa já não conseguir colocar no mercado os produtos fabricados pelos associados, tais como manteiga, nata, queijo e outros, devido à concorrência dos produtos industrializados pelos concorrentes”. O setor de laticínios tornou-se de grande importância, sendo cerca de 90% dos agricultores cooperativados produtores de leite, na década de 1960 (Informativo Languiru, novembro de 1980: 2).

Assim, em 1964 a Cooperativa foi a primeira agroindústria do país a ensacar a sua produção de leite, o que lhe rendeu um diferencial de mercado. Essa inovação foi resultado do apoio recebido do Estado, que doou uma máquina de ensacamento de leite vinda da Alemanha para a Cooperativa. O episódio de concessão deste maquinário foi lembrado, em entrevista, por Silvério Brune, técnico agrícola que trabalhou na Languiru a partir de meados da década de 1970:

A Languiru, na época (1960), foi a primeira que começou a ensacar o leite tipo C. Veio uma máquina da Alemanha de ensacar leite, essa história tu conhece Palm, com o Klepker, ele sempre conta (concordância do entrevistador e risos). Nós tínhamos aqui no estado do Rio Grande do Sul, o Departamento Estadual de Abastecimento de Leite, o Governo do Estado tinha, através deste Departamento, comprava o leite e tinha as indústrias de leite, né? Então, era uma decisão política do governo na época, de conceder a primeira máquina que vinha então da Europa, pra ensacar o leite, e concedeu ela pra Languiru. Foi uma decisão muito política, né? E com isso a Languiru foi a primeira que entrou em Porto Alegre, nos grandes centros consumidores do Rio Grande do Sul, com o leite em saquinho, saindo do leite em garrafa. E isso explodiu a necessidade, explodiu o consumo, e com isso a necessidade de aumentar a produção. Então, por isso que foi montado o fomento. E o fomento trabalhou muito, ele multiplicou. Tu vê, em dois anos, quase que se dobrou a produção, né? Isso é uma coisa rara, né?⁵⁸

Conforme se pode observar pelo relato de Silvério, foi a ampliação das atividades no setor leiteiro que motivou a Cooperativa a estruturar, em 1974, um departamento específico de assistência técnica (“fomento”). Desde a década de 1960 a Cooperativa ofereceu assistência técnica aos agricultores cooperativados, contratando médicos veterinários, agrônomos e técnicos agrícolas. Todavia, com a institucionalização, em 1974, do Departamento Agropecuário (DAP), a dinâmica desta assistência, sua importância e lógica, foram redefinidas, tema que será aprofundado no

⁵⁸ Entrevista realizada na Secretaria de Agricultura e Meio Ambiente de Teutônia, em 03/06/2011.

quarto capítulo desta dissertação. O DAP da Languiru tornou-se a principal instituição prestadora de serviços de assistência técnica aos agricultores da Vila de Teutônia.

A partir da fundação do DAP, de acordo com o Informativo Languiru, foram constantes os aumentos de produtividade nas unidades nas explorações agrícolas vinculadas à Cooperativa. Esses resultados positivos foram recorrentemente divulgados pelos meios de comunicação da Languiru como sendo resultado do trabalho dos técnicos da instituição⁵⁹. A edição do Informativo Languiru de novembro de 1980 salientava, por exemplo, que devido ao “crescimento de seu quadro social e do aumento da produtividade, conseguida graças à assistência técnica prestada aos associados”, a Cooperativa ampliou sua capacidade de industrialização de carnes, nos anos 1970 (Informativo Languiru, novembro de 1980: 2).

A conexão com estes mercados e a necessidade de abastecer essas estruturas de processamento, para que se tornassem economicamente viáveis, impulsionou a criação do complexo de agroindustrialização, especializado nos diferentes setores, pela Cooperativa. Assim, o frigorífico instalado na Linha Schmidt passou a abater somente bovinos. Os suínos passaram a ser abatidos em um frigorífico situado em Bom Retiro do Sul, pertencente à Cooperativa São João do Bom Retiro (Cooperativa Languiru, 1980: 4)⁶⁰. Este frigorífico, localizado em um município vizinho a Teutônia, foi, também, adquirido pela Languiru. Em 1975 a Languiru incorporou, também, a Cooperativa Mista União, de Estrela, passando a receber os cereais produzidos por seus associados nos silos existentes nessas novas instalações. Sua fábrica de rações, que “estava funcionando precariamente em diversos locais, desde que fora destruída por um incêndio em 1967” (Informativo Languiru, novembro de 1980: 2) foi transferida para Estrela. No ano de 1975 a Cooperativa Languiru passou, também, a abater frangos de seus associados em seu frigorífico. Ainda em 1975 a Cooperativa Languiru recebeu a visita do Presidente do Governo Militar Ernesto Geisel, que mantinha relações de amizade com o presidente da Cooperativa Elton Klepker.

Em 1976 foi inaugurado o supermercado da Cooperativa, no bairro Languiru, bem mais amplo do que a antiga seção de consumo, localizada no mesmo bairro, e que

⁵⁹ As referências à importância da assistência técnica na elevação da produtividade e na melhoria da qualidade da produção agropecuária oriunda dos agricultores associados à Languiru é recorrentemente mencionada no periódico da Cooperativa, desde seus primeiros exemplares na década de 1980 aos dias de hoje.

⁶⁰ Cooperativa Languiru. *Languiru recebe a visita do presidente Geisel: momento histórico na história do Cooperativismo brasileiro*. 1980. (Arquivo particular de Elton Klepker).

foi mantida desde a fundação da Cooperativa.⁶¹ Em 1978 a Cooperativa arrendou outro frigorífico em Bom Retiro, para o qual foi transferido o abate de bovinos, uma vez que o frigorífico da Linha Schmidt havia sido reformado e transformado no abatedouro de aves da Cooperativa, iniciando suas atividades em 1979. Neste mesmo ano, deu-se início a estruturação do complexo avícola na Languiru.

Ainda em 1979, a Cooperativa assumiu o controle acionário da Frigosul em Canoas. Com isso, a Languiru passou a coordenar o maior complexo agroindustrial de carnes do estado, ampliando em muito sua capacidade de abate, armazenagem e escoamento da produção para as regiões metropolitana e litorânea do Rio Grande do Sul. Em 1979 esse complexo passou a incluir, também, a Cooperativa Agrícola Mista Tapes Arroz Ltda, situada no município de Tapes. Com esta aquisição, a Languiru buscou suprir de arroz sua fábrica de rações e abastecer seu supermercado, utilizando, também, a casca de arroz nas camas dos aviários integrados à Cooperativa. Neste mesmo ano instalou ainda um curtume situado no bairro Languiru, um incubatório de aves - neste mesmo bairro - e um matrizeiro de aves na *linha* Harmonia, em Teutônia (Informativo Languiru, março de 1981: 3).

No início de 1980, também foi criado o Informativo Languiru, periódico mensal da Cooperativa, que é publicado até os dias de hoje (2012). A partir deste momento, observa-se que o Informativo tornou-se um importante veículo de comunicação entre a Cooperativa e seu quadro de associados. Neste sentido, destaca-se que de 1980 a meados da década de 1990 o Informativo foi um meio de comunicação amplamente utilizado pelos técnicos do DAP na disseminação de informações aos associados e na divulgação das ações do Departamento. De meados da década de 1990 até à atualidade, o Informativo também passou a ser amplamente utilizado pela Cooperativa como meio de divulgação de seus produtos,⁶² mas mantendo parte das características anteriores.

Acompanhando as notícias divulgadas neste periódico, observa-se que, de meados da década de 1950 a fins da de 1970, a Languiru foi paulatinamente assumindo o controle sobre o processamento da produção entregue à cooperativa pelos agricultores associados, especializando-se, de forma crescente, nos setores de aves, suínos e leite.

A especialização nos setores de aves, suínos e gado leiteiro pode ser claramente observada pelos dados referentes a produção recebida e processada pela Cooperativa ao

⁶¹ No mesmo prédio da seção de consumo foi instalado o Departamento Agropecuário (DAP) da Cooperativa Languiru.

⁶² Essencialmente para redes de supermercados, grandes atacadistas e compradores de rações.

longo destes anos. Em 1956 a Cooperativa abateu e processou 2.650 cabeças de suínos, recebidos de seus associados. Em 1966, a cooperativa abateu e processou 11.447 cabeças de suínos de seus associados. Em 1976 este número subiu para 42.076, e até setembro de 1980 a cooperativa abateu e processou 51.809 cabeças de suínos de seus associados. Esta elevação na produção recebida e processada pela cooperativa pode ser observada nos setores de aves e gado leiteiro. Em 1956 a cooperativa recebeu e processou 6.120 cabeças de aves, de seus associados. Em 1966 este número se elevou para 34.745, passando para 687.405 em 1976, chegando a 2.977.166 cabeças de aves recebidas e processadas pela cooperativa Languiru até setembro de 1980. Segundo dados da Languiru, até o início da década de 1960 a Cooperativa não havia recebido nenhum litro de leite de seus associados. Em 1966 a Cooperativa recebeu e processou 5.863.887 litros de leite, de seu quadro de associados. Em 1976 este número se elevou para 24.710.222, chegando a 19.963.630 até setembro de 1980. A elevação da produção nestes três setores foi motivada pela conjunção do aprofundamento da especialização produtiva dos agricultores associados, com elevações escalares de produção, além aumento do número de agricultores cooperativados, em que muitos agricultores de municípios vizinhos também se associaram a cooperativa (Informativo Languir, Novembro, 1980, 3).

Da mesma forma, pode-se observar que a renda anual da Cooperativa teve uma grande elevação ao longo destes anos. Em 1956 a renda da Cooperativa foi de Cr\$ 1.419,23, elevando-se para Cr\$ 3.060.559,00 em 1966, chegando a 1976 com uma renda anual de Cr\$ 254.412.206,00. Até setembro de 1980 a cooperativa já estava com um saldo positivo de Cr\$ 2.267.342.886,45 (Informativo Languir, Novembro, 1980, 3).

Por outro lado, pode-se observar que a Cooperativa foi paulatinamente abandonando o recebimento de produtos beneficiados nas propriedades dos agricultores associados. Emblemático, neste sentido, são os dados acerca da produção de banha e manteiga recebida pela Languiru de seu quadro de associados. Em 1956 a Cooperativa recebeu 15.630 quilos de banha de seu quadro de associados. Em 1966 este número havia se elevado para 39.710 quilos de banha, sendo reduzido a zero a partir do início da década de 1970. O mesmo pode ser observado acerca do recebimento de manteiga. Em 1956 a Cooperativa recebeu 7.380 quilos de manteiga, recebendo 14.233 quilos deste produto em 1961. Todavia, a partir de 1966 a Languiru não recebeu mais nenhum quilo de manteiga de seu quadro de associados (Informativo Languir, Novembro, 1980, 3).

Neste sentido, destaca-se a observação de que, inicialmente, a Cooperativa recebia banha, linguiça, nata, manteiga, queijo processados pelos próprios agricultores, realizando a comercialização desta produção. No período analisado, a Languiru foi estruturando um expressivo complexo agroindustrial, assim passando a receber apenas a produção oriunda das unidades dos agricultores cooperativados para beneficia-la.

Da mesma forma, observa-se que ao longo destes anos ocorreu um aumento expressivo da quantidade de ração produzida pela Cooperativa, insumo este que passa a ser amplamente utilizado pelos agricultores cooperativados. Já em 1957 foi instalada a fábrica de rações da Cooperativa, “para o fornecimento aos seus 504 associados, na época” (Informativo Languiru, novembro de 1980: 2). Esta fábrica foi parcialmente destruída por um incêndio no ano de 1965, passando a funcionar em precárias condições até o ano de 1975, quando a Languiru incorporou a Cooperativa Mista União de Estrela, e instalou sua fábrica de rações nas instalações desta Cooperativa, ampliando e melhorando a unidade (Informativo Languiru, outubro de 1982: 3). Assim, em 1983, apontou-se que a Fábrica de Rações da Cooperativa Languiru “Tem uma produção média de 150 toneladas diárias” (Informativo Languiru, junho de 1983: 2).

De meados do século XX a década de 1980, também observa-se que a Cooperativa instigou os agricultores cooperativados a elevassem do uso de insumos industrializados. A partir de meados da década de 1970 os técnicos do DAP estimularam os agricultores cooperativados a fazer uso intensivo de adubação químico-sintética em suas plantações. Com a significativa elevação dos preços dos produtos a base de petróleo, ocorrida no final da década, juntamente com a redução dos subsídios agrícolas para a aquisição destes insumos, no contexto de crise de início da década de 1980, os técnicos redefiniram suas orientações aos agricultores, enfatizando a importância da adubação orgânica e o uso do esterco produzido pelas criações (Informativo Languiru, novembro, 1981: 5).

Acerca do uso de sementes industrializadas, observa-se que nos Concursos de Produtividade de Milho realizados pelos técnicos do DAP em fins da década de 1970, foi dada especial atenção aos híbridos de melhor adaptação a região. No material publicado referente a estes concursos, percebe-se que os técnicos do DAP enfatizavam a importância e a necessidade de os agricultores passarem a usar sementes híbridas, em detrimento das sementes crioulas. Assim, observa-se que já na realização dos concursos das safras de 1976/1977 e 1977/1978, todos os agricultores passaram a usar sementes híbridas de milho. Neste sentido, destaca-se ainda, que a Cooperativa tornou-se um

importante fornecedor regional de insumos, salientando em diversas edições do Informativo Languiru a qualidade das sementes vendidas no Setor de Ferramentas e Ferragens da Cooperativa⁶³. Estas orientações, acerca das elevações no uso de insumos industrializados, foram, em grande parte, redefinidas na primeira metade da década de 1980, conforme observado na sequência deste capítulo.

A partir deste quadro, pode-se observar que desde a fundação da Cooperativa até o início da década de 1980, ocorreu uma grande expansão das atividades da Languiru, em que esta instituição se tornou um dos atores sociais de grande importância, influenciando, de forma decisiva os arranjos produtivos e as estratégias de comercialização dos agricultores da região.

Concebe-se que esta virtuosa expansão, experienciada pela Languiru, esteja diretamente vinculada com as possibilidades de expansão de iniciativas cooperativistas neste contexto histórico, em vista do apoio oferecido às mesmas pelos governos ‘desenvolvimentistas’ do período pós-II Guerra, como também pelos Governos Militares, pós 1964 (Coradini, 1981; Pires, 2004; Duarte, 1997). Neste sentido, destaca-se o recebimento da máquina de beneficiamento de leite, que o governo estadual doou para a Languiru em 1963. A máquina de ensacamento de leite permitiu a Languiru se expandir expressivamente no setor, alçando-se ao mercado nacional, além do estadual. Entre os anos de 1974-1979, destaca-se a observação de que, além deste incentivo mais genérico às iniciativas cooperativistas, a Languiru pode contar com uma importante via de acesso ao governo federal. Pois, Elton Klepker, que ocupou cargos administrativos na Cooperativa desde sua fundação, era amigo íntimo da família do General Ernesto Geisel, indo visitá-lo em Brasília diversas vezes, e recebendo a visita do mesmo nas comemorações dos 20 anos de fundação da Languiru.

Nesta questão, ainda, merece destaque a observação de que além do estímulo estatal recebido pela Languiru, em vista de sua identidade enquanto cooperativa, a mesma foi especializando seu complexo de agroindustrialização em produtos estimulados pelos agentes estatais no processo de modernização da agricultura no

⁶³ Neste sentido, observa-se que já na primeira periódica do Informativo Languiru, de setembro de 1980, os técnicos da Languiru salientaram a qualidade das sementes oferecidas pela Cooperativa, que eram todas testadas no campo experimental da instituição. No Informativo Languiru de novembro-dezembro de 1996 a Cooperativa salientou que: “O setor de forragens da CooLan comercializa os melhores híbridos do mercado, tais como: Pionner (...), Cargil (...), Agroeste (...), Agrocere (...), Braskalb (...), Dinamilho (...). Associado: compre adubo, uréia e sementes na SUA Cooperativa” (Informativo Languiru, novembro-dezembro de 1996: 6).

Brasil. Assim, tanto os produtos, quanto a lógica de produção da Cooperativa, se coadunavam diretamente com as políticas estatais para a agricultura neste contexto.

2.3 Reconfigurações na realidade fundiária teutoniense e a expansão de alternativas de trabalho não agrícola no complexo agroindustrial e no setor coureiro calçadista.

Juntamente com o processo de estruturação do complexo agroindustrial da Languiru em Teutônia, de meados do século XX a década de 1980, observam-se significativas reconfigurações na realidade fundiária teutoniense. Em meados do século XIX, quando foi dado início ao processo de colonização, a área média dos lotes vendidos aos *colonos* era de 25 hectares (Gerhardt, 2004; Sommer, 1984). Em meados do século XX, conforme consta no Boletim da FARSUL, na região onde hoje se encontra situado o município de Teutônia, a média de área das unidades produtivas era de 20 hectares (Boletim Farsul, Aspectos Gerais de Estrela, Abril de 1951. Ano X. Nº 97: 13). Em meados da década de 1980, segundo os técnicos da EMATER municipal, a área média dos 2.000 minifúndios existentes em Teutônia, em suas 22 comunidades rurais, era de 9,9 hectares (EMATER, Escritório Municipal Teutônia, 1985: s/p). Já segundo o Censo Agropecuário de 1985, a área média dos 1.656 estabelecimentos rurais identificados no município era de 11,5 ha (IBGE, 1985: 182). No Censo 1995/1996, dez anos depois, a área média dos 1.487 estabelecimentos agrícolas de Teutônia foi estimada pelo IBGE em 13,2 hectares (IBGE, 1995-96: 202). Estes dados apontam para uma significativa redução, entre 1950 e 1980, da área média das unidades produtivas da região⁶⁴.

Da década de 1980 em diante, pode-se observar que a área média das unidades produtivas de Teutônia manteve uma certa estabilidade. Em 2002, segundo os técnicos da EMATER Teutônia, os 2.709 estabelecimentos rurais existentes no município, tinham uma média de área de 8,0 hectares (EMATER Teutônia, Relatório de Trabalho,

⁶⁴ Estes dados corroboram com a observação de que ao longo destes anos os espaços disponíveis para a implementação de novas unidades produtivas tornaram-se cada vez mais escassos.

Neste sentido, merece destaque a observação de três agricultores teutonienses entrevistados, com idade superior a setenta anos, até a década de 1940 era comum os casais terem acima de cinco filhos. Já a partir da década de 1950, poucos foram os casais entrevistados com mais de três filhos, o que os agricultores consideraram ser uma expressão das dificuldades enfrentadas pelas famílias implantação de novas unidades produtivas bem como da redução das áreas das já existentes subdivididas entre os filhos ao longo das gerações. Essa mesma tendência pode ser observada a partir da análise da minha própria família, oriunda da região. Meus avós, paternos e maternos, todos nascidos na década de 1930, possuem mais de cinco irmãos. Meus avós paternos tiveram, todavia, apenas três filhos, nascidos entre as décadas de 1950 e 1960. Meus avós maternos tiveram, por sua vez, apenas dois filhos, que foram gerados nesse mesmo período.

2002: 7). No relatório produzido pelo escritório municipal da EMATER em 2010, a área média das unidades produtivas do município foi estimada em 8,8 hectares (EMATER Teutônia, Relatório Anual de Trabalho, 2010: 4). Já no Censo Agropecuário de 2006, o IBGE declarou que a área média dos 1.027⁶⁵ estabelecimentos rurais em Teutônia era de 12,46 hectares⁶⁶.

Paralelamente a este processo de redução da área dos estabelecimentos agrícolas, observa-se, ao longo do período estudado, uma expressiva redução da população rural teutoniense e da força de trabalho ocupada nas atividades agropecuárias desenvolvidas no município. Segundo os técnicos da EMATER de Teutônia, 85% da população teutoniense vivia na área rural do município na década de 1970. Já em 1980 estes técnicos mencionam um universo total de 12.188 pessoas residentes no município, 7.529 (61,7%) na área rural, e 4.659 (38,3%) na área urbana (EMATER, Escritório Municipal Teutônia, avulso, 1983: s/p). Em 1986 residiam 15.500 pessoas em Teutônia, 7.500 (48,4%) na área rural e 8.000 (51,6%) na área urbana (EMATER, Escritório Municipal Teutônia, 1987: s/p). Em 1990 a população total do município era de 16.500 pessoas, sendo que 7.500 (45,5%) destas residiam na área rural e 9.000 (54,5%) na área urbana (EMATER, Escritório Municipal Teutônia, 1990: s/p). Ainda segundo os técnicos da EMATER de Teutônia, a população do município em 2001 era de 21.145 pessoas, com 17.149 (81,1%) pessoas residindo na área urbana e 3.996 (18,9%) na área rural (EMATER, Escritório Municipal Teutônia, 2001: 5). O IBGE computou dados referentes à população de Teutônia somente a partir de 1991, em vista de antes esta região pertencer ao município de Estrela, e assim constar nos dados do IBGE a partir deste município. Neste ano a população total do município era de 17.578 pessoas, residindo 11.636 (66,2%) na área urbana e 5.942 (33,8%) na área rural (1991). Em 2000 este Instituto apontou que residiam 22.897 pessoas em Teutônia, 17.801 (77,7%) na área urbana e 5.096 (22,35) na área rural⁶⁷. No Censo de 2010, o IBGE apontou que a população total de Teutônia era de 27.272 pessoas, com 23.322 (85,5%) residindo na área urbana e 3.950 (14,5%)⁶⁸ na área rural do município⁶⁹.

⁶⁵ Frente a expressiva redução do número de estabelecimentos rurais em Teutônia, no interregno de 1995 a 2006, deve-se lembrar que em 2001 a Linha Schmidt se emancipou do município, formando Westfália.

⁶⁶ Fonte IBGE. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/cidadesat/painel/painel.php?codmun=432145#> (acessado em: 23/01/2012).

⁶⁷ Fonte: <http://www.ibge.gov.br/cidadesat/painel/painel.php?codmun=432145#>, acessado em 12/12/2011.

⁶⁸ A redução expressiva, entre 2000 e 2010, no contingente populacional residente na área rural de Teutônia, também se deve a emancipação da Linha Schmidt, em 2001, assim formando o município de Westfália, que possui um expressivo contingente populacional residindo na área rural.

Em 1985, 4.577 pessoas acima de 14 anos, trabalhavam em atividades agropecuárias no município (IBGE, 1985: 350-351). Em meados da década de 1990 (Censo 1995/1996) este número havia se reduzido, segundo o IBGE, a 4.182 pessoas, (IBGE, 1995-96: 213). Já em 2010, 2.607 pessoas, acima de 14 anos, ocupavam-se de atividades agropecuárias no município, verificando-se, portanto, uma redução muito significativa nesse segmento de trabalhadores⁷⁰. A partir destes dados, percebe-se que, de meados da década de 1980 a meados da década de 1990, ocorreu uma diminuição de 8,6% do total de pessoas, acima de 14 anos, ocupadas nas atividades agropecuárias em Teutônia. Já de meados da década de 1990 a 2010, observa-se que ocorreu uma redução de 62,3% no total de pessoas, acima de 14 anos, ocupadas nas atividades agropecuárias no município. Neste sentido, é de crucial importância lembrar-se que estas porcentagens podem ser superestimadas, em vista da emancipação da Linha Schmidt em 2001, vindo a formar o município de Westfália. Todavia, compreende-se que estes dados são significativos de mudanças tendenciais ocorridas nas atividades agropecuárias em Teutônia, ao longo do processo histórico estudado, com uma drástica redução no número de pessoas, acima de 14 anos, ocupadas nas atividades agropecuárias.

As transformações ocorridas no rural teutoniense parecem ter sido fortemente influenciadas pela ampliação das possibilidades de trabalho não agrícola no município e na região como um todo, ao longo deste período. Com a estruturação do complexo agroindustrial, a partir da década de 1950, e do setor coureiro-calçadista, a partir da década de 1970, verifica-se uma expansão do leque de opções de trabalho não agrícola acessíveis aos agricultores. A partir de meados da década de 1970 grande parte dos jovens oriundos do rural teutoniense optaram pela estratégia de trabalhar nas indústrias do complexo agroindustrial ou, em maior número, nas indústrias de calçado. Esse processo aprofundou-se durante a década de 1980, momento em que o êxodo rural da juventude passou a ser alvo de preocupação dos técnicos do recém-instalado escritório da EMATER de Teutônia⁷¹. No Relatório de Atividades dos técnicos da EMATER Teutônia de 1984, os mesmos apontavam que:

Teutônia possui poucos jovens exercendo atividades agrícolas devido ao êxodo rural e ao desestímulo à agricultura. Este desestímulo deve-se à oferta de empregos na área urbana do município, sendo seu principal atrativo, a remuneração fixa, além do repouso semanal remunerado (EMATER, Escritório Municipal Teutônia, 1984: s/p).

⁶⁹ Fonte: <http://www.ibge.gov.br/cidadesat/painel/painel.php?codmun=432145#>.

⁷⁰ Fonte: <http://www.ibge.gov.br/cidadesat/painel/painel.php?codmun=432145#> (acessado em 12/12/2011).

⁷¹ O escritório da EMATER de Teutônia foi instalado em 21 de janeiro de 1983.

No Relatório de Atividades de 1987 os técnicos da EMATER salientavam que muitas unidades produtivas do município estariam sendo trabalhadas por mulheres, em vista dos baixos rendimentos recebidos pelos agricultores, que levavam os homens a trabalharem em atividades não agrícolas:

Em algumas comunidades rurais as trabalhadoras rurais tomam conta de toda a propriedade, pois os baixos preços recebidos fazem com que os agricultores e jovens procurem trabalho assalariado, aumentando a renda familiar. Esta mão-de-obra familiar só pode ser contada para o desenvolvimento da propriedade nas horas de folga (EMATER, Escritório Municipal Teutônia, 1987: s/p).

Juntamente com esta migração local, pode-se observar que um significativo contingente populacional deslocou-se da região Nordeste do Rio Grande do Sul para o município de Teutônia, principalmente nas décadas de 1980 e 1990. Estes trabalhadores foram atraídos pela oferta de emprego nas indústrias do setor coureiro-calçadista e nas unidades agroindustriais instaladas no município. Registram-se, com isso variações importantes no perfil sociocultural da população do município. Na década de 1980, por exemplo, o luteranismo deixou de ser a religião predominante em Teutônia. Os bairros urbanos passaram a abrigar moradores de origens étnicas diversificadas, ainda que a descendência germânica tenha se mantido como um traço predominante desta população (França, 2002). Na região Noroeste do Rio Grande do Sul, de um modo geral, os meios de comunicação e a melhoria das condições de acesso aproximaram as áreas urbanas das áreas rurais, tornando próximo aquilo que era distante.

A expansão ocorrida no complexo agroindustrial da Cooperativa Languiru de 1950 a 1990 representou, para o município, uma expansão das possibilidades de trabalho não agrícola. Os setores administrativo da Languiru, seus supermercados, sua fábrica de rações, seus frigoríficos, o DAP, os setores de transporte e comercialização, entre outros, passaram a contratar mão-de-obra.

Além disso, a partir da década de 1980, outras empresas do setor agroindustrial implementaram parques industriais em Teutônia ou em municípios adjacentes. Em 1982 a Cooperativa Central Gaúcha de Leite Ltda (CCGL) implementou uma das maiores indústrias beneficiadoras de produtos lácteos da América Latina. Esta planta de processamento foi instalada no bairro Languiru, em Teutônia. Segundo consta no Informativo Languiru de janeiro de 1982, a unidade da CCGL foi implementada na região em vista dos altos índices de produtividade dos produtores de leite da região, resultado, de acordo com o boletim, do trabalho dos técnicos do DAP (Informativo

Languir, janeiro de 1982: 1)⁷².

A Languiru voltou a processar diretamente o leite produzido por seus associados a partir de 2003, quando retomou a marca Mimi, em uma conjuntura na qual o setor leiteiro foi eleito como uma das prioridades do Conselho Administrativo que assumiu a direção da Cooperativa a partir de 2002. Em 2005 a Languiru concluiu a instalação de sua própria indústria de laticínios, localizada em Teutônia, passando a dinamizar ainda mais este setor que, desde a década de 1960, envolvia a maior parte de associados da Cooperativa (Informativo Languiru, novembro de 2005: 6).

Como já foi observado anteriormente, a década de 1970 foi marcada, na região da Antiga Colônia Alemã do Rio Grande do Sul, pela expansão da indústria coureiro-calçadista, processo este estreitamente vinculado a redefinições ocorridas nas políticas estatais dirigidas ao setor. Como coloca Schneider, na década de 1970: “quando o Estado criou um programa de estímulos fiscais e creditícios ao setor coureiro calçadista que patrocinava a vinda de importadores de calçados e de couro à Feira Nacional do Calçado (FENAC)” (Schneider, 1999: 67-68). Nos anos 1980 esse processo alcançou a região de Teutônia e todo o Vale do Rio Taquari (Schneider, 1995: 111).

Com a crise do setor calçadista na primeira década do século XXI, estas possibilidades de trabalho não agrícola pareciam fortemente ameaçadas, particularmente quando em 2010 a empresa de calçados Reichert, uma das maiores empresas do setor, com base em Teutônia, acabou fechando suas portas. Todavia, em poucos meses, outra empresa assumiu o parque industrial da Reichert. Na mesma época, a empresa Beira Rio Calçados, implantou uma de suas fábricas no município.

Como mostra a literatura, a articulação entre atividades agrícolas e atividades não agrícolas foi uma marca importante do processo de modernização da agricultura na região de Antiga Colonização Alemã no Rio Grande do Sul, da qual Teutônia faz parte. O processo de modernização da agricultura nesta região seguiu uma trajetória diferente das áreas de Colonização Nova situadas no Norte do estado a exemplo das Missões, no Alto Uruguai e na Grande Santa Rosa (Schneider, 1999: 84). Nestas regiões mais planas ou onduladas do Planalto Gaúcho a difusão do trigo (a partir da década de 1940) e,

⁷² Com a implementação desta unidade da CCGL a Cooperativa Languiru desativou sua indústria de laticínios, abandonando a marca Mimi, através da qual comercializava seus produtos. (Hamester, 2007: 43). Até meados da década de 2000 a Languiru repassava a produção de leite de seus cooperativados a esta unidade de industrialização, que se manteve sob o comando da CCGL até 1998, quando foi comprada pelo Grupo Avipal S.a.. Em meados dos anos 2000 o Grupo Avipal foi comprado pela Brasil Foods S.A, empresa criada a partir da fusão da Sadia S.A e da Perdigão S.A. Na década de 1990 também foram implantadas algumas empresas de menor porte no setor de processamento de lácteos em Teutônia, a exemplo da Lactvida.

posteriormente, da soja (de 1960 em diante) gerou uma estrutura fundiária com um perfil mais concentrado, com a introdução de maquinários e a utilização intensiva de fertilizantes e agrotóxicos (Tedesco; Carini, 2007). Já na Região de Antiga Colonização Alemã a estrutura fundiária, percebe-se que a concentração fundiária não foi tão expressiva.

A análise dos dados referentes ao número de tratores agrícolas existentes em Teutônia, de meados da década de 1980 a meados dos anos 1990, demonstra que neste interregno entre meados da década de 1980 e meados da década de 1990 elevou-se o número e potência deste maquinário. De meados da década de 1990 a 2010, observa-se que ocorreu uma pequena redução no número de tratores, com uma expressiva elevação da potência destes. Segundo o IBGE, em 1985, existiam 245 tratores no município, assim distribuídos: 34 com menos de 10 cv, 88 com entre 10 e 20 cv, 73 com entre 20 e 50 cv, 50 com entre 50 e 100 cv e nenhum com uma potência maior a esta (IBGE, 1985: 409). Em meados da década de 1990, existiam 311 tratores no município, sendo assim distribuídos: 32 com menos de 10 cv, 80 com entre 10 e 20 cv, 68 com entre 20 e 50 cv, 128 com entre 50 e 100 cv e 3 com mais de 100 cv (IBGE, 1995-96: 284). Já em 2010, o IBGE computou a existência de 290 tratores nas unidades produtivas do município, sendo 265 com menos de 100 cv e 25 com mais de 100 cv. Assim, pode-se perceber que juntamente a diminuição do número de tratores no interregno 1995-2010, ocorreu uma significativa elevação na potência deste maquinário.

Contrapondo-se estes dados com a constatação da criação do Círculo de Máquinas pela Cooperativa Languiru, em 1993, considera-se ser possível inferir que a partir deste período ocorreu uma significativa divisão do trabalho frente ao uso de maquinário agrícola em Teutônia, em que as atividades agrícolas que necessitam de maquinário foram paulatinamente assumidas pelos agricultores prestadores de serviços do Círculo, o que também pode ser observado a partir das entrevistas com agricultores da região, conforme será observado nos capítulos subsequentes.

A partir da análise empreendida até este momento, infere-se que o processo de modernização da agricultura em Teutônia, a exemplo do que ocorreu na maior parte da Região de Antiga Colonização do Estado do Rio Grande do Sul, foi possível para poucos, ficando muitos outros agricultores à margem deste processo (Schneider, 1995). Todavia, observa-se, a partir do universo de agricultores entrevistados para esta pesquisa, que as reconfigurações sociais ocorridas no rural teutoniense, com expressiva redução no número de pessoas acima de quatorze anos ocupadas nas atividades laborais

agropecuárias e fragmentação das unidades produtivas, não são percebidas como expressões de um processo excludente e de diferenciação social. No processo de construção destas percepções, percebe-se que dois elementos foram de crucial importância. Primeiramente, a expansão das atividades não agrícolas na região de Teutônia, tanto nos setores agroindustriais quanto nas indústrias do setor-coureiro calçadista, que absorveram grande parte da mão que saiu das unidades produtivas ao longo deste processo social. Em segundo lugar, salienta-se a observação de que a fragmentação das unidades produtivas pôde ser, parcialmente solucionada, com as criações intensivas de animais, em que merecem destaque os setores de suínos e aves. A coadunação destes fatores, na forma como foram sendo trabalhadas as percepções sociais acerca dos mesmos em Teutônia, parece ter sido crucial para que os atores vinculados e agenciados no processo de modernização da agricultura com inserção local, neutralizassem a emergência de percepções contrárias, que denunciassem o caráter excludente e seletivo deste processo.

A conformação destas percepções, quanto os atores vinculados ao processo de modernização da agricultura em Teutônia, enfrentaram seu contexto mais crítico, no início da década de 1980, a exemplo do que ocorreu, de resto, na ampla maioria das regiões brasileiras. Contexto que se passa a analisar no subitem que segue.

2.4A Cooperativa e os efeitos da crise econômica da década de 1980: *‘a saída é diversificar’*.

A primeira metade da década de 1980 foi marcada pela irrupção de uma das maiores crises da economia brasileira, resultado do agravamento de diversos processos econômicos, tanto em âmbito interno quanto externo, que vinham se acumulando desde meados da década de 1970 (Macarini, 2008). Esta crise, conforme salientado no capítulo anterior, teve fortes impactos sobre o processo de modernização da agricultura brasileira, com destaque para a drástica redução das facilidades de crédito oferecidas pelo Estado, sob comando dos governos militares, que a crise econômica contribuiu para desgastar.

A grande maioria das cooperativas agrícolas empresariais sentiram os impactos desta crise econômica, sendo este o primeiro momento posterior à década de 1940 em que é possível observar certa redução do número de associados de cooperativas de

produtores rurais no Rio Grande do Sul, processo que teve continuidade nos anos subsequentes (Schneider, Konzen, 2001: 30).

No início da década de 1980, cerca de 90% dos produtores rurais de Teutônia estavam cooperativados à Languiru (Cooperativa Languiru, 1980: 3). Neste contexto, marcado pela instabilidade da economia nacional e pela elevação dos preços de produtos a base de petróleo, os técnicos do DAP passaram a orientar os agricultores associados a diversificar suas atividades produtivas e a recuperar práticas que possibilitavam uma maior autonomia de suas unidades produtivas frente aos mercados de insumos agrícolas.

A diversificação de atividades nas unidades produtivas dos associados foi apresentada pela Cooperativa como sendo crucial para enfrentar este contexto de crise e instabilidade econômica. Pois, só assim, seria possível aos agricultores enfrentarem uma crise em um setor específico, combinando diferentes atividades produtivas. No Informativo Languiru de março de 1981, uma “propriedade modelo” era conceituada pelos técnicos do DAP como⁷³:

aquela que diversifica a sua agricultura e a sua criação, dedicando-se em primeiro lugar àquela cultura ou criação que lhe é mais conveniente, conforme a sua estrutura, mas nunca o proprietário deverá deixar de realizar outras culturas ou criações, pois, quando uma atividade não dá lucro, ele tem ainda outra opção (Informativo Languiru, Março, 1981: 3).

O uso de esterco para adubação e o cultivo de adubos verdes, foi outro tema recorrente nas orientações dos técnicos do DAP nesse período:

A técnica nunca deve ser fixa, ela sempre deverá ser adaptada às condições atuais, sempre levando em conta os aspectos econômicos. Para uma determinada técnica ser eficiente ela, no final, deve apresentar um resultado econômico favorável. Por exemplo: não faz muito tempo que a técnica orientava o agricultor para o uso da adubação química, maciçamente. Na época o adubo era mais barato e o resultado de sua aplicação produzia colheitas abundantes e não compensava o uso do esterco e da adubação verde. Isso foi tornando o agricultor bastante acomodado a tal ponto de esquecer-se completamente desse tipo de adubação que ele dispunha na própria propriedade a custos baixíssimos. Hoje, porém, a realidade é outra. O nosso agricultor não pode se dar ao luxo de continuar a usar maciçamente a adubação química e esquecer-se da adubação orgânica através do aproveitamento do esterco e da adubação verde. É por isso que falamos que a técnica nunca deve ser fixa. E é justamente pelo fato de a adubação orgânica estar recebendo uma importância muito intensa como a grande alternativa da pequena propriedade estamos divulgando estas técnicas. E quem aceitou muito bem estas orientações são os proprietários das lavouras modelo e especialmente o Sr. Selvino como nos mostra a figura. (Informativo Languiru, novembro, 1981: 5).

⁷³ De inícios a meados da década de 1980 os técnicos da Cooperativa passaram a estruturar “propriedades demonstrativas”, também chamadas de “propriedades modelo”, nas diferentes comunidades de atuação da Languiru. Estas propriedades eram parte de uma estratégia mais ampla de disseminação de informações técnicas.

O estímulo à diversificação de cultivos e criações e ao aproveitamento do esterco existentes nas propriedades como adubo, que passou a nortear a atuação da assistência técnica no período da crise, implicava, no entanto, em um conflito com a estratégia de agroindustrialização desenvolvida pela Languiru, baseada na articulação entre a produção de leite, aves de corte e suínos. Vale destacar, no entanto, que cada um destes setores foi afetado de forma diferente pela crise.

A relação entre a Cooperativa e os agricultores integrados à agroindústria do leite – setor que reunia o maior número de associados da Languiru, não sofreu grandes alterações na década de 1980. Foi mantida a prestação de assistência médico-veterinária bem como os serviços em inseminação artificial, o que vinha sendo feito desde a década de 1960. O gado era criado, a época, em campo nativo (potreiro) e sua alimentação era complementada com o fornecimento de alimentos nos estábulos, nos fins de tarde e primeiras horas da manhã, quando os animais também eram ordenhados. Na alimentação fornecida nos estábulos, os técnicos do DAP instigaram os agricultores a aproveitar produtos cultivados em suas próprias unidades produtivas, a exemplo da cana-de-açúcar, batata e mandioca (Informativo Languiru, dezembro de 1983: 5).

No início de 1984 foram apresentadas, no Informativo Languiru, entrevistas realizadas com agricultores cooperativados no setor leiteiro. Na apresentação destas entrevistas observa-se que objetivo foi destacar, através das falas de agricultores cooperativados, que a atividade leiteira continuava sendo a melhor alternativa econômica para os agricultores da região:

Todos os entrevistados também foram unânimes em afirmar que a atividade leiteira continua sendo a melhor opção econômica para o minifúndio, por proporcionar o retorno imediato e regular (mensal), motivo pelo qual continuará recebendo os incentivos da Cooperativa. (Informativo Languiru, janeiro, 1984: 6 e 7).

A criação de aves de corte foi amplamente estimulada pela Cooperativa neste mesmo período. A partir do momento em que a Cooperativa estruturou seu complexo agroindustrial no setor avícola, em 1979, a relação da Languiru com os agricultores associados passou a se dar através do sistema de *integração vertical*, sistema que se mantém até à atualidade (2012). Nesta modalidade de integração os animais, a alimentação e a assistência técnica são fornecidos pela integradora⁷⁴. O agricultor é

⁷⁴ Em janeiro de 1982 foi anunciado no Informativo Languiru que “com o matrizeiro de aves entrando em atividade, a Cooperativa passa a fornecer aos associados todos os insumos, desde pintos de primeiro dia a ração” (Informativo Languiru, janeiro de 1982: 1).

proprietário do espaço de criação dos animais (aviário) e responsável pelo manejo dos mesmos, sendo orientado, com base em procedimentos mais ou menos rígidos, pelos técnicos da empresa. Vale a pena destacar o esforço feito pela Cooperativa no sentido de controlar as diferentes etapas do processo produtivo. Em janeiro de 1982 foi anunciado no Informativo Languiru que “com o matrizeiro de aves entrando em atividade, a Cooperativa passa a fornecer aos associados todos os insumos, desde pintos de primeiro dia a ração” (Informativo Languiru, janeiro de 1982: 1).

Nos primeiros anos da década de 1980 pode-se observar que a Cooperativa realizou diversos investimentos no setor avícola. Construiu, em 1981, uma nova granja de matrizes na Linha Harmonia, com 13 galpões de 100 metros de comprimento por 12 de largura, com capacidade de alojar 6.000 aves por galpão. Neste mesmo período foi construído também um novo incubatório de pintos no bairro Languiru.

Em vista dos investimentos realizados e pelos resultados econômicos que a Cooperativa vinha tendo no setor, em abril de 1982 foi anunciado aos associados que havia sido estruturado um novo “Programa de criação de aves”, no qual teriam sido reduzidas as exigências feitas pela Cooperativa aos produtores. No instigamento para que os agricultores cooperativados se inserissem na atividade avícola a Languiru destacava a rentabilidade econômica que a avicultura vinha demonstrando neste contexto. Da mesma forma, a Cooperativa salientava aos agricultores associados que a inserção neste setor era resultado de sua filosofia de diversificação, amplamente difundida no Informativo Languiru, neste contexto. Conforme se observa pelo noticiado neste periódico, em abril de 1982:

Passando-se nas localidades, visitando os associados, vemos que a maioria está se dedicando à bovinocultura, suinocultura, além da agricultura, mas poucos estão se dedicando à avicultura. Como todos os senhores sabem, é indiscutível, para que uma propriedade funcione melhor, é preciso que ela seja o mais diversificada possível (...) Baseado nisto, a Cooperativa Languiru lançou uma nova oportunidade para você ligar-se também na avicultura, diminuindo as exigências, porém objetivando para que seja uma criação que funcione bem (Informativo Languiru, abril, 1982: 3).

Estes incentivos, juntamente com os resultados econômicos alcançados pelo setor, parecem ter surtido efeito. Pois, como se pode observar, elevou-se em muito o número de cabeças de frangos abatidos pela Cooperativa na primeira metade da década de 1980. No ano de 1978 a Cooperativa não abateu nenhuma cabeça de frango. Já em 1979, foram abatidos 1.626.912 cabeças de frango, oriundas do quadro de associados da Languiru. No ano de 1980 este número foi elevado para 4.143.130. Em 1985 foram abatidos 4.667.754 cabeças de frango, provindas das unidades produtivas de

agricultores cooperativados. No ano de 1989 a Cooperativa abateu 5.992.612 cabeças de frango entregues por seu quadro de agricultores associados (Informativo Languiru, novembro, 1989: 6 e 7).

O setor de suínos da Languiru foi o que mais sofreu com os efeitos da crise econômica, transcorrida na primeira metade da década de 1980. A partir de 1981 observa-se que foi sendo reduzido o número de cabeças de suínos abatidos pela Cooperativa, culminando com a redução para menos da metade da produção de inícios da década, no ano de 1984. No ano de 1976 a Languiru abateu 42.076 cabeças de suínos oriundos de seu quadro de associados. Em 1980 a Cooperativa abateu 73.963 cabeças de suínos, número reduzido para 29.912, no ano de 1984. A partir deste ano observa-se que o número de cabeças de suínos abatidos na unidade de processamento da Languiru foi sendo paulatinamente elevado, chegando ao ano de 1988 com 48.126 cabeças abatidas (Informativo Languiru, novembro, 1989: 6 e 7).

Segundo técnicos que trabalharam no DAP, a crise econômica foi sentida, nesta época, de forma mais drástica no setor de suínos. Conforme os depoimentos dos técnicos a genética do plantel e as rações fornecidas pela Cooperativa não permitiam uma produção de carcaça condizente com a média de produtividade das empresas concorrentes. O técnico Silvério Brune,⁷⁵ por exemplo, frisou na entrevista que realizamos durante a etapa de campo, que a genética dos suínos produzidos em Teutônia não possibilitava uma boa conversão em carne, o que vinha se tornando cada vez mais necessário para competir no mercado⁷⁶.

No início da década de 1980, a Cooperativa desestruturou o setor voltado à produção de suínos em sistema de integração⁷⁷. No Relatório de Atividades desenvolvido pelos técnicos da EMATER⁷⁸ no ano de 1984, os mesmos apontaram que o fim do Projeto Integrado em Suínos desenvolvido pela Cooperativa Languiru, que “monopolizava a atividade no município de Teutônia”, levou “muitos produtores” a

⁷⁵ Entrevista realizada em 03/06/2011, na Secretaria de Agricultura e Meio Ambiente de Teutônia.

⁷⁶ Neste sentido, lembra-se que em meados do século XX a produção de suínos na região visava centralmente sua conversão em banha. Todavia, a partir deste contexto o mercado de banha entrou em forte decadência, com drástica redução de seu consumo e valorização, devido a concorrência dos óleos vegetais (Schneider, 1995: 111). Assim, nas décadas subsequentes observa-se uma redução do valor da banha e uma ascensão no valor da carne de suínos, que ganham cada vez mais valor para a produção de embutidos.

⁷⁷ A Cooperativa manteve o abate de suínos, comprando parte da produção dos agricultores associados, conforme pode ser observado no quadro. Todavia, as garantias de compra, quantidades das mesmas e os compromissos da Cooperativa com os agricultores integrados foram suspensas, com a desestruturação desta integração neste contexto.

⁷⁸ Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural; empresa pública de direito privado com atuação estadual.

perderem e terem “penhorados seus bens, tais como terras, automóveis e caminhões” (EMATER, Escritório Municipal Teutônia, 1984: s/p).

Todavia, pouco tempo depois, a *integração* em suínos começou a ser reestruturada pela Cooperativa, em novas bases. O Novo Projeto Integrado de Suínos, lançado em agosto de 1982, foi coordenado pelo engenheiro agrônomo Dirceu Bayer, do DAP, que publicou diversos artigos sobre o tema no Informativo Languiru. Bayer chamava atenção, nesses artigos, para a necessidade de os agricultores redimensionarem suas criações de acordo com a produção de milho e demais culturas de subsistência produzidas em suas unidades produtivas. Só assim poderiam se livrar da dependência de empréstimos bancários, com seus altos juros. No Informativo Languiru de junho de 1982, o engenheiro agrônomo Dirceu Bayer salientou que para sair da crise “*o colono tem que voltar a ser colono*” e plantar, para engorda dos animais, culturas tradicionais como mandioca, batata doce, abóbora, que haviam sido abandonadas “devido à baixa dos preços das rações nos últimos anos, levou os agricultores a se acomodarem”. Para este agrônomo, “a questão é reduzir os custos, o que está nas mãos do agricultor” que deve produzir na própria propriedade tudo que necessita (Informativo Languiru, Junho, 1982: 8). Bayer chama atenção não apenas para a necessidade de uma redefinição na lógica de produção dos agricultores, mas também para a redução do plantel, estratégias necessárias para que os preços de mercado pudessem reagir.

Todavia, foi necessário um intenso trabalho de divulgação da *integração* em suínos até fins da década de 1980 para que a confiança dos agricultores no setor fosse recuperada. A dificuldade de recuperar a confiança dos agricultores sócios da Languiru integrados ao setor de suínos teria se constituído, segundo os técnicos da cooperativa entrevistados, como o principal entrave para que a atividade fosse retomada nos anos subsequentes. Na avaliação destes técnicos, divulgada no Informativo em fins de 1989:

Sem dúvida o maior entrave para a consolidação do projeto Integrado em Suínos foi o descrédito de todo o quadro social quanto à suinocultura como atividade econômica, pois estava clara, na memória de todos, o recente desmantelamento do sistema de produção de suínos. O comum de ser lembrado nas reuniões de mobilização dos associados era ‘a quebradeira’ de que foram vítimas os associados que apostaram no programa de suinocultura implantado pela Cooperativa a cerca de 10 anos. O desconsolo era geral (Informativo Languiru, novembro, 1989: 6).

Este intensivo trabalho de divulgação e convencimento para os agricultores voltarem ao setor pode ser claramente observado na análise das reportagens do Informativo publicadas nesse período:

Comercialização segura. Passados os momentos de crise a suinocultura esta tomando um novo rumo quanto ao aspecto comercial. O preço do porco tende a ficar estável. (...) A Cooperativa, por sua vez, através do seu frigorífico, instalado em Bom Retiro do Sul, garante a comercialização de toda a produção dos associados.

Além das garantias de comercialização, a Languiru oferecia como “vantagens” aos agricultores que se integrassem ao projeto:

assistência técnica integral dirigida no sentido de orientar o associado em todas as atividades exercidas na propriedade, bonificação de Cr\$ 5,00 por quilo de suíno terminado, orientação para a formulação de ração caseira, assistência médico veterinária parcialmente gratuita, ou seja, o associado não pagará a corrida quando da necessidade de atendimento médico veterinário, melhoramento genético através de sêmen gratuito, devido à qualidade na carcaça não existe diferença de preço entre pelagem vermelha e branca, condições de melhoramento do plantel através da distribuição de leitoas puras através da Cooperativa. Associados interessados devem comparecer no DAP para maiores informações (Informativo Languiru, Julho, 1982: 6).

Quanto aos valores pagos aos agricultores associados, salientava-se que a “Cooperativa Languiru paga os melhores preços”. Para comprovar isto, foi apresentada uma tabela no Informativo de maio de 1985, comparando os preços pagos (Cr\$/kg) pela Cooperativa e as “outras empresas”, de janeiro a março daquele ano. Segundo os valores apresentados nesta tabela, no início de 1985 os valores pagos pela Languiru, aos criadores de suínos, seriam, em média, 10% superiores aos pagos pelas “outras empresas” (Informativo Languiru, maio, 1985: 3).

Além disto, os técnicos da Languiru realizaram um intensivo trabalho de melhoramento genético do plantel. Em abril de 1983 apontou-se uma “nova ênfase no Novo Projeto Integrado de Suínos”, com a distribuição de 160 leitoas procriadoras entre os associados. Da mesma forma, anunciou-se a presença de um reprodutor Duroc na Central de Inseminação Artificial da Cooperativa, ficando o sêmen a disposição dos associados. Em 1986 a Cooperativa também instalou “a 1ª Cabanha Genética de Criação de Suínos”, tendo por objetivo “fornecer matrizes e reprodutores de alto padrão genético aos associados de tradição na suinocultura”, conforme destacaram os técnicos da EMATER Teutônia, em seu Relatório de Trabalho de 1986 (EMATER, Escritório Municipal Teutônia, 1986: s/p).

Assim, observa-se que até o final da década de 1980 a suinocultura foi reestruturada como um dos principais setores de atuação da Languiru. A confiança dos agricultores foi sendo, ao que tudo indica, recuperada pouco a pouco. Com a recuperação do setor, a partir do início da década de 1990, a Cooperativa buscou

estruturá-lo, a exemplo do que já vinha sendo realizado na avicultura, como um sistema de *integração vertical*.

No contexto de crise da primeira metade da década de 1980, a Cooperativa também passou a investir em outros setores. Uma das alternativas estimuladas neste contexto foi a cunicultura, que os técnicos do DAP passaram a fomentar desde 1982. Assim, em janeiro de 1983, encontra-se um artigo no Informativo Languiru em que a criação de coelhos é apresentada como “Nova alternativa com baixo investimento”, parte integrante da proposta de diversificação da Languiru:

Cooperativa, o que ela oferece para quem quer criar coelhos? Uma boa pergunta exige uma boa resposta. Para início de conversa, a Cooperativa tem um matrizeiro de coelhos e já vinha abatendo a cada semana coelhos cuja carne vem sendo vendida para o centro do país. Acontece que a Cooperativa queria ver se isto realmente era um bom negócio. E é um bom negócio. Por isto a criação de coelhos será estendida para todos os associados interessados. Além disto, o associado poderá ver com os próprios olhos a granja de coelhos da Cooperativa. É só pedir no DAP que um técnico o levará até lá e responderá a todas as suas perguntas. Afora isto, todos os associados que entrarem no projeto receberão 6 fêmeas e 1 macho da raça Nova Zelândia, cujo o peso o associado devolve já produzindo, com 4 meses. A Cooperativa também produzirá ração balanceada para alimentação complementar das fêmeas quando estas estão com cria. Outra vantagem é que não haverá cobrança de frete, pois a Cooperativa irá buscar com veículo próprio os coelhos na propriedade do associado no momento do abate (Informativo Languiru, janeiro, 1983: 12).

Todavia, ainda no ano de 1983, a integração no setor cunícula foi abandonada. Entre os agricultores entrevistados para esta pesquisa, apenas uma família iniciou na atividade em 1983, abandonando-a no mesmo ano, em função do abandono dessa atividade pela Cooperativa. Segundo os técnicos que trabalhavam no DAP, a cunicultura teria sido abandonada em seguida, por não se ter encontrado um mercado atrativo para a produção.

A apicultura foi outra alternativa incentivada pela Languiru no início dos anos 1980. Em maio de 1983 foi publicado no Informativo um artigo com vários dados referentes ao projeto apícola da Languiru:

Cooperativa cria alternativas para aumentar renda dos associados. A Cooperativa Languiru, preocupada com o seu associado, vem criando alternativas para melhorar a vida e melhorar a renda do produtor rural. Entre estas alternativas está a apicultura. Atualmente existem 61 associados no projeto apícola, os quais possuem 981 colmeias instaladas. As quantidades de colméias variam de 3 a 81 colmeias para associado. Este fomento visa criar mais uma opção para aumentar a renda familiar do produtor rural, além de ter o objetivo do consumo pelo próprio associado, pois o mel possui alto valor nutricional e medicinal. O excedente da produção é adquirido pela Cooperativa, o qual é embalado e vendido no supermercado e postos de venda em Porto Alegre. Este ano já foram adquiridos cerca de 360 quilos de mel dos associados, sendo esta uma parte da safra antes do inverno. O associado interessado em ter abelhas em sua propriedade pode obter todas as informações técnicas junto ao DAP, onde, inclusive, poderá fazer a troca de

cera bruta por cera laminada, além de comprar, a preço de custo, todos os materiais necessários para sua atividade apícola e até rainhas de linhagens puras (Informativo Languiru, maio, 1983: 5).

Todavia, em meados da década de 1980, a apicultura também foi abandonada pela Languiru. Mesmo assim, vários agricultores mantiveram-se na atividade, fundando a Associação de Apicultores de Teutônia em 1988⁷⁹.

Outra alternativa lançada neste período foi a produção de laranjas. Já em julho de 1984 anunciou-se no Informativo Languiru que a “Cooperativa Languiru comercializa 80 toneladas de laranja da produção excedente de seus associados.” (Informativo Languiru, julho, 1984: 12). Em julho de 1985, conforme publicado pelo Informativo a estimativa era colher 150 toneladas de laranja:

A Cooperativa, dentro de sua filosofia de diversificação da pequena propriedade rural, está novamente este ano comercializando a produção de laranja dos associados. 251 associados já se inscreveram no DAP para entregarem sua produção de laranjas para a Cooperativa. As laranjas já estão sendo recolhidas em pontos pré-determinados, em cada localidade, e levadas para uma indústria de sucos na cidade de Bento Gonçalves. O recolhimento atinge 32 localidades, sendo a estimativa de 150 toneladas de laranjas. No ano passado foram recolhidas 80 toneladas. O preço este ano é de Cr\$ 265 por quilo, livre do frete e dos descontos do Funrural (Informativo Languiru, julho, 1985: 3).

Entretanto, como ocorreu com os setores de cunicultura e apicultura, até meados da década de 1980 a produção de laranjas dos agricultores associados parou de ser comercializada pela Languiru.

Outra atividade fomentada pelos técnicos da Languiru foi, ainda, a criação de peixes, mais especificamente de carpas. Já em março de 1981 encontra-se um artigo, no Informativo Languiru, informando que “Os produtores interessados nesta atividade podem passar no DAP e pedir maiores informações” (Informativo Languiru, março, 1981: 4). Em maio de 1986 anunciava-se:

O peixe chega à propriedade. No final do mês de abril, por intermédio do Setor Agrônomo, o DAP realizou a distribuição de alevinos sendo beneficiados 46 associados que irão introduzir as espécies em seus açudes particulares. Os referidos alevinos foram criados no açude do Campo Experimental da Cooperativa, sendo esta uma atividade conjunta entre o DAP, Emater e prefeitura de Teutônia. Na ocasião foram distribuídos 460 alevinos de carpas, jundiás e cascudos. Face à grande procura, o setor agrônomo abriu uma lista aos associados interessados, no sentido de conseguir para futuras distribuições de alevinos atender à demanda. A intenção do DAP é transformar a criação de peixes em uma alternativa de alimentação para o produtor, podendo futuramente se tornar em uma atividade economicamente produtiva (Informativo Languiru, maio, 1986: 5).

⁷⁹ Conforme entrevistas com agricultores do município.

Neste contexto de estímulo a novas atividades a Cooperativa foi uma das instituições parceiras na implementação da Feira Livre dos Produtores Rurais de Teutônia. Todavia, a exemplo do que ocorreu com outras atividades, a Languiru também parece ter se afastado desta iniciativa nos anos subsequentes.

Assim, observa-se que a partir de meados da década de 1980 a Cooperativa voltou a centrar suas atividades nos setores de aves de corte, suínos e gado leiteiro. Segundo técnicos que trabalharam no DAP esta decisão resultou das observações relativas ao comportamento dos mercados, tendo sido vislumbradas melhores possibilidades de retornos financeiros aos investimentos feitos nesses setores.

Neste sentido, observa-se que em um contexto de acirrada crise econômica, experienciado no início da década de 1980, a Cooperativa instigou e enfatizou a necessidade de serem retomados princípios centrais da “*condição camponesa de fazer agricultura*”, ou seja, “a criação e desenvolvimento de uma base de recursos auto-controlada e auto-gerenciada, a qual permite formas de co-produção entre o homem e a natureza viva que interagem com o mercado” (Ploeg, 2008: 40). Neste sentido, pode-se observar que, para superar este contexto de crise, a Languiru valeu-se de um princípio básico da *condição camponesa*, em que “os ambientes hostis são enfrentados através da produção de renda independente, usando, basicamente, embora não exclusivamente, recursos auto-criados e auto-manejados”, como destaca Ploeg (2008: 60). Tomando este princípio como orientador de suas ações e orientações, a Cooperativa, juntamente com seu quadro de agricultores cooperativados, conseguiram enfrentar com eficácia o contexto de crise de inícios da década de 1980.

Todavia, com o passar da crise, a partir de meados da década de 1980, a Cooperativa retomou diversas ações e orientações vinculadas ao *modo empresarial de fazer agricultura*, transferindo “várias sub-tarefas de um processo integral (...) para instituições externas e agentes mercantis, controladas por estes” (Ploeg, 2008: 135). O que, em nosso caso de estudo, será observado no exame das ações e orientações da Cooperativa a partir de meados da década de 1980, analisadas na sequência deste capítulo.

2.5 Reconfigurações político-institucionais na década de 1980.

No início da década de 1980 o então presidente da Cooperativa, Elton Klepker, que havia sido uma das lideranças no processo de emancipação de Teutônia no final da

década de 1970 (Lerner, 1999), afastou-se de seu cargo para candidatar-se a prefeito do recém emancipado município de Teutônia. Ao eleger-se, Klepker salientou que as relações entre a Cooperativa e o poder municipal seriam redefinidas. Até aquele momento, as relações entre a Prefeitura do Município de Estrela (do qual Teutônia se emancipou) e a Cooperativa não haviam sido, no seu entender, muito promissoras, o que deveria mudar a partir de então. Segundo Kepler, em depoimento prestado ao Informativo Languiru, naquela época:

A palavra certa (...) será ‘entrosamento perfeito’, para o relacionamento Cooperativa e Prefeitura, ‘e não como aconteceu durante todos estes longos anos, onde a Cooperativa só esperou adversidades da Prefeitura de Estrela’. É intenção de Elton Klepker ‘mudar esta situação e fazer com que a prefeitura de Teutônia e a Cooperativa andem de mãos dadas’. Por fim Klepker salienta os benefícios que também terão os agricultores com a eleição de Soares para Governador (Informativo Languiru, dezembro, 1982: 3).

Neste sentido, compreende-se que o processo de consolidação da *integração* de agricultores familiares a Cooperativa Languiru, como forma predominante de articulação econômico-produtiva no rural teutoniense, seja expressivo da construção da área geográfica de atuação da Cooperativa como *território*, nos termos do geógrafo Rogério Haesbaert (2004; 2007). Na compreensão deste autor, o *território* deve ser compreendido enquanto imerso em relações de dominação e/ou de apropriação sociedade-espço, desdobrando-se “ao longo de um *continuum* que vai da dominação político-econômica mais 'concreta' e 'funcional' à apropriação mais subjetiva e/ou 'cultural-simbólica'” (Haesbaert, 2004: 95-96). Assim, Haesbaert chama atenção para o fato de o *território* e as dinâmicas de *territorialização* deverem ser distinguidos “de acordo com aqueles que os constroem, sejam eles indivíduos, grupos sociais/culturais, o Estado, empresas, instituições como a Igreja, etc” (Haesbaert, 2007: 22). Neste sentido, Haesbaert chama a atenção de que ao controlar-se uma “área geográfica”, ou seja, criar-se um *território*, visa-se “atingir afetar, influenciar ou controlar pessoas, fenômenos e relacionamentos” (Sack *apud* Haesbaert, 2007: 22). No caso específico do presente estudo, interessa-se pelas relações de dominação e/ou de apropriação sociedade-espço, de certa articulação econômico-produtiva na agricultura familiar, em que torna-se de crucial importância observar que a articulação que se tornou predominante, ao longo do processo histórico analisado, de *integração* de agricultores familiares a empresas agroindustriais, foi de fundamental importância na delimitação deste recorte espacial, político-institucionalmente. Para além da dominação/apropriação político-econômica mais concreta, destaca-se o fato de ao longo do processo em análise esta dinâmica de

desenvolvimento rural ter sido construída simbólico materialmente como a ‘melhor’ alternativa de articulação econômico produtiva para a agricultura familiar neste *território*. Assim, sendo de grande importância nas delimitações subjetivas do campo de possibilidades imagináveis ao desenvolvimento rural no mesmo, conforme será melhor observado ao longo deste trabalho.

Com a emancipação de Teutônia, em 1983, ocorreram diversas reconfigurações que impactaram as possibilidades de articulação econômico-produtivas dos agricultores familiares do município, em que merecem destaque: a criação do escritório municipal da EMATER, ainda em 1983; a fundação do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Teutônia, também em 1983; a estruturação de sistemas de fiscalização sanitária e tributária municipais.

A partir da criação do escritório da EMATER Teutônia, em 31 de janeiro de 1983, observa-se que os trabalhos dos técnicos alocados neste escritório foram direcionados para os setores de milho, suínos e gado leiteiro. Merece destaque a existência de uma estreita articulação entre os técnicos vinculados ao serviço público de extensão e os técnicos do DAP.

A EMATER de Teutônia teve um papel importante na criação da Feira Livre de Produtores, iniciativa que foi apoiada também, em sua fase inicial, pelo sindicato de trabalhadores rurais e pela Prefeitura Municipal. A Feira contou, inicialmente, com a participação de doze agricultores sofrendo, ao longo do tempo, um importante refluxo. Esse processo será discutido, com maior detalhe, no Capítulo 5 desta dissertação.

Outro acontecimento que impactou algumas das possibilidades de articulação econômico-produtiva, para além da *integração*, a partir da emancipação de Teutônia, foi a criação de sistemas de vigilância sanitária e tributária municipais. Segundo agricultores feirantes, os atritos com a fiscalização sanitária municipal foram constantes desde fins da década de 1980. Ao mesmo tempo, outros agricultores entrevistados salientaram que as pressões advindas dos órgãos de fiscalização sanitária e tributária municipais foram de crucial importância para que, ao longo das décadas de 1980 e 1990 fossem inviabilizadas as possibilidades de venda de sua produção nos mercados locais,⁸⁰ principalmente nos minimercados existentes no município. Juntamente com os tensionamentos advindos dos órgãos fiscalizadores, que a partir da emancipação passaram a ter uma atuação mais próxima e incisiva, a estruturação de um complexo de

⁸⁰ Em especial os de origem animal.

supermercados no município, que foi dinamizada a partir de fins da década de 1980, parece ter sido de crucial importância para que estas alternativas fossem minadas.

Neste sentido, salienta-se que já em 1976 a Cooperativa havia expandido seu supermercado localizado no bairro Languiru, conforme pontuado anteriormente. De fins da década de 1980 em diante observa-se que a Cooperativa ampliou expressivamente sua rede de supermercados na região. Em 1987 a Languiru implantou um supermercado no município de Poço das Antas, vizinho de Teutônia (Informativo Languiru, julho de 1987: 8 e 9). Na primeira metade da década de 1990 a Cooperativa implantou um supermercado no bairro Canabarro, o qual foi ampliado em 1998 (Informativo Languiru, janeiro-fevereiro, 1998: 7). Em fins da década de 1990 a Cooperativa implantou, ainda, dois supermercados na região, nos municípios de Estrela e Lajeado (Informativo Languiru, novembro-dezembro de 1998: 4 e 5).

Os expressivos investimentos realizados pela Cooperativa na ampliação de seus supermercados, em fins da década de 1990, foi no destacado no periódico da Cooperativa. No Informativo Languiru de novembro e dezembro de 1999, foi salientado que o setor de supermercados da Cooperativa estava recebendo especial atenção, conforme consta neste periódico: “O ramo de supermercados mereceu uma atenção especial, sendo aquele que, proporcionalmente, foi mais expandido. Foram implantadas novas lojas em Canabarro, Poço das Antas, Estrela e Lajeado. Todas estas transformações exigiram expressivos investimentos, cujos resultados deverão expandir as atividades produtivas dos associados, oportunizando melhores ganhos” (Informativo Languiru, novembro-dezembro de 1999: 2).

Os investimentos realizados pela Cooperativa na ampliação de sua rede de supermercados teve continuidade na década de 2000. No ano de 2000 a Languiru construiu um centro de compras no bairro Canabarro, para o qual foi transferido seu supermercado neste bairro, sendo este expressivamente ampliado (Informativo Languiru, dezembro de 2000: 5). Em fins de 2007 a Languiru iniciou as obras de construção de um centro de compras no bairro Languiru, de proporções bem maiores, para onde, em 2009, foi transferido o seu supermercado neste bairro (Informativo Languiru, dezembro de 2007: 8).

Neste sentido, destaca-se a observação de que, ao longo das décadas de 1990 e 2000, a Languiru realizou movimento inverso ao de diversas empresas e cooperativas que atuam na agroindustrialização da produção oriunda da agricultura familiar, nos setores de aves, suínos e leite, localizadas no Oeste Catarinense. Conforme destaca Mior

(2005), na décadas de 1990 e 2000, pôde-se observar que a maioria das empresas e cooperativas agroindustrializadoras, localizadas na Região Oeste do Estado de Santa Catarina, desativaram suas redes de supermercados. Este autor salienta que com o fechamento destes supermercados também foram alavancadas as possibilidades de comercialização das produções beneficiadas nas unidades produtivas dos agricultores familiares desta Região. Nas entrevistas realizadas para o desenvolvimento de nosso estudo, alguns agricultores e atores sociais vinculados ao rural teutoniense destacaram que a expansão da rede de supermercados da Cooperativa Languiru, na Região de Teutônia, ao longo das décadas de 1990 e 2000, influenciou a constrição das agroindústrias familiares e Feira Livre dos Produtores rurais, conforme analisado com maior acuidade no Capítulo 5 desta dissertação.

Com a instalação destes supermercados, ao longo das décadas de 1990 e 2000, diversas casas de comércio de pequeno porte - em funcionamento tanto na área rural como na urbana, e com as quais os agricultores mantinham um sistema de trocas⁸¹ - acabaram por encerrar suas atividades, por não poderem competir, principalmente, com os preços oferecidos por estas redes de supermercados.

Esse processo aparece descrito no relato de um de nossos entrevistados, o agricultor César Kich:

Antes (década de 1980), tu podia ir na 'vila' (centro urbano) com um tanto de ovo, de schmier, banha, essas coisas, e tu comprava o que precisava pra semana inteira. Mas agora, não tem mais como. Um, que as coisas dos colono não tem valor, né? E mesmo se tu quiser vender, tu não pode, a fiscalização não deixa, né? (...) As trocas eram feitas nos mercadinhos, com os grandes é difícil, tu tem que ter código de barra e tudo (...)⁸².

As pressões advindas dos órgãos de fiscalização, principalmente sanitária, ao longo da década de 1990, também tensionaram. Os agricultores que mantinham e vinham dinamizando iniciativas de agregação de valor à produção oriunda de suas unidades produtivas, com destaque para o beneficiamento de produção animal: queijo, salame, linguiça, banha, dentre outros. Assim, aqueles que quiseram manter-se nestas atividades, foram obrigados a formalizar suas agroindústrias familiares⁸³.

⁸¹ Os agricultores trocavam com estes comerciantes produtos como ovos, queijo, manteiga, linguiça, melado, schmier, dentre outros, por gêneros alimentícios que não produziam em suas explorações agrícolas.

⁸² Entrevista realizada em 06/07/2011, na unidade produtiva de André Kich, localizada na Linha Germano.

⁸³ Esse tema será discutido no Capítulo 5 deste trabalho.

2.6 Restrições à emergência de alternativas de organização produtiva e de comercialização paralelas a *integração* em Teutônia, nas décadas de 1990 e 2000.

Ao longo das décadas de 1990 e 2000 observa-se que um amplo conjunto de fatores foi de crucial importância para que críticas sobre os impactos sociais e ambientais do processo de modernização da agricultura ganhassem maior visibilidade no Brasil. Iniciativas de organização produtiva e de comercialização alternativas aos processos de especialização produtiva e vinculação às cadeias agroindustriais fomentados pela Revolução Verde ganharam espaço nas políticas de desenvolvimento rural (Delgado, 2009). Da mesma forma, percebe-se que a demanda por produtos com características diferenciadas, a exemplo dos naturais, orgânicos, agroecológicos e coloniais, foi paulatinamente aumentando no país ao longo deste período (Wilkinson, 2008).

Em consonância com as transformações ocorridas nesse contexto mais amplo, observa-se que a partir de fins da década de 1990 e, principalmente, na década de 2000, o poder público teutoniense passou a dar maior atenção e apoio às iniciativas de agregação de valor desenvolvidas pelos agricultores familiares do município, em especial à estruturação de agroindústrias familiares. Da mesma forma, percebe-se que as mudanças no foco de trabalho da EMATER-RS⁸⁴ instigaram os técnicos desta instituição, sobretudo da Regional da EMATER, a assessorar de uma forma mais constante os agricultores que haviam instalado agroindústrias familiares no município. Foi mencionado, em diversos depoimentos, o nome do técnico Nilo Cortez, da EMATER Regional,⁸⁵ que passou a coordenar, no final da década de 1990, o trabalho de assessoria às iniciativas desenvolvidas pelos agricultores na área de processamento. Estas mudanças contribuíram fortemente para a estruturação e consolidação de cinco agroindústrias familiares no município de Teutônia, entre os anos de 1999 e 2010. Ao comparar-se este número com a estruturação de agroindústrias familiares nos municípios vizinhos neste mesmo período, estes resultados parecem bastante modestos. No município de Estrela, do qual Teutônia se emancipou, por exemplo, foram

⁸⁴ Com a eleição de Olívio Dutra, candidato do Partido dos Trabalhadores para o Governo do Estado em 1999, as políticas de assistência técnica e extensão rural desenvolvidas pela EMATER, em articulação com outros programas e ações implementados por diferentes órgãos governamentais, sobretudo pela Secretaria da Agricultura, Pecuária e Abastecimento do estado do Rio Grande do Sul, passaram a estimular iniciativas locais voltadas à agregação de valor aos produtos da agricultura familiar e a promover a geração e disseminação de práticas de agroecológicas tendo como públicos prioritários os agricultores familiares, assentados e acampados da reforma agrária (Caporal, 1999; Da Ros, 2006),

⁸⁵ Sediada no município vizinho de Lajeado.

estruturadas, nessa época, mais de trinta agroindústrias familiares⁸⁶. Da mesma forma, pode-se observar que a criação do Programa de Aquisição de Alimentos (PAA)⁸⁷ e a reestruturação do Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE)⁸⁸, na década de 2000, instrumentos estes que tem garantido o acesso dos agricultores familiares a mercados institucionais, não ganharam maior expressão em Teutônia.

Desta forma, pode-se observar que, destarte o amplo conjunto de transformações ocorridas neste contexto, em Teutônia a alternativa de organização produtiva e de comercialização da agricultura familiar que ganhou maior dinamismo a partir da década de 1990 e ao longo da década de 2000, foi a *integração* a empresas agroindustriais, em especial nos setores de leite, aves e suínos de corte. O que pode ser claramente observado pela análise dos dados referentes ao uso do crédito rural no município, ao longo deste período. Conforme consta no Relatório de Atividades dos técnicos da EMATER Teutônia de 1999, neste ano “foram elaborados, encaminhados e liberados 656 projetos do PRONAF especial e 47 projetos do PRONAF Normal Investimento (...) Ainda com relação a crédito também foram encaminhados 2 projetos de agroindústrias” (EMATER Teutônia, 1999: 5).

Analizando o uso do PRONAF no município de Teutônia, estes técnicos constataram que:

As linhas de crédito, Pronaf A, C, D, e E, destinam em torno de 45% dos recursos na atividade leiteira (aquisição de matrizes leiteiras, homogeneizadores de leite, construção de salas de ordenha, reforma e ampliação de estábulos...), 40% na atividade de avicultura e suinocultura (construção de aviários e pocilgas, aquisição de silos e comedouros automáticos...) e 15% em diversos (rede de luz, açudagem, agroindústria, olericultura – estufa plástica, entre outros), atingindo R\$ 4.158.085,00 de investimentos no município (EMATER Teutônia, Relatório de Atividades 2007: 8).

Ao entrevistar-se os responsáveis pela liberação de crédito rural nas duas principais instituições financeiras através das quais os agricultores do município acessam o PRONAF, Ademir Martins (Banco do Brasil)⁸⁹ e Ricardo Landmeier (Banco Sicredi),⁹⁰ os mesmos foram enfáticas ao afirmar que mais de 90% dos agricultores que

⁸⁶ Dados fornecidos pela EMATER Regional de Estrela.

⁸⁷ Pelo menos até o momento em que foi concluído o trabalho de campo, nenhum projeto de aquisição de produtos da agricultura familiar através do Programa de Aquisição de Alimentos havia sido implementado em Teutônia.

⁸⁸ Nas entrevistas foram identificados dois agricultores que escoam parte de sua produção através deste Programa em Teutônia: Jacó Bayer, que comercializa hortaliças; e Auro Kich, que escoa parte de sua produção de mel através da Associação de Apicultores de Teutônia.

⁸⁹ Entrevista realizada em 06/02/2012, na unidade do Banco do Brasil, em Teutônia.

⁹⁰ Entrevista realizada em 06/02/2012, na unidade do Banco Sicredi, em Teutônia.

acessam linhas de crédito o fazem para a construção ou ampliação de atividades vinculadas a *integração*, em que destacaram os setores de leite, suínos e aves, vinculados a Cooperativa Languiru.

2.7A consolidação da *integração* a Cooperativa Languiru a partir de fins da década de 1980.

A partir de fins da década de 1980 observa-se que o mercado externo passou a ganhar cada vez maior importância no escoamento da produção da Languiru. Da mesma forma, percebe-se que a partir deste contexto os técnicos do DAP passaram a reforçar, junto aos agricultores cooperativados, a necessidade de elevarem seus índices de produtividade, incorporando novas tecnologias e formas de manejo e melhorando a genética de seus animais. As matérias publicadas no Informativo Languiru passam a afirmar, recorrentemente, que os agricultores que não conseguirem melhorar seus índices de produtividade serão excluídos da atividade.

No setor de suínos os esforços do DAP visando aumentar a produtividade dos sistemas produtivos dos agricultores associados à Cooperativa remontam aos anos 1980 (no período posterior à crise da suinocultura) e 1990. Com a consolidação do sistema de *integração* vertical o uso de rações adquiridas no mercado tornou-se um procedimento comum.

A partir de fins da década de 1980 a Cooperativa estimulou os agricultores a formarem condomínios de criação de suínos, em ciclo completo⁹¹ com financiamento do BNDES. (Informativo Languiru, agosto, 1988: 7). Em agosto de 1989 já haviam sido instalados seis condomínios de criação de suínos, construídos por associados da Cooperativa (Informativo Languiru, agosto, 1989: 10).

Todavia, já em inícios da década de 1990, a Cooperativa passou a desestimular a criação de suínos em condomínios no sistema de ciclo completo, tendo em vista que a partir deste período a Languiru passou a estruturar o setor de suínos em *integração vertical*. Em um processo de constante negociação entre Cooperativa e agricultores, o sistema de *integração vertical* de suínos foi sendo estruturado e se tornou predominante em Teutônia.

⁹¹ Neste tipo de criação o agricultor deveria possuir as criadeiras (inseminadas artificialmente) e criar os leitões desde seu nascimento até a terminação.

No setor de aves da Cooperativa a *integração vertical* já vinha sendo estruturada desde 1979, consolidando-se ao longo da década de 1980. Nas décadas de 1990 e 2000 os técnicos do DAP constantemente instigaram os agricultores a introduzir inovações em seus aviários visando alcançar aumentos de produtividade e diminuir o uso de mão de obra⁹².

Pela dinamicidade com que eram introduzidos novos equipamentos e práticas de manejo neste setor, a Cooperativa também estruturou uma granja experimental de frango de corte no início da década de 1990, testando novos equipamentos que eram, posteriormente, disseminados pela assistência técnica (Informativo Languiru, novembro, 1991: 11). Em meados de 1994 a Cooperativa ampliou as instalações existentes nessa granja implantando outros dois aviários, nos quais eram testadas tecnologias “vindas do exterior” (Informativo Languiru, julho, 1994: 12). Nos dados disponibilizados pelo IBGE acerca da produção avícola em Teutônia, pode-se observar que ocorreu uma significativa elevação no plantel, da década de 1980 a atualidade. Segundo este Instituto, em 1983 o número de cabeças de galos, frangas, frangos e pintos, era de 342.000; em 1990, era de 558.000, em 2004, era de 732.000; e em 2009, era de 1.191.400⁹³.

Em contrapartida aos investimentos realizados pelos agricultores *integrados* a Cooperativa também realizou grandes investimentos no setor de aves, visando a elevação de sua capacidade de beneficiamento e processamento da produção. Exemplo disto foram os investimentos no abatedouro de aves, em meados da década de 1990, em que a: “Cooperativa Languiru investiu US\$ 500 mil dólares na modernização de seu abatedouro de aves, localizado na Vila Schmidt – Teutônia” (Informativo Languiru, novembro, 1995: 3).

No início da década de 1990 o Informativo Languiru divulgava que o principal avanço alcançado pela Cooperativa no setor avícola estaria sendo a conquista do mercado externo (Informativo Languiru, outubro, 1992). Em julho de 1995 os técnicos da Languiru salientavam que a Cooperativa teria dado “seu primeiro passo na exportação de carnes para a Argentina”. Acreditava-se, no entanto, que este mercado

⁹² Neste sentido, foram recorrentes os anúncios de que a Languiru comercializava, em seu setor de forragens e ferramentas, equipamentos que auxiliavam o agricultor a atingir estes objetivos, a exemplo dos anúncios do Informativo Languiru de meados da década de 1990, em que foi recorrentemente anunciado aos avicultores que: “na Languiru você encontra toda a tecnologia necessária para reduzir o trabalho e aumentar a produtividade de seu lote” (Informativo Languiru, março, 1994: 11).

⁹³ Fonte: IBGE. Disponível em: <http://www.sidra.ibge.gov.br/bda/tabela/protabl.asp?c=74&z=t&o=3&i=P>. Acesso em 27/07/09.

não seria mais rentável em meados da década de 1990, “devido à modernização da avicultura e variação no câmbio do dólar.” Assim, a Languiru já estaria dando “seu segundo passo na exportação, exportando frango pra Hong Kong” (Informativo Languiru, julho, 1995: 3).

Neste sentido, destaca-se também que as relações com o mercado externo passaram a ganhar cada vez maior importância no escoamento da produção da Languiru a partir da década de 1990. No final dos anos 1990 a Cooperativa passou a estabelecer *joint ventures* com diversas empresas estrangeiras. Exemplo disto foi a criação da *joint venture* entre a Cooperativa Languiru e a empresa italiana Senfter SPA, em meados de 1998. Desta parceria surgiu a Sino dos Alpes Alimentos, empresa formada com 50% do capital da Languiru e 50% da Senfter (Informativo Languiru, maio-junho, 1998: 3). O objetivo deste empreendimento, conforme destacado no Informativo Languiru, foi “produzir, distribuir, comercializar e exportar produtos alimentícios em geral, principalmente salsichas, salames e embutidos para o mercado brasileiro e Mercosul” (Informativo Languiru, maio-junho, 1998: 3). Com a criação desta *joint venture*, anunciou-se no Informativo de 2001, que além da expansão no mercado nacional e no Mercosul “a Cooperativa Languiru, graças a sua parceria com a Senfter, teria alcançado mercados internacionais como Hong Kong, Argentina, Oriente Médio, países africanos” (Informativo Languiru, julho, 2001: 1).

No entanto, a estratégia de implementação de *joint ventures* com empresas estrangeiras foi abandonada a partir de 2002, quando nova direção assumiu a Cooperativa Languiru. O abandono desta estratégia teria se dado, segundo apontamentos publicados no Informativo pelos associados que assumiram a direção da Cooperativa em 2002, em função de seus resultados econômicos negativos.

O setor leiteiro, nas décadas de 1990 e 2000, manteve um perfil tecnológico até certo ponto semelhante ao adotado no período anterior. Abrigava o maior número de agricultores integrados, adotando práticas de manejo, equipamentos e instalações menos padronizados. O perfil dos produtores integrados manteve-se heterogêneo, com variações em termos do número de animais existentes na propriedade, sua produtividade e padrão genético. A partir de meados da década de 1980 observa-se que a Cooperativa passou a enfatizar a necessidade de elevação da produtividade dos rebanhos e a manutenção dos níveis de produtividade nos períodos de entre-safra, em vista dos grandes prejuízos que estas oscilações traziam para a indústria beneficiadora de leite. Para viabilizar estes objetivos a Languiru instigou os associados: (i) a produzir silagem

(principalmente de milho) utilizando-a como a principal fonte de alimento para as criações; (ii) a cultivar pastagens artificiais e melhorar o campo nativo com adubação, utilizando esterco de aves e suínos, adubos químicos sintéticos e introduzindo forragens de espécies exógenas (iii) a utilizar rações e concentrados como complemento alimentar, sobretudo em períodos de estiagem e entre-safra. A Cooperativa implementou, ainda, um Programa de Melhoramento Genético a partir de 1987. A incorporação dessas novas prática seria, nos termos propostos pela assistência técnica, expressão de uma “boa administração da atividade leiteira”, considerada como um ingrediente essencial para que o produtor pudesse se manter na atividades. Em contrapartida, a Cooperativa oferecia descontos aos agricultores na compra de rações da Languiru em períodos de intempéries climáticas (a exemplo das estiagens).

Registra-se, nesse setor, uma diminuição tendencial do número absoluto de vacas ordenhadas, acompanhado de uma significativa da elevação de produtividade, a partir da década de 1980. Segundo os dados do IBGE, em 1983 foram produzidos 10.423 mil litros de leite em Teutônia, a partir de um plantel de 9.207 vacas. Em 1990 foram produzidos 19.395 mil litros de leite no município, que contava com um plantel de 8.540 vacas leiteiras. Ainda segundo o IBGE, em 2004 foram produzidos 20.870 litros de leite em Teutônia, a partir de um plantel de 7.000 vacas. Em 2009 foram produzidos 27.000 mil litros de leite em Teutônia, a partir de um plantel de 7.800 vacas⁹⁴.

Verifica-se, ao mesmo tempo, a partir dos anos 1980, uma crescente preocupação com a sanidade do rebanho leiteiro, a qualidade do leite e as boas práticas de ordenha. Neste sentido, foram desenvolvidas diversas campanhas de controle de brucelose e tuberculose (juntamente com o Programa de Melhoramento Genético). A partir da década de 1990 a Cooperativa também passou a enfatizar a necessidade de os produtores estruturarem salas de ordenha mecanizadas. Apesar dos sucessivos esforços do DAP no sentido de difundir essas tecnologias observa-se que muitos agricultores associados à Languiru ainda não possuem estas instalações. O uso destes equipamentos passou a ser ainda mais fortemente estimulado a partir do momento em que a Cooperativa implementou um sistema de coleta de leite a granel coletando o produto armazenado em resfriadores de leite instalados nas unidades produtivas dos associados.

94

Fonte: IBGE. Disponível em: <http://www.sidra.ibge.gov.br/bda/tabela/protabl.asp?c=74&z=t&o=3&i=P>.

A coleta de leite a granel teria sido começada pela Languiru em parceria com a CCGL em 1985⁹⁵.

Desde a fundação da Cooperativa a produção de milho foi apontada como uma atividade de grande importância para os agricultores de Teutônia. A partir do final da década de 1980 a Languiru passou a fomentar o plantio direto de milho entre seus associados. Esta tecnologia, segundo os técnicos da instituição, permitiria reduzir os custos de produção e elevar a produtividade desta cultura. A partir de meados da década de 1990 torna-se constante a presença de empresas fabricantes de equipamentos agrícolas e produtoras de sementes de milho em tardes de campo, organizadas pelo DAP, que tinham como objetivo a disseminação de técnicas de plantio direto. Assim, ao longo da década de 2000, a parceria estabelecida pela Cooperativa Languiru e a empresa fabricante de agrotóxicos e produtora de sementes de milho Agrocere/Monsanto⁹⁶, tornou-se mais estreita. A introdução de novos cultivares transgênicos, na região de Teutônia, tecnologia associada ao plantio direto, foi fortemente influenciada pela Cooperativa⁹⁷. Com a fundação do Círculo de Máquinas Languiru, em 1993, a Cooperativa passou a organizar tardes de campo e palestras com participação de empresas de equipamentos agrícolas, interessadas, sobretudo, na disseminação de plantadeiras e pulverizadores, dirigidas aos agricultores integrantes do Círculo.

A criação do Círculo de Máquinas Languiru tornou-se um marco na mecanização agrícola na área de atuação da Cooperativa. De 1993 em diante, o Círculo de Máquinas foi fundamental na disseminação de inovações tecnológicas relacionadas ao plantio direto, manejo de pastagens, pulverização e colheita.

No início da década de 2000 a Cooperativa começou a apresentar resultados econômicos negativos (Informativo Languiru, junho, 2002: 6), o que tensionou a redefinição do quadro diretivo da Cooperativa e de suas diretrizes de ação. No início de

⁹⁵ Em dezembro de 1992 foi anunciado no Informativo Languiru que 32% do leite recebido pela Languiru já estava sendo coletado a granel. E em outubro de 1993 foi anunciado que dentro de um ano e meio toda a produção de leite dos cooperativados da Languiru passaria a ser realizada a granel, diretamente nos resfriadores de leite dos agricultores.

⁹⁶ A divisão de milho da Agrocere, a maior empresa brasileira de sementes, à época, foi comprada pela Monsanto em 1997. No ano anterior a Monsanto já havia adquirido a FT Sementes, empresa brasileira líder na área de soja. (Cordeiro et al, 2007).

⁹⁷ Ao longo do trabalho de campo, no ano de 2011, o autor estabeleceu contatos com os Agricultores Ecológicos de Forquetinha, no município de Arroio do Meio. Em conversa informal com uma das agricultoras, pertencente à associação, realizada em outubro de 2011, esta relatou que a expansão do uso de sementes transgênicas na região do Vale do Taquari havia iniciado no município de Teutônia. Assim, em 2009, um grupo de agricultores contrários a expansão de cultivares transgênicos na região, realizou um protesto, destruindo a plantação de milho transgênico de um agricultor teutoniense, cooperativado à Languiru.

2002 elegeram-se como presidente e vice-presidente da Cooperativa, respectivamente, os engenheiros agrônomos Dirceu Bayer e Renato Kreimeier. Em maio de 2003 o novo presidente da Cooperativa realizou publicou extenso artigo no Informativo Languiru, sobre a situação da Cooperativa, sistematizando as modificações de estratégia implementadas a partir do ano de 2002. Nesta explanação tornam-se bastante claras as medidas tomadas buscando sanear as contas da Languiru. A origem da crise vivida pela Cooperativa estaria, sobretudo, nas parcerias estabelecidas através *joint venturies* que estariam dando prejuízo⁹⁸.

Os pleitos da nova direção buscando auxílio do poder público e de seus órgãos financeiros para conseguir reverter o quadro de prejuízos através de dispositivos como o refinanciamento de dívidas foram recorrentemente anunciados no Informativo Languiru ao longo da década de 2000. Já em agosto de 2002 a Cooperativa Languiru recebeu a visita do Secretário de Estado da Agricultura e Abastecimento, Angelo Menegat, que ocorreu como um desdobramento da visita realizada pela nova diretoria ao vice-governador Miguel Rosseto. Em sua visita à Teutônia o Secretário Angelo Menegat confirmou: “o apoio do governo estadual aos projetos da Cooperativa” (Informativo Languiru, setembro, 2002: 5).

Da mesma forma, integrantes da nova direção da Cooperativa realizaram recorrentes visitas a políticos em Brasília e Porto Alegre, nos anos de 2002 e 2003, com a finalidade de apresentar o projeto de reestruturação da Languiru e solicitar apoio para a renegociação de suas dívidas, bem como financiamento para seus novos planos de ação. Foram visitados o Banrisul, o Banco do Brasil e a Caixa Econômica. Nestas visitas, observa-se que o caráter cooperativo da Languiru foi sempre afirmado, sendo também valorizado pelos diversos interlocutores⁹⁹. Com o mesmo objetivo, ou seja, buscar apoios para a superação da crise, foram também realizadas em 2002 e 2003 diversas reuniões com os prefeitos e demais autoridades públicas municipais da área de atuação da Cooperativa. Assim, em maio de 2003 a Cooperativa realizou um encontro

⁹⁸ Em depoimento concedido ao Informativo Languiru, no qual comenta os esforços da nova diretoria na recuperação da Cooperativa Bayer salientou que “Todo este trabalho (...) é permanentemente acompanhado por uma auditoria externa, que aponta as necessárias correções de rumo e prima pela veracidade dos números apurados.” (Informativo Languiru, maio, 2003: 5). A contratação de assessorias externas, bem como uma auditoria externa para exame dos procedimentos administrativos e operacionais, expressa a situação de crise vivenciada, naquele momento, pela Cooperativa.

⁹⁹ Secretário de Agricultura Angelo Menegat, que participou da comitiva de representantes do poder público estadual que visitou a Cooperativa em meados de 2002: “é com gosto que batalhamos junto ao Banrisul por recursos para empreendimentos como o da Languiru. (...) a Languiru é uma cooperativa nossa, constituída por gente de nossa terra. É este o modelo de empresa que deve ser assistido pelo governo” (Informativo Languiru, setembro, 2002: 5).

com os prefeitos, que “também garantiram apoio às mudanças necessárias para a estabilização e o crescimento da Languiru” (Informativo Languiru, junho, 2003: 7)¹⁰⁰.

Neste contexto, a nova direção da Cooperativa também passou a frisar a necessidade de “trazer o associado cada vez mais próximo da Cooperativa, fazendo com que se sinta parte ativa do processo, demonstrando transparência”¹⁰¹ (Informativo Languiru, junho, 2003: 7). A nova direção empenhava-se, segundo os depoimentos veiculados pelo Informativo, em esclarecer o associado dos passos dados pela Cooperativa na reestruturação da mesma, em um processo no qual as cooperativados eram convidados a participar, expondo suas opiniões. A “filosofia de unir a família Languiru”, repetida como um slogan, tornou-se, a partir desta época, uma bandeira nas edições do Informativo que tivemos a oportunidade de consultar¹⁰².

Ao longo deste processo a Cooperativa foi sendo reestruturada economicamente, chegando à atualidade com grande estabilidade e consolidada nos três setores em que veio se especializando ao longo destes anos: aves, suínos e gado leiteiro¹⁰³. Cabe observar, aqui, que o caráter cooperativo da instituição foi de grande relevância, tanto para respaldar suas solicitações frente aos representantes dos poderes públicos e seus órgãos financeiros, como também em sua interação com associados.

Expressão disso é o fato de que, atualmente, dos 1.027 estabelecimentos rurais em Teutônia, identificados pelo Censo Agropecuário de 2006, 578 eram integrados à Cooperativa Languiru, sendo 479 em leite, 84 em aves e 113 em suínos (Banco de dados da Cooperativa Languiru, referente ao ano de 2011)¹⁰⁴. O mesmo também pode ser observado na descrição das principais atividades econômicas na agricultura do

¹⁰⁰ Dentre os auxílios recebidos pela Cooperativa das prefeituras municipais, destacam-se os da prefeitura de Teutônia. Exemplo disto ocorre em fins de 2004 quando “a Cooperativa Languiru foi contemplada com um auxílio de R\$ 33 mil destinado pela prefeitura de Teutônia”. Este valor seria utilizado “para o pagamento de uma área de terras de 3,3 hectares, adquirida pela Cooperativa da Fundação Agrícola Teutônia. No local está sendo instalada a Laticínios Languiru” (Informativo Languiru, dezembro, 2004: 2).

¹⁰¹ Engenheiro agrônomo, que iniciou suas atividades na Cooperativa no DAP.

¹⁰² As bonificações dadas pela Cooperativa foram, também, constantemente noticiadas. A partir de agosto de 2006 foram veiculadas, por exemplo, uma série de reportagens sobre os benefícios oferecidos aos associados da Cooperativa portadores do Cartão Azul. Para ser portador deste cartão o associado deve entregar sua produção à Languiru, contrapartida exigida dos associados pela Cooperativa.

¹⁰³ Processo em que se observa que o caráter cooperativo da instituição foi de grande relevância, tanto para respaldar suas solicitações frente aos representantes dos poderes públicos e seus órgãos financeiros, como também em sua interação com associados.

¹⁰⁴ Esta porcentagem se torna ainda mais expressiva ao perceber-se que, no contexto atual, um número significativo de estabelecimentos rurais em Teutônia não tem mais a produção agrícola como o seu principal motivo de existência, sendo mantidos por pessoas idosas que tem na aposentadoria sua principal fonte de renda, registrando-se ainda a presença, no meio rural, de uma quantidade expressiva de sítios de recreação.

Teutônia, realizada pelos técnicos do escritório da EMATER municipal, em 2001. No raios territorial de atuação da Cooperativa, Teutônia continua tendo posição proeminente, sediando a grande parte de suas unidades industriais e de agricultores integrados. Segundo dados da própria Cooperativa, “atualmente são 350 associados com infra-estrutura para a criação e/ou engorda de 9.000 suínos por mês”, dos quais 113 são de Teutônia. No setor de aves são 300 associados atuando nesta atividade, com uma capacidade de produção de 2.000.000 frangos por mês, dos 84 são de Teutônia. No setor leiteiro, atualmente, são “1.500 associados, que produzem um total de 130 mil litros de leite por dia”, dos quais 479 são de Teutônia¹⁰⁵.

Para além de sua inserção e consolidação no município de Teutônia, destaca-se a observação de que ao longo deste processo, principalmente a partir de fins da década de 1980, a área de atuação da Languiru se estendeu para outros municípios e regiões. Atualmente a Cooperativa Languiru atua em treze municípios. Na Região do Vale do Taquari a empresa integra agricultores, possui unidades agroindustrializadoras e supermercados nos municípios de Teutônia, Westfália, Bom Retiro do Sul, Cruzeiro do Sul, Estrela, Imigrante e Poço das Antas. As unidades de processamento e supermercados da Languiru estão espalhadas, ainda, pelos municípios sul rio-grandenses de Cachoeirinha, Garibaldi, Ijuí, Passo Fundo, Pelotas, Santa Cruz do Sul. Em 2011 o quadro de associados da Languiru era composto por 4,5 mil cooperados. No conjunto das unidades da Cooperativa, espalhadas por estes municípios, estima-se que 25 mil pessoas trabalhem direta ou indiretamente na Languiru. Em outubro de 2011, a revista Amanhã, em parceria com a consultoria Price Water Houser Coopers (PwC), divulgou o ranking Grandes & Líderes/500 Maiores do Sul. No levantamento realizado acerca das 100 maiores empresas do Rio Grande do Sul, a Languiru figura na 66ª posição. Entre as 500 maiores empresas da Região Sul do País, a Cooperativa ocupa o 167º lugar (O interior: jornal do cooperativismo gaúcho, ano 37, número 1019, novembro de 2010: 21).

Atualmente, a Languiru fabrica um leque de cerca de 256 produtos, em que se destacam as linhas de leites, iogurtes e bebidas lácteas (marca Mimi), frangos fracionados, embutidos e rações. Os setores de leite e suínos possuem tem como principal mercado o Brasil. Já a linha de frangos, é exportada para mais de 40 países,

¹⁰⁵ Fonte: http://www.languiru.com.br/novo_site/integracao.html (Acessado em: 23/09/2012).

com destaque para os continentes asiático, africano, América do Sul e Central, além do Oriente Médio.

A partir deste conjunto de dados, pode-se observar a expressiva magnitude que a Cooperativa Languiru atingiu ao longo destes anos. A estruturação deste vasto complexo agroindustrial foi, em grande parte, alavancada, conforme buscou se demonstrar ao longo deste capítulo, pelo forte apoio estatal recebido, a exemplo do recebimento de uma máquina de ensacamento de leite do Governo Estadual em 1963, e apoio recebido de agentes dos poderes públicos (municipal, estadual e federal) no contexto de crise interna da Cooperativa, em inícios da década de 2000.

Da mesma forma, pode-se observar que a dinamização das atividades da Cooperativa, a partir de meados da década de 1980, esteve fundamentada na lógica do *modo empresarial de fazer agricultura*. Ou seja, como destaca Ploeg (2008), por meio do aprofundamento de relações

de dependência entre instituições externas e seus agentes e as unidades agrícolas envolvidas. Essas relações de dependência são de dupla natureza: elas incluem novas relações mercantis, bem como relações técnico-administrativas através das quais o processo de trabalho na unidade é prescrito, condicionado e controlado (Ploeg, 2008: 135).

Entre as motivações e resultados da hegemonização do *modo empresarial de fazer agricultura*, que foi disseminado e dinamizado no processo de aprofundamento da modernização da agricultura, na maior parcela do globo terrestre, a partir de meados do século XX, Ploeg (2008) destaca duas questões. Primeiramente, que este *modo de fazer agricultura*, pautado centralmente na especialização produtiva com constantes elevações escalares de produção, vem ganhando cada vez mais espaço, em vista de ser concebido como melhor forma para se enfrentar o cenário econômico agressivo e instável, de aprofundamento da liberalização e globalização econômica, observados, no caso brasileiro, especialmente nas últimas décadas. Em contraste a esta visão, Ploeg (2008: 165) destaca que o resultado mais evidente da dinamização e homogeneização do *modo empresarial de fazer agricultura*, será sua auto-erosão. Pois,

a globalização e a liberalização, tal como estão avançando atualmente, eliminarão as próprias condições necessárias à reprodução (aumentada) do modo empresarial de fazer agricultura. Para realizar um aumento em escala acelerado (necessário para enfrentar a competição global esperada), são necessários investimentos elevados que resultam em níveis elevados de custos fixos. A atividade das empresas de grande escala irá requerer tecnologias que implicam em níveis elevados de insumos (entre outros, de energia) e, conseqüentemente, níveis relativamente elevados de custos variáveis. Assim, será criada uma estrutura empresarial bastante rígida, enquanto as margens permanecerão baixas. Tudo indica que estas empresas

serão altamente vulneráveis em épocas de turbulência e de preços relativamente baixos e instáveis (Ploeg, 2008: 164).

Se, neste processo de auto-erosão, a Cooperativa Languiru também irá acabar “mordendo sua própria cauda”, conforme vislumbrado por Ploeg (2008) acerca do desenvolvimento do *modo empresarial de fazer agricultura* de maneira geral, não podemos, neste momento, afirmar nada. Pois, este processo ainda está em curso e também não é o objetivo central do presente trabalho, que visa compreender de que forma a *integração* de agricultores familiares à Cooperativa Languiru consolidou-se, historicamente, como uma trajetória de “sucesso” e de permanência na agricultura e no espaço rural. Desta forma, no presente estudo, mais que as tendências futuras da Cooperativa em suas interações com os agricultores cooperativados, interessa-se em como as mesmas foram sendo construídas, dando respostas específicas e conformando determinadas percepções que permitiram a consolidação desta lógica de articulação econômico-produtiva em Teutônia. O que busca-se aprofundar no estudo desenvolvido nos capítulos subsequentes.

Com a análise empreendida ao longo deste capítulo observou-se que as articulações econômico-produtivas com os circuitos mercantis, estabelecidas pelos agricultores desde o início do processo de colonização de Teutônia, sempre foram combinadas, de diferentes formas, com uma produção voltada para a subsistência, em que as *experiências* de “envolvimento nesta dupla face da atividade produtiva” geraram “um saber específico, que pode ser transmitido através das gerações sucessivas e que serviu de base para o enfrentamento – vitorioso ou não – da precariedade e da instabilidade”, como coloca Wanderley, de maneira mais geral acerca da agricultura familiar no Brasil (1996: 12).

Desde meados do século XIX uma parcela importante da produção oriunda das unidades produtivas familiares foi comercializada em diferentes mercados através de ‘casas de comércio’ implantadas nas diferentes *linhas* rurais. Na primeira metade do século XX foi ocorrendo certa especialização produtiva na região centrada, principalmente, na produção de laticínios e suínos. Esta produção era comercializada por comerciantes locais, pequenas cooperativas, e recém criadas indústrias beneficiadoras. A partir de meados do século XX a Cooperativa Languiru passou a assumir um papel importante na produção, processamento e comercialização de

produtos agrícolas na região. Entre 1950 e 1970 a Languiru foi paulatinamente assumindo o controle sobre o processamento da produção entregue pelos agricultores associados, com a estruturação de um complexo agroindustrial em aves, suínos e leite. Com a dinamização do complexo agroindustrial e a expansão do setor coureiro calçadista na região, a partir da década de 1970, expandiram-se as oportunidades de trabalho não agrícola. A partir da década de 1980 alternativas de produção e comercialização paralelas à *integração* agroindustrial também passaram a ganhar maior atenção por parte dos agricultores do município e entidades voltadas ao desenvolvimento rural regional. Assim, em 1985 foi criada a Feira Livre dos Produtores Rurais de Teutônia. Todavia, estas iniciativas não conseguiram ganhar dinamismo ao longo das décadas seguintes. A partir de fins da década de 1990 e ao longo dos anos 2000, outras iniciativas passaram a ganhar maior atenção, com destaque a criação de agroindústrias familiares. Entretanto, a dinamização destas alternativas foi bastante modesta se comparada aos municípios vizinhos. No contexto de crise econômica da primeira metade da década de 1980, a Cooperativa também buscou diversificar seus setores de atuação, instigando seu quadro de associados a trabalharem na produção cunícula, melífera, dentre outras. Atrelada a esta diversificação produtiva, a Languiru passou a orientar seu quadro de agricultores cooperativados a dependerem o menos possível de insumos industrializados neste contexto de crise, fazendo uso central de insumos produtivos oriundos e criados na própria unidade produtiva. Todavia, com o passar da crise, observou-se que a partir de meados da década de 1980 a Cooperativa redefiniu suas orientações aos agricultores cooperativados, voltando a instigar os mesmos a fazerem amplo uso de insumos adquiridos nos mercados, como também foi paulatinamente abandonando os novos setores de atuação a partir de meados desta década. Assim, a partir de meados da década de 1980 a Cooperativa voltou a centrar suas atividades apenas nos setores de leite, aves e suínos alcançando, em cada um deles, sucessivos aumentos de produtividade e estruturando um expressivo complexo agroindustrial.

A partir desta análise observa-se que o processo de configurações e reconfigurações no *rural* teutoniense só pode ser compreendido em suas interconexões, mutuas, intermitentes e assimétricas, com as diversas transformações na estrutura social mais ampla, tanto nas iniciativas via *integração* quanto na criação de alternativas paralelas a esta. Em que se entende que somente a partir do exame destas interconexões seja possível analisar as relações de força e poder na estruturação das diferentes

alternativas produtivas e de comercialização no rural teutoniense, conforme será aprofundado nos Capítulos 4 e 5 desta dissertação.

Todavia, se por um lado, esta caracterização das configurações e reconfigurações no rural teutoniense, em que foram conformados os repertórios de possibilidades de articulação econômica-produtiva pelos e aos agricultores familiares da região, só podem ser lidas a partir de uma análise que leve em conta estas interconexões com as transformações sociais de mais amplo escopo, por outro, inferir-se uma compreensão deste processo a partir de tal exame, parece ser bastante limitado. Pois, desta forma, deixa-se de analisar como as mulheres e homens *experienciaram* este processo, lançando mão de diferentes estratégias, que nada tem de linear, e em que o lançar mão de uma estratégia não impossibilita manter-se articulado com outra. Como destacam Long e Ploeg (2011), “as forças sociais remotas e de larga escala alteram de fato as chances de vida e os comportamentos dos indivíduos”, entretanto, “elas só podem fazê-lo através da configuração, direta ou indireta, das experiências e percepções da vida cotidiana dos indivíduos em questão” (2011: 23). Assim, considera-se que somente a partir do exame da construção deste processo em âmbito ‘local’ possa-se compreender quais foram os atores sociais com capacidade de *agência* construídos e consolidados, sem lhe atribuir este potencial *a priori*. O que motiva a análise empreendida no próximo capítulo deste trabalho.

3.Experiências de agricultores familiares nas transformações no rural de Teutônia.

*“Com aquilo que gente tinha,
ia sempre tentando melhorar,
né?”*

(Fragmento de entrevista realizado com um agricultor de Teutônia)



Imagens realizadas durante as pesquisas de campo – 2011/2012

Este capítulo tem como objetivo analisar as diferentes maneiras como os agricultores e agricultoras *experienciaram* o processo de modernização da agricultura e as transformações do mundo rural em Teutônia, a partir da década de 1970. A análise busca articular dois planos distintos de reflexão. Busca reconstituir, por um lado, os distintos modos como os agricultores e agricultoras de Teutônia, compreendidos aqui como indivíduos, mas, também, como integrantes de um determinado grupo familiar, vivenciaram transformações estruturais ocorridas em seu universo social, construindo estratégias, tomando decisões, processando experiências e delineando formas de enfrentar a vida. Esta seção do trabalho procura, além disso, analisar as interfaces estabelecidas entre os agricultores e determinados atores sociais que tiveram um papel importante na estruturação dos arranjos técnico-produtivos e de mercado que viabilizaram o processo de modernização nesse contexto específico. Procura-se, aqui, delinear os processos através dos quais determinados agentes vão se constituindo como atores fundamentais em uma determinada configuração social, mobilizando determinados recursos e agenciando outros atores.

3.1Experienciando as transformações no rural teutoniense.

Já em meados do ano de 2010, quando realizei as primeiras entrevistas desta pesquisa, tornou-se bastante claro o imbricamento existente, na trajetória das famílias de

agricultores, entre o tamanho da unidade produtiva, as atividades econômicas ali desenvolvidas, os investimentos realizados, alterações ocorridas ao longo do tempo na conformação do grupo familiar e as transformações do ambiente econômico, social e cultural no qual as famílias e os estabelecimentos agrícolas estavam inseridos. Os dados que iam sendo recolhidos a campo apontavam fortemente o fato de que cada trajetória era resultado da confluência entre diferentes fatores, não podendo ser explicada ou reduzida a um aspecto, entre os acima mencionados, como determinante.

Estas questões foram se tornando cada vez mais explícitas no decorrer da pesquisa, mesmo não tendo se constituído, inicialmente, como foco principal de nossa investigação. Isso se tornou flagrante, sobretudo, nas entrevistas realizadas já na segunda etapa do trabalho de campo e que tiveram como foco as transformações ocorridas nos arranjos sócio-produtivos das unidades de produção familiar existentes em Teutônia, tomando como horizonte temporal as décadas de 1980, 1990 e 2000 e trabalhando com base em uma amostra qualitativa.

As entrevistas com questionários semi-estruturados, referentes a estes três contextos, décadas de 1980, 1990 e 2000, foram realizados com 16 famílias de agricultores. Estas famílias foram selecionadas a partir da atual conformação de suas unidades produtivas, visando-se abarcar as três trajetórias observadas como sendo típicas no rural teutoniense: permanência de indivíduos mais idosos a frente das atividades produtivas, integração agroindustrial, estruturação de agroindústrias familiares e escoamento via Feira Livre dos Produtores rurais. Conforme já apontado, as duas primeiras trajetórias podem ser observadas como predominantes, atualmente, no rural teutoniense. Assim, na seleção de famílias entrevistadas, que expressassem estas trajetórias, buscou-se abarcar as mais diversas entre as mesmas, acerca, por exemplo, de sua localização geográfica (diferentes *linhas*) e, magnitude e diversidade das atividades desenvolvidas em integração. Como o número de famílias de agricultores que seguiram a terceira trajetória, em Teutônia, foram bastante reduzidas, entrevistou-se as três famílias que fazem parte da Feira atualmente, duas que haviam participado do início desta atividade e depois a abandonaram e cinco famílias que estruturaram suas agroindústrias a partir de fins da década de 1990. Assim, foi possível realizar entrevistas com os questionários semi estruturados com quase todos agricultores do município que tiveram sua trajetória marcada pela estruturação de arranjos produtivos e de comercialização alternativos a integração.

Com o objetivo de examinar os resultados destas entrevistas, serão apresentadas, no que segue, sete trajetórias familiares e de suas unidades produtivas, dentre o universo entrevistado. Com as quais busca-se proporcionar ao leitor um panorama da diversidade de trajetórias das famílias de agricultores teutonienses, apresentando-se: a trajetória de duas famílias que atualmente são integradas nos setores de leite e suínos à Cooperativa Languiru, uma família integrada no setor leiteiro e que presta serviços no Círculo de Máquinas da Cooperativa, uma família integrada à Languiru nos setores de aves e leite, duas famílias que estruturaram suas agroindústrias no período mais recente e que são integradas a Languiru no setor leiteiro, como, ainda, uma família em que apenas os indivíduos mais idosos permaneceram na mesma.

*Família Broenstrup*¹⁰⁶

No inverno de 2010, no interregno entre os cursos assistidos no Rio de Janeiro e a retomada das aulas, me foi possível retornar à Teutônia e passar uma semana no município. Nesta semana saí a campo com vistas a realizar algumas entrevistas piloto e com elas desenvolver o trabalho de final de curso de uma das disciplinas cursadas no primeiro semestre. Assim, no início de uma tarde fria de inverno, adentramos a unidade produtiva da família Broenstrup¹⁰⁷. Ao chegar na residência de Nilo Broenstrup, seu ex-genro¹⁰⁸ estava de saída. Ficamos sabendo, depois, que ele viera passear um pouco, levando, como um presente, alguns gêneros alimentícios (aipim, frutas e ovos). Após os cumprimentos iniciais, seguidos de comentários sobre o frio, expliquei quem eu era, a qual família pertencia e quais eram as minhas intenções. Fomos convidados, então, a entrar na residência da família para tomar um chimarrão e realizar a entrevista.

Nilo começou explicando como estava organizada atualmente sua unidade produtiva e qual tinha sido a trajetória percorrida até chegar ao arranjo atual. Depois do seu casamento, em fins da década de 1960, Broenstrup construiu sua residência ao lado

¹⁰⁶ Visando a não exposição dos indivíduos entrevistados, os nomes apresentados são fictícios. A origem étnica dos sobrenomes foram mantidas, alterando-se os mesmos para outros encontrados na região pesquisada.

¹⁰⁷ Na visita a propriedade da família Broenstrup, minha mãe e meu irmão (em férias de suas atividades como professor) me acompanharam. A presença de minha mãe foi de crucial importância para o reconhecimento de quem éramos e assim sermos aceitos de prontidão. Minha mãe também nasceu no meio rural de Teutônia, tendo sido logo reconhecida pelo entrevistado. Ela domina, além disso, com muito mais habilidade do que eu, o que facilita muito a comunicação com os agricultores, principalmente os mais idosos. Aproveito para registrar meu agradecimento a ambos.

¹⁰⁸ Que havia sido casado com a filha mais nova do casal.

da casa de seus pais. Os irmãos de Nilo haviam saído do meio rural para trabalhar nos centros urbanos nos municípios de Teutônia e Estrela.

No início da década de 1970, Nilo foi trabalhar em uma indústria no bairro Canabarro. Todavia, após alguns meses de trabalho, percebeu que não conseguia se adaptar ao “chão de fábrica” e saiu da indústria para voltar a trabalhar em sua unidade produtiva. Logo após o casamento de Nilo, seu pai faleceu. Assim, o filho assumiu a unidade produtiva, comprando os 18 hectares de terra de sua mãe¹⁰⁹.

Desde 1974 Broenstrup é cooperativado à Languiru no setor de leite. Entretanto, em fins da década de 1990 foi constatado pelos técnicos da Cooperativa que suas vacas estavam com tuberculose. Teve que parar de produzir leite por alguns meses, retomando a atividade posteriormente. Até o momento da entrevista, mantinha-se cooperativado à Languiru.

No momento em que foi identificado o surto de tuberculose em seu plantel, Nilo tomou a decisão de investir em outra linha de produção. Desta forma, a partir de conversas com os técnicos do Departamento Agropecuário da Languiru (DAP) e com outros agricultores no Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Teutônia, o agricultor decidiu investir na criação de suínos, que lhe pareceu ser uma das atividades mais interessantes e que melhor se adaptava à sua família, pelo fato de ocupar menos mão-de-obra do que a avicultura e proporcionar retornos econômicos significativos. Nilo procurou, então, a EMATER visando elaborar o projeto de construção de seu chiqueiro e obter licenciamento ambiental do mesmo. A partir do que procurou as entidades financeiras (Banco do Brasil e Sicredi) que poderiam lhe financiar o investimento. Desta forma, em 1999, o agricultor construiu um chiqueiro para a terminação de suínos, atividade que passou a desenvolver em sistema de *integração* com a Cooperativa. Nos anos 2000 Nilo construiu mais um chiqueiro, cujo financiamento ainda estava sendo pago no momento de realização da entrevista.

Broenstrup e sua esposa tiveram três filhas. As duas primeiras casaram-se com rapazes de outras *linhas* na década de 1990 e foram residir junto com os maridos em seus estabelecimentos agrícolas. A filha mais nova casou-se e ficou residindo com o marido junto com os pais, trabalhando em Canabarro, bairro de Teutônia, próximo à *linha* São Jacó onde reside a família. Seu marido trabalhava para uma empresa de transporte coletivo que realiza o transporte de grande parte dos trabalhadores da *linha*

¹⁰⁹ A qual, até a data de realização da entrevista, residia na casa ao lado de Nilo com 104 anos.

São Jacó que trabalham para as indústrias do setor coureiro-calçadista do bairro Canabarro. Juntamente com as atividades não agrícolas, o casal trabalhava na unidade produtiva da família Broenstrup. Segundo Nilo, este genro “era minha esperança, quem daria continuidade no trabalho aqui”. Todavia, em fins da década de 2000 o casal se separou, indo o genro de Nilo morar na cidade de Lajeado. Sua filha optou por residir no bairro Canabarro, onde trabalhava.

Em função destas mudanças, o agricultor estava decidido, no momento da entrevista, a trabalhar na agricultura somente por mais alguns anos, de modo a arcar com as dívidas que lhe restam do último chiqueiro construído. Pretendia, posteriormente, segundo informou, reduzir as atividades agrícolas desenvolvidas na propriedade, evitando fazer grandes investimentos, pois não haveria ninguém para dar continuidade às mesmas. Poderia, por exemplo, comprar um trator, mas conseguia, naquele momento, realizar manualmente a maior parte das atividades produtivas. Quando necessitava de maquinário, podia contar com o apoio do Círculo de Máquinas da Cooperativa.

A partir desta entrevista comecei a perceber que a existência, ou não, de alguém que dê continuidade às atividades produtivas na propriedade da família é um elemento fundamental nas estratégias traçadas pelos agricultores. Como tive a oportunidade de constatar, a dinamização econômica da unidade não conduz necessariamente os indivíduos mais jovens a permanecer na agricultura ou no meio rural. Os investimentos realizados nas propriedades podem atender a diferentes estratégias, sendo influenciados, de diferentes maneiras, pelas trajetórias e perspectivas futuras dos diferentes indivíduos que integram o grupo familiar. Assim, seria limitado falar de uma sequência unilinear, ou de relações de causa e consequência entre tamanho da unidade produtiva, as atividades agrícolas ali desenvolvidas, investimentos produtivos, estratégias de reprodução familiar e as trajetórias individuais dos distintos integrantes do grupo familiar. Estas questões foram se tornando cada vez mais explícitas no decorrer da pesquisa, mesmo não tendo se constituído, inicialmente, como foco principal de nossa investigação.

*Família Eidelwein*¹¹⁰

¹¹⁰ As unidades produtivas serão denominadas a partir dos nomes que constam nos registros municipais sobre produção.

Numa tarde da terça feira, dia cinco de julho de 2011, entrevistei a família do agricultor Nestor Eidelwein, em sua unidade produtiva, que fica na zona rural do bairro Languiru. Desta entrevista participaram Nestor, Maria (sua esposa) e João (um de seus dois filhos). Importante observar que os dois filhos do agricultor trabalham e residem, atualmente, na unidade produtiva. Nestor e seus dois filhos são integrados à Cooperativa Languiru nos setores de aves de corte e gado leiteiro. A área que a família trabalha é de quinze hectares, dos quais seis não podem ser usados para a agricultura, por estarem situados em uma área coberta por um banhado. Nestor herdou a UP de seus pais, assumindo-a na década de 1960.

Segundo os entrevistados, na década de 1980, viviam na unidade produtiva as seguintes pessoas: Nestor, que tinha, então, 38 anos, sua esposa, com 32 anos e os dois filhos, com 13 e 11 anos respectivamente. Nestor havia concluído o ensino médio juntamente com o curso de Técnico em Administração Rural no Colégio Agrícola de Teutônia. Maria havia estudado até a quinta série do ensino fundamental. Seus dois filhos cursavam, na época, o ensino fundamental. Nestor trabalhava integralmente na agricultura, juntamente com a esposa - também dedicada aos trabalhos domésticos, e os filhos, que apoiavam os pais nas tarefas agrícolas, além de estudarem. Assim, na década de 1980 a família praticamente não contratava mão de obra, apenas algumas horas de serviço de um vizinho para lavrar as terras. Neste período, a família de Nestor não tinha nenhuma outra fonte de renda que não fosse a produção agropecuária. A infra-estrutura existente na propriedade era composta por uma residência de cerca de 140 m² e que havia sido construída na década de 1940, um galpão de cerca de 200 m², construído no mesmo período que a casa, e que abrigava criações diversas, além de um chiqueiro de 100 m², construído na década de 1950. Em 1981 a família construiu seu primeiro aviário, instalando outros dois em 1984, todos com cerca de 210 m². A família cultivava, além disso: quatro hectares de milho, cuja produção era totalmente consumida na propriedade; três hectares de soja, entregues para a fábrica de rações da Cooperativa Languiru; um hectare e meio de feijão, destinado ao consumo da família; um hectare e meio de cana-de-açúcar, utilizado na alimentação dos animais. A família produzia, além disso, frutas e legumes para o autoconsumo. Havia plantado também dois hectares de eucalipto cuja madeira foi utilizada na construção dos aviários instalados na propriedade e, posteriormente, como fonte de energia para a calefação instalada nos aviários. Como foi reforçado por Maria “isto foi tudo a mão, na enxada e na foice, nesta época, né? Isso, coisa tipo a soja, nem vale mais a pena hoje em dia”. Na

década de 1980 a família possuía cerca de oito vacas leiteiras, cuja produção era entregue para a Cooperativa, além de quinze galinhas poedeiras e dois suínos. Havia também iniciado uma pequena criação de coelhos. Como observou Maria: “a gente chegou a ter uns coelhos na década de 1980, mas logo isso parou, né?” Como foi relatado pela família, sua criação de suínos havia sido estagnada em fins da década de 1970. Vacinas aplicadas pelo veterinário da Cooperativa teriam provocado, segundo os agricultores, a morte de todos os animais pertencentes à família. Esse episódio foi lembrado por Maria, por ocasião da entrevista:

Nós sempre tinha bastante porco, mas um tempo antes eles tinha morrido tudo, né? Eram dezoito porco e porca, tinha morrido tudo. Eles acharam que era doença de porco, né? Aí fizeram a vacina, aí morreu tudo. Naquela vez foi o (veterinário da Cooperativa) quem fez a vacina. Depois ele falou que a vacina tava estragada. Isso foi aqui, e mais um morador lá na Boa Vista. Lá um porco conseguiu fugir do chiqueiro, antes de ser vacinado, e esse porco não morreu.

Destaca-se, aqui, a observação de que este episódio, morte da criação de suínos da família e início de criação cunícula, não surgiram espontaneamente na entrevista. Inicialmente, os entrevistados apenas apontaram que em fins da década de 1970 haviam parado com a criação de suínos. Frente a isto, questionei-os sobre os motivos que os levaram a eliminar a criação de suínos e se haviam iniciado outra atividade. A partir deste questionamento que os entrevistados pontuaram o observado acima.

Na década de 1980, vários eram os produtos processados pela família na unidade produtiva: *schmier*,¹¹¹ nata, linguiça, banha, dentre outros, todos destinados ao consumo familiar. Parte da carne oriunda do abate anual de suínos (dois por ano) e bovinos (um por ano), destinados ao consumo da família, era revendida a vizinhos e terceiros. Neste período a família tinha duas carroças, uma ordenhadeira e um moedor de pastos, ambos adquiridos em fins da década de 1970. Naquela época adubos químicos e agrotóxicos eram pouco utilizados. Como observou Nestor: “naquela época não precisava muito adubo e veneno, isso não precisava quase nada em 1980.” Depois que os aviários foram construídos, o esterco produzido pelos frangos passou a ser de fundamental importância para a adubação. Se nos anos 1980 a principal atividade econômica desenvolvida na propriedade era a produção de leite, aos poucos a criação de aves foi ganhando importância, chegando a ter, no final da década, importância equivalente à atividade leiteira. Tanto a produção avícola como a leiteira eram realizadas em integração com a

¹¹¹ *Schmier* é um doce de frutas em forma pastosa, muito similar à geleia. O nome é oriundo do termo alemão *schmieren*, que significa untar, borrar.

Cooperativa Languiru, sendo a criação de aves desenvolvida em sistema de *integração vertical*. Apenas cerca de vinte por cento do que era consumido pela família era adquirido no mercado, segundo Maria:

naquela vez, não se comprava tanto como nem hoje, né? Se comprava,... feijão tinha mesmo. Se comprava farinha, café, sal, açúcar. Uns vinte por cento que se comprava. E aí ainda se comprava com os ovos, né? (...) Naquele tempo se levava os ovos na venda aqui da *Linha*, e com estes se comprava grande parte das coisas. E algumas coisas na Languiru (Supermercado da Cooperativa), que se comprava com a conta do leite.

Quando questionados sobre a forma como eram decidida a organização produtiva na unidade familiar, os entrevistados destacaram que estas discussões se davam, fundamentalmente, entre os membros da família, mas também observando, muitas vezes, formas de manejo e tecnologias utilizadas pelos vizinhos. Neste sentido, os Nestor salientou: “Se algum vizinho testava uma coisa e desse certo, os outros iam atrás. Isso um fazia, os outros iam atrás naquele tempo, né? (risos).” Todavia, mesmo que os entrevistados não tenham frisado a importância da assistência técnica acerca das decisões de organização produtiva, observou-se que, já no contexto da década de 1980, a família recebia assistência técnica dos técnicos do DAP. Na produção leiteira os técnicos compareciam na propriedade somente quando eram chamados. No caso da produção de frangos, as visitas eram programadas. Dentre os bens de consumo duráveis pertencentes à família, naquela época, os entrevistados mencionaram uma motocicleta, uma geladeira e um televisor.

Em meados da década de 1990 o perfil do grupo familiar residente na unidade produtiva já havia se modificado. Moravam na propriedade: Nestor e sua esposa; o filho mais velho de Nestor, então com vinte e oito anos, sua esposa com vinte e quatro anos e o primeiro neto de Nestor, nascido em 1993; o segundo filho de Nestor com vinte e seis anos, sua esposa com vinte e dois e a filha do casal, que em 1995 já havia completado dois anos. Nestor, sua esposa e o filho mais velho trabalhavam integralmente na UP. O segundo filho do casal trabalhava na Elegê Alimentos¹¹² e na criação de frangos da família. A decisão do filho mais novo de combinar atividades dentro e fora da propriedade foi tomada no início da década de 1990, quando uma peste obrigou a família deixar os aviários vazios durante três meses. Nesta ocasião, o jovem resolveu buscar, também, uma ocupação fora da agricultura, seguindo o exemplo de outros moradores desta *linha*. As duas noras trabalhavam em fábricas de calçados

¹¹² Empresa adquirida pelo grupo empresarial Brasil Food Alimentos em fins da década de 2000, mas mantendo como nome fantasia Elegê Alimentos, até o momento de realização da pesquisa.

realizando trabalhos domésticos em suas residências. No início dos anos 1990 a família adquiriu, também, uma residência no bairro Languiru cujo aluguel tornou-se uma renda extra. Para além da casa original da família, que foi reformada e ampliada, foram construídas em 1991 e 1995 duas outras casas, cada uma delas com cerca de 150 m², que passaram a abrigar as duas novas famílias. O restante da infra-estrutura era composta por um galpão e três aviários, que iam sendo reformados ao longo do tempo mas não ampliados. A superfície da unidade produtiva era ocupada, também, por cinco hectares de milho e um hectare de cana-de-açúcar. O milho era aproveitado integralmente, nessa época, para a produção de silagem para o gado leiteiro. O serviço de ensilamento era realizado por um vizinho, prestador de serviços integrado ao Circulo de Máquinas. A família passou a utilizar a técnica de silagem, já no início da década de 1990, por perceber seus bons resultados nas propriedades de vizinhos e por contar com o apoio do vizinho prestador de serviço. Continuavam plantando um hectare de eucalipto, totalmente utilizado para o aquecimento dos aviários e como fonte de madeira para a realização de reparos em sua estrutura. Parte da lenha necessária era, no entanto, comprada de vizinhos. A família tinha cerca de oito vacas leiteiras, criava cerca de seis mil frangos por lote (que ficavam no aviário por um período equivalente a sessenta dias), mantinha cerca de quinze galinhas poedeiras e dois suínos. Neste contexto, a atividade leiteira havia passado para a segunda em importância econômica na UP, em vista de os frangos serem responsáveis por cerca de oitenta por cento dos recursos monetários gerados pela unidade produtiva.

Além dos equipamentos agrícolas que já possuíam na década de 1980, a família adquiriu em 1993 um pequeno trator empregado no transporte de silagem, cama de aviário, ração, dentre outros serviços. Investiu também em um resfriador de leite a granel, comprado em 1995. A quantidade de adubos químicos solúveis comprados pelos agricultores havia se reduzido, pois todo o esterco produzido pelos frangos era utilizado na adubação. O esterco de frango também era empregado no pagamento das horas de trabalho dos vizinhos que auxiliavam na limpeza e no revirar das camas dos aviários, procedimentos realizados em cada troca de lote. Neste período a família passou a adquirir cerca de 50% do que consumia no supermercado da Languiru continuando a produzir o restante dos alimentos na propriedade. Quando indagados sobre o modo como eram tomadas as decisões relacionadas à produção agrícola os agricultores ressaltaram que, no caso dos frangos tinham que seguir as “ordens” os técnicos da Cooperativa, já nas demais atividades deram maior destaque para as discussões

realizadas no interior da própria família e para o costume de observar as práticas de vizinhos. Os técnicos do DAP eram os únicos a prestarem assistência técnica, sendo chamados quando ocorriam problemas na atividade leiteira, continuando a realizar visitas técnicas, relativamente frequentes, de acompanhamento à produção de frangos. Nesse momento de sua trajetória as três famílias residentes no estabelecimento agrícola possuíam dois automóveis, três televisores, um telefone, três geladeiras, três freezers e três máquinas de lavar roupas.

Em 2010 a composição do grupo familiar residente na unidade produtiva não havia sofrido modificações em relação ao período anterior. O neto, atualmente com 17 anos, estuda e auxilia em alguns serviços no estabelecimento agrícola, já a neta, com a mesma idade, apenas estuda. Em meados dos anos 2000 Nestor e sua esposa se aposentaram. O galpão e as três casas haviam sido pintados e reformados, mas não ampliados. No ano de 2008 a família construiu mais um aviário. Os outros três aviários já existentes foram ampliados ao longo desta década. No momento da entrevista existiam, portanto, na propriedade, quatro aviários, cada um deles com 780 m², contando, todos eles, com comedouros automáticos. Cada lote de frangos passou a ser de 43 mil aves, com tempo de criação equivalente a 41 dias para frangos machos e 32 dias para as fêmeas. A criação de frangos passou a responder por 85% das entradas monetárias na propriedade, sendo os demais recursos originários da produção leiteira, também desenvolvida em regime de integração com a Languiru. A área cultivada sofreu poucas alterações nesse período. Em 2004 a família comprou um resfriador de leite a granel, com maior capacidade de armazenamento e em 2010 adquiriu um trator de maior potência. Todavia, para a plantação de milho em sistema de plantio direto e confecção de silagem, a família continua contratando prestadores de serviços do Circulo de Máquinas Languiru.

Em relação ao processo de tomada de decisão na propriedade Nestor salientou que “primeiro se discute com a família, depois com os técnicos da cooperativa também, né? Mas nos frangos não tem, pois aí é como eles querem (risos).” No que se refere aos bens de consumo, a principal variação teria sido a aquisição de duas motocicletas e um automóvel novo. Os demais veículos existentes foram trocados por modelos mais novos.

Comparando estes três períodos de sua trajetória (anos 1980, 1990 e 2000) os membros da família de Nestor que tivemos a oportunidade de entrevistar consideraram que atualmente vivenciam seu melhor momento. Isto se deveria às linhas de crédito

terem sido ampliadas e facilitadas. A pequena diminuição ocorrida no preço de leite teria sido compensada pela elevação no preço dos frangos. Quando perderam todo o plantel de suínos, no final dos anos 1970, estes agricultores buscaram estruturar outra atividade, complementar à produção de leite, sendo que a criação de frangos lhes pareceu ser a melhor opção, pois como colocou Nestor:

a Cooperativa tava querendo mais produtor de frango naquele período (início da década de 1980). E esta parecia ser a atividade que dava mais retorno (financeiro) naquele período, pelo que dava pra ver com os vizinhos. E nós também nunca podia produzir muito milho, e naquele tempo se tinha que produzir quase todo o milho, pra criar porco. Isso até hoje é mais ou menos assim.

A criação de frangos de corte é considerada pela família como sendo a melhor atividade econômica dentre as opções possíveis para os agricultores de Teutônia. Entretanto, os mesmos frisam que a mesma demanda muito trabalho, em comparação a criação de suínos, por exemplo. Ao questionar-se sobre as perspectivas de futuro na agricultura em Teutônia, todos salientaram que podem ser boas, graças à *integração*, destacando a necessidade de combinar duas atividades, criação de frangos e produção de leite ou criação de suínos e produção de leite.

Família Bayer

No início da tarde do dia 16 de agosto de 2011 realizei uma entrevista com o agricultor Francisco Bayer, em sua unidade produtiva, localizada na Linha Germano Fundos. Desta entrevista, além de Francisco, participaram Fabio Bayer (filho de Francisco), Ademir Spellmeier (genro), Fabiane Bayer (filha). Atualmente a família é integrada à Cooperativa Languiru na produção de suínos e gado leiteiro.

Segundo os entrevistados, na década de 1980 residiam na unidade produtiva as seguintes pessoas: Francisco, sua esposa, seu pai e sua mãe, todos com o ensino fundamental incompleto. Em 1981 nasceu o primeiro filho de Francisco e em 1986 a filha. Todos os adultos trabalhavam integralmente no estabelecimento agrícola, sendo que a mãe e a esposa de Francisco também realizavam trabalhos domésticos. O pai de Francisco faleceu em 1983, quando Francisco tornou-se responsável pela propriedade. Nesta época não havia nenhum funcionário contratado ou qualquer outra entrada de renda além das atividades agropecuárias. A propriedade da família era de vinte e cinco hectares, ocupados, em sua totalidade, com atividades agropecuárias. Além desta área, a família tinha plantado três hectares de acácia em parceria nas terras de um vizinho. Este “mato” era vendido a cada sete anos, em média. Neste período a família morava em

uma casa de madeira, construída em 1956, com cerca de 100 m². Existiam, ainda, no estabelecimento, dois galpões que abrigavam as criações e eram utilizados para trabalhos diversos, mas que estavam, naquele momento, “um pouco velhos”, segundo afirmou Francisco. A produção vegetal era constituída por 5 ha de milho – consumido na propriedade, 5 ha de soja – produto que era integralmente comercializado e 1 ha de feijão para consumo familiar. Frutas e verduras eram produzidas na unidade produtiva, sendo destinadas ao autoconsumo. A família possuía cerca de vinte vacas leiteiras, sendo a produção de leite em integração com a Languiru a principal atividade produtiva do estabelecimento. A segunda atividade em importância era a criação de suínos, com um plantel que oscilava entre dez e vinte animais, que eram revendidos ao vizinho, que os carneava e comercializava a carne nos centros urbanos da região. Dos antepassados haviam aprendido a processar banha, schmier, nata e linguiça, produção toda ela destinada ao consumo doméstico. A família possuía duas carroças e em 1979 adquiriu um trator de 65 cv, financiado pelo Banco do Brasil. No ano de 1975 foi comprado um moedor de pastos e em 1980 foram adquiridos vários implementos para o trator e uma ordenhadeira. A aquisição de adubos químicos e outros insumos externos, segundo relataram os agricultores, era bastante reduzida nesse período. As decisões relativas à produção eram tomadas essencialmente pela família, sendo que a assistência técnica prestada pela Cooperativa à produção de leite resumia-se a serviços de inseminação artificial e visitas do médico veterinário demandas somente em casos mais graves. A família possuía um automóvel, um televisor, uma geladeira, um freezer e uma máquina de lavar roupas.

Em meados da década de 1990 residiam na unidade produtiva basicamente as mesmas pessoas, com exceção do pai de Francisco, falecido em 1983. Fabio, com cerca de 15 anos, passou a auxiliar nos trabalhos da unidade produtiva mas continuava estudando. No final dos anos 1980 e início da década de 1990 a família adquiriu três casas no bairro Canabarro, que foram alugadas. Durante a década de 1990 a mãe de Francisco se aposentou e, em 1995, Francisco e seus irmãos resolveram realizar a partilha das terras. Ele era o único filho que havia permanecido na unidade produtiva. Todos os irmãos venderam a ele suas partes na herança e Francisco ficou com os vinte e cinco hectares. Para adquirir estas terras Francisco vendeu duas das residências que tinha no bairro Canabarro. A família continuava residindo na mesma casa, mas esta foi ampliada. Mantinha, ainda, os dois galpões, que também foram reformados. Em 1999 Francisco construiu um chiqueiro para a terminação de suínos. Assim, a família passou

a produzir lotes de cerca de 120 suínos, em regime de *integração vertical* com a Cooperativa Languiru. Desta forma, a criação de suínos passou a ter importância equivalente à da atividade leiteira. A produção, gerada por cerca de 30 vacas, era vendida, também para a Languiru. A área plantada de milho cresceu a época, totalizando 9 hectares, sendo esta produção convertida integralmente em silagem. A família plantava, ainda, seis hectares de soja, produto encaminhado à Fábrica de Rações da Languiru, um hectare e meio de cana-de-açúcar e uma área equivalente de feijão, consumidos na propriedade. Nos anos 1990 foram realizados, ainda, alguns investimentos. O trator que existia na propriedade foi trocado por um novo modelo de 75 cv; em 1994 foi adquirido um resfriador de leite a granel. Em 1997 Francisco, juntamente com dois vizinhos, comprou uma ensiladeira, um pulverizador e uma plantadeira. Todavia, nos anos seguintes todos os parceiros adquiriram estes mesmos equipamentos para uso individual. Com a produção de suínos todo o esterco passou a ser utilizado como adubo, reduzindo-se a utilização de adubos químicos sintéticos. Nesta época, segundo estimativas feitas por Francisco, cerca de 50% dos alimentos consumidos pela família eram comprados no supermercado da Languiru, o restante da alimentação era produzida no próprio estabelecimento agrícola. A família também passou a utilizar financiamentos destinados ao custeio da produção e à realização de determinados investimentos, como a reforma do chiqueiro. Entre estes financiamentos, Francisco destacou o PRONAF. As visitas dos técnicos do DAP eram, ao que tudo indica, comuns nos anos 1990. Estes buscavam estimular a família para que passasse a criar suínos em regime de integração. A partir da implantação do chiqueiro para a terminação de suínos as tecnologias adotadas passaram, segundo nos informou a família, a ser estipuladas pelos técnicos. O único bem de consumo durável, de maior relevância, adquirido nesse período foi uma motocicleta.

Em 2008 a filha de Francisco casou e o genro veio morar com a família. O filho e a filha de Francisco completaram o ensino médio, e seu genro o possui incompleto. Todos trabalham integralmente na UP, sendo que a esposa de Francisco e sua filha realizam trabalhos domésticos em suas respectivas residências. A mãe de Francisco não auxilia mais nos trabalhos, pois já estava, na ocasião da entrevista, com 80 anos. Os mais jovens (o filho e a filha) concluíram o ensino médio, sendo que o genro de Francisco não chegou a finalizar esta etapa de sua formação. A família informou nunca ter contratado trabalhadores para realizar serviços na unidade produtiva. Entre as rendas não agrícolas, além da aposentadoria da mãe, foi mencionado o aluguel da casa situada

no bairro Canabarro. Entre os investimentos realizados destacam-se a aquisição de 7 hectares de terras, vendidos pelos vizinhos e a construção da casa onde hoje residem a filha e o genro, com 100 m². A casa de Francisco, os galpões existentes na propriedade assim como o chiqueiro foram reformados e ampliados na última década. As tendências no sentido de um aumento de escala da produção de suínos tornam-se ainda mais visíveis pelo fato de que a família construiu nesse período um novo chiqueiro, com 185 m², foi ampliada, também, a produção de milho, que hoje ocupa uma área de 20 há, sendo integralmente utilizado na fabricação de silagem para o gado leiteiro. Cultivam-se, ainda, 12 hectares de soja, repassados para a fábrica de rações da Cooperativa, três hectares de cana-de-açúcar, e cerca de meio hectare de feijão, além de frutas e legumes, consumidos pela família. Foram implantados, também, dois hectares de eucalipto, utilizados na construção e reforma dos chiqueiros. O efetivo animal existente na propriedade foi significativamente ampliado, com um plantel de 45 vacas leiteiras e 840 suínos por lote, com rotatividade de aproximadamente três meses. O aumento de escala da produção animal seria um resultado da combinação da produção de suínos e gado leiteiro. Segundo Francisco os próprios técnicos do DAP teriam destacado que “o próprio esterco ia dá o adubo, né? Assim, nós podia produzir mais leite também”.

O trator da família foi trocado e dois novos tratores foram adquiridos nesse período. Em 2006 foi comprado um trator de 83 cv, em 2007 um de 105 cv e em 2011 um outro modelo de 140 cv. Além destes, foram adquiridos ainda: um novo resfriador (em 2000), uma nova ordenhadeira (em 2003), um novo pulverizador (em 2000) e uma nova plantadeira em 2005. Atualmente as duas principais fontes de renda são os suínos e a produção leiteira, que se equivalem em importância, sendo que ambas são desenvolvidas em regime de integração com a Cooperativa. Neste período a família passou a adquirir cerca de 60% dos alimentos consumidos nos supermercados da Languiru, sendo o restante produzido na própria unidade produtiva. Entre os financiamentos, Francisco destacou a importância do PRONAF custeio, que vem sendo acessado ano a ano, e do PRONAF Mais Alimentos, que foi de grande relevância para a aquisição dos tratores.

As decisões relativas à organização produtiva da propriedade são tomadas conjuntamente pelos membros da família, mas as visitas dos técnicos do DAP ao estabelecimento são uma constante. Os agricultores participam, também, frequentemente, das palestras e dias de campo promovidos pelos técnicos dos setores de

leite e suínos do DAP. Em relação à assistência técnica do DAP na criação de suínos a filha de Francisco comentou: “eles falam como, e a gente faz (risos)”.

Nos últimos anos o automóvel foi trocado por uma caminhoneta cabinada, a motocicleta foi trocada por uma nova, tendo sido comprados, ainda, um freezer, uma geladeira e uma máquina de lavar utilizados pela filha e pelo genro.

Ao comparar estes três períodos da história de sua família, Francisco considerou o atual como sendo o melhor. Isso se deve, principalmente, à complementaridade estabelecida entre a criação de suínos e a produção de leite. O uso do esterco de suínos nas lavouras permitiu elevar a produção e a produtividade, destacando a dinamização das pastagens e, conseqüentemente, aumento na quantidade de silagem disponível na propriedade¹¹³. Se ocorre algum tipo de crise em um dos dois setores (suínos ou leite), seus efeitos já não são sentidos de forma tão drástica. A família optou por combinar esses dois tipos de produção em função de sua trajetória, pois sempre se dedicaram a essas duas atividades, ainda que as mesmas não fossem praticadas em sistema de integração. Dispunham na propriedade, além disso, de espaço disponível para a construção de chiqueiros. De acordo com os padrões estabelecidos pela Languiru em fins da década de 1990, nesse mesmo espaço não seria possível construir aviários.

Como observou Fabio, um dos filhos de Francisco: “nós já criava porco, aí era melhor continuar na atividade. O espaço que a gente tem aqui também era ruim pra fazer um aviário, como eu te falei, não tem cem metros planos”. Ao que Francisco complementou: “nós também observava que os suínos estavam dando um bom resultado. Os vizinhos que criavam tinham um bom resultado com as criações”.

Ao ser questionado sobre quais seriam as melhores opções de atividades econômicas para os agricultores de Teutônia, Francisco mencionou os três setores em que a Cooperativa trabalha em regime de integração, preferencialmente a combinação de dois deles. Nas palavras do agricultor:

Acho que um destes três, leite, suínos ou aves. Em *integração*. Pra nós aqui (agricultores de Teutônia), são as que dão mais renda. Porque plantar milho (pra vender), estas coisas, isso dá uma seca, uma coisa, tu depende muito do tempo. (...) E assim, não é bom só uma coisa, pois com duas, se uma coisa não vai bem a outra te segura. Por isso não é bom ir só no leite, ou só no suíno, ou só no frango. (...) Por isso a própria Cooperativa já é em frango, leite e suínos. Aí a Cooperativa já incentiva isso.

¹¹³ O número de animais foi elevado, entretanto, os entrevistados destacaram que com a maior disponibilidade de pastagens, dinamizadas com a adubação oriunda da criação de suínos, as elevações de produtividade foram mais expressivas do que a elevação no número de animais.

Família Diederich.

A entrevista com o agricultor Ivo Diederich foi realizada no mês de agosto, na unidade produtiva de sua família, localizada na zona rural do bairro Canabarro. Atualmente a família de Diederich possui um restaurante rural em sua propriedade, bem como uma agroindústria familiar que processa carne de suínos e bovinos, produzidos pela família ou adquiridos de terceiros. São também integrados à Cooperativa Languiru na produção de leite. Ivo e sua família fizeram parte da estruturação da Rota Germânica em Teutônia. A família participa dessa iniciativa desde sua origem, em 2001¹¹⁴. A unidade produtiva possui 24 hectares, pertencendo a Ivo e duas irmãs. Uma das irmãs trabalha, juntamente com a família de Ivo, nos empreendimentos familiares. A primogênita mora no município vizinho de Imigrante não trabalhando na unidade produtiva.

Nos anos 1980 o grupo familiar residente na propriedade era formado pelo pai de Ivo, então, com 54 anos; sua mãe com a mesma idade, Ivo, que tinha 32 anos; sua esposa, com 33 anos e suas duas filhas, de quatro e oito anos. A irmã mais nova de Ivo, com 22 anos, morava ainda na propriedade. Esta irmã casou-se e reside, atualmente, no município vizinho de Imigrante. Em 1982 nasceu sua terceira filha.

Ivo, sua esposa e seus pais possuem o ensino fundamental completo. A irmã que reside na unidade produtiva concluiu o ensino médio. No momento da entrevista todos os adultos dedicavam-se ao trabalho na unidade produtiva em tempo integral, sendo que as mulheres realizavam, também, uma série de serviços domésticos. A família não costumava contratar mão de obra e não dispunha de outras fontes de renda que não fosse a atividade agropecuária.

Quando realizei a entrevista existiam na propriedade duas casas de cerca de 150 m² cada, uma muito antiga, em estilo Einxaimel, característico das áreas de colonização alemã, e outra construída nos anos 1940. Havia ainda três galpões, que abrigavam criações diversas. Os 20 hectares de milho produzidos anualmente na propriedade eram integralmente utilizados fundamentalmente na alimentação dos animais. A família cultivava, ainda, 1,5 ha de feijão para consumo familiar e no restaurante, 1,5 ha de cana para alimentação dos animais produzindo, ainda, legumes e frutas consumidos pela família e no restaurante.

¹¹⁴ Ivo foi o 1º presidente da Rota Germânica.

Na década de 1980 a família possuía cerca de oito vacas leiteiras e 100 suínos, sendo o leite e a carne suína destinados ao mercado. Os demais animais, a exemplo das galinhas poedeiras eram criados para consumo doméstico. Até 1985 o leite era vendido ao vizinho, que possuía uma agroindústria de queijos¹¹⁵. De meados dos anos 1980 a meados da década de 1990 o leite passou a ser vendido para a unidade de resfriamento da Corlac, sediada no município de Estrela. Até a década de 1990 a família vendia suínos para a Cooperativa. Estes eram manejados em sistema de criação de ciclo completo. A produção de leite e a produção de suínos figuravam como as principais atividades econômicas desenvolvidas pela família. Vários eram os produtos processados na unidade produtiva: schmier, nata, lingüiça, banha, entre outros, todos para consumo próprio¹¹⁶. Em 1975 a família adquiriu um trator de 62 cv, financiado pelo Banco do Brasil. Possuíam, ainda, outros implementos incluindo duas carroças. Em fins da década de 1970 adquiriram uma ordenhadeira e um moedor de pastos. Adubos químicos solúveis e agrotóxicos eram pouco utilizados pela família, mas costumavam adquirir concentrados, que eram adicionados ao milho produzido na unidade produtiva, reforçando a alimentação dos animais.

Até 1985 esse concentrado era revendido pelo vizinho, que comercializava sua produção de queijos na capital do estado e de lá também trazia o produto. Posteriormente, a família passou a adquirir os concentrados na Cooperativa. Apenas cerca de trinta por cento do que era consumido pela família era adquirido nos supermercados do município. Neste período, as discussões frente a organização produtiva se davam com os técnicos da Cooperativa, mas, essencialmente, entre a família e pela observação dos manejos de vizinhos, segundo Ivo. Os bens de consumo duráveis mais expressivos seriam um automóvel, uma geladeira, um televisor, e uma máquina de lavar roupas.

O restaurante rural que hoje é gerenciado pela família foi estruturado no final dos anos 1980. No decorrer da década de 1990 foi surgindo a necessidade de abater os animais, de forma a abastecer o restaurante. Perceberam também que produtos beneficiados na propriedade poderiam ser vendidos aos clientes do recém criado estabelecimento. Por esse motivo, decidiram implantar uma pequena unidade agroindustrial destinada ao abate e processamento de embutidos. Esta unidade foi

¹¹⁵ Em 1985 esta agroindústria foi fechada.

¹¹⁶ Neste sentido, destaca-se a observação de que a grande maioria destes agricultores, mesmo que comercializando parte desta produção processada na unidade, não contabilizam estas vendas como representativo de renda econômica.

estruturada com recursos próprios, ainda que a família tivesse informação sobre linhas de crédito que poderiam ser eventualmente acessadas com esse objetivo. O restaurante e a agroindústria familiar tornaram-se a principal fonte de renda da família.

Em meados dos anos 1990 o grupo familiar residente na unidade produtiva era composto por dez pessoas: Ivo, sua esposa, seus pais, suas duas filhas, a irmã, o marido e seus dois filhos. Em fins da década de 1980 a irmã de Ivo se casou e seu marido veio residir com a família da esposa. O casal teve uma filha em 1992 e um filho em 1994. O marido da irmã de Ivo trabalhava fora da unidade produtiva em tempo integral, como vendedor, auxiliando nas atividades agropecuárias nas horas de “folga”. Os demais adultos trabalhavam integralmente na unidade produtiva sendo que as mulheres dedicavam-se também aos serviços domésticos. A família costumava contratar mão de obra para serviços na propriedade.

Nesta época, além das duas casas citadas acima, foi construída mais uma residência para a família da irmã de Ivo. Também eram mantidos os três galpões utilizados para fins diversos. As áreas de produção vegetal não sofreram maiores alterações em comparação com o período anterior, mas o milho passou a ser processado e armazenado em forma de silagem. Existiam na propriedade cerca de 13 vacas leiteiras e aproximadamente 50 suínos, além dos animais para consumo doméstico.

A partir de 1994 a família passou a vender sua produção de leite para a Cooperativa Languiru. No final dos anos 1990 passaram a abater os suínos em sua agroindústria familiar. O rebanho bovino também foi ampliado, sendo parte desses animais destinada ao abate na agroindústria familiar. Os agricultores começaram também a adquirir bovinos e suínos de diferentes fornecedores, ativando sua unidade de beneficiamento.

Em 1995 foi adquirido outro trator, com 80 cv, além de uma ensiladeira e uma plantadeira. Em meados dos anos 1990 aproximadamente 50% dos alimentos consumidos pela família já eram adquiridos em supermercados.

Em 2010 o pai de Ivo e o marido de sua irmã já haviam falecido. As duas filhas do agricultor concluíram seus cursos superiores e não voltaram a morar na propriedade. Sua sobrinha também foi morar fora do estabelecimento agrícola com o objetivo de estudar. A partir do ano 2000 a família passou a contratar o trabalho de quatro diaristas que passaram a trabalhar no frigorífico. Outros diaristas passaram a trabalhar nos finais de semana no restaurante. Estão atualmente envolvidos nas atividades agropecuárias, na agroindústria e no restaurante os seguintes membros da família: Ivo, sua esposa, sua

irmã e a filha de sua irmã, que no momento da entrevista estava com 19 anos. Segundo Ivo, a filha de sua irmã é “a grande esperança” de que as atividades da família na UP tenham continuidade. Quando foi realizada a entrevista esta, além de desenvolver diferentes atividades na unidade produtiva, estava cursando uma graduação em Administração em uma instituição de ensino superior da região.

As instalações existentes na propriedade sofreram alterações muito significativas em relação ao período anterior. O efetivo de gado leiteiro manteve-se mais ou menos o mesmo, sendo sua produção vendida à Languiru. Ivo salientou que se mantinha nesta atividade “pela assistência, para não cair fora. Pois a Cooperativa oferece insumos, e várias coisas em assistência”. Além do rebanho leiteiro, a família mantém cerca de trinta bovinos de corte e quinze suínos. Na agroindústria familiar são abatidos, semanalmente, cerca de quatro bovinos e quatro suínos. Para manter a agroindústria em atividade, a família deu continuidade à prática de adquirir animais de outras propriedades do município. Os produtos oriundos da agroindústria familiar, essencialmente embutidos de carne suína e bovina, são vendidos em mercados de menor porte existentes em Teutônia. São comercializados, também, diretamente aos consumidores nos seguintes locais: na própria unidade produtiva - onde é realizada uma pequena feira semanal nas quintas-feiras, no restaurante da família e de porta em porta nas áreas urbanas do município. Para a realização destas vendas a família possui dois furgões. Contam, além disso, com outros três veículos utilitários.

Entre as principais atividades econômicas desenvolvidas na unidade produtiva figuram, em primeiro lugar, a agroindústria familiar, em segundo, o restaurante e, por fim, a produção de leite, com pouca expressão econômica em comparação com as demais atividades. Os técnicos do DAP fornecem assistência técnica às lavouras e à produção de leite. No que diz respeito à agroindústria, o apoio da EMATER municipal e do escritório regional da EMATER, em especial do técnico da EMATER regional Nilo Cortez. A assistência prestada por Cortez, segundo os entrevistados, foi fundamental, possibilitando a adequação do empreendimento às normas sanitárias e o acesso aos fornecedores do maquinário. Ivo destacou, também, o auxílio recebido da Prefeitura Municipal, a partir do final da década de 1990, na implantação de sua agroindústria, sendo que os serviços de inspeção veterinária são prestados pela Secretaria da Agricultura do município.

Quando indagado sobre as perspectivas futuras da agricultura familiar em Teutônia Ivo destacou a estruturação de agroindústrias familiares mas, sobretudo, a

integração, sistema esse que poderia ser viabilizado em diferentes tipos de unidades produtivas, inclusive naquelas mais distantes dos centros urbanos.

Segundo o agricultor o sistema de *integração*, implantado no município a partir do final dos anos 1980 e na década de 1990 teria produzido uma série de mudanças tanto materiais, na estrutura das unidades produtivas, como na mentalidade dos agricultores:

Isso, o pessoal hoje, se tu tira a *integração*, isso não fica mais nada. Isso, nas partes de morro, isso foi tudo pela *integração*. Daí eles tiram o esterco pras plantações. (...) Isso dá pra dizer, chega numa propriedade onde tem uma *integração*, isso tem um chiqueiro, ou um aviário, tu já pode ver ali, tu olha pra dentro da garagem, já tem um carrinho mais ou menos. Isso já tem uma mentalidade diferente, no pátio, tu chega, assim, galpões, isso tudo já é diferente. Eles participam de palestras, isso é um pessoal, assim, um pouco mais instruído já. (...) eu sei de pessoas, assim, que trabalham com a gente aqui nos finais de semana (no restaurante), colaborando, né? Troca de serviço, eu faço serviço pra eles; o que essa família mudou, eu digo mudou, depois que se integraram, fizeram um aviário, e agora já fizeram outro, e assim, a mentalidade deles é diferente, a linguagem deles, um espírito empreendedor, né?

Família Schaffer

Na tarde de 30 de agosto de 2011 entrevistei Nair Schaffer e seu esposo, Carlos Schaffer, em sua unidade produtiva de 6 hectares, localizada na Linha Boa Vista. Atualmente a família tem como principais atividades econômicas a prestação de serviços para o Círculo de Máquinas da Cooperativa Languiru e a criação de gado leiteiro. Vieram residir neste estabelecimento agrícola em fins da década de 1980. Até 2003, pagavam um salário mínimo de aluguel aos proprietários da terra. Em 2003 conseguiram comprar esta mesma propriedade através do programa Banco da Terra. Em 2011 ainda estavam pagando este financiamento. A propriedade foi registrada no nome de Nair e do filho do casal, Felipe, pois Carlos sempre trabalhou no serviço público municipal, como maquinista.

Em fins da década de 1980 residiam nesta unidade produtiva os seguintes membros da família: Carlos - nascido em 1957, Nair – nascida em 1961 e Felipe - nascido em 1986. Carlos estudou até a quinta série e Nair até a oitava série do ensino fundamental. Carlos trabalhava na Prefeitura de Teutônia e nas horas de “folga” também trabalhava na unidade produtiva. Nair dedicava-se integralmente ao estabelecimento agrícola e aos serviços domésticos. A infraestrutura existente na exploração agrícola neste período incluía um galpão de 70 m² construído nos anos 1950 e a residência da família com 70 m², construída na mesma época. Os agricultores

cultivavam 3 ha de milho destinado à alimentação dos suínos e do rebanho leiteiro, 0,5 ha de cana-de-açúcar utilizada também como forragem, 0,5 ha de feijão além de frutas e verduras destinadas ao autoconsumo.

Neste período, a produção leiteira era a principal atividade econômica existente na unidade produtiva, sendo o leite vendido a Cooperativa. A produção de suínos destinava-se ao consumo familiar e à venda de carne e banha para os vizinhos. Serviços de maquinário eram contratados de um vizinho. O consumo de adubos químico-sintéticos era, nesta época, bastante reduzido, sendo o esterco de animais utilizado na adubação. A alimentação das vacas e suínos era complementada com a compra de rações, que respondia por cerca de 20% da alimentação dos animais. A família praticamente não usava agrotóxicos, nos termos de Carlos: “o veneno, naquela época, era a enxada”. A família organizava suas atividades produtivas dialogando internamente e observando as práticas dos vizinhos. Sobre as formas como era decidida a organização das atividades na UP, Carlos e Nair destacaram as conversas entre a família e a observação das atividades de vizinhos. Possuíam, na época, uma motocicleta, uma geladeira, uma máquina de lavar roupas e um freezer. Em 1998 adquiriram um trator de 65 cv.

Nos anos 2000 o perfil do grupo familiar residente na unidade produtiva não havia se alterado de forma muito significativa. Ao longo desta década o filho Felipe passou a se responsabilizar cada vez mais pelas atividades produtivas. Com isso, passaram a arrendar outros 9 hectares em propriedades vizinhas. As atividades agrícolas desenvolvidas pela família passaram a ter como foco principal a produção de pastagens artificiais e de milho para ao gado leiteiro, cultivo este que passou a ocupar, nos anos 2000, 90% da superfície agrícola útil da unidade produtiva. A partir de 2000 o rebanho leiteiro passou a ser alimentado apenas com silagem e pastagens artificiais. No ano de 2004 a família construiu uma nova residência, com cerca de 100 m² quadrados. Foram também construídos mais três galpões com cerca de 100 m² cada um. A casa e o galpão construídos nos anos 1950 foram demolidos. Atualmente a família possui dezessete vacas leiteiras, cuja produção é vendida à Languiru, mantendo na propriedade cerca de três suínos para consumo familiar. Em 2005 a família trocou seu trator por um novo modelo de 6.600 cv. Com este trator Felipe passou a prestar serviços para o Círculo de Máquinas Languiru realizando este trabalho em parceria com um vizinho que possui outros dois tratores. O trator teria sido comprado tendo em vista a decisão tomada por Felipe de dar continuidade às atividades desenvolvidas na unidade produtiva. Nair e

Carlos manifestaram sua felicidade pelo fato de Felipe estar namorando uma moça que é de origem rural e que gosta de trabalhar na atividade leiteira. Por este motivo, a família investiu, no ano de 2009, na compra de uma nova ordenhadeira (totalmente automatizada) e de um novo tarro de leite.

Carlos e Nair relataram que estão pensando em adquirir mais um trator destinado ao trabalho de prestação de serviços através do Círculo, e que deveria ser dirigido por Carlos. Esse investimento não havia sido feito, até aquele momento, pelo fato de Carlos estar enfrentando problemas de saúde, com complicações na coluna que fizeram com que perdesse, por um determinado período, todos os movimentos. Por ocasião da entrevista o maquinista estava fazendo seções de fisioterapia para recuperar sua mobilidade, devendo ser licenciado do trabalho na Prefeitura¹¹⁷. Nos anos 2000, a família adquiriu dois automóveis.

Ao longo da última década a família passou a adquirir significativas quantidades de adubo químico-sintético bem como de herbicidas, produtos utilizados nas plantações de milho e na implantação de pastagens artificiais. Ganha destaque nesse período a assistência técnica prestada pelo DAP. Carlos destacou, por exemplo, a importância dos serviços de inseminação artificial fornecidos pela Languiru: “tu leva anos até ter vacas boas, só com o resultado de inseminação nas tuas vacas que tu vai construindo um plantel bom.” Todavia, Carlos salientou que as orientações dos técnicos deveriam ser absorvidas com muito cuidado uma vez que: “isso é sempre assim, na hora que a coisa tá boa eles vem falar dos investimentos que tem que fazer, ‘mete ração pra aumentar a produção’, mas quando a coisa fica feia, aí eles somem.” Assim, o principal espaço de decisão acerca da organização das atividades produtivas continuou sendo a família. Atualmente, a principal atividade econômica na UP da família é a prestação de serviços ao Círculo de Máquinas, complementada pela produção de leite. Pelas facilidades de crédito e pela consolidação de sua relação com os mercados via *integração*, Carlos e Nair avaliaram que vivem atualmente seu melhor momento na agricultura. Analisando perspectivas de futuro na agricultura teutoniense, Carlos e Nair destacaram a *integração* nos setores de aves, suínos, leite, além da prestação de serviços de maquinário agrícola através do Círculo. Nestas atividades, segundo Carlos: “dá pra ir peleando bem (risos)”.

¹¹⁷ No início da década de 2000 Carlos teve complicações na coluna e quase perdeu todos os movimentos. Assim, Carlos realizou uma cirurgia na coluna e vem fazendo sessões de fisioterapia para recuperar a capacidade locomotiva, o que ainda deve levar cerca de um ano. A partir deste período Carlos está de licença de seu trabalho na Prefeitura.

Família Dickel

O agricultor Anselmo Dickel reside na zona rural do bairro Centro Administrativo, em Teutônia. A unidade produtiva onde mora com a esposa, Catarina Schaffer, tem 25 hectares e foi adquirida pelo casal na década de 1970. Atualmente apenas Anselmo, com sessenta e sete anos e a esposa, com sessenta e cinco anos, residem na propriedade, sendo ambos aposentados. A principal atividade econômica desenvolvida pelo casal é a produção de leite, vendida para a Languiru. Seu plantel é relativamente pequeno, composto por seis vacas.

Há aproximadamente trinta anos atrás, residiam na unidade produtiva Anselmo (com 36 anos), a esposa (com 31 anos) e seus sete filhos, com idades entre um e 12 anos. Anselmo e sua esposa cursaram até a quarta série do ensino fundamental. Anselmo dedicava-se, nessa época, integralmente às atividades agropecuárias desenvolvidas em seu estabelecimento agrícola, sendo que a esposa responsabilizava-se, também, pelos trabalhos domésticos. Os filhos mais velhos auxiliavam neste trabalho frequentando, além disso, a escola. De forma geral, a família não costumava contratar mão de obra de terceiros. Além dos 25 ha hectares de sua propriedade, Anselmo arrendava, a época, mais 5 ha de um vizinho.

A duas residências existentes na propriedade naquele período haviam sido construídas em 1946 e 1969. O estabelecimento contava, ainda, com um galpão de madeira e dois aviários construídos na década de 1970. Boa parte da área cultivada era dedicada ao plantio do milho utilizado na fabricação de silagem. Eram cultivados, ainda, anualmente, cerca de 3 ha, produzindo-se, além disso, uma boa diversidade de frutas e legumes para o consumo familiar. A família mantinha um plantel de 23 vacas de leite, entregando o resultado desta produção para a Languiru. O efetivo animal era composto ainda por oito mil frangos (cada lote). Os frangos, vendidos inicialmente à Languiru, passaram depois de três anos a serem comercializados através da Frangosul, empresa que oferecia um melhor preço naquele período. A produção de frangos respondia, nesse período, por cerca de 65% das entradas monetárias na propriedade e o leite pelo restante da receita. A exemplo dos demais agricultores entrevistados, a família processava nesse período diversos produtos para consumo próprio: schmier, nata, linguiça, banha, dentre outros. No início dos anos 1980 a família comprou um trator de 70 cv, um resfriador de leite à tarro, um moedor de pasto e uma ordenhadeira. O principal adubo utilizado era o esterco de frango sendo que a família não costumava utilizar adubos químicos sintéticos. Da mesma forma, Anselmo salientou que

praticamente não utilizava agrotóxicos. Começou a utilizar estes produtos com maior frequência e em maiores quantidades a partir de meados da década de 1990. A família costumava produzir, nessa época, segundo estimativas feitas por Anselmo, 70% dos alimentos consumidos na propriedade. O percentual restante era comprado nos supermercados da Languiru. A interferência dos técnicos da Cooperativa e de suas orientações técnicas focalizava-se, nesse período, na produção integrada de frangos. Na atividade leiteira a assistência técnica dos técnicos do DAP restringia-se aos serviços de inseminação artificial. Nos anos 1980 a família possuía um automóvel, uma geladeira, uma máquina de lavar roupas e um freezer.

Em meados da década de 1990 residiam na unidade produtiva Anselmo, a esposa, um filho (então com cerca de 17 anos) e duas filhas, uma com 17 e outra com 12 anos. Os outros quatro filhos do casal, que ao longo deste período começaram a trabalhar em atividades não agrícolas nos centros urbanos da região, haviam saído da propriedade para residirem nestes núcleos citadinos. Neste período a família continuava não contratando mão de obra de terceiros, sendo as atividades agropecuárias desenvolvidas na propriedade realizadas, principalmente, por Anselmo, a esposa e o filho. O filho e a filha de dezessete anos estavam realizando seus estudos no ensino médio, enquanto a filha de doze anos cursava o ensino fundamental. Nesta época, cerca de 50% dos alimentos consumidos na unidade produtiva eram adquiridos, segundo os agricultores, nos supermercados da Languiru. Além dos 25 hectares próprios, a família arrendava três hectares de vizinhos, para a plantação de milho. A produção vegetal mantinha um perfil semelhante ao do período anterior, com pequena redução da área de milho. No início da década de 1990 Anselmo havia comprado um novo trator de 265 cv. O rebanho leiteiro havia sofrido uma redução, de 23 para 16 vacas leiteiras. A produção de frangos mantinha as mesmas dimensões do período anterior, respondendo por 70% das receitas monetárias obtidas na propriedade. Em 1997 Anselmo parou de vender a produção de leite para a Languiru e passou a comercializar com uma empresa recém implantada na região, a Parmalat. A Parmalat estava disposta a pagar, naquele momento, o mesmo preço para qualquer produção enquanto que na Languiru os agricultores que entregavam uma quantidade menor de leite recebiam um preço menor. Nas palavras do agricultor: “tiravam do pequeno pra dá pra quem produzia bastante.” A produção de frangos foi mantida em regime de integração com a Frangosul. Em 1998 os técnicos da empresa exigiram que Anselmo reformasse e ampliasse seus aviários. O agricultor deveria construir, também, um espaço adequado ao carregamento dos

frangos. Todavia, neste período, o último filho homem já havia saído da propriedade. Como nos relatou o agricultor: “não tinha mais ninguém pra ajudar, aí eu parei com os frangos”. A partir do momento em que a produção de frangos foi desativada, o agricultor passou a demandar assistência técnica somente para a inseminação do rebanho leiteiro ou quando algum animal ficava doente. Quando indagado sobre o acesso a bens de consumo duráveis de uso da família o agricultor respondeu: “a gente sempre ia melhorando um pouquinho, comprando um carrinho um pouco mais novo, e assim ia, né?”.

Em 2010, as únicas pessoas que residiam na unidade produtiva eram Anselmo e sua esposa. Ambos haviam se aposentado, adquirindo, também, uma casa na área urbana de Teutônia, destinada à locação. Mesmo estando sozinhos na propriedade, continuavam, de forma geral, não contratando mão de obra de terceiros e nem arrendando terras de vizinhos. As instalações existentes na unidade produtiva continuam sendo as mesmas: casa, galpão e dois aviários, hoje utilizados como depósito de maquinário e implementos agrícolas. A produção vegetal não sofreu maiores transformações, registrando-se, no entanto, uma redução da área de milho que ocupava, no momento da entrevista, uma superfície equivalente a 11 ha. O rebanho leiteiro havia sofrido, em comparação com o período anterior, uma expressiva redução, contando com seis vacas leiteiras e seis terneiros. A partir do início da década de 2000 Anselmo passou a vender a produção de leite para uma empresa de menor porte, chamada Nutrilat. No início dos anos 2000 a Parmalat passou a enfrentar sucessivos problemas no pagamento aos agricultores e deixou de trabalhar na região. A família, além do leite, vendia terneiros, destinados ao abate em pequenos frigoríficos. Anselmo manteve o trator de 275 cv comprado no período anterior, mas havia investido, também, na aquisição de um pulverizador e de uma plantadeira. Quando questionado, na entrevista, sobre quais seriam as “melhores” atividades agropecuárias para os agricultores teutonienses o agricultor destacou a criação de suínos, a produção de leite e a avicultura, chamando atenção para a necessidade do produtor combinar diferentes atividades, observando que é necessário “ter mais de um negócio, pra se uma coisa não funciona a outra cobrir”. Declarou: “se eu fosse mais novo eu ia ampliar a criação de vaca de leite e ia botar um chiqueirão de porco, hoje em dia”.

Família Scherer.

Entrevistei o agricultor Augusto Scherer no inverno de 2011, na propriedade agrícola pertencente à sua família, localizada na *linha* Ribeiro. São produzidos, nesta unidade produtiva, 40 kg de queijo por dia, sendo este produto responsável por 80% das receitas geradas pelas atividades agropecuárias desenvolvidas no estabelecimento. Em 1980 Augusto e sua esposa, Nelda, que tinham, então, 22 e 19 anos, respectivamente, arrendavam 9,5 hectares. Estas terras pertenciam a vizinhos, aos pais de Augusto e à sua tia. Ambos trabalhavam em tempo integral nas terras arrendadas. Ao longo da década de 1980 Augusto também trabalhou como recenseador. O dinheiro obtido com a participação no levantamento de dados do Censo foi investido, na sua totalidade, nas atividades agropecuárias desenvolvidas pela família.

O casal residia, nesse período, junto com os pais de Augusto. Eles próprios faziam todo o trabalho e não costumavam contratar serviços de terceiros. Nas terras arrendadas existia um chiqueiro e um estábulo, ambos “muito velhos”, segundo Augusto. Na área arrendada o casal cultivava, anualmente, cerca de 6 ha de milho e 1,5 ha de cana-de-açúcar. Estes produtos eram destinados à alimentação do rebanho composto por 19 vacas leiteiras. Produziam, ainda, uma série de cultivos destinados ao autoconsumo. A criação de suínos figurava, também, como uma atividade importante, sendo que a família mantinha na propriedade um efetivo de cerca de 30 animais. Parte da produção de leite era transformada em queijo, produto que processado e vendido diretamente na unidade produtiva. O leite que não era processado era comercializado através da Cooperativa. Os suínos eram também vendidos para a Languiru. O queijo gerava cerca, nessa época, cerca de 20% das entradas monetárias oriundas das atividades agropecuárias desenvolvidas na unidade produtiva. Oitenta por cento dos recursos obtidos com a comercialização de produtos agrícolas provinham, no entanto, das transações comerciais realizadas com a Languiru, ou seja, da venda dos suínos e do leite *in natura*. A família possuía, nessa época, os seguintes implementos agrícolas: uma carroça, um arado de tração animal, um moedor de pasto, um resfriador de leite (tarro) e uma ordenhadeira. Costumavam comprar herbicidas (o “secante”) e concentrados utilizados como ingrediente na preparação da ração animal. Cerca de 50% da alimentação consumida pela família era comprada em supermercados, sendo o restante produzido na propriedade.

Quando indagado sobre os processos de decisão relacionados à organização da unidade produtiva, Augusto deu destaque às conversas com a esposa, mas declarou ter sido influenciado, também, pelas palestras e dias de campo desenvolvidos pelos

técnicos da Cooperativa. Nos anos 1980, os principais bens de consumo duráveis que a família possuía eram uma geladeira e um freezer.

Em meados da década de 1990 Augusto e Nelda conseguiram comprar os nove hectares e meio que arrendavam no período anterior. Seus filhos, nascidos em 1984 e 1986, ainda eram pequenos. Com o tempo, paralelamente aos estudos “os filhos começaram a ajudar um pouco”, segundo Augusto.

Neste período existiam duas residências nas terras pertencentes à família, uma de 1925 e outra que o casal construiu em 1992, ambas com cerca de 100 m². O estábulo e o chiqueiro foram demolidos em 1991 para a construção de um amplo galpão. Um novo estábulo, com cerca de 120 m² foi construído em 1994. Nessa época, o milho produzido na propriedade passou a ser armazenado na forma de silagem.

As tendências no sentido de um aumento de escala da criação animal nesta unidade produtiva são bastante visíveis na década de 1990. O rebanho leiteiro praticamente duplicou de tamanho em relação ao período anterior, passando a reunir cerca de 30 animais. O número de suínos criados na propriedade também aumentou, de 30 para 50 animais. Este produto era vendido para a Cooperativa Languiru.

Parte da produção de leite continuava a ser processada na unidade produtiva, sendo destinada à fabricação de queijo. O restante do leite era comercializado *in natura* para a Cooperativa. Nessa época, cerca de 75% das entradas da renda obtida com a venda de produtos agrícolas provinham de transações comerciais realizadas através de circuitos de mercado controlados pela Languiru.

Em 1997 a família adquiriu um trator de 60 cv, financiado pelo Banrisul através de uma parceria estabelecida com a Cooperativa. A família recebia assistência dos técnicos do DAP, participando também de palestras e dias de campo em temas relacionados à produção de leite. Em fins da década de 1990 a família de Augusto decidiu ampliar a produção de queijos, implantando uma agroindústria familiar junto a sua residência, espaço onde também costumavam comercializar esta produção. Com a constante elevação do número de consumidores do queijo produzido na unidade familiar, Augusto, Nelda e um dos filhos (que ainda reside na propriedade), resolveram construir uma nova agroindústria, em prédio específico. Essa nova agroindústria foi construída integralmente com recursos próprios, tendo sido concluída em 2011.

Em 2010 residiam nesta unidade agrícola familiar Augusto, sua esposa e um dos filhos. O outro filho trabalhava em uma empresa do setor coureiro-calçadista e morava na área urbana do município. Neste período, Augusto havia herdado parte das terras de

seu pai, e adquirido mais 3 ha hectares de um agricultor vizinho, ficando a propriedade com 22 ha. Na área construída, mantinham-se as mesmas citadas frente a meados de 1990. Para fazer frente ao aumento de escala da produção animal, composta, no período em que realizamos o trabalho de campo, por um efetivo de 68 vacas leiteiras e 15 bovinos de corte, a família ampliou para 12 ha a área destinada à produção de milho, passando a ocupar, também, uma parte importante da superfície agrícola útil da unidade produtiva com pastagens artificiais. Com a construção da agroindústria e a fabricação do queijo, observam-se alterações importantes na relação estabelecida pela família com os distintos mercados. No período em que realizamos a entrevista, 65% da produção de leite é destinada à produção de queijo e somente 35% do leite é vendido para a Languiru. Os bovinos de corte eram, naquela ocasião, vendidos a pequenos frigoríficos. Augusto declarou que pretendia, no entanto, abandonar esta atividade e voltar a criar suínos, como vinha fazendo anteriormente. O agricultor ressaltou, no entanto, que não tinha a intenção de produzir suínos em sistema de *integração* vertical, pois seus ganhos com essa atividade provinham principalmente do fato da família alimentar os animais o com soro do leite que sobrava da produção de queijos, o que não seria possível no sistema de integração vertical, no qual todos os procedimentos relacionados ao manejo dos animais são prescritos pelos técnicos da Cooperativa ou da empresa integradora. Assim, em 2011, 80% das entradas monetárias oriundas de atividades agropecuárias desenvolvidas no estabelecimento agrícola originavam da venda de queijos direto ao consumidor. O restante da receita vinha da comercialização de carneiros com frigoríficos e da venda do leite *in natura* para a Languiru. Entre as máquinas e equipamentos adquiridos na última década, foram destacados por Augusto o trator de 190 cv, dois resfriadores de leite a granel e uma ordenhadeira.. O trator foi financiado diretamente pela empresa revendedora e os resfriadores pela Cooperativa, sendo que um deles ainda estava sendo pago em 2011. A ordenhadeira canalizada foi adquirida através do PRONAF, que a família acessou via Banco Sicredi. Em 2010 Augusto começou a frequentar um curso sobre Organização da Propriedade Rural, oferecido pelo Sebrae. Este curso estaria, segundo o agricultor, tendo forte influência sobre a gestão de sua unidade produtiva. As orientações do técnico da EMATER regional, Nilo Cortez, teriam sido, também, de fundamental importância na construção da agroindústria familiar. A assistência prestada por este técnico, especificamente, foi identificada pelo agricultor como um apoio importante no processamento da produção. Nos últimos anos a família conseguiu adquirir uma moto e trocar de automóvel. Quando questionado sobre quais

seriam as melhores atividades a serem desenvolvidas pelos agricultores de Teutônia, na atualidade, Augusto comentou:

Ah! Com certeza as agroindústrias. Por que a Cooperativa, estas coisas, é tudo muito explorado, né? A maioria do pessoal já é empregado, não é mais proprietário, né? (risos) São os *integrados*.¹¹⁸ E os *integrados* é a Cooperativa que manda, as outras integradoras também, né?

3.2 Experiências: a necessidade de se observar a “sequencia precisa dos eventos” e “os vários possíveis a cada momento do processo”.

Ao analisar-se a sequência dos eventos e as possibilidades presentes em cada um dos momentos vivenciados pelos agricultores familiares de Teutônia, a partir das trajetórias do quadro de agricultores entrevistados com questionários semi-estruturados, sobre os contextos das décadas de 1980, 1990 e 2000, pode-se observar instigantes questões acerca das tendências históricas destes grupos familiares e de suas unidades produtivas, ao longo do processo histórico analisado.

Neste exame, uma das primeiras questões que se pode observar, é que, de meados do século XX em diante, a produção vegetal, a exemplo da soja, foi perdendo espaço, como produto comercial, para as criações de animais. Observa-se que muitos agricultores destacaram a importância da produção de milho, trigo e soja, por exemplo, entre os produtos comercializados antes da década de 1980, sendo estes produzidos, centralmente, sem uso de maquinário, “isto foi tudo a mão, na enxada e na foice, nesta época, né?”, como destacou a agricultora Maria Eidelwein. Entretanto, no período mais recente, como destacou a mesma agricultora, “isso, coisa tipo a soja, nem vale mais a pena hoje em dia”. Dentre os agricultores que mantiveram nas atividades agropecuárias sua principal fonte de renda, observa-se que a ampla maioria centra suas atividades na criação de animais, atualmente.

Destarte todo o amplo e instigante conjunto de debates que esta questão poderia remeter, nas discussões acerca do processo de modernização agrícola, se neste processo determinados produtos seriam produzidos de forma mais “eficaz” em unidades produtivas de maior ou menor porte, por exemplo, nos deteremos, apenas, na forma como isto foi sendo trabalhado socialmente em Teutônia, visto o objetivo central da presente pesquisa.

¹¹⁸ Lembre-se o pontuado no capítulo anterior, de que na conceituação dos agricultores de Teutônia são compreendidos como *integrados* apenas os agricultores em *integração vertical*, nos setores de aves e suínos.

A transição de importância da produção agrícola para a pecuária foi observada pelos técnicos da Cooperativa Languiru em vários artigos publicados no periódico da instituição. Entretanto, pode-se observar que juntamente com esta constatação, estes técnicos foram salientando e, assim, consideramos que também foram socialmente construindo, a percepção de que somente com esta transição foi possível viabilizar-se economicamente as unidades produtivas de Teutônia, em sua realidade fundiária (de minifúndios), no processo transcorrido nas últimas décadas.

Emblemáticos, neste sentido, são os artigos publicados, no Informativo Languiru, pelos técnicos do DAP, nos anos de 1999 e 2002. Em julho de 2002 o técnico em agropecuária Silério Hamester, a partir da constatação de que, nas últimas décadas: “o minifúndio, típico de nossa região, também foi alterado. Passou do cultivo da lavoura para a criação intensiva de animais, como gado de leite, suínos e aves”, salientou que “aqueles que insistiram no tradicional sistema inviabilizaram sua produção e estão, aos poucos, abandonando a atividade” (Informativo Languiru, julho de 2002: 2). Da mesma forma, no Informativo de setembro de 1999, o engenheiro agrônomo da Languiru, Raul Mallmann, salientou que, frente a necessidade de constantes elevações escalares de produção que o atual contexto econômico exigiria, a única forma de se manterem viáveis as pequenas unidades produtivas seria através da criação intensiva de animais:

Com a atual situação econômica mundial e os preços praticados (...). A produção de grãos na pequena propriedade somente é viável para complementar o grão que suas criações necessitam e jamais para viver da renda deste grão. A dimensão da lavoura de grãos, para viver dela, precisa ser de, no mínimo, 50 hectares e mecanizada. (...) A pequena propriedade, como é o caso da região de abrangência da Cooperativa Languiru, deve produzir o grão para complementar as forragens que são compradas de fora. O plantio de milho para silagem ou grão seco, para vacas, suínos e aves, em nosso meio, é uma grande vantagem para o pequeno produtor, mas não se torna um bom negócio quando o grão não é transformado em produção animal, mas simplesmente vendido. O nosso produtor deve se profissionalizar em transformação. usar sua pequena área para produzir o máximo possível dos insumos e, além disso, manter plantéis grandes de animais, para produzir em grande escala. A grande escala possibilita a diluição dos custos (Informativo Languiru, setembro-outubro de 1999: 10).

A partir dos apontamentos de Mallmann, destaca-se, também, a observação de que nesta transição a produção de grãos manteve sua importância, apenas perdendo-a enquanto produção a ser comercializada. Como se pode observar por este artigo, a relevância da produção de grãos para a criação de animais do quadro de agricultores cooperativados também foi recorrentemente salientada. Neste sentido, pode-se observar, a partir das entrevistas realizadas, que na grande maioria das unidades produtivas de

Teutônia a produção de grãos manteve sua importância em área produtiva, muitas vezes tendo sido elevada de 1980 a atualidade.

Neste quesito, salienta-se, também, a observação de que a maior parte dos agricultores entrevistados, que são integrados a Cooperativa, destacaram a importância das criações de animais para a sua produção de grãos, visto o esterco dos animais serem de suma importância para a adubação das plantações em Teutônia. Assim, observa-se, ainda, que ao longo das décadas de 1980, 1990 e 2000, poucos foram os agricultores que destacaram terem elevado o consumo de adubos químico-sintéticos em suas unidades produtivas, em vista da abundância de esterco na região, principalmente de suínos e aves. A importância do esterco produzido nestas criações pode ser observada pelo seu uso como moeda de troca, servindo para o pagamento de trabalhadores que realizam o carregamento de animais ou outros manejos em aviários, como realiza a família de Nestor Eidelwein.

Por outro lado, pode-se observar, pelas trajetórias destas unidades produtivas, que ao longo das últimas quatro décadas o uso de herbicidas e praguicidas químico-sintéticos foi sendo elevado. Da mesma forma, elevou-se o uso de maquinários nas produções agrícolas, com destaque para o período posterior a criação do Círculo de Máquinas Languiru, em 1993.

Ao longo destas últimas décadas, também pode-se observar, a partir das trajetórias analisadas, que manejos como a produção de silagem, de pastagens artificiais e do uso do plantio direto, foram amplamente disseminadas nas unidades produtivas de Teutônia. Neste processo também parece ter tido crucial importância a prestação de serviço de associados do Círculo de Máquinas da Languiru.

A disseminação destes manejos foi preocupação constante dos técnicos do DAP ao longo do período analisado, conforme será melhor observado no capítulo subsequente. Todavia, neste sentido, chama-se atenção para um fator de suma importância, observado nas entrevistas com os agricultores teutonienses, poucos foram aqueles que destacaram as orientações técnicas acerca da organização produtiva, uso de manejo e novas tecnologias, em seus estabelecimentos agrícolas. Nestes quesitos, os agricultores enfatizaram a importância das discussões familiares e das observações realizadas em unidades produtivas de agricultores vizinhos. A ênfase nas discussões familiares e observação da organização produtiva dos vizinhos foi ainda mais clara na década de 1980. As orientações técnicas passam a ter mais destaque nos relatos acerca das décadas de 1990 e 2000, com ênfase especial nas *integrações verticais*, em que,

conforme destacou Fabiane Bayer: “eles falam como, e a gente faz”. Todavia, ressalta-se a constatação de que mesmo nos períodos mais recentes, as observações em unidades produtivas vizinhas e discussões familiares sempre foram apontadas como importantes na definição da organização produtiva praticada por estes agricultores.

Outra questão relevante que se pode observar a partir destas trajetórias familiares, se refere a importância da base material existente nas unidades produtivas no momento de decisão acerca da permanência ou não nas atividades produtivas destas. Na década de 1980 e inícios da seguinte, estes condicionamentos parecem ter tido maior importância do que no período posterior, em que infere-se que a estruturação e ampliação nas políticas públicas de financiamento para a agricultura familiar, com destaque para a criação do PRONAF em 1996, foram de suma importância¹¹⁹. Frente ao que se salienta o crescimento em termos de contrato e recursos destinados ao PRONAF desde sua criação, em 1996. Com destaque para o período posterior a 2004, em que seu orçamento chegou a nove bilhões de reais na safra 2007-2008 (Schneider, 2010: 516; neste sentido, ver também: Schneider, Silva, Marques, Cazela et al, 2004).

Da mesma forma, destaca-se a observação de que a ampliação destas linhas de crédito para a agricultura familiar a partir de 1990 foi de grande importância para o fortalecimento, em Teutônia, de um modo específico de se fazer agricultura, ou seja, a produção de aves, suínos e leite em sistema de *integração*. Esta percepção foi reforçada tanto nos relatos dos agricultores como nas entrevistas realizadas com técnicos da Cooperativa, extensionistas da EMATER e com os responsáveis pelas operações de crédito rural no Banco do Brasil e no Banco Sicredi.

Todavia, mesmo para os períodos anteriores a década de 1990, concebe-se que seria limitado falar em trajetórias lineares e determinadas economicamente, como se pode observar claramente pela trajetória da família de Augusto e Nelda, por exemplo. Da mesma forma, destaca-se a observação de que ao longo do processo histórico estudado as decisões acerca da realização de algum investimento nas atividades produtivas praticadas nas unidades, sejam econômicos e/ou laborais, foram fortemente influenciadas pela existência ou inexistência de algum membro do grupo familiar que desse continuidade futura as atividades praticadas¹²⁰.

¹¹⁹O que concebe-se ser corroborado pelos relatos dos técnicos da EMATER de Teutônia nos projetos e relatórios de trabalho referentes ao período de 1983 a 1990, em que destacaram a crescente diferenciação social entre agricultores teutonienses, conforme observado no capítulo anterior.

¹²⁰ Pelos relatos dos agricultores: Nilo Hauschild, Anselmo, Ivo, Nair e Carlos.

Da mesma forma, considera-se ser de suma importância a observação de que dentre o quadro de entrevistados, somente os agricultores que estruturaram suas agroindústrias familiares e estiveram envolvidos na Feira, não pontuaram a integração como única e melhor alternativa para a agricultura familiar em Teutônia. Por outro lado, chama-se atenção para o fato de apenas dois agricultores teutonienses, dentre nosso conjunto de entrevistados, terem destacado o contexto de crise da Cooperativa, em princípios da década de 1980 e início da década de 2000. Estes dois agricultores participaram da Feira Livre dos Produtores rurais de Teutônia, e eram integrados a Cooperativa Languiru. Os demais entrevistados apenas comentaram estes contextos quando questionados diretamente sobre os mesmos, em que pareceram apenas lembrar vagamente da crise econômica enfrentada em princípios da década de 1980, e destacarem o importante papel da direção que assumiu a Cooperativa no ano de 2002 na reestruturação empresarial ocorrida a partir de então.

Neste sentido, considera-se ser de suma importância a observação de que os relatos colhidos nestas entrevistas foram produzidos em um contexto circunscrito. Se as entrevistas tivessem sido realizadas em outro contexto, muito possivelmente seus resultados seriam bastante diversos. No contexto de crise de inícios da década de 1980, por exemplo, as percepções destes agricultores acerca da alternativa via integração, poderia ser bem diferente. Da mesma forma, os resultados poderiam ser bem diversos, se, por exemplo, tivéssemos entrevistado as famílias de agricultores que estruturaram suas agroindústrias, antes de as mesmas o terem realizado.

Para além destas influências mais amplas, lembra-se que outras questões devam ser levadas em conta, a exemplo das motivações mais sutis e subjetivas que influenciaram estes relatos e continuam influenciando as ações dos agricultores de Teutônia. Neste sentido, considera-se instigante e necessário questionar-se o que teria ocorrido “se” a maioria dos indivíduos que foram ter em trabalhos não agrícolas suas principais atividades laborais não tivessem se adaptado às relações de trabalho urbano industriais, como no caso do agricultor Nilo Broenstrup¹²¹. Este foi o único relato de não adaptação aos trabalhos não agrícolas e retorno as atividades agropecuárias, encontrado em nosso universo de entrevistas¹²².

¹²¹ Nilo, como acima apontado, foi trabalhar numa das empresas do setor coureiro calçadista do bairro Canabarro em fins da década de 1970, mas após alguns meses, resolveu voltar as atividades agropecuárias em sua unidade produtiva na *linha* São Jacó, por ‘não ter se acostumado’ a realidade do ‘chão de fábrica’.

¹²² Outros indivíduos foram trabalhar em atividades não agrícolas e posteriormente retornaram à estas atividades, mas não o fizeram por não se adaptarem as atividades não agrícolas, segundo seus relatos, e

Mas, e “se” a maioria dos indivíduos não tivesse se adaptado ao “chão de fábrica” neste processo? Pela forma como o rural teutoniense foi sendo configurado no processo de modernização da agricultura, com a crescente diminuição do uso de força de trabalho humana, constantes elevações de produtividade por espaço trabalhado e mão-de-obra ocupada, somada ao fechamento da fronteira agrícola local a partir de meados do século XX, possivelmente não teria sido viável que à maior parcela dos indivíduos que nasceram no rural teutoniense mantivessem na agropecuária suas principais atividades econômico-produtivas ao longo deste processo. Pois, se isto tivesse ocorrido, provavelmente, a grande maioria das unidades produtivas teriam experienciado uma profunda crise econômica. Talvez, “se”, como defendemos nas lutas político-socio-ambientais, a trajetória desta agricultura tivesse sido outra, estruturada em base familiar, mas sem o uso de insumos químico sintéticos e com ênfase na diversificação produtiva, seria possível a manutenção desta população no rural, e até necessária, como poder-se-ia supor a partir dos cálculos realizados no trabalho de Heinberg (2010) quanto a realidade Norte Americana.

Todavia, tomando de empréstimo os termos que Ploeg (2008: 296) pegou de Michael Burawoy, estas “utopias imaginárias” ainda estão em processo de construção, para, talvez, virem a se tornar “utopias verdadeiramente existentes” em algum momento e espaço futuros. Desta forma, como também lembram os historiadores ingleses Thompson, Hobsbawm e muitos outros, o fundamental em História é examinar o “por que” e “como”¹²³ a história foi como foi? Poucos são os dados disponíveis para se responder a estas questões, mas alguns indícios parecem ser bastante instigantes. Indícios que, como lembra o historiador e antropólogo italiano Carlo Ginzburg (2002), não devem ser desconsiderados pelo historiador, muito antes pelo contrário, devem ser incorporados como parte relevante da pesquisa histórica. Ao observar-se os indícios nos relatos do quadro de entrevistados para esta pesquisa, como também os demais relatos ouvidos no cotidiano teutoniense, parece ser possível inferir pela ocorrência de certa mudança no ideário predominante entre os indivíduos que nasceram antes e depois de meados do século XX. No ideário dos indivíduos que nasceram posterior a este período, percebe-se diversos indícios de uma atração pelo “moderno”, pelas “inovações”, um pouco diversa das pessoas que nasceram no período anterior. Não se esta aqui querendo

sim por perceberem que nas atividades agropecuárias poderiam ter uma trajetória sócio-econômica mais interessante, como nos casos de C  zar e Martin, no início década de 1990.

¹²³ Como também, do “quando” e “onde”, como seria óbvio.

postular divisões estanques, apenas tratar de mudanças sutis, mas perceptíveis. Instigantes exemplos sobre o que se está querendo falar podem ser observados nas falas dos agricultores Ari e Ivo.

Na entrevista realizada com o agricultor Ari Spelmeyer,¹²⁴ realizada em sua unidade produtiva na manhã do dia 22 de agosto de 2011, o mesmo destacou o trabalho da EMATER antes da década de 1980, pela formação do Clube 4 S na *linha* São Jacó,¹²⁵ em que o mesmo sempre residiu. Estes Clubes foram formados em diversas localidades rurais do município de Estrela em fins da década de 1950, e duraram até a década de 1980. Através dos Clubes 4 S foram realizados diversos cursos práticos aos jovens destas *linhas*. Com os jovens do sexo masculino eram trabalhadas práticas de plantio, manejo de lavouras e maquinário, entre outras atividades vinculadas ao setor produtivo. Com as jovens do sexo feminino eram trabalhadas boas práticas domésticas (como culinária e limpeza), além do cultivo de hortas e jardins domésticos. Segundo Ari, os técnicos da Cooperativa Languiru também participavam como extensionistas em alguns cursos realizados por estes Clubes. Na compreensão de Spelmeyer:

A motivação de tudo foi o Clube 4 S, né? A gente era motivado a inovar, a investir com estas reuniões, né? Pra tu ter uma idéia do que eu estou falando, aqui na nossa Linha os agricultores mais pra ‘frente’ são daquela gurizada que participou do Clube 4 S. Por exemplo, quando eu comecei a criar suínos, eu comecei com os condomínios, que era uma coisa que a Cooperativa vinha incentivando na criação de suínos naquela época, né? No condomínio se fazia a criação de suínos em ciclo completo, da cria até a terminação. Nós era em dez sócios, todos aqui da Linha, todos amigos, né? Destes dez sócios, todos tinham participado do Clube 4 S.

No início da década de 1990 o condomínio do qual Ari era sócio foi desfeito. Um dos sócios comprou as partes dos demais e ficou com a infra-estrutura do condomínio, readaptando-a para terminação de suínos em *integração vertical*. As criadeiras foram adquiridas pela Cooperativa e todos os demais sócios teriam passado a realizar a terminação de suínos em *integração vertical* em suas propriedades, com infra-estrutura própria. Isto teria ocorrido em vista de os sócios perceberem que poderiam ter muito mais lucro na terminação de suínos individualmente, o que a Cooperativa teria passado a incentivar, ao perceber a inviabilidade destes condomínios. Spelmeyer salientou que até a atualidade os antigos sócios do condomínio são “criadores de ponta”, com excelentes resultados em suas criações e boa infra-estrutura em seus chiqueiros, o que também seria representativo da influência do Clube 4 S. O agricultor salientou

¹²⁴ A família de Ari é integrada a Cooperativa em gado leiteiro desde a década de 1960 e em suínos desde fins da década de 1980.

¹²⁵ Esta localidade faz parte da atual divisa dos municípios de Teutônia e Estrela.

ainda, que os trabalhos dos técnicos do DAP foram cruciais para dar sequência nas motivações e trabalhos dos Clubes 4 S.

Da mesma forma, foi bastante emblemática a forma como Ari salientou as diferenças sobre a organização produtiva da unidade familiar após a morte de seu pai, no início da década de 2000. Segundo Ari, posterior a isto a organização produtiva teria se diferenciado bastante, pois antes era seu pai “quem ditava as normas”, e ele não queria fazer os investimentos necessários, tinha “medo”. Exemplos simbólicos materiais desta diferenciação estariam expressos na construção de seu novo chiqueiro de criação de suínos em fins da década de 2000, no qual o agricultor investiu cerca de duzentos mil reais. Nos termos de Ari, este chiqueiro é de “padrão europeu”, todo de alvenaria, com bebedouros e comedouros automatizados. O que anteriormente não era realizado pelos tencionamentos do pai de Ari. Antes de construir este chiqueiro Ari chamou seu filho, técnico em agropecuária que trabalha numa empresa de implementos agrícolas no município catarinense de Chapecó, e a filha, que reside junto aos pais, sendo professora no município de Teutônia. Nesta conversa o agricultor explicitou sua ideia de construir o novo chiqueiro, o que só faria se algum dos filhos se comprometesse em continuar a atividade depois que Ari e sua esposa não tivessem mais condições de trabalhar. Frente ao que, para sua surpresa, a filha assumiu o compromisso de dar continuidade as atividades.¹²⁶ Já o filho apontou que não voltaria as atividades na UP. Assim, a família decidiu investir no novo chiqueiro, o qual, segundo Ari informou em nova entrevista realizada no final da tarde de 07 de fevereiro de 2012, será ampliado com a construção de mais um chiqueiro, ao lado do anterior.

Outros indícios do que se está a falar puderam ser observados na entrevista realizada com o agricultor Ivo Diederich. Ivo destacou algumas diferenças entre o período atual e as decisões de investimento na agroindústria familiar frente a compreensão de seu pai. Segundo Diederich:

O pai, o objetivo dele sempre era assim, quando, desde que começou, terra. Ele queria comprar, investir em terra, né? Ele, assim, né? E nós, assim, quando nós começamos a trabalhar junto com ele, né? Eu casei em 71. Aí o nosso objetivo, já tinha esta terra, em mecaniza e procurar ser assim um pouco mais pela técnica, né? (...)A tecnologia hoje, na agricultura, isso tá muito avançado, isso depois da década de 1980, 1990, (...) uma evolução fantástica. Só que, a gente tem que fazer, não é mais aquele pouquinho, tu tem que pensar um pouco maior. Porque anos atrás, o pai, ele ia comprando as terras, e com aquela lavoura, e com meia dúzia de vaca de leite, e

¹²⁶ No mês de julho de 2011, que Ari realizou uma cirurgia. Assim, a filha, em férias de suas atividades como professora, juntamente com a esposa de Ari, assumiram com ‘primazia’ as atividades na UP.

cinquenta, sessenta, até cem suínos, ele comprava terra. Isso, hoje, já tem que, né? A margem já não é tão. Isso tu tem que diversificar um pouco mais.

Assim, ao longo da primeira metade de década de 2000, com as decisões de Ivo e sua irmã em investirem na agroindústria familiar, seu pai pontuava preocupações:

Sabe o que meu falecido pai sempre dizia, assim, quando nós começamos com o restaurante, começamos a investir, depois na agroindústria, ele sempre dizia: ‘bah, mas nós só tirando dinheiro da agricultura e botando aqui.’ Só trazendo, né? ‘Só tirava de lá e investia aqui’. E aí, quando foi, mais ou menos 2000, quando começou a andar, 2004, 2005, né? Aí inverteu. Aí ele disse: ‘opa, agora, assim, finalmente ta dando dinheiro lá em cima’. (...) Por isso eu digo, a propriedade tem que diversificar. Isso nós tinha em mente.

Mas quais foram os motivadores desta variação de percepção de mundo? Neste sentido, concebe-se ser de extrema relevância levar em conta que a partir da década de 1930 e 1940, ampliou-se consideravelmente o sistema público de ensino, em que as regiões de colonização alemã sul rio-grandense foram alvo de especial atenção das políticas educacionais e de propaganda no período de vigência da ditadura Estado Novista (1937-1945) (neste sentido ver: Konrad, 1994, 2006; Seyferth, 2006).

Além disto, lembra-se que neste período as vias de acesso (estradas e vias fluviais) foram significativamente dinamizadas (Roche, 1969). Da mesma forma, após meados do século XX ocorreu uma expressiva expansão de televisores na região estudada. Sobre a expansão de televisores no rural da região de pesquisa, colheu-se um interessante relato em entrevista com o pai do autor. Nas “férias” de meados de 2010, sentados ao lado de um fogão a lenha na cozinha da residência, tomou-se nota de uma conversa familiar sobre as trajetórias do pai e da mãe do autor, que saíram do rural para trabalhar nas indústrias do setor coureiro calçadista do bairro Canabarro em fins da década de 1970. Segundo Waldemar Arlindo Palm:

Naquela época (referindo-se a década de 1960) dois *colonos* tinham TV na *linha*. Aí, se juntava um monte de gente pra ver as notícias. Nos jogos da Copa então, isso era um reboiço de gente (risos). Aí na Copa de setenta, o pai, o vô de vocês, né? Disse: ‘essa Copa nós vamos ver em casa’. O pai era *colono forte* naquela época. Nós tinha o alambique, né? (...). Aí o pai comprou a TV. Aí juntava um monte de gente pra ver a Copa, as notícias. O outro vô de vocês, a mãe (referindo-se a esposa Marlene), isso eles vinham tudo lá em casa pra ver TV. (...) Aí depois (fins da década de 1970) veio a TV colorida. Aí a maioria já tinha TV em casa, né?

Estas transformações, além de muitas outras, parecem ter contribuído para que ocorresse um processo de aprofundamento das interconexões do espaço pesquisado com

a estrutura social mais ampla. Em que destaca-se que nestes anos, das décadas de 1960 e 1970, o ideário modernizante predominava¹²⁷.

No caso de análise desta dissertação, salienta-se a observação da importância de *interfaces*¹²⁸ estabelecidas entre os agricultores familiares com atores agenciados no decorrer do processo de modernização da agricultura neste espaço, com destaque para a Languiru e a rede de atores vinculados a mesma. Observa-se que estas interfaces foram de crucial importância na reconfiguração do ideário dos agricultores teutonienses, como se percebe, por exemplo, no relato do agricultor Ivo Diederich.

Neste sentido, salienta-se a observação de que nas *experiências* destes agricultores familiares de Teutônia, a forma como trataram suas situações e relações econômico-produtivas, em sua consciência e cultura, para, então, agirem, realizando determinadas escolhas e estratégias, os elementos mais concretos, a exemplo dos resultados econômicos, foram tão importante, quanto, a conformação de determinada percepção acerca dos mesmos. Pois, aqueles resultados, econômicos, por exemplo, só puderam influenciar as decisões destes sujeitos históricos na medida em que foram percebidos de determinada maneira, ou seja, eles só fizeram sentido por serem compreendidos dentro de limites socialmente construídos, na ilimitada forma em que aqueles resultados poderiam ser percebidos. Como exemplo, cita-se a opção de grande parte destes agricultores em realizarem vultuosos investimentos nos setores via *integração*, visando constante elevação escalar de produção e respondendo aos ordenamentos orientados pela Cooperativa e seus técnicos. A busca por estes resultados, e a percepção dos mesmos como positivos, só pode ser compreendida dentro de circunscrita forma de percepção de mundo, socialmente construída e legitimada ao longo de dado processo social. Pode-se observar que outras formas de apreensão dos processos sociais destacam os aspectos negativos desta opção via *integração*, salientando os aspectos sociambientais, ou os limites impostos aos agricultores acerca

¹²⁷ Ideário modernizante que, de resto, predomina até a atualidade, como pode-se inferir das discussões no Brasil contemporâneo sobre ter chegado a “nossa vez” de desfrutar dos benefícios do “desenvolvimento”, explicitado em diversos programas governamentais de cunho desenvolvimentistas.

¹²⁸ Por interfaces compreende-se os entrecruzamentos, normalmente com algum grau de conflitividade, de diferentes lógicas cognitivo culturais, nas quais tais lógicas vão sendo redefinidas. O que se entende estar vinculado a modos diferenciados de socialização e profissionalização, em vista das diferentes trajetórias dos atores sociais em interação, que levam a problemas comunicativos ou choques de racionalidades. Como nos coloca Long, “a análise de *interfaces* nos permite compreender a maneira pela qual os discursos ‘dominantes’ são endossados, transformados ou desafiados” (Long, 2007: 146). Sendo uma das tarefas mais importantes na análise de *interfaces*, a explicação das implicações do conhecimento e poder nesta interação, mescla ou segregação de discursos diferenciados.

das decisões na organização produtiva praticada em suas unidades, como pode ser observado na percepção do agricultor Augusto.

Entretanto, em Teutônia, observa-se que entre o universo de agricultores familiares entrevistados para esta pesquisa, predomina uma visão positiva da opção via integração. Como esta visão foi sendo construída e afirmada socialmente, nas interações sociais entre os múltiplos atores inseridos no rural teutoniense, ao longo do processo histórico em análise? Este é o questionamento central do presente estudo, que visa-se aprofundar a partir do exame das *interfaces* estabelecidas pelos atores sociais vinculados a Cooperativa com os agricultores teutonienses, como também a dinâmica interna da Languiru em que foram sendo consolidadas suas diretrizes de ação ao longo do processo histórico analisado. Para, assim, compreender as formas através das quais estes atores, e assim as formas de percepção dos processos sociais tidas e trabalhadas por estes, foram sendo *agenciados* ao longo do período estudado. O que será realizado aprofundado no capítulo subsequente.

Todavia, de antemão, destaca-se a observação de que um elemento de crucial importância no processo de construção e afirmação desta forma de perceber-se os processos sociais esteve vinculada a maneira como foram sendo tratadas situações bastante críticas a esta forma de percepção. A partir do estudo desenvolvido, até o presente momento, pode-se observar que os contextos de crise enfrentados pela perspectiva de articulação econômico-produtiva via integração tiveram um impacto bastante limitado. Do universo de mais de trinta agricultores entrevistados para esta pesquisa, apenas dois salientaram de antemão os contextos de crise enfrentados pela Cooperativa, em princípios da década de 1980 e 2000. Os demais agricultores, apenas tocaram no assunto ao serem diretamente questionados sobre os mesmos, demonstrando lembrarem vagamente da crise enfrentada no início da década de 1980 e destacando o trabalho do novo quadro diretivo que assumiu a Cooperativa após a crise, em 2002.

Compreende-se que esta questão aponte para dois aspectos de suma importância acerca do objeto central de estudo desta dissertação. Em primeiro lugar, a observação de que a consolidação desta percepção predominante acerca dos contextos de crise econômico-financeira são emblemáticas de um incisivo trabalho social de compreensão das mesmas por atores vinculados a Cooperativa. Significativo, neste sentido, é o relato dos técnicos do DAP apontado no Informativo em fins da década de 1980. Ao avaliarem o trabalho realizado ao longo da década de 1980, para recuperarem a confiança dos associados no setor de suínos, estes técnicos salientaram ter sido necessário um “efetivo

trabalho para a recuperação da confiança do quadro de associados na suinocultura, como atividade econômica”. Ao mesmo tempo, os técnicos do DAP aproveitaram este escrito de avaliação para reafirmarem sua capacidade de agência, ao salientarem que naquele contexto de crise “a tradição e o entendimento daqueles que administram o Sistema de Produção da Cooperativa, fizeram que (...) a Languiru partisse na busca de novos rumos para a suinocultura” (Informativo Languiru, novembro, 1989: 6).

Assim, estes técnicos trabalharam de meados a fins da década de 1980, para recobram a confiança dos agricultores integrados em suínos a Languiru, objetivo que consideraram ter alcançado em fins da década de 1980. Para além da divulgação no periódico da Cooperativa, observa-se que estes técnicos viabilizaram a reconquista da confiança dos agricultores cooperativados em suas interações cotidianas. Pois, como se pode observar pelos relatos acima, em suas visitas aos cooperativados estes técnicos tiveram o cuidado de instigar os agricultores a investirem em determinados setores, salientando seus benefícios, a exemplo do relatado pela família de Nestor e de Francisco no contexto em que decidiram por investir nos setores de aves e suínos, respectivamente. A partir do contexto em que recobram a confiança dos associados no setor de suínos, em fins da década de 1980, estes técnicos seguiram no trabalho de negociação com os agricultores para que a suinocultura fosse implementada em sistema de integração vertical na Cooperativa, a partir de inícios da década de 1990.

Ao mesmo tempo, considera-se que a forma de construção e consolidação da integração, como predominante, simbólico material, de articulação econômico-produtiva para a agricultura familiar da região, aponta para um elemento crucial em nosso objetivo central de estudo, o fato de, para além dos fatores econômicos, outros terem sido de crucial importância. Pois, no trabalho social de construção desta percepção, observa-se que nos contextos de crise seria inviável que os resultados econômicos garantissem a confiança e fossem centrais na recuperação da mesma. Nestes contextos, infere-se que elementos tais como, identidade étnico cultural, conhecimento das lógicas de sociabilidade dos agricultores, além da histórica vinculação destes agricultores a Languiru, tenham sido de crucial importância.

Neste sentido, destaca-se, ainda, a observação de que uma das questões salientadas pelos agricultores familiares teutonienses entrevistados, em sua opção de se manterem na integração e perceberem a mesma como “melhor” opção para a agricultura familiar da região foram as garantias de venda da produção (em quantidade e periodicidade) que a mesma oferece. Esta observação poderia remeter a conclusões

contrárias das acima apontadas, de que nem sempre os elementos econômicos foram de crucial importância na conformação desta perspectiva como predominante e “melhor”. Todavia, ao se analisar esta percepção, percebe-se que estas garantias de escoamento da produção também tiveram que ser trabalhadas no imaginário dos agricultores familiares associados a Cooperativa. Pois, como se pode observar no Informativo Languiru de julho de 1982, a Cooperativa destacou, acerca do setor de suínos, “Comercialização segura” da produção oriunda de seu quadro de associados, após os momentos de crise enfrentados. Neste sentido, destacou-se naquele periódico, que a Languiru “garante a comercialização de toda a produção dos associados” (Informativo Languiru, Julho, 1982: 6).

Este conjunto de elementos parece corroborar com a observação de que no processo histórico de construção e consolidação da integração, como forma predominante de articulação econômico-produtiva para a agricultura familiar da região de Teutônia, os elementos mais concretos, como os econômicos, tiveram tanta importância quanto os elementos mais simbólicos, de identidade étnica, de propagação de determinado ideário sobre as garantias dadas pela Cooperativa. Por outro lado, salienta-se a observação de que estes elementos, materiais e simbólicos, não podem ser dissociados na análise, em vista de ambos estarem diretamente interligados, como se pode observar pela necessidade de a Cooperativa afirmar discursivo-simbolicamente as garantias de aquisição da produção oriunda do quadro de associados, no contexto de crise da suinocultura em inícios da década de 1980.

Com a análise empreendida neste capítulo considera-se ter salientado os limites de uma compreensão que concluisse que no processo de modernização da agricultura em Teutônia foi possível às famílias de agricultores de melhor condição econômica modernizarem suas unidades com a especialização produtiva nos setores de aves, frangos e suínos, dinamizando as condições econômicas desta parcela da população, em detrimento de uma ampla camada da população rural que não conseguiu participar deste processo, vindo os indivíduos mais jovens destas unidades produtivas trabalharem nas atividades não agrícolas e a camada mais idosa passar a depender dos programas de assistência pública, em especial a aposentadoria. Pois, os determinismos econômicos presentes neste tipo de conclusão não condizem com a forma que estes sujeitos históricos *experienciaram* o processo analisado.

Ao analisar-se as *experiências* destes homens e mulheres, pode-se observar que fatores como: o tamanho das unidades produtivas, as atividades agropecuárias praticadas e estratégias individuais dos membros destas famílias de agricultores, se imbricaram em um processo de condicionamento mutuo e intermitente, e assim em constante reconfiguração. Ao analisar-se as *experiências* destes sujeitos ao longo do processo social estudado, foi percebido que as condições simbólico materiais de cada unidade produtiva só podem ser pensadas pela negociação entre as estratégias postas pelos diferentes membros que compõem o grupo familiar, em suas interações com as estruturas sociais e as instituições econômicas em que estão inseridos.

Neste sentido, observou-se que, se por um lado, as diferentes configurações contextuais foram de crucial importância, especialmente frente as decisões das atividades econômico produtivas praticadas nas diferentes unidades,¹²⁹ por outro, nas decisões dos indivíduos membros dos grupos familiares nestes diferentes contextos, também tiveram importância como fatores causais aspectos que extrapolam os condicionantes contextuais, a exemplo de suas relações amorosas e demais anseios e desejos individuais. Frente ao que destacou-se, ainda, as influências de variações nas políticas públicas de financiamento para a agricultura familiar na redefinição da importância dos condicionamentos econômicos e da base material das unidades produtivas frente as estratégia que os membros dos grupos familiares colocaram em pratica nos diferentes contexto. Pela observação de que até a década de 1990 estes condicionamentos parecem ter tido maior importância do que no período posterior, devido a significativa ampliação das políticas públicas de financiamento para a agricultura familiar a partir de 1990, com destaque para a criação do PRONAF em 1996. Ao mesmo tempo, foi observado que na realização de investimentos econômicos e laborais realizados pelos agricultores teutonieneses em suas unidades produtivas tiveram grande importância a existência, ou não, de algum membro do grupo familiar que desse continuidade futura as atividades praticadas.

Neste processo também destacou-se a observação de que pela forma como o rural teutoniense foi sendo configurado no processo de modernização da agricultura, com a crescente diminuição do uso de força de trabalho humana, constantes elevações de produtividade por espaço trabalhado e mão-de-obra ocupada, somada ao aprofundamento da indisponibilidade de terras na região para a implementação de novas

¹²⁹ Todavia, em que a decisão por certa estratégia, em determinado contexto, não excluiu, automaticamente, as demais.

unidades produtivas a partir de meados do século XX, não teria sido possível que à maior parcela dos indivíduos que nasceram no rural teutoniense mantivessem nas atividades agropecuárias suas principais fontes de renda. Pois isto, possivelmente, levaria a uma profunda crise econômica nas unidades produtivas.

Ao questionar-se sobre as motivações que levaram aos desdobramentos da configuração atual do rural teutoniense, com uma ampla parcela da população que vivia no rural nas décadas anteriores a 1970 vindo a ter nas atividades não agrícolas sua principal fonte de renda e em que a maioria dos que se mantiveram no rural colocarem como estratégia a especialização produtiva, com destaque para os setores em *integração* com grandes agroindústrias, observou-se diversos indícios da expansão do ideário modernizante na região de Teutônia a partir de meados do século XX. Acerca do objeto de estudo mais específico desta dissertação, salientou-se, ainda, a observação de que nas *experiências* destes agricultores familiares de Teutônia, a forma como trataram suas situações e relações econômico-produtivas, em sua consciência e cultura, para, então, agirem, realizando determinadas escolhas e estratégias, os elementos mais concretos, a exemplo dos resultados econômicos, foram tão importantes quanto a conformação de determinada percepção acerca dos mesmos, em que a identidade étnico cultural, conhecimento das lógicas de sociabilidade dos agricultores, além da histórica vinculação destes agricultores a Languiru e rede de atores vinculados a esta, foram, igualmente, de crucial importância, conforme se objetiva aprofundar com a análise empreendida no Capítulo 4.

4.O empoderamento da Cooperativa e de seus atores no processo de modernização da agricultura em Teutônia.

“Ah, nisto daí,
eles falam como
e, a gente faz (risos)”

(Fragmento de entrevista realizado com uma agricultora de Teutônia)



1. Instalações do Departamento Agropecuário da Cooperativa Languiru (fonte: Cooperativa Languiru, 1980: 12). 2. Dia de Campo com agricultores cooperativados à Languiru em fins da década de 1970 (fonte: Cooperativa Languiru. Por que você deve plantar milho: os resultados de um trabalho técnico da Cooperativa Languiru Ltda. s/d) 3. Pocilga de criação de suínos de agricultor teutoniense, imagem realizada durante as pesquisas de campo - 2011

Este capítulo examina as interações estabelecidas ao longo do tempo entre os técnicos do Departamento Agropecuário (DAP) da Cooperativa Languiru e os agricultores cooperativados. O período analisado se estende de meados da década de 1970 ao início do ano de 2012, quando finalizamos o trabalho de campo. Busca-se, com isso, analisar as relações de força, poder e agenciamento que permitiram que a *integração* se construísse, entre os agricultores familiares de Teutônia, como a principal alternativa técnico-produtiva e de relação com os mercados adotada pelas famílias.

Na realização desta análise serão utilizadas, centralmente, as fontes documentais produzidas pelos técnicos do DAP, em que merecem destaque as publicações de seus trabalhos com agricultores a partir de fins da década de 1970 e seus apontamentos no periódico Informativo Languiru, publicados a partir de setembro de 1980. Entre as fontes orais, chama-se atenção para as entrevistas realizadas com cinco técnicos que trabalharam no DAP, além das entrevistas realizadas com agricultores cooperativados.

Esleu-se como foco de análise as interações estabelecidas entre os técnicos do DAP e os agricultores cooperativados, em função da percepção de que, ao longo do período estudado, estes técnicos foram, paulatinamente, tornando-se atores centrais, no processo de modernização da agricultura em Teutônia, empoderando-se na sua relação não apenas com os agricultores, mas com um conjunto mais amplo de agentes sociais. Por outro lado, observa-se que mesmo que ocorrendo um crescente agenciamento dos agricultores integrados à Cooperativa, sobretudo pelos técnicos, ao longo do recorte

temporal analisado, os agricultores cooperativados tiveram um importante papel na conformação da atual configuração do rural teutoniense, ao elegerem a integração às agroindústrias um elemento central em suas estratégias de reprodução econômica e social.

4.1 Estruturação e trajetória do Departamento Agropecuário da Cooperativa Languiru.

Desde fins da década de 1950 a Cooperativa Languiru já prestava assistência técnica aos agricultores cooperativados (Informativo Languiru, novembro de 1989: 5). No final do ano de 1974 foi formalizada, no entanto, a criação de um departamento específico, sediado junto ao escritório administrativo da Cooperativa, no bairro Languiru, em Teutônia, que passou a coordenar estas atividades.

Segundo o técnico agrícola Silvério Brune, que fez parte da primeira equipe do DAP, a formalização deste Departamento foi motivada pela expansão das atividades desenvolvidas pela Cooperativa no setor leiteiro, a partir da década de 1960¹³⁰:

A Languiru colocou a agroindústria de leite em 1962. Aí começa a mudar o quadro. Começa a comprar leite, começa a se aumentar um pouco a produção. E aí em 1974 a Languiru instituiu o fomento. Do qual eu fiz parte da primeira equipe, né? Éramos entre sete técnicos agrícolas e o Krabbe como engenheiro agrônomo, né? Ai nós montamos o fomento. E eu fiquei justamente na área de leite e pastagens, né? Também lavouras demonstrativas de milho, né? (...) Então em 1974 foi instituído o fomento da Languiru, o famoso DAP, Departamento Agropecuário, né? (...) Foi em novembro de 1974. A turma se formou (de técnicos em agropecuária, no Colégio Agrícola Teutônia), daí fomos fazer o estágio, um grupo escolhido já. Nós terminamos o curso em novembro, e já viemos trabalhar, né?¹³¹

Como se pode depreender do relato de Silvério, a primeira equipe estruturada para trabalhar no DAP era constituída pelo engenheiro agrônomo Hércio Krabbe e por técnicos agrícolas formados no Colégio Agrícola de Teutônia, sendo todos oriundos desta região. Hércio Krabbe havia cursado o curso de agronomia na Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), na primeira metade da década de 1970. Segundo relatou na entrevista realizada durante o trabalho de campo:

Eu me formei em 1973. Eu fui o primeiro engenheiro agrônomo que se formou em Santa Maria. Eu fui o segundo de Teutônia, o segundo primo meu se formou em Pelotas (Universidade Federal de Pelotas - UFPel) em 1972,¹³² eu fui pra Santa Maria, (...). Mas eu fui o primeiro engenheiro agrônomo que se formou efetivamente em Santa Maria e que começou a trabalhar aqui,

¹³⁰ Silvério é filho de agricultores da região de Teutônia, e formou-se como técnico agrícola no Colégio Agrícola Teutônia, em meados da década de 1970.

¹³¹ Entrevista realizada em 03/06/2011. Na Secretaria de Agricultura e Meio Ambiente de Teutônia.

¹³² Possivelmente Krabbe foi a Santa Maria ainda no final da década de 1960, pois este retornou a Teutônia, já formado como engenheiro agrônomo em fins de 1973.

porque a região era totalmente atrasada, e a Languiru, naquele tempo, já tinha tentado trazer veterinários e agrônomos, mas o pessoal, todo mundo, jogou a toalha¹³³.

Na visão de Krabbe, os engenheiros agrônomos e médico veterinários que trabalharam na Languiru antes da década de 1970, não teriam sido “exitosos em seus trabalhos” por não serem oriundos de Teutônia, não conhecendo, portanto, as formas de sociabilidade dos agricultores vinculados à Cooperativa. Para estruturação do DAP foi contratada uma equipe composta por técnicos agrícolas e pelo agrônomo Krabbe, todos de descendência germânica e nascidos na região.

Mais de 80% dos agrônomos que passaram a trabalhar no DAP em seu período de criação, em meados da década de 1970, eram oriundos de Teutônia, tendo se formado no Colégio Agrícola do município, graduando-se, posteriormente, na Universidade Federal de Santa Maria - UFSM. Mesmo considerando que alguns destes profissionais não seguiram esta trajetória, percebe-se que a maioria dos técnicos de nível superior que se vincularam ao DAP ao longo de sua história como instituição eram, e ainda são, de descendência germânica¹³⁴. Assim, acredita-se que a maior parte dos profissionais dominava o dialeto germânico falado na região. Entre os técnicos agrícolas o predomínio de descendentes de imigrantes germânicos é ainda maior. Cerca de 90% dos técnicos agrícolas e técnicos em agropecuária ligados à Cooperativa, realizaram sua formação no Colégio Agrícola Teutônia¹³⁵, sendo filhos de agricultores cooperativados que realizaram estágios profissionais na Languiru, continuando a trabalhar na instituição depois de formados.

É importante ressaltar que o Colégio Agrícola Teutônia, fundado em 1952, manteve, ao longo de sua história, relações bastante estreitas com a Cooperativa Languiru. Em 1985 a Cooperativa disponibilizou dois de seus agrônomos que passaram a dar aulas no curso de técnico em agropecuária do Colégio Teutônia, sem ônus para esta instituição. Em determinados períodos, o Colégio vendia toda sua produção de

¹³³ Entrevista realizada em 14/07/2009, na residência de Hércio, no bairro Languiru.

¹³⁴ Isso se pode observar pelo quadro pessoal do DAP em 2010: Renato *Kreimeyer* era o coordenador geral do Departamento. Sinécio *Wilsmann* figurava como responsável pelo setor de aves, no qual trabalhavam, ainda, os técnicos Jaime Luis *Borgelt*, Marcelo *Meier*, Jaques Rudolfo *Landmeier* e Vitor *Weiss*. Beto Aurélio *Markus* era o responsável pelo setor de suínos ao qual encontravam-se vinculados os técnicos Elói Guilherme *Hinnah*, Jonas Rafael *Schneider*, Mateus Anderson *Otto*, Alexandre *Johann*, Angelo *Kaisenkamp*, Rodrigo Buchner *Leonhardt*, Talita *Halmenschlager* e Maiquel Pereira. Fernando *Staggemeier* era o responsável pelo setor de gado leiteiro, no qual trabalham os técnicos Daniel *Leonhardt*, Dilson Vanderlei *Fredrich*, Lucio *Wahlbrink*, Mauricio *Eidelwein*, Mauro Eduardo *Aschebrock* e Carlos Roberto *Schwingel* (Relatório da Cooperativa Languiru, 2010: 2-20).

¹³⁵ Nos arquivos do Colégio Agrícola Teutônia, encontra-se apenas os trabalhos de conclusão dos Cursos Técnicos dos últimos cinco anos, sendo os anteriores descartados.

aves, suínos e leite à Languiru (Informativo Languiru, setembro, 1985: 6 e 7). Juntos, o Colégio Agrícola e a Languiru, desenvolveram diversas atividades voltadas à disseminação de tecnologias implantando, de forma conjunta, campos de experimentação e promovendo atividades de campo, ao longo de todo o período estudado. A partir de 1987 a Cooperativa passou a oferecer, anualmente, dez bolsas de estudo aos filhos de agricultores cooperativados que quisessem se matricular em cursos técnicos (Informativo Languiru, Dezembro de 1987: 4). No ensino fundamental e médio os filhos de agricultores associados também recebiam auxílio da Cooperativa.

A parceria estabelecida entre o Colégio e a Cooperativa na formação de quadros pode ser ilustrada através da entrevista realizada com o técnico agrícola Ricardo Dickel. Este técnico, que no momento da entrevista trabalhava na Languiru, é filho de produtores rurais de Teutônia e começou a trabalhar no DAP em 1983, após ter se formado como técnico agrícola no Colégio Agrícola Teutônia. Segundo Dickel:

Dos nossos colegas, a maioria era do Colégio Teutônia (formados no técnico em agropecuária) ou iam pra Santa Maria se formar como veterinários ou agronomia, agrônomo, né? Então nós tínhamos apenas três colegas, na área veterinária, nessa nós tínhamos alguns que eram de fora, mas a parte dos agrônomos sim, esses eram todos formados no Colégio Teutônia, Santa Maria e voltaram pra prestar orientações pra os produtores na Languiru, pros nossos associados.¹³⁶

Este depoimento registra uma variação entre médicos veterinários e agrônomos, com presença mais forte de profissionais não oriundos da região de Teutônia na equipe de veterinários.

Segundos os depoimentos recolhidos durante o trabalho de campo, até o início da década de 1970 os profissionais de nível superior que integravam a equipe da Cooperativa vinham “de fora”, sendo os técnicos de nível médio (técnicos agrícolas), na sua grande maioria, naturais da região. A partir de então, os profissionais de nível superior, principalmente os agrônomos, contratados pela Cooperativa, passaram a ser, também, originários de Teutônia ou de municípios vizinhos.

Concebe-se a origem étnica destes técnicos como um elemento de grande relevância em suas interações com os agricultores da região. Como já foi ressaltado anteriormente, os agricultores do município de Teutônia são, na sua grande maioria,¹³⁷ descendentes de imigrantes germânicos. Muitos deles têm como língua principal, ou

¹³⁶ Entrevista realizada no frigorífico de frangos da Cooperativa Languiru, em Westfália, em 06/06/2011.

¹³⁷ Na estimativa de Silvério Brune, um dos técnicos que tivemos a oportunidade de entrevistar, mais de 95% dos agricultores do município de Teutônia ainda são descendentes de migrantes germânicos, atualmente.

única, o dialeto germânico regional, Hunsrück. A identidade étnica e o domínio do dialeto são elementos cruciais na interação com estes agricultores. Conforme pude perceber nas visitas às famílias de agricultores realizadas durante a pesquisa de campo, os rostos sérios, com olhar atento ao estranho que chega, se suavizam com um “*good tag*” (bom dia). Imediatamente após o primeiro cumprimento, percebe-se a preocupação dos interlocutores no sentido de confirmar a origem étnica do interlocutor. Assim, eram comuns questionamentos como “tu é alemão também, né?”, questionamento este que, depois de confirmado, era corriqueiramente complementado com “mas tu é filho de quem?”. Este mapeamento das origens familiares (essencialmente pais e avós) do pesquisador modificava a dinâmica de interação estabelecida durante a entrevista. Na grande maioria dos casos, vencida essa etapa de apresentações, os agricultores passavam a me chamar pelo sobrenome.

Conforme observado por diversos autores (Almeida e Deponti, 2008) (Neves, 1998) o trabalho de mediação envolve um encontro entre dois mundos, demandando uma gestão constante de diferenças e assimetrias. Nesse caso específico, as distâncias existentes entre os sujeitos envolvidos nessa relação de “assistência técnica” parecem ter sido minimizadas pelo compartilhamento de uma identidade étnica e cultural comum. Essa proximidade permitiu aos técnicos, ao que tudo indica, estruturar dinâmicas de intervenção condizentes com as características sócio-culturais dos agricultores de teutônia que se mostraram, pelo que se pode perceber, bastante eficazes.

Mas é importante destacar que essa identidade não pode ser vista como uma essência, sendo resultado, também do processo histórico social migratório, que também produz etnicidade. Neste sentido, como será observado ao longo deste capítulo, no processo de modernização da agricultura em Teutônia, a identidade étnica o “ser alemão” (em contraposição aos brasileiros: afrodescendentes, descendentes de migrantes espanhóis e portugueses, entre outros) foi sendo reafirmada e valorizada simbólica e socialmente.

Entre os técnicos de nível superior, engenheiros agrônomos e médicos veterinários que vieram a trabalhar no DAP, observa-se que a grande maioria formou-se na Universidade Federal de Santa Maria – UFSM. A formação da maioria dos técnicos entrevistados, ocorrida ao longo das décadas de 1970 e 1980, foi marcada pelo predomínio da teoria “difusionista”. A hegemonia deste tipo de abordagem na formação acadêmica destes técnicos pode ser observada a partir da produção acadêmica do

mestrado em Extensão Rural da UFSM, criado em 1975¹³⁸. Como coloca Callou (2006), juntamente com as instituições norte-americanas espalhadas pela América Latina no contexto de Guerra Fria, foram relevantes as contribuições da teoria ‘difusionista’ vindas “dos cursos de mestrado em Extensão Rural, criados em 1968, na Universidade Federal de Viçosa (MG), e, em 1975, na Universidade Federal de Santa Maria (RS)” (2006: 10-11).

A influência do paradigma difusionista é bastante perceptível nos trabalhos do DAP, principalmente nas décadas de 1970 e 1980. Neste sentido, corrobora-se a compreensão de Delma Peçanha Neves, de que as instituições que acolhem estes mediadores sociais:

não podem ser pensadas por intenções autônomas que se impõem. Seu papel incorpora as contribuições resultantes da socialização profissional para o exercício da mediação política e cultural. Elas fazem intervir um conjunto outro de instituições e referências, recursos que asseguram suporte e legitimidade às suas práticas (NEVES, 2008: 37)¹³⁹.

A ideia de que a “difusão” de inovações tecnológicas contitui-se como o principal vetor da mudança tecnológica na agricultura está fortemente presente na lógica que permeia as ações do DAP. Todavia, em seus esforços por difundir essas inovações, percebe-se que estes técnicos buscaram adaptar seus métodos às características socioculturais do quadro de agricultores cooperativados à Languiru e às características agroecológicas de seus sistemas produtivos, com forte presença de unidades produtivas de até 15 ha, situadas, muitas vezes, em terrenos íngremes. Ou seja, estes técnicos levaram em conta a presença de pequenas propriedades na região, a falta de mão de obra excedente na agricultura familiar regional, as dificuldades de aquisição de maquinário enfrentadas pelos produtores, entre outros fatores¹⁴⁰.

¹³⁸ O quadro de professores deste mestrado era constituído, a época, pelos mesmos professores responsáveis pela formação, na graduação, dos técnicos que viriam a trabalhar no DAP.

¹³⁹ Da mesma forma, lembra-se que Long (2007) é bastante enfático frente as necessidades de traçar-se as trajetórias sócio profissionais dos mediadores, para a compreensão de suas atuações.

¹⁴⁰ Quando descrevem as ações desenvolvidas pelo DAP nas safras de 1976 a 1978 relacionadas à cultura do milho, divulgadas através de uma publicação organizada pela própria Cooperativa, os técnicos destacam os esforços desenvolvidos pelo quadro técnico da Languiru “com a finalidade de enquadrá-la [a produção de milho] em nossa realidade geográfica, climática e fundiária realizando , um esforço de união de alta tecnologia com a realidade do quadro social da Cooperativa (Cooperativa Languiru, 1978: 2).

Da mesma forma, nos trabalhos realizados pelo DAP no contexto de crise econômica, sobretudo na primeira metade da década de 1980, intensifica-se a preocupação com a adaptação dos insumos e manejos à realidade regional. Segundo os técnicos, os agricultores deveriam primeiramente utilizar todas as potencialidades existentes na própria unidade produtiva antes de acessarem os mercados. Emblemática nesse sentido foi a frase do coordenador do setor de suínos do DAP, o engenheiro agrônomo Dirceu Bayer, que considerou que para sair da crise “o *colono* deve voltar a ser *colono*” e plantar, para a engorda dos porcos, culturas tradicionais como mandioca, batata doce, cana-de-açúcar, abóbora e outros” (Informativo Languiru, junho de 1982: 8). Da mesma forma os técnicos do DAP salientaram que os

Importante aqui, observar, que a necessidade de adaptar as tecnologias da Revolução Verde à realidade dos agricultores vinculados às cooperativas empresariais parece ter se constituído em um movimento mais geral do cooperativismo sul-riograndense a partir do final dos anos 1970. Segundo Duarte (1997), nesse período, grande parte das cooperativas do Estado redefiniram suas ações de assistência técnica, passando a investir em pesquisas que viabilizassem a adaptação das tecnologias difundidas por suas equipes técnicas, movimento que parece ter se aprofundado no cotexto de crise econômica da década de 1980. Na década de 1970, no entanto, a elevação da produtividade constituiu-se como um objetivo central da assistência técnica. Em Teutônia, a partir de 1974, os técnicos do DAP reforçam sua atuação nos setores de leite e suínos. Com a estruturação do complexo avícola na Languiru, em 1979, estes técnicos também passaram a trabalhar no setor. Nas publicações da Cooperativa, a elevação da produtividade das culturas é vista como resultado direto da ação dos técnicos. Em 1978 uma publicação da Cooperativa celebrava o aumento acentuado da produtividade média de milho na região. (Cooperativa Languiru, 1978. Em 1980, Elton Klepker, então presidente da Cooperativa declarava: “em nome da diretoria e dos 8.000 Associados, [prestamos] reconhecimento ao quadro do Departamento Agrotécnico¹⁴¹, especialmente ao incansável batalhador Eng^o Agr^o Hércio Krabbe, que muito tem realizado em favor da Cooperativa e dos cooperativados” (Cooperativa Regional Agro-Pecúaria Languiru, 1980: 1). A importância atribuída às ações da assistência técnica justificava, por sua vez, os altos gastos com o Departamento: “O DAP é o responsável pelos maiores gastos da Cooperativa, o que é perfeitamente justificável pelos altos índices de produtividade que se vem alcançando” (Informativo Languiru, novembro, 1980: 4).

Ao longo das décadas de 1990 e 2000, observa-se que a ampliação da escala, a redução dos custos de produção e a elevação da produtividade ganham um destaque ainda maior como objetivos do trabalho da assistência técnica, em um contexto marcado pela liberalização dos mercados de produtos agrícolas e pela crescente atuação, na Região Sul do país, das grandes transnacionais do setor agroalimentar.

agricultores deveriam ter uma produção diversificada, para com isso minimizarem seus gastos com gêneros alimentícios, neste contexto de crise.

¹⁴¹ Dentre os integrantes do Departamento, em 1980, estavam envolvidos no projeto os seguintes técnicos: Fritz Follmer (Coordenador), Hércio Krabbe (engenheiro agrônomo e organizador da publicação); Milton Carlos Lopes Martins (Médico Veterinário), Mariana O. Lecke (Médica Veterinária), Paulo Ricardo Wolf (Médico Veterinário – estudante), Ronaldo Goldmeyer (Técnico Agrícola), Hugo Lange (Técnico Agrícola), Heinz Diefenthaler (Técnico Agrícola) e Renato Kremeier (Técnico Agrícola) (Cooperativa Regional Agro-Pecúaria Languiru, 1980: 33).

Em junho de 1999, o Informativo Languiru chama atenção para a necessidade de que os agricultores passem a organizar suas atividades produtivas pautando-se na “agricultura de precisão”. Segundo estes técnicos: “A agricultura de precisão procura reduzir o trabalho penoso do agricultor, dar maior eficiência, reduzir custos, aumentar a produtividade e a lucratividade. (...) A agricultura de precisão - ou seja, produzir mais com custos menores - é vista não apenas como alternativa, mas como solução.” Pois, “O produtor rural para sobreviver na atividade precisa reduzir, cada vez mais, os custos de produção e aumentar a produtividade. Para tanto, precisa ter assistência técnica e treinamento, fertilizantes, sementes de qualidade e maquinário eficiente” (Informativo Languiru, maio – junho de 1999: 3).

Os resultados positivos alcançados pelos técnicos do DAP no que se refere à elevação da produtividade¹⁴² parecem ter sido de crucial importância no reconhecimento e empoderamento destes técnicos ao longo do processo social estudado. Este empoderamento dos técnicos do DAP e do próprio Departamento pode ser observado tanto na sua relação com o quadro diretivo da instituição Cooperativa como em sua atuação junto aos agricultores cooperativados.

As mudanças ocorridas ao longo do tempo na composição do quadro dirigente da Cooperativa são, neste sentido, bastante emblemáticas. Os primeiros presidentes da Languiru eram agricultores, oriundos do quadro de lideranças que fundou a Cooperativa. Assim, presidiram a Languiru em seus primeiros anos os agricultores Germano Ernesto Horst (de 1955 a 1958) e Arlindo Dahmer (de 1958 a 1971). Dahmer foi sucedido pelo contador Elton Klepker. Klepker foi um dos principais líderes dentre os fundadores e ocupou cargos diretivos na Cooperativa desde sua fundação¹⁴³. Elton presidiu a Cooperativa de 1971 a 1981, quando saiu do cargo para se candidatar à prefeitura do recém emancipado município de Teutônia, vencendo a eleição. Assim, em 1981, Fritz Follmer elegeu-se presidente da Cooperativa, ficando no cargo até 1986.

A ascendência de Follmer à presidência da Cooperativa parece ser expressão do empoderamento do DAP no contexto geral da instituição. O DAP foi dirigido, no período imediatamente posterior à sua fundação, pelo engenheiro agrônomo Hércio Krabbe. Entretanto, a coordenação do Departamento ficou a cargo de Fritz Follmer,

¹⁴² Neste sentido, também foi emblemático o artigo publicado no Informativo Languiru de julho de 1992: “Ano após ano, a CoeLan vem aumentando os índices de produtividade. Este aumento de produtividade deve-se aos programas de fomento realizados pelo Departamento Agropecuário” (Informativo Languiru, julho, 1992: 8).

¹⁴³ Ele havia sido responsável pela fundação de diversas pequenas cooperativas na região, grande parte das quais foi incorporada pela Languiru.

então integrante do quadro de lideranças da Cooperativa. Compreende-se, aqui, que os dirigentes da Cooperativa tinham noção da importância estratégica da assistência técnica, entendendo que esta atividade não deveria ficar a cargo, somente, de uma recém contratada equipe de técnicos. Quando Follmer assumiu a presidência da Cooperativa em 1981, Hércio Krabbe foi convocado para ser vice-presidente da Languiru, convite este que demonstra o respaldo que havia construído frente às lideranças da Cooperativa em função do trabalho desenvolvido no DAP. Quando Krabbe assumiu a vice-presidência da Cooperativa o engenheiro agrônomo Dirceu Bayer, que trabalhava na Cooperativa desde fins da década de 1970, passou a coordenar o DAP. O trabalho de Bayer à frente do Departamento foi constantemente destacado no Informativo Languiru a partir de 1980, com destaque para as ações empreendidas no contexto de crise do setor de suínos nesta década.

Para o ano de 1986 estava prevista nova eleição para o Conselho Administrativo da Cooperativa. Nesta eleição foi realizada uma consulta prévia entre o quadro social da Cooperativa, em janeiro de 1986, na qual os associados podiam votar em um conjunto de vinte e três nomes de pretendentes ao cargo, apresentado pela Languiru. O resultado destas prévias foi publicado no Informativo Languiru de fevereiro de 1986, com a seguinte classificação: o mais votado foi Hércio Krabbe, em segundo lugar Fritz Follmer, em terceiro o contador Ronald Wessel, em quarto o engenheiro agrônomo Dirceu Bayer, em quinto o engenheiro civil Sílvio Brune¹⁴⁴. Assim, para Assembleia Geral da Cooperativa, realizada em abril 1986, foram apresentadas três chapas que concorriam ao Conselho Diretivo. Fritz Follmer não pode participar de nenhuma delas em vista de seu precário estado de saúde, falecendo meses depois. A chapa vencedora foi composta por: “Presidente: Hércio Krabbe. Vice-presidente: Eri Frederico Bünecker. Secretário: Sílvio Brune. Conselheiros: Dirceu Bayer e Osvaldo Schoer” (Informativo Languiru, abril, 1986: 6).

O engenheiro agrônomo Hércio Krabbe manteve-se na presidência da Cooperativa de 1986 a 2002. A partir de 1986 observa-se que o conselheiro e engenheiro agrônomo Dirceu Bayer passou a assumir um destaque cada vez maior na vida institucional da entidade. Como se pode observar pela análise das edições do Informativo publicadas entre 1986 e 1990, Bayer, juntamente com Krabbe, passou a assumir um papel cada vez mais importante na representação da Cooperativa frente a

¹⁴⁴ Nesta classificação não constam as formações dos concorrentes, assim, pontuamos as mesmas a partir das interações e conhecimento sobre estes atores.

diferentes órgãos públicos permanecendo, no entanto, ao longo desse período, na coordenação do DAP. Nas eleições de 1990, Dirceu Bayer assumiu a vice-presidência da Cooperativa, com Krabbe na presidência, ambos se mantendo em seus cargos até 2002, quando Bayer tornou-se presidente da Cooperativa e Krabbe se afastou da mesma. Importante lembrar que em 2002 a Cooperativa estava prestes a falir. As ações de Krabbe à testa da Cooperativa, sobretudo a partir de meados da década de 1990, teriam sido de crucial importância para levar a Languiru a esta situação, segundo nos foi relatado por atores sociais atualmente vinculados à direção da Cooperativa.

Nas eleições de 2002, Bayer assumiu a presidência e o engenheiro agrônomo Renato Kreimeir, então coordenador do DAP, assumiu a vice-presidência da Languiru, mantendo-se em seus cargos até a atualidade (2012). A confiança que Dirceu e Renato conseguiram junto aos associados, e que fez com que assumissem a direção da Cooperativa em 2002, conduzindo seu projeto de reestruturação, parecem ter sido resultado das relações construídas ao longo de sua trajetória com o quadro social da Cooperativa.

Ao analisar a trajetória destes técnicos observa-se que sua atuação no DAP foi de crucial importância para que viessem a assumir cargos diretivos na Cooperativa. Ambos estiveram à frente do DAP por um longo período, tendo sua atuação publicizada através do Informativo Languiru desde fins da década de 1980. Em 2001 Kreimeir assumiu a coordenação do DAP, na qual mantêm-se até a atualidade (2012), conciliando essa atuação com o cargo de vice-presidente da Cooperativa.

Caminho semelhante foi percorrido pelo engenheiro agrônomo Pedro Raul Mallmann. Pedro é filho de agricultores da região de Teutônia (de Santa Clara do Sul). Em 1980 Mallmann graduou-se como engenheiro agrônomo pela Universidade Federal de Santa Maria. Em 1983 começou a trabalhar na Cooperativa Languiru. A partir de fins da década de 1980 sua atuação passou a ganhar destaque no Informativo da Cooperativa. Em 1997 Mallmann assumiu o cargo de coordenador do DAP e a partir de 2002 tornou-se diretor geral na Cooperativa.

O fato de trabalharem no DAP e de terem tido seu trabalho visibilizado pelo Informativo Languiru não são os únicos elementos comuns na trajetória desses profissionais. Todos se graduaram em agronomia pela Universidade Federal de Santa Maria. Da mesma forma, todos eram oriundos da região de atuação da Languiru, sendo descendentes de imigrantes alemães e dominando o dialeto germânico local. Todos tiveram uma trajetória pelo DAP até alcançarem o posto de coordenador do

Departamento. A partir daí, passam a assumir outros cargos centrais na Cooperativa. Em quatro publicações elaboradas no período em que atuou como coordenador do DAP, Krabbe aparece como uma figura de destaque. A partir de 1980, com a fundação do Informativo Languiru, tanto Bayer como, posteriormente, Mallmann e Kreimeier, redigiram diversos artigos para o periódico, sendo constantemente citados pela sua atuação no DAP. As ações desenvolvidas por estes técnicos no espaço de atuação do DAP empoderaram politicamente estes técnicos no contexto geral da Languiru. Os efeitos destas ações contribuíam para o empoderamento do DAP, fortalecendo a atuação desses técnicos num processo dialético e, portanto, não linear. Todavia, quais foram os elementos que empoderaram os agrônomos Hércio Krabbe, Dirceu Bayer e Renato Kreimeier, que a partir do DAP ascenderam a cargos diretivos na Cooperativa? No reconhecimento destes agrônomos entende-se que os vínculos que estes tinham com o contexto local de atuação da Cooperativa foram essenciais. Mas este elemento não os diferencia da grande maioria dos agrônomos e técnicos agrícolas, pois, como observou o técnico agrícola Ricardo Dickel, boa parte do corpo técnico da Cooperativa com exceção de alguns dos medidos veterinários era oriunda da região. Neste sentido, compreende-se que a formação acadêmica, de nível superior, contribuiu para empoderar os agrônomos. Já na comparação com os médicos veterinários, considera-se que a formação agrônômica lhes garantiu maior respaldo para ascender aos postos de coordenação do DAP, tendo em vista que esta formação lhes proporcionava um conhecimento mais abrangente do conjunto das atividades produtivas desenvolvidas pela Cooperativa. Esta percepção é corroborada pela trajetória dos veterinários, que tenderam a assumir, em boa parte dos casos, liderança em setores de produção específicos, relacionados à criação animal, coordenados pelo DAP.

Entretanto, mesmo entre os agrônomos que ascenderam ao Conselho Administrativo da Cooperativa, deve-se levar em conta suas características pessoais, sua forma de atuação, o modo como foram construindo suas relações de modo a obter reconhecimento interno no DAP e junto a outros setores da Cooperativa. Um elemento importante parece ter sido a metodologia de trabalho destes técnicos com os agricultores associados. Como salientou Elton Klepker, em entrevista, comentando os resultados alcançados pelos técnicos do DAP: “a diferença era que o Krabbe pegava junto com os *colonos*, ia lá e mostrava que dava certo, né?”¹⁴⁵ Nas publicações da Cooperativa

¹⁴⁵ Entrevista realizada na residência de Elton Klepker, no bairro Languiru, em 14/07/2009.

percebe-se, além disso, uma certa ênfase atribuída à qualidade de sua formação técnica. Já Dirceu Bayer e Renato Kreimeier parecem se destacar pela sua simplicidade e identidade com os agricultores associados, o que parece ter sido um elemento central no momento em que estes assumiram a presidência da Cooperativa, reforçando relações de confiança entre o quadro social da Cooperativa e seus dirigentes. Mas estas características pessoais não devem ser vistas, de forma estanque. A intervenção de Krabbe na demonstração de práticas tecnológicas também contribuiu para criar uma proximidade deste técnico com os agricultores. As qualificações técnicas de Bayer e Kreimeier também ajudaram a fortalecê-los como dirigentes. O que se buscou considerar, aqui, são apenas diferenciações sutis, captadas mais a partir de indícios do que de provas.

4.2 Interações entre técnicos do DAP e agricultores cooperativados: ações e percepções dos técnicos

A primeira fonte escrita que abordou a interação entre técnicos e agricultores cooperativados à Languiru, identificada durante a pesquisa, foi publicada no final do ano de 1978. Com o título “Por que você deve plantar milho: os resultados de um trabalho técnico da Cooperativa Languiru Ltda”¹⁴⁶, os técnicos do DAP apresentam, em uma pequena publicação, os resultados de diferentes ações voltadas à difusão do cultivo de milho na região de atuação da Cooperativa. Neste trabalho, os técnicos ressaltam suas preocupações acerca da necessidade de adaptar “técnicas modernas à realidade geográfica, climática e fundiária” de atuação da Languiru (1978: 1).

Para atingir estes objetivos, o corpo técnico do DAP utilizou-se, na ocasião, de duas metodologias: o cultivo de uma área de uma lavoura experimental de responsabilidade da Cooperativa Languiru no Colégio Agrícola Teutônia e a instalação de áreas experimentais nas propriedades de agricultores cooperativados que quisessem participar de um concurso de produtividade. Esta segunda metodologia nos parece emblemática das dinâmicas de trabalho dos técnicos do DAP junto aos agricultores cooperativados.

Nas áreas experimentais implantadas nas propriedades dos agricultores, os técnicos do DAP organizaram, a partir da safra de 1976–1977, Campanhas de Produtividade de Milho. Em 1976, trinta agricultores associados à Cooperativa

¹⁴⁶ Teve-se acesso a esta publicação no arquivo pessoal do engenheiro agrônomo H. K.

plantaram lavouras demonstrativas nos seguintes moldes: $\frac{1}{4}$ de hectare com adubação orientada por análises do solo; $\frac{1}{4}$ com a adubação tida como “tradicional”, “sem uso do adubo, porém já utilizando sementes de milho híbridos” (Cooperativa Languiru, s/d: 14). Buscava-se demonstrar os benefícios de uma adubação referendada pela análise de solo e, assim, difundir esta prática entre os agricultores da região. Para que os agricultores percebessem estes benefícios foi publicada uma tabela comparativa entre as lavouras orientadas pelos técnicos e as “tradicionais”, em que aparecem os resultados das lavouras de todos agricultores cooperativados que participaram da Campanha. Nestas tabelas os produtores foram listados em ordem decrescente quanto a sua produtividade, pois os agricultores com melhores índices de produção seriam premiados.

Da mesma forma, foram apresentadas tabelas de produção e premiados os produtores com maiores índices de produtividade na Campanha desenvolvida da safra 1977–1978. Entretanto, nesta Campanha, todas as plantações seguiram a adubação recomendada pela análise do solo. Segundo o engenheiro agrônomo responsável por estas campanhas Hércio Krabbe¹⁴⁷, através desta dinâmica (com premiações por produtividade e publicação tabelas de produção) os técnicos do DAP objetivavam instigar a competição entre agricultores, estimulando-os a elevar suas produtividades.

Quando se compara estas duas Campanhas, percebe-se o aumento do número de agricultores associados participantes, bem como a elevação dos índices de produtividade na safra de 1977-1978 em relação à safra anterior.¹⁴⁸ Entretanto, segundo os técnicos do DAP, nestas lavouras os índices de produtividade eram maiores que a média, em vista de os associados dedicarem muito mais atenção e investimentos nas lavouras integradas às Campanhas, tendo como objetivo tornar-se campeões.

O incentivo à competição entre os agricultores cooperativados, através da oferta de prêmios, também foi destaque nas comemorações dos 20 anos da Cooperativa, em 1975. Nestas comemorações foram realizadas grandes festividades, com a vinda do General Ernesto Geisel ao município de Teutônia. O então presidente da Cooperativa, Elton Klepker, mantinha relações de amizade com o Presidente da República¹⁴⁹. Na festa comemorativa dos 20 anos da Cooperativa, Geisel entregou o prêmio ao produtor que forneceu a maior quantidade de leite à Cooperativa. Já o Governador do Estado Sinval

¹⁴⁷ Em entrevista concedida em 14/07/2009.

¹⁴⁸ Em 1978 a média de produtividade das lavouras dos associados foi de 6.000 Kg de milho por hectare.

¹⁴⁹ Os pais da esposa de Geisel eram oriundos de Estrela, de onde Elton Klepker os conhecia.

Guazzelli entregou o prêmio ao produtor que produziu a maior quantidade de carne suína. Geisel entregou ao associado Sildo Brackmann (que havia produzido, em 1974, 42.336 litros de leite), “uma vaca holandesa (que produz 28 litros de leite por dia) e uma terneira, avaliadas em 15 mil cruzeiros”. Após parabenizar o vencedor, o General fez “questão de ressaltar o trabalho do premiado”, dizendo que sua tarefa devia “servir de exemplo aos demais produtores de leite”, como foi ressaltado na publicação organizada pela Cooperativa. O Governador do Estado, Sinval Guazzelli, entregou o prêmio ao maior produtor de suínos do anos de 1974 a Werno Edgar Ohlweiler, “cujo plantel rendeu 11.305 kilos de carne suína, toda ela processada na Cooperativa. Recebeu o vencedor em suínos uma leitoa e os onze filhotes” (Cooperativa Languiru, 1975: 17).

Nas entrevistas com os técnicos que trabalharam no DAP neste período, os mesmos afirmaram que a competição seria uma característica étnica e sócio-cultural dos agricultores da região de Teutônia. Na entrevista realizada com o engenheiro agrônomo Hércio Krabbe, este considerou que a eficácia das atividades do DAP deveu-se, primordialmente, ao fato de os técnicos trabalharem com um elemento fundamental da cultura dos ‘colonos’ desta região:

a nossa região, quando eu comecei a trabalhar, era uma região muito, muito atrasada. Uma região muito conservadora, onde o melhor fomento foi usar o efeito inveja. Ou seja, é um povo, são pessoas muito, muito invejosas. Isto se deve bastante, nós somos descendentes de alemães, é, é, o alemão na sua origem, ele é muito invejoso. Isto já, o alemão começou a ficar mais solidário a partir da ultima Guerra Mundial, onde ele tinha que começar a dividir batatinha, essas coisas tudo. Antes disso é um povo extremamente, que disputava muito com seus vizinhos. E o melhor fomento, que deu certo aqui, foi o efeito inveja. Fazer, bancar uma demonstração num vizinho, o vizinho torcia para que não desse certo, no momento que dava certo ele começou a fazer. E eu consegui, usando o efeito inveja, como o vento move, movimentando os barcos, eu fiz a inveja para movimentar essa região aqui. Por que eu sou descendente da região, nasci aqui, eu conhecia bem esse, esse povo daqui. E nós, efetivamente, nós conseguimos fazer um milagre aqui. Aqui, aqui, aqui nós conseguimos transformar a região como sendo a segunda maior bacia leiteira do Brasil, e a primeira bacia leiteira do Rio Grande do Sul. (...) Aqui se industrializou durante vinte e cinco anos mais do que sessenta por cento do leite do estado do Rio Grande do Sul.

Segundo Krabbe, estas características dos agricultores foram mobilizadas tanto para convencê-los a se cooperativar quanto para introduzir inovações tecnológicas. A Cooperativa introduzia-se nas comunidades rurais (linhas) utilizando os chamados “exemplos negativos”, ou seja, identificando agricultores que estavam passando por dificuldades econômicas, com os quais a Cooperativa se propunha a trabalhar e que, a partir do trabalho desenvolvido pelos técnicos do DAP, conseguiam se capitalizar, comprovando, com isso, os benefícios do cooperativismo e que com a *re-capitalização*

deste agricultor os técnicos do DAP conseguiam comprovar, aos demais agricultores daquela comunidade, os benefícios do cooperativismo. Nas palavras deste agrônomo:

tu tem que entender o produtor, tá? Nós, nós pegávamos muito, eu pegava muitas vezes os líderes negativos e fazia neles um aviário, e eles (agricultores de Teutônia): - Bah, se esse fulano, esse fulano ganha dinheiro, eu não posso ficar pra traz.

Da mesma forma, Hércio Krabbe afirmou que a “inveja” era utilizada na “difusão” de equipamentos produtivos e formas de manejo. Nas palavras deste:

nós mostrava como estes funcionavam em uma propriedade, com os resultados positivos nesta, os outros agricultores da comunidade não queriam ficar pra trás e os incorporavam. Por exemplo, eu fiz a maior revolução aqui. Eu chegava num campo nativo, em uma propriedade, numa tarde de campo. Pra ali nós tinha chamado os agricultores, falando que iríamos fazer uma pastagem naquele campo nativo. Aí, vinha trezentos agricultores, e todos diziam: - Eu duvido que isto vai dar certo. Quando eles viam que dava certo eles não queriam ficar pra traz e copiavam.

Todavia, Krabbe salientou que esta características socioculturais também foram, por vezes, um fator limitante ao ‘progresso’, dificultando ou até impossibilitando que os agricultores trabalhassem coletivamente¹⁵⁰.

Da mesma forma, o técnico Silvério Brune, que juntamente com Krabbe fez parte da equipe que estruturou este Departamento, salientou a “competitividade” presente entre agricultores teutonienses e o uso da mesma pelos técnicos do DAP em suas interações com estes agricultores:

Na questão da tecnificação, quando é que o agricultor começa a aceitar novas tecnologias. Aí eu posso dizer o seguinte, ó, em 1974 nós iniciamos o fomento, né? Nós técnicos, nós tivemos que ir nas propriedades e ajudar a fazer. E nós não nos esquivávamos disto, né? (...) Mas o agricultor, ele aceitou bem essa introdução de novas tecnologias, né? Novas técnicas. Mas a gente tinha que ir lá fazer. Então nós tentamos fazer em cada localidade alguns produtores líderes, que aceitavam, e que esses começavam a ser o multiplicador. O vizinho começava a observar, e olha que a cultura germânica aqui, tu sabe, né Palm? Se um faz, dá certo, o outro não quer ficar pra traz. É uma competitividade boa. Claro que talvez em mais países a população se comporta como nós, mas nós aqui (em Teutônia), acho que no mínimo 95% eram alemães, né? Hoje isso já tá bem mais diverso, uma diversidade étnica, né? No interior ainda predominam os alemães, e essa realidade ainda é bem clara, como tu pode observar. Mas o pessoal era um pouco resistente também. Mas quando via que dava, né? O pessoal abraçava, né? Trabalhava em cima, e os vizinho começavam a copiar isso aí, né? Não queriam ficar pra traz¹⁵¹.

A introdução das novas tecnologias seguia o desenho espacial das *linhas*, focalizando-se em comunidades selecionadas. Os técnicos do DAP buscavam garantir a assimilação das novas práticas produtivas em pelo menos uma unidade produtiva nas

¹⁵⁰ O mesmo aspecto também foi salientado pelos técnicos da EMATER municipal, conforme será visto no próximo capítulo.

¹⁵¹ Entrevista realizada em 03/06/2011. Na Secretaria de Agricultura e Meio Ambiente de Teutônia.

linhas priorizadas, trabalhando na perspectiva de que este agricultor pudesse se tornar uma liderança naquela localidade, induzindo os demais agricultores a adotar as novas tecnologias disseminadas pelos técnicos.

Esta metodologia de intervenção foi utilizada pelo corpo técnico da Cooperativa Languiru durante todo o período estudado. Na década de 1980 a estruturação de “propriedades modelo” ou “propriedades demonstrativas” foi amplamente utilizada como método de difusão de práticas tecnológicas visando um grande número de associados. Conforme explicado em um artigo publicado no Informativo Languiru de maio de 1981:

O trabalho do DAP, no presente ano, estará baseado em cima de lavouras e criações demonstrativas dentro das propriedades modelo, querendo com isto, mostrar a um maior número de agricultores, aquilo que é o mais ideal para um maior aumento de produtividade e uma melhoria nas suas condições de vida. Já foram selecionadas 10 comunidades e 10 colaboradores como propriedades modelo, onde serão feitos treinamentos práticos tanto na parte agrônômica quanto na prática veterinária. (...) para este trabalho também será envolvido um técnico da EMATER. O objetivo básico deste sistema de trabalho é beneficiar um número maior de associados através destes treinamentos quando os agricultores poderão aplicar na sua propriedade as mesmas técnicas que serão aplicadas na propriedade modelo (Informativo Languiru, maio, 1981: 3)¹⁵².

Em artigo veiculado através do Informativo Languiru, em janeiro de 1982, acerca da disseminação de práticas de adubação verde, os técnicos da Cooperativa anunciam:

Quem ainda duvida da eficiência desta prática que visite a propriedade demonstrativa do associado Hugo Fiegenbaun, onde foi feito só e unicamente a adubação verde com tremoço na cultura do milho e o resultado está aí para ser apreciado (Informativo Languiru, janeiro, 1982: 3).

Foi através de dias de campo e da promoção de visitas a “propriedades demonstrativas” que os técnicos do DAP buscaram recuperar a confiança dos associados da Languiru na criação de suínos, em sistema de integração, no período posterior à crise do início da década de 1980, como mostra o artigo publicado no Informativo Languiru em julho de 1982:

Nas propriedades demonstrativas é explicado o Novo Projeto Integrado. Como estímulo à produção própria de alimentos, no final da reunião é realizada a distribuição de ramas de aipim e forrageiras (Informativo Languiru, julho, 1982: 6).

¹⁵² Desde este período percebe-se que o principal objetivo a ser alcançado com a introdução das inovações tecnológicas disseminadas pela Cooperativa junto aos seus associados foi a elevação de produtividade com diminuição de custos de produção.

Em setembro de 1982 os técnicos do DAP avaliaram este trabalho com ‘propriedade demonstrativas’, em que consideraram que esta dinâmica de interação estava dando bons resultados. Conforme estes técnicos:

São feitas reuniões práticas em cada comunidade, sempre na Propriedade Demonstrativa, onde os presentes, vendo e assistindo os melhoramentos que estão sendo introduzidos, se motivam a transferir estas técnicas para dentro de suas propriedades. Através deste método de trabalho foram atingidos, nas 9 comunidades, um total de 280 associados, número significativo e impossível de ser atingido com o uso do método de assistência técnica individual. Os associados que participam deste trabalho são, normalmente, os primeiros a serem beneficiados com a tecnologia preconizada pelos extensionistas, como aconteceu com a distribuição de ramas de mandioca, a qual foi inicialmente cultivada na Propriedade Demonstrativa, onde a mesma foi multiplicada para ser posteriormente repassada ao grupo de Associados que participa deste trabalho, dentro de sua comunidade (Informativo Languiru, setembro, 1982: 5).

Em meados da década de 1980 os técnicos do DAP deixaram, ao que tudo indica, de trabalhar com ‘propriedades demonstrativas’. A lógica de disseminação de inovações buscando demonstrar seus resultados em pelo menos uma unidade produtiva nos locais de atuação da Cooperativa foi mantida até à atualidade. A título de exemplo cabe citar as tardes de campo realizadas no início dos anos 1990 visando a implantação e o manejo de pastagens, como foi relatado pelos técnicos do DAP no Informativo de novembro de 1993:

Formação e divisão de pastagens. O tema de diversas Tardes de Campo, realizadas durante este ano, em várias localidades, foi a formação e divisão de pastagens. (...) Tarde de Campo. No mês de outubro, visando mostrar aos produtores e alunos do terceiro ano do curso Técnico do Colégio Teutônia os resultados destes trabalhos, realizou-se uma Tarde de Campo na propriedade de Amandus e Dilson Horst (aluno do 3º ano do CoTeu), em Linha Frank. (...) Ao final houve um consenso de que para reduzir custos na produção de leite é necessário investir na formação de pastagens, tanto de inverno quanto de verão, assim reduzindo os custos com mão de obra. Maiores informações podem ser obtidas no DAP – Setor de Leite (Informativo Languiru, novembro, 1993: 2).

Ao longo das décadas de 1990 e, principalmente nos anos 2000, observa-se, como já foi observado no Capítulo 2 que, cada vez mais, estas tardes de campo nas comunidades rurais de passaram a ser realizadas em parceria com indústrias de insumos e sementes:

Enfocando a agricultura de precisão, ocorreu no dia 15 de julho a tarde de campo na propriedade do associado Silvério Rührwien, em Teutônia. Na ocasião a Amazone Werke – Indústria de Maquinas e Implementos Agrícolas, com matriz na Alemanha e representada no Brasil pela Amazone Brasil, mostrou para os participantes novas máquinas que permitem a agricultura de precisão. (...) Na tarde de campo, além das demonstrações de plantio, a pulverização mereceu destaque (Informativo Languiru, julho-agosto, 1999: 4).

Da mesma forma, em fevereiro 2001 foi relatada a realização, na propriedade de um associado, de uma tarde de campo promovida pela Cooperativa Languiru, em parceria com a Santa Helena Sementes.

Segundo os técnicos do DAP:

Com o objetivo de levar novas tecnologias de produção a seus associados, a Cooperativa Languiru e a Santa Helena Sementes realizaram em janeiro, uma Tarde de Campo na propriedade do produtor Ari Spelmeier, em São Jacó, Teutônia. Inicialmente, visitou-se a lavoura de milho plantada com híbridos SHS 4040, onde os presentes puderam observar o corte e a silagem do mesmo. Em seguida, foi feita a demonstração do descarregamento automático do carretão com ensilagem de milho. Segundo os presentes, esta prática, cada vez mais, está economizando mão-de-obra, fazendo com que o produtor trabalhe cada vez mais fácil (Informativo Languiru, fevereiro, 2001: 5).

O Informativo de março de 2004 anunciava, por sua vez, uma tarde de campo realizada pela Cooperativa Languiru em parceria com Agrocerees/Monsanto. Em abril de 2011 esta mesma publicação divulgava a realização de mais uma atividade deste tipo:

Tarde de campo avalia rendimento de híbrido Agrocerees para silagem. (...) em parceria com a Agrocerees, o DAP promoveu palestra na propriedade do associado Ari Trapp, na Linha Berlim, Westfalia (Informativo Languiru, abril, 2011: 5).

Outro recurso bastante utilizado pelos técnicos do DAP foi a divulgação das opiniões de agricultores, de diferentes localidades, sobre as novas tecnologias. Em novembro de 1983, em uma conjuntura na qual a Cooperativa buscava reestruturar seu sistema de integração no setor de suínos, o Informativo Languiru publicava um artigo com a opinião de diferentes agricultores associados, considerados líderes em suas comunidades, acerca dos bons resultados que vinham obtendo com a utilização do esterco de aves e/ou suínos como adubo e com a adoção do plantio direto. Práticas que estes agricultores, segundo o Informativo, “usam e recomendam” (Informativo Languiru, outubro, 1989: 11). É comum, até hoje, a publicação de reportagens com essas mesmas características. Na atualidade percebe-se que são publicadas reportagens com estas características. No Informativo de maio de 2008, por exemplo, foram publicados vários depoimentos de associados que realizaram investimentos em suas salas de ordenha, considerados como sendo extremamente vantajosos (Informativo Languiru, outubro, 2008: 8 e 9).

De 1993 em diante, com a estruturação do Circulo de Máquinas da Languiru, este serviço tornou-se, na região de atuação da Cooperativa, um agente fundamental na disseminação de inovações tecnológicas relacionadas ao plantio direto, implantação e manejo de pastagens, uso de herbicidas e praguicidas e, práticas relacionadas à colheita,.

Conforme recorrentemente salientado pelos técnicos do DAP, no Informativo Languiru, esta iniciativa foi de grande importância para a mecanização das unidades produtivas dos associados da Cooperativa. Assim, a partir de outubro de 1993. O Informativo Languiru passou a trazer uma tabela intitulada *Círculo de Máquinas*, na qual são listados os preços das horas/máquina relacionados à diferentes atividades, passíveis de serem demandas pelos agricultores, a potência do maquinário utilizado e os contatos do prestador de serviços (localidade, nome e telefone). Através desta listagem os agricultores podem solicitar os serviços do prestador mais próximo de sua propriedade.

Desta forma, a partir de fins da década de 1990, os técnicos do DAP passaram a realizar tardes de campo específicas com agricultores integrantes do *Círculo de Máquinas*:

Círculo de máquinas realiza treinamento. Com o objetivo de trazer novas tecnologias para o *Círculo de Máquinas*, no dia 11 de outubro, tendo por local a Associação dos Funcionários da Cooperativa Languiru, realizou-se um treinamento e Tarde de Campo sobre os pulverizadores da marca Jacto e aplicação correta de herbicidas. Estiveram presentes no evento, os prestadores de serviço do *Círculo de Máquinas*, especialmente os que trabalham com pulverização de agrotóxicos. Inicialmente, Jerri Drevin, técnico da Jacto, fez uma ampla explanação sobre os diferentes equipamentos produzidos pela empresa, na área de pulverização agrícola. (...) Após, através de demonstrações práticas, foi realizado um treinamento sobre regulação de pulverizadores (Informativo Languiru, novembro, 2000: 6).

Em junho de 1997 um artigo publicado no Informativo Languiru traçava um breve histórico do *Círculo de Máquinas* mostrando, claramente que, desde o início de sua estruturação, o serviço era pensado como um vetor de disseminação de novas tecnologias:

Mecanização chega as pequenas propriedades. A história da mecanização agrícola começou a ser mudada em 1993, com a criação do *Círculo de Máquinas Languiru*. Com esta entidade tecnológica, as propriedades rurais, na área de atuação da Cooperativa Languiru, começaram a ter a acesso à mecanização moderna e eficiente. Muitas propriedades, impossibilitadas de comprar máquinas se modernizaram. No momento, o *Círculo* tem 752 associados, dos quais 700 são tomadores e 52 são prestadores de serviços. O *Círculo* presta 33 tipos de serviços, onde as principais máquinas são o trator, plantadeira e colheitadeira. Prospecção: Para buscar novas tecnologias, a Cooperativa Languiru e o *Círculo de Máquinas* enviaram para a França, no ano passado, representantes para participar do Congresso Mundial de Mecanização e Organização de Propriedades Rurais. Além disso, no mesmo ano, uma delegação de associados visitou a Alemanha, com a mesma finalidade. A partir destes contatos, estão surgindo os primeiros resultados, como a vinda de máquinas da marca alemã da marca Amazone, para demonstrações e trazer novas tecnologias (Informativo Languiru, maio-junho, 1997: 3).

Outra dinâmica de interação exercitada desde a década de 1970 pelos técnicos do DAP em suas interações com os agricultores cooperativados foi a organização de

competições, a exemplo dos concursos de produtividade do milho anteriormente mencionados.

Para além dos Concursos de Produtividade de Milho desenvolvidos na década de 1970, foram desenvolvidas, nos anos 1980, outras competições semelhantes, tendo como foco, novamente, a produção de milho mas, também, o cultivo da mandioca. A abertura de alguns desses concursos era realizada durante tardes de campo, a exemplo do evento ocorrido em março de 1988, na “propriedade de Celso e Romeu Lohman que “também abriu início das colheitas do Concurso de Produtividade de Milho” (Informativo Languiru, novembro, 1988: 6 e 7).

Nos concursos de terneiras os associados eram chamados, também, a “mostrar seu trabalho”, através do “Concurso de Criação Correta de Terneira” (Informativo Languiru, novembro, 1990: 13). A partir de 1992 os técnicos do DAP passaram a divulgar uma tabela com o nome e produção dos “20 maiores produtores de leite” daquele mês. Esta tabela foi publicada no Informativo até 2005. A instalação de unidades demonstrativas, as tardes de campo e os concursos parecem ter sido as principais dinâmicas de interação estabelecidas, ao longo do tempo. Entre os técnicos do DAP e agricultores cooperativados. Na década de 1990 o respaldo da assistência técnica do DAP estava, em grande parte, consolidado junto aos agricultores da região de atuação da Languiru. Em dezembro de 1992, o engenheiro agrônomo Hércio Krabbe afirmava, em artigo publicado no Informativo da Cooperativa: “Hoje é mais fácil trabalhar com o agricultor do que na época da fundação, e nos anos seguintes, pelo fato de o produtor rural estar mais esclarecido e também estar a procura de sua profissionalização” (Informativo Languiru, dezembro, 1992: 6).

Nos anos 1990, nos setores de aves e suínos, a grande maioria dos agricultores que entregava sua produção à Cooperativa vinculava-se à Languiru através de um sistema de integração vertical¹⁵³. Estes agricultores eram atendidos através de visitas programadas de assistência técnica¹⁵⁴. Nestas visitas, recebiam orientações que deveriam ser seguidas de forma estrita, tendo em vista que a Cooperativa era (e continua

¹⁵³ Apenas no setor de suínos dois agricultores, entre o quadro de cooperativados da Languiru, não estavam integrados a Cooperativa nestes moldes em 2011.

¹⁵⁴ No setor de aves os técnicos do DAP costumavam fazer, no período de realização da pesquisa, duas visitas por agricultor por lotes de aves recebido na propriedade, em ciclos de criação que se estendiam por períodos de 31 a 41 dias. No setor de suínos, mantinham um número total de três visitas por lote de animais, em ciclos de produção com duração de aproximadamente três meses. Além disso, os agricultores integrados nestes setores podiam solicitar a visita dos técnicos sempre que necessário.

sendo) a proprietária da maior parte dos meios de produção utilizados pelos criadores de suínos e aves, incluindo os animais e as rações fornecidas.

De acordo com o técnico Beto A. Markus, responsável pelo setor de suínos da Cooperativa no período em que realizamos o trabalho de campo, a partir dos anos 1990 não teriam ocorrido grandes variações nas dinâmicas de trabalho dos profissionais do DAP. O entrevistado identificou, no entanto, uma ampliação da quantidade de inovações tecnológicas disseminadas a partir desse período:

Quando aparece uma tecnologia nova, a gente geralmente pega, instala ela numa unidade de produtor. O produtor já sabe o que está sendo feito. A gente testa, usa pra mostrar que funciona aquilo ali, em campo. Depois de uma vez aprovado, no lugar que nós trabalhamos, um lugar pequeno, aquilo ali, a disseminação disso aí é rápido. Isso se instala em um por localidade, aí o resto vai vendo, e vai observando, assim, a tecnologia vai se difundindo por aí, rapidamente. Isso não teve muitas variações no trabalho do DAP. O sistema de disseminação, isso não variou, o que variou, foi a quantidade de tecnologias que veio a mais neste período, a evolução tecnológica, muito, muito rápida¹⁵⁵.

Neste sentido, destaca-se a observação de que nas últimas duas décadas ocorreu uma significativa variação na relação entre os técnicos do DAP e agricultores cooperativados, essencialmente nos setores de aves e suínos, em sistema de integração vertical. Neste contexto, essencialmente nos setores em integração vertical, percebe-se que a incorporação de inovações tecnológicas e de manejo, foi crescentemente se dando em uma dinâmica em que os agricultores têm pouca margem de manobra. As possibilidades de escolha dos agricultores frente a incorporação ou não de novos manejos ou tecnologias foram significativamente estreitadas. Percebe-se que em suas interações com os agricultores integrados os técnicos do DAP frisaram como justificativa para estas mudanças, observadas a partir de inícios da década de 1990, o contexto de abertura e liberalização econômica, conforme já pontuado no capítulo dois desta dissertação. Em nosso universo de agricultores cooperativados entrevistados, pode-se observar que está percepção encontrou eco. Ao comentarem as elevações de produtividade nas últimas duas décadas, diversos agricultores integrados, essencialmente nos setores de suínos e aves, pontuaram observações semelhantes a do agricultor Orlando Jacobs, de que: “isso, se não for assim [com elevações escalares de produção], tu não tem como se manter na atividade, nem a cooperativa. Isso, é tudo muito concorrido hoje em dia”¹⁵⁶. Para aprofundar a análise sobre as formas como os agricultores cooperativados perceberam e agiram neste processo, aprofunda-se a análise

¹⁵⁵ Entrevista realizada em 08/06/2011, no DAP da Cooperativa Languiru.

¹⁵⁶ Entrevista realizada em 12/07/2011, na unidade produtiva da família Jacobs, na *linha* São Jacó.

sobre suas percepções e ações, acerca das interações com os técnicos do DAP, no subitem que segue.

4.3 Interações entre técnicos do DAP e agricultores cooperativados: ações e percepções de agricultores cooperativados.

Como forma de analisar as interações estabelecidas pelos agricultores com os profissionais vinculados ao DAP, bem como as percepções construídas pelos produtores das suas relações com os técnicos, foram realizadas doze entrevistas com diferentes famílias de agricultores que optaram por integrar-se à Cooperativa Languiru em um ou mais setores. Nestas entrevistas buscou-se identificar as principais transformações ocorridas nas relações estabelecidas pelos agricultores com os técnicos nas décadas de 1980, 1990 e 2000.

Estas entrevistas foram realizadas depois de concluída uma primeira análise do periódico mensal Informativo Languiru, que foi pesquisado, em todos os seus números, no período 1980 a 2012. Essa primeira avaliação do material documental revelou um conjunto bastante expressivo de atividades promovidas pelos técnicos do DAP envolvendo os agricultores associados da Cooperativa, desde meados da década de 1970. Assim, esperava-se que os agricultores cooperativados entrevistados pela pesquisa fossem enfáticos ao afirmar a importância do trabalho de assistência técnica desenvolvido pela Cooperativa na conformação dos arranjos técnico-produtivos praticados implantados em suas unidades produtivas. Todavia, não foi esta a realidade encontrada a campo.

Na análise das entrevistas realizadas, destacam-se duas questões-chave que foram incorporadas ao roteiro que serviu de base para o diálogo estabelecido com os agricultores: 1º Costuma discutir com alguém as formas de organização da produção em seu estabelecimento agrícola, bem como os resultados alcançados? Em que lugar isso é discutido? Como se dão estas conversas? 2) A quem recorre quando existem problemas em alguma atividade? Serão analisadas, a seguir, as respostas dos agricultores a estes questionamentos, tendo como referência as décadas de 1980, 1990 e 2000.

Referindo-se à década de 1980, dois agricultores cooperativados, dentre os doze agricultores entrevistados, mencionaram sua participação em atividades de disseminação de tecnologias promovidas pelos técnicos do DAP. Todavia, nenhum agricultor destacou o trabalho desenvolvido pelos técnicos da Cooperativa ou

mencionou o diálogo com estes profissionais como sendo um elemento decisivo na definição das formas de manejo e das tecnologias utilizadas em suas unidades produtivas nesse período. Todos os agricultores entrevistados mencionaram as conversas com os demais membros do grupo familiar como o principal espaço de reflexão e de tomada de decisão em relação à organização do processo de trabalho e às práticas de manejo utilizadas em suas unidades produtivas. Estas discussões eram realizadas, segundo os entrevistados, principalmente no horário das refeições ou durante a própria execução de trabalhos. Os agricultores declararam, também, que costumavam observar a forma como seus vizinhos de *linha* organizavam sua produção. Conforme relatou um dos agricultores entrevistados:

Isso nós discutia na família, o que íamos fazer, né? E assim, todos os vizinhos sabiam dos outros. Todo mundo se conhece na Linha. Aí, se um fazia uma coisa... Se aquilo desse certo, os outros iam atrás, né? (risos)¹⁵⁷.

Nestor lembrou, por exemplo, o momento em que a família decidiu investir na construção de aviários para a criação de aves em sistema *integração* com a Languiru, no início da década de 1980. Nas palavras do agricultor: “esta parecia ser a atividade que dava mais retorno naquele tempo, pelo que dava pra ver com os vizinhos, né?”

Por outro lado, os doze agricultores entrevistados afirmaram ter demandado, nos anos 1980, assistência técnica da Cooperativa quando tinham alguma doença em seus animais, precisavam de serviços de inseminação artificial para o rebanho leiteiro ou quando constataavam problemas de doenças em suas plantações.

Referindo-se à década de 1990, sete agricultores declararam que costumavam discutir, nesse período, a organização técnica de suas unidades produtivas, bem como os resultados alcançados por seus sistemas produtivos, com os técnicos do DAP¹⁵⁸. Todavia, novamente os doze agricultores chamaram atenção para a importância das discussões com os membros da família e para a observação das tecnologias empregadas pelos vizinhos na definição dos arranjos produtivos desenvolvidos em suas propriedades.

Dos sete agricultores que deram destaque aos diálogos estabelecidos com os técnicos do DAP na estruturação e manejo de seus sistemas produtivos nos anos 1990,

¹⁵⁷ Entrevista realizada na unidade produtiva do agricultor, na área rural do bairro Languiru (Teutônia), em 05/07/11. Nestor Bayer é integrado à Cooperativa Languiru no setor leiteiro desde a década de 1960, na produção avícola desde a década de 1980. Da década de 1960 até a 1980 foi também integrado à Languiru na produção de suínos.

¹⁵⁸ Destes agricultores, seis salientaram que isto ocorria nos momentos em que os técnicos do DAP visitavam suas propriedades. Apenas um agricultor salientou que recorria freqüentemente ao atendimento no balcão do DAP.

quatro haviam construído chiqueiros ou aviários, em sistema de *integração vertical*, com a Languiru. Estes quatro agricultores deram destaque, em suas entrevistas, para a influência dos técnicos da Cooperativa em sua decisão de aderir ao sistema de *integração vertical*, bem como para o modo como estes profissionais orientaram a construção dos aviários e chiqueiros, seguindo determinados parâmetros técnicos. Entretanto, os resultados que os vizinhos de *linha* vinham obtendo através da criação de animais em sistema de *integração*, foram destacados como sendo de suma importância nas decisões tomadas pelas famílias dos agricultores, cabendo observar que os resultados positivos alcançados por outros agricultores eram também utilizados pelos técnicos como instrumento de convencimento.¹⁵⁹ Como relatou o agricultor Francisco Diederich, que construiu um chiqueiro em fins da década de 1990:

Em 1999 nós construímos o chiqueiro de terminação de suínos, né? E aí, foi até a Cooperativa, os técnicos que vieram atrás, incentivando. Os vizinhos aqui também, muitos já criavam porco, e nós via que tava dando resultado, e o próprio esterco dava mais adubo, daí dava para aumentar as vacas¹⁶⁰.

Constatada a influência dos técnicos da Cooperativa na implantação dos aviários e chiqueiros, buscou-se captar, nas entrevistas, o modo como se dava a influência dos técnicos nestas atividades específicas. Os agricultores entrevistados foram unânimes ao afirmar que nestes setores as orientações dos técnicos do DAP eram seguidas de forma rigorosa, considerando que todos os insumos, inclusive os animais, eram fornecidos pela Cooperativa e que o agricultor entrava apenas com mão de obra e as instalações. Como observaram Francisco e seus dois filhos:

Fábio (filho): Isso é um contrato. Tudo eles pagam por porco, no final. Isso os porcos são deles. Nós só cuidamos eles pra eles. Fabiane (filha): Eles falam como e a gente faz (risos). Fábio: Aí eles vem de tempos em tempos, e qualquer coisa é só ligar que eles estão aí. Francisco: No início, pra construir tudo, eles vieram. As instrução sobre alimentação tudo, tudo é passado pra gente. Os porcos, a ração, isso é tudo deles, nós entramos mais com a mão de obra mesmo.

As diferenças existentes na relação com a Cooperativa nos setores de aves e suínos, em comparação com a produção leiteira, também foi salientada na entrevista com os técnicos do DAP Sinécio Wilsmann e Beto Aurélio Markus, responsáveis, em 2012, pelos setores de aves e suínos, respectivamente:

Beto: - Assim ó, nos suínos e aves muda muito em comparação ao leite. Nos suínos e aves é o sistema de integração verticalizada. Onde tudo é da empresa, o produtor só entra com instalação e mão de obra, né? Então é um sistema de

¹⁶⁰ Entrevista realizada em 16/08/2011, na unidade produtiva da família de Francisco, que fica localizada na Linha Germano Fundos. Participaram da entrevista: Francisco, Fabio (filho), Ademir (genro), Fabiane (filha).

trabalho diferente do que da área do leite, onde o animal, o alimento... tudo é do produtor. Onde o produtor estabelece, na verdade, uma relação de venda de leite pra Languiru, né? (...) Sinécio: - Nas aves isso começou na década de 1980. (...) Beto: - Nos suínos, a integração que está hoje foi iniciada em 1986, mas daí era um sistema um pouquinho diferente ainda. A integração de hoje começou lá pelo início dos anos 1990. Ali começou mesmo a integração que hoje esta aí. (...) Da pra dizer que em aves e suínos o sistema é o mesmo, só que com animais diferentes¹⁶¹.

Estes técnicos também salientaram que estas diferenças acabam por conduzir a dinâmicas um pouco distintas de interação entre técnicos e agricultores nestes dois setores. Segundo o técnico Beto A. Markus:

Nestes dois setores a assistência técnica é mais constante, pelo fato de... pela necessidade, pelo fato de aquilo ali, o maior investimento é da empresa, né? Então, a necessidade e a facilidade de cobrança neste caso é mais fácil e mais necessária, né? Ao contrário do leite, os animais na verdade são do produtor, aí ele aceita as orientações da assistência técnica na medida em que ele vê vantagem, mas não tem aquela condição de força ou obriga ele a fazer uma coisa. Na verdade é tudo dele, né?

Na criação de aves e suínos tanto as instalações como as formas de manejo são padronizadas. Como ressaltaram os técnicos:

Beto: - Isso é tudo padrão, né? A instalação tem que ser feita neste estilo, nesta largura, neste comprimento, tem que usar bebedor tal, comedor tal, isso tem que ser tudo padrão. (...) Sinécio.: - Assim ó, tem os padrões, mas ele tem a liberdade de escolher os fornecedores. (...) pode comprar onde for o melhor preço, mas assim, dentro daquelas especificações.

Reduz-se, com isso, o grau de autonomia dos agricultores no manejo da criação. Quando questionados, durante a entrevista, sobre a utilização de medicamentos de uso veterinário responderam:

Sinécio: - No frango não tem liberdade nenhuma. Só pode usar o que os técnicos do DAP do setor de aves orientam e fornecem pra eles. Ao passo que o produtor também não paga estes medicamentos. Por causa do risco, digamos que ele possa usar um produto que de prejuízos na carcaça do frango. Depois o Ministério da Agricultura faz a fiscalização nos frigoríficos, isso é muito rígido, então não há possibilidade de liberar o produtor pra usar o que ele quer. Porque depois, ele não tem conhecimento dos produtos, não sabe a carência dos produtos, não sabe os produtos que são ou não liberados pra usar, e conforme os mercados isso também varia. (...) Beto: - Nos suínos é praticamente o mesmo sistema. Antibiótico e medicamentos é só aquilo que é fornecido por nós. (...) Não tem porque comprar fora, né? Porque nós fornecemos isso de graça¹⁶².

A partir do momento em que o produtor decide trabalhar em regime de *integração vertical*, as visitas dos técnicos, sobretudo nos primeiros tempos, tornam-se bastante frequentes. Conforme nos explicou o técnico Beto A. Markus:

¹⁶¹ Entrevistas realizadas em 08/06/2011, no DAP da Cooperativa Languiru.

¹⁶² Em contrapartida os técnicos do DAP sempre destacaram o fato de que a assistência e os medicamentos são oferecidos gratuitamente nestes setores.

E produtor novo, que entra, isto é feito uma visita com maior intensidade, pra tentar acompanhar todas as fases mais de perto. Depois, aos poucos, quando ele pegou uma certa experiência, aí ele também já pega o ritmo, né?

Em resposta ao questionamento *a quem costumava recorrer quando enfrentava algum problema em sua atividade na década de 1990?*, os doze agricultores responderam que chamavam a assistência técnica da Cooperativa.

Referindo-se ao período mais recente, os anos 2000, nove agricultores mencionaram a influência dos técnicos do DAP na organização do processo de trabalho e dos arranjos produtivos implementados em suas propriedades. Os três agricultores que não mencionaram nas entrevistas a influência dos técnicos do DAP, haviam diminuído a sua dependência em relação à produção integrada ou não estavam mais investindo neste tipo de produção ¹⁶³.

Por outro lado, os doze agricultores entrevistados continuaram a mencionar as discussões com os familiares e a observação das práticas tecnológicas utilizadas pelos vizinhos como elementos importantes nos processos de decisão relacionados à organização produtiva de suas propriedades. A entrevista realizada com o agricultor Ari Spellmeier foi emblemática nesse sentido. Referindo-se à sua decisão de instalar um novo chiqueiro o agricultor relatou:

Várias coisas, como os comedouros e bebedouros automáticos, isso eu vi funcionando aqui no meu vizinho, que também cria porcos. Ele também construiu um chiqueiro novo há pouco tempo. Isso é assim sempre, né? Um observa os resultados do outro e aí investe (risos) ¹⁶⁴.

Em resposta à pergunta *‘a quem você recorre quando existem problemas em alguma atividade produtiva?’* - considerando o período mais recente - os doze agricultores entrevistados mantiveram a mesma resposta que haviam dado em relação aos períodos anteriores, ou seja, que costumavam chamar a assistência técnica da Cooperativa quando tinham alguma doença em seus animais, quando precisavam de

¹⁶³ O agricultor Anselmo Dickel abandonou a seus aviários no início dos anos 2000. Os aviários necessitavam, então, de reformas e ele decidiu não fazer estes investimentos, pois seis sete filhos haviam saído da propriedade. Nestor Bayer começou a produzir, nesta época, hortaliças para vender na Feira de Agricultores de Teutônia e para a alimentação escolar municipal. Diminuiu, com isso, a criação de gado leiteiro e passou a receber assistência técnica na produção de hortaliças da EMATER e de seu genro, que é técnico em agropecuária. Osmar Schneider intensificou a produção de queijos em sua agroindústria familiar, diminuindo, portanto a quantidade de leite vendido para a Cooperativa. No que se refere ao processamento do queijo, passou a receber assistência dos técnicos da EMATER Regional, atualmente sediada no município de Lajeado.

¹⁶⁴ Entrevista realizada na unidade produtiva deste agricultor, no dia 22/08/2011. A família deste agricultor é associada a Cooperativa Languiru desde a fundação da mesma. Inicialmente eram integrados com gado leiteiro, a partir de 1989 passaram a criar suínos em integração com a Cooperativa.

serviços de inseminação artificial para o gado leiteiro ou quando tinham problemas em suas plantações.

Neste sentido, destacam-se as diferenças entre os períodos analisados. A partir da década de 1990 pode-se observar que atuação dos técnicos é ampliada, visto a assistência técnica, essencialmente nos setores em integração vertical, ser extremamente dirigida, sobrando pouca margem de manobra aos agricultores integrados. Se antes deste período a gama de opções dos agricultores sobre a incorporação de tecnologias e manejos em suas criações em integração poderia se dar internamente, paulatinamente observa-se que nas últimas duas décadas o leque de opções dos agricultores se restringe a tornar-se ou manter-se como integrado, constantemente adotando determinadas inovações tecnológicas e de manejos, ou afastar-se deste sistema desativando-o em suas unidades produtivas.

Da mesma forma, destaca-se a observação de que as ações desenvolvidas pela Cooperativa no campo da assistência técnica foram influenciadas, ao que tudo indica, pelos laços de proximidade existentes entre técnicos e agricultores. A origem germânica, o conhecimento do dialeto e o fato de terem sido criados na região, propiciava aos profissionais do DAP, um relativo domínio das dinâmicas de sociabilidade características das comunidades em que atuavam. Estes fatores parecem ter contribuído também para que estes técnicos não fossem concebidos como atores sociais ‘estranhos’, pessoas de fora que estariam circulando nas comunidades rurais. Acredita-se que os resultados da assistência técnica prestada pelos técnicos do DAP foram, em grande parte, influenciados por aspectos que transcendem o conteúdo técnico de sua atividade.

Por outro lado, observa-se que a partir da consolidação do sistema de *integração vertical* em suínos e aves estruturado pela Languiru na década de 1990, as orientações dos técnicos do DAP assumiram um caráter mais decisivo na organização dos sistemas produtivos destas propriedades. A legitimidade desta intervenção manteve, no entanto, uma forte relação com as dinâmicas de sociabilidade existentes nestas comunidades, ou seja, a decisão dos agricultores em incorporar uma determinada forma de manejo ou uma dada tecnologia continuou dependendo da avaliação dos demais agricultores, particularmente dos vizinhos, em relação à práticas tecnológicas propostas pela assistência técnica.

O envolvimento dos técnicos do DAP na demonstração de determinadas práticas tecnológicas parece ter sido um elemento crucial na construção e/ou no fortalecimento

de relações de confiança com os agricultores. Nestas demonstrações, os técnicos do DAP trabalhavam lado a lado com os agricultores em suas unidades produtivas, sujando suas roupas, suando e trabalhando como se fossem agricultores. Esse tipo de postura, simples, de que trabalha, é, ao que tudo indica, altamente valorizado pela grande maioria dos agricultores de Teutônia, como pudemos observar ao longo da pesquisa, nas entrevistas com estes agricultores e, principalmente, nas visitas à lavouras e às instalações destinadas aos animais. Nestes momentos, os agricultores questionavam o entrevistador se não se importaria em se sujar, frisando que o mau cheiro de alguns desses espaços impregnariam sua roupa. Quando o entrevistador declarava que isto não era problema, muitos agricultores sorriam com ar de aprovação. Da mesma forma, percebeu-se que nesses ambientes os agricultores falavam de forma mais descontraída, abordando questões que não haviam sido mencionadas anteriormente¹⁶⁵.

Nessa mesma linha, vários agricultores com quem tivemos a oportunidade de conversar chamaram atenção, de forma bastante positiva, para as características pessoais dos membros da direção que assumiu a Cooperativa a partir de 2002, em um momento difícil, marcado por forte crise financeira. Os agricultores frisaram em seus depoimentos o fato destes engenheiros agrônomos serem pessoas simples, originárias da região. Nas palavras de um dos agricultores que tivemos a oportunidade de entrevistar: “antes não era tão bom como nem agora. Porque, sabe, estes dois diretores que estão aí, o presidente e o vice, eles são mais simples, são pessoas com quem tu consegue ficar a vontade, são como a gente”.

Vários agricultores salientaram, também, que quando visitam o DAP são tratados pelo seu nome ou sobrenome, que são reconhecidos pelos dirigentes e que sempre é possível falar com algum deles.¹⁶⁶ Vale a pena lembrar que alguns dos técnicos que assumiram a direção da Cooperativa em 2002, passaram a coordenar o DAP a partir do início da década de 1980, entre eles o próprio presidente da Cooperativa, Dirceu Bayer.

As relações de proximidade e confiança estabelecidas entre técnicos e agricultores contribuíram, sem dúvida, para empoderar os técnicos junto à base social da

¹⁶⁵ Todavia, é importante frisar que nas visitas às lavouras e às instalações produtivas existentes nas propriedades as entrevistas não eram gravadas.

¹⁶⁶ Quando o pesquisador realizou pesquisas em arquivos do DAP, em meados de 2011, pode observar que a maioria dos agricultores associados eram chamados por seus nomes pelos técnicos deste Departamento. Ao mesmo tempo, em conversas informais com os funcionários do DAP, estes salientaram que os dirigentes que assumiram a direção da Cooperativa em 2002 frisavam a importância de que os agricultores cooperativados fossem tratados pelos seus nomes.

Cooperativa. Entretanto, poder-se-ia questionar: se estes agricultores valorizam tanto a simplicidade e a relações de confiança, seriam mesmo tão competitivos quanto afirmaram os técnicos do DAP em seus depoimentos? Para responder a esta questão, nos parece importante discutir, de forma um pouco mais detalhada, a lógica que poderia estar orientando a competição entre os agricultores.

De acordo com as descrições feitas pelos técnicos os agricultores buscavam incorporar novas tecnologias e práticas de manejo, de modo a “não ficar para trás” dos demais agricultores, sócios da Cooperativa, nas suas *linhas*. As inovações, fomentadas pelos técnicos, tendiam, portanto, a conduzir a um processo de diferenciação social entre agricultores de uma mesma *linha*. Ao adotar as novas tecnologias os agricultores buscavam, no entanto, alcançar níveis de produtividade semelhantes aos seus vizinhos, procurando evitar, de certa forma, este mesmo processo de diferenciação.

Todavia, os objetivos almejados pelos técnicos, na estruturação de sistemas de *integração vertical* só puderam ser alcançados mediante um processo constante de negociação, o que pode ser observado, de forma um pouco mais clara, no caso da integração de suínos. Existem ainda em Teutônia, neste setor, dois agricultores integrados à Cooperativa em suínos, que realizam a criação nos moldes de “ciclo completo”, onde os animais, as instalações, os alimentos fornecidos, e todos os manejos são de propriedade e responsabilidade do agricultor. Neste sistema, o produtor, como no setor de leite, apenas vende à Languiro o resultado de sua produção.

Um destes agricultores é Erich Heinemann, de 57 anos, da *Linha* Catarina. A criação de suínos é responsável por cerca de trinta e cinco por cento das entradas financeiras na unidade produtiva da família de Erich, complementando a renda advinda da venda de ovos caipira e hortaliças na Feira, que são responsáveis pelos demais sessenta e cinco por cento. Na criação de suínos este agricultor mantém cerca de três porcas criadeiras, um reprodutor, e realiza a terminação de lotes de trinta e dois suínos. O agricultor alimenta os animais com pastagens e ração, assim leva cerca de seis meses para terminar¹⁶⁷ seus lotes. Na entrevista realizada com Erich, o mesmo salientou os motivos que o levariam a realizar a criação de suínos em “ciclo completo”: “É que meu pai trabalhava assim e a gente nunca fez financiamento. Porque tu gerencia mesmo o que tu faz, o que é ruim, o que é bom. No outro sistema não tem essa liberdade”¹⁶⁸.

¹⁶⁷ Chegar ao peso necessário para o abate dos suínos.

¹⁶⁸ Entrevista realizada em 25/10/2011.

Assim, observa-se que o maior poder de decisão foi de crucial para Heinemann ter mantido este tipo de criação. Conforme o mesmo salientou:

É que a gente não gosta muito de pessoal que vem manda e dá opinião. Que as vezes vem um pessoal que dá opinião totalmente furada totalmente fora da realidade. Então, por causa disto, a gente começou a seguir assim mesmo como estava. E sempre deu certo (...) Sem financiamento, sempre comprando e pagando (...) Como eles tão agora,¹⁶⁹ assim, na fase de crescimento, eu vou segurar eles com pasto. (...) Vai um pouco mais de tempo, mas tu consegue pagar os custos. Porque o preço da ração tá muito alto, tá lá em cima, nas nuvens.

Neste sentido, Erich destacou que todo o processo produtivo é coordenado pelo agricultor no sistema de “ciclo completo”. Heinemann explicou sua organização na produção de suínos da seguinte forma:

Essa é uma matriz,¹⁷⁰ que eu sempre faço as trocas. (...) A inseminação é própria com o cachaço (...) De dois em dois anos eu faço a troca. Pois as criadeira ficam muito grande, muito pesadas. (...) Isso eu compro dos outros pessoal que cria porcos, vizinhos, né?

Por este exemplo, também pode-se observar que o processo de *mercantilização* da agricultura, não ocorre “de forma homogênea porque cada individuo ou, neste caso, agricultor, tende a estabelecer distintas formas de relações com os circuitos mercantis”, conforme coloca Schneider a partir de Ploeg (2006.: 45)¹⁷¹.

Entretanto, percebe-se que tendencialmente a *integração vertical* nas criações de suínos e aves tornou-se predominante na área de atuação da Languiru, ao longo deste processo. E, neste sentido, compreende-se ser necessário compreender quais foram os elementos que estes agricultores levaram em conta neste processo negociativo, quais os objetivos que os agricultores teutonienses queriam alcançar com estas inovações, ou, em outros termos, em que os agricultores cooperativados a Languiru objetivaram “não ficarem pra traz” de seus vizinhos. Neste sentido, pode-se observar, pelas entrevistas com agricultores cooperativados, que dois foram os principais objetivos destes agricultores com a introdução e utilização de novos instrumentos e manejos produtivos: 1) elevar a produtividade; e 2) reduzir o uso de mão de obra.

Exemplo disto pode ser observado no relato do agricultor Ari Spellmeier, ao salientar a necessidade do aumento de produtividade. Este exemplificou esta questão na produção de suínos, em que é integrado a Languiru desde fins da década de 1980:

¹⁶⁹ Esta parte da entrevista estava sendo realizada dentro do chiqueiro de Erich.

¹⁷⁰ Esta parte da entrevista estava sendo realizada dentro do chiqueiro de Erich.

¹⁷¹ Onde é de suma importância observar-se as diferentes trajetórias dos agricultores em suas interações com os circuitos mercantis, como aprofunda-se na observação da trajetória da família de Heinemann, no próximo capítulo.

Porque, como nem agora, eu vou fazer mais um (chiqueiro), aqui do lado (do chiqueiro já construído). Eu vou botar novecentos porcos. Porque, quanto mais volume, mais tu tem retorno financeiro. Imagina... o primeiro lote de porco que eu fiz, em 1989, foi quinze porco. Analisa agora, vamos supor que eu ganho vinte reais por porco, dava o que, trezentos pila. Vamos supor, trezentos pila, por três meses de serviço, são cem reais por mês, não é viável. Aí depois eu tava com cento e vinte (porcos por lote), aumentei mais, cento e cinquenta, eu sempre fui aumentando. Aí eu fui pra duzentos e poucos leitão. Ai me deu vontade de fazer este chiqueiro maior, e agora eu estou com seiscentos e quarenta (suínos por lote) (...) E agora vou construir mais um aqui do lado, agora eu vou pra novecentos porco. Aí, será que a Cooperativa vai receber? Aí fui lá, e: 'Ari, pode!' (...) Vamos supor agora, vinte reais por cabeça, novecentas cabeças, já vai pra, são dezoito mil, dezoito mil. Agora divide isso por três meses, isso dá trinta salários. Por isso eu digo, se tu quer produzir tu tem que produzir em quantia. É a mesma coisa fazer uma lavoura, fazer como antigamente, planta tudo com saraqua, isso não adianta. Espalha uréia, ou colocar adubo no milho com a mão, isso não tem mais condição, a mão de obra se torna muito cara. Então, é bem com tudo assim.¹⁷²

Como se pode observar pelo relato de Ari, na percepção dos agricultores cooperativados as elevações escalares de produtividade foram concebidas como uma necessidade, em que as orientações técnicas dos técnicos do DAP os auxiliaram. Ao mesmo tempo, observa-se que as necessidades elevação de produtividade eram coadunados com necessidades de redução no uso de mão de obra, conforme foi recorrentemente salientado pelos agricultores teutonienses cooperativados a Languiru. Neste sentido, o agricultor Ari Spellmeier enfatizou a pouca necessidade de mão de obra no novo chiqueiro construído por este agricultor, em fins da década de 2000. Segundo o Spellmeier, este chiqueiro:

é de padrão europeu, depois nós vamos lá ver. O presidente e o vice-presidente da Cooperativa tiveram aqui a pouco tempo, pra me visitar, aí eles me falaram: ' - Este chiqueiro aqui é coisa de primeiro mundo. Hoje a gente não precisa mais ir pra Europa pra ver isso.' Tu tem que ver, quando tu acaba aqui nós vamos lá pra ti ver. Com este novo chiqueiro eu não tenho mais trabalho. Eu só preciso tira, controla as cortinas, tira algum porco que morre e deu. A ração e a água são fornecidas automaticamente. E no que eu tiro o lote eu limpo tudo com lava a jato, o chão é de concreto ripado.

Neste sentido, Ari salientou a necessidade de uso de máquinas que substituam a força de trabalho no rural teutoniense, em vista de, cada vez mais, serem perceptíveis as dificuldades para encontrar-se mão de obra disponível. Nas palavras do agricultor: "Antigamente tu chamava aí: 'olha, amanhã tem um serviço lá em casa', e sempre tinha gente pra trabalhar. Mas hoje em dia,... ih, é difícil de encontrar alguém".

Da mesma forma, o agricultor Martin Müller, integrado a Languiru em aves e gado leiteiro, ao comparar os anos de 1980, 1990 e 2000, considerou o período atual

¹⁷² Entrevista realizada na UP do agricultor, na Linha São Jacó, em 26/02/2012.

como o melhor momento, justamente pela diminuição do uso de mão de obra em seu aviário, a partir de 2008. Segundo Martin:

Hoje em dia tá tudo bem melhor. Eu consegui automatizar todo meu aviário, né? A água, a ração, tudo foi automatizado. A ventilação também. O forno de aquecimento, a diesel, né? Não precisa nem trazer lenha nem nada. Tem os tambores de diesel lá, daí eu boto ele pra trinta graus, ele deixa em trinta graus. Anos atrás fazia isso com lenha por exemplo, mas era uma judiaria, né?. Hoje a minha função é só controlar os equipamentos¹⁷³.

A falta de mão de obra também foi salientada pelo agricultor Nilo Hauschild da Linha São Jacó. Segundo este:

A vinte anos atrás, daí tu podia encontrar gurizada de vinte e cinco anos. Nos vizinhos, todos trabalhavam na agricultura. Hoje em dia não. Tu precisa implora se tu quiser um pra te ajudar meio ou um dia. E isso não pra capinar, aí tu nem precisa ir atrás. Pra trabalhar em qualquer coisa, tu não encontra¹⁷⁴.

Neste sentido, lembra-se que a redução de mão de obra disponível, em grande parte, é resultante da expansão do setor coureiro calçadista e agroindustrializador na região de Teutônia, a partir de fins da década de 1970. Esta questão parece ter sido de crucial importância na formação da percepção dos agricultores de Teutônia de que não ocorreu um processo excludente com as *integrações*. O que se compreende estar vinculado a este processo de absorção de mão de obra pelas empresas do setor calçadista e agroindustrializador no contexto de aprofundamento das integrações à Languiru. Nesta questão, ainda é de relevância observar-se que nenhum dos doze agricultores teutonienses cooperativados a Languiru entrevistados citou ter tido problemas para conseguir o licenciamento ambiental para suas instalações, essencialmente pocilgas e aviários. Assim, na percepção destes agricultores a organização produtiva via *integração* também não demonstrou limites frente a questões ambientais na região de Teutônia.

Em contrapartida as automatizações para a diminuição das necessidades do uso de mão de obra, observa-se que os agricultores cooperativados tiveram que realizar investimentos financeiros cada vez mais altos. Neste sentido, pode-se observar uma redefinição dos valores da mão de obra na região, que passam a tornarem mais viáveis os investimentos em capital constante que assegure a diminuição do uso de mão de obra (Marx, 1982). Por exemplo, o agricultor Ari Spelmeier, para construir seu chiqueiro ‘padrão’ em 2009, fez um investimento de cerca de R\$ 170.000,00. Segundo a técnica em agropecuária da EMATER de Teutônia, que realiza a grande maioria dos projetos

¹⁷³ Entrevista realizada em 10/11/2011, em sua UP, na Linha Major Bandeira.

¹⁷⁴ Entrevista realizada em 07/05/2011, em sua UP, na São Jacó Baixa.

para as construções dos agricultores que visam *integrar-se*, o tamanho médio dos aviários construídos no município seria de 100 por 12 metros, para 17.000 aves, com custos médios de R\$ 130.000,00, já as pocilgas para a criação de suínos médias seriam para 216 animais, com custos médios de R\$ 50.000,00¹⁷⁵.

Por outro lado, para compensar estes altos investimentos, a Cooperativa passou a oferecer bonificações aos agricultores que realizam os investimentos instigados, o que foi enfatizado a partir da década de 1990. Assim, na percepção do agricultor Ari Spelmeier estes investimentos seriam rentáveis:

Isso tudo se paga logo. Por exemplo, por ter estes silos para armazenar a ração e alimentador automático aqui, a Cooperativa me paga um real a mais por cabeça de suíno. Então isso se paga, né? E assim, eu quase não preciso fazer mais nada (risos).

Neste sentido, pode-se observar que tanto técnicos quanto agricultores participaram ativamente neste processo de negociação, mesmo que assimetricamente. O que pode ser percebido a partir dos diferentes contextos em que ocorreu a consolidação da predominância das *integrações verticais* nos setores de aves e de suínos. No setor de aves isso ocorreu durante a década de 1980, já em suínos somente na década de 1990, visto a necessidade de recuperar a confiança dos cooperativados no mesmo, após a crise de inícios da década de 1980. Da mesma forma, percebe-se isto pela forma como os agricultores calculam os benefícios dos investimentos em inovações produtivas. Pois estas inovações só foram praticadas, pela ampla maioria dos agricultores, no momento em que estes perceberam que elas proporcionam os resultados objetivados, em que se destaca a elevação da produtividade e a diminuição do uso de mão de obra.

Assim, observa-se que estas condições sociais não foram impostas, mas sim construídas e reconstruídas em um processo interativo entre técnicos e agricultores, mesmo que assimetricamente. Frente ao que corrobora-se a ideia de que os atores sociais comprometem-se “ativamente (...) na construção de seus mundos sociais e experiências vividas, entretanto, como adverte Marx, as circunstâncias que encontram não são de seu próprio feitio” (Long, 2007: 50). Nesse sentido, frisa-se, ainda, a compreensão de que estes atores sociais (agricultores) participaram ativamente neste processo histórico a partir de suas *experiências* vividas, que são resultantes de suas *experiências* vivenciadas na realidade concreta¹⁷⁶.

¹⁷⁵ Variando nestes custos os gastos com equipamentos e terraplanagem, devido as diferenças de terrenos dos agricultores.

¹⁷⁶ A qual pode vir a ser confrontada com a experiência percebida, que seria a consciência social, nos termos definidos por Marx. Compreensão esta que leva a repensar-se o próprio conceito de ideologia nas

Experiências históricas em que foi sendo construída a percepção de as criações de aves, suínos, gado leiteiro e prestação de serviços no Círculo de Máquinas Languiru, seriam as ‘melhores’ atividades econômicas para a agricultura familiar em Teutônia, como frisaram os doze agricultores cooperativados entrevistados. Neste sentido, também salienta-se que os doze entrevistados enfatizaram a necessidade de se combinar no mínimo duas destas atividades. Exemplo disto pode ser observado na resposta da família de Francisco Schaffer ao questionamento de qual seria a melhor atividade econômica para os agricultores de Teutônia:

Fabio (filho): Um destes três: aves, porco ou leite. Na integração. (...) Ademir (genro): São as que dão mais renda. Francisco: Por que planta milho essas coisas, isso é muito ariscado, dá uma seca. E na integração não, isso é o ano inteiro. E combinando duas destas coisas, se uma não tá bem a outra tá. Ademir (genro): Por isso tu não pode ir só no leite, ou só no suíno, ou só no frango. Francisco: Por isso a própria Cooperativa já é em suínos, leite e frango. Se um não vai bem, os outros compensam. E de um tu aproveita o esterco pra produzir mais no outro, como a gente faz com o esterco do suíno pra produzir mais leite, que eu te falei.

Como se pode observar pelas respostas dos membros da família de Francisco, a segurança do canal de escoamento da produção através da Cooperativa e os resultados econômicos das atividades foram os principais elementos que instigam os agricultores teutonienses a perceberem nas atividades em *integração* a melhor opção econômica para a agricultura no município. As quais se compreende terem sido de fundamental importância para o empoderamento dos técnicos do DAP em suas interações com estes agricultores ao longo deste processo, tanto em seus resultados mais concretos, quanto na conformação das percepções em que estes resultados foram sendo apreendidos.

Ao longo do processo histórico analisado neste capítulo observou-se que a Cooperativa Languiru e a rede de atores a ela vinculada, foram se construindo como agentes capazes “de influenciar os outros ou de transmitir uma ordem, em um sistema composto pela associação de muitos atores em um dado esquema político e social” (Ploeg e Long, 2000: 6-7). No fortalecimento do Departamento Agropecuário (DAP) desta instituição e dos técnicos a ele vinculados teve papel de destaque a construção de laços políticos, econômicos e de mediação técnica com uma ampla rede de atores, inclusive com empresas transnacionais, que passaram a se constituir como parceiras na consolidação de arranjos técnico-produtivos baseados na *integração* em Teutônia. Por

interações entre estes atores sociais ao longo deste processo, em vista de estas duas formas de experiência estarem em constante fricção.

outro lado, também foi possível observar que os técnicos da cooperativa foram se constituindo como atores sociais com crescente capacidade de *agência* no rural teutoniense, ou seja, com expressiva capacidade de influenciar as ações e percepções dos demais atores sociais, particularmente dos agricultores.

Nas interações com agricultores, que teve, como um de seus principais resultados a elevação dos índices de produtividade, observou-se que as “unidades operacionais”, foram, por excelências, as áreas demonstrativas implantadas nas diferentes *linhas* da região onde a Cooperativa atuava. Foi através destas demonstrações práticas que os técnicos do DAP conseguiram validar suas orientações frente aos demais agricultores daquela localidade.

Assim, observa-se que estas demonstrações práticas foram de crucial importância no processo de ordenamento e legitimação da autoridade dos técnicos do DAP. Interações em que merece destaque a observação de que os resultados da assistência técnica prestada pelos técnicos do DAP estiveram, em grande parte, influenciados por aspectos que transcendem a técnica, em vista da relevância dos aspectos sociais e culturais.

Todavia, se por um lado, este processo de empoderamento só pode ser compreendido a partir da análise destas interações sociais “locais”, por outro, concebe-se ter demonstrado que a compreensão do mesmo ficaria limitada se não incorporarmos à análise as suas interconexões - de condicionamento mútuo, intermitente e assimétrico - com a estrutura social mais ampla. Neste sentido, considera-se ser de crucial importância a observação de que os técnicos do DAP instigaram os agricultores cooperativados a incorporar insumos, práticas e formas de cultivo que eram coerentes com a rede sócio-técnica em que estavam inseridos. As elevações escalares de produção, com diminuição crescente dos custos de produção ao nível unidades produtivas dos associados da Cooperativa, parece estar em consonância direta com o processo mais geral de inovação tecnológica nos setores em que a cooperativa passou a centralizar suas atividades, principalmente aves e suínos. Pois, como coloca Mior, a partir de Storper: “este mercado seria estandarizado e genérico e, portanto, adequado à exploração da escala como princípio ordenador da cadeia de produção de carnes e derivados” (Mior, 2005:133). E, como lembra Ploeg (2003: 112)., esta coerência entre os arranjos produtivos e a rede sócio-técnica é de fundamental importância para os resultados econômicos das unidades produtivas.

A sintonia existente entre as orientações técnicas disseminadas pela equipe da Cooperativa e as tendências estruturais dos setores com os quais os técnicos do DAP estavam articulados parece ter sido de fundamental importância em seu processo de empoderamento frente aos agricultores.

Assim, o empoderamento dos técnicos do DAP parece ser a expressão de um processo de mais longo escopo, fortemente condicionado pela capacidade dos atores de conectarem suas ações ao modo de *poder estrutural* (Wolf, 2003: 326), ou seja, ao processo global de transformação da agricultura disseminado pela Revolução Verde. No caso analisado os técnicos da Languiru atuaram como mediadores de transformações sociais mais amplas, mobilizando recursos e competências por meio de uma rede que se estendia para além do local (Wolf, 2003: 74). As conexões estabelecidas entre os mediadores e uma estrutura de poder mais ampla foi de fundamental importância no empoderamento mútuo da instituição Cooperativa e dos técnicos do DAP, ao longo do processo de modernização da agricultura em Teutônia. Empoderamento que, por sua vez, foi de crucial importância nos rumos tomados pelas alternativas de organização produtiva e de comercialização paralelas à *integração*, analisadas no quinto e último capítulo deste trabalho.

5. Estruturação de alternativas à *integração* no processo de modernização da agricultura em Teutônia: a Feira Livre dos Produtores rurais e as agroindústrias familiares (1985-2011)

*“O pessoal aqui não se interessa por este tipo de coisa,
só na integração em suínos e aves”*

(Fragmento de entrevista realizada com agricultor de Teutônia)



1. Instalações de agroindústria familiar teutoniense. 2. Instalações da Feira Livre dos Produtores Rurais de Teutônia. 3. Agroindústria familiar teutoniense.
Imagens registradas durante a pesquisa de campo – 2011

Neste capítulo analisa-se o processo de estruturação de alternativas de organização produtiva e de comercialização paralelas à *integração* agroindustrial, em meio ao campo de forças configurado, historicamente, no rural de Teutônia. Ao longo da pesquisa de campo, observou-se que a Feira Livre do Produtor Rural e as agroindústrias familiares foram as principais alternativas de organização produtiva e de comercialização paralelas à *integração* agroindustrial estruturadas no município. A partir de meados da década de 1980 organizou-se a Feira Livre Rural em Teutônia, que se mantém em atividade até a atualidade. Já as agroindústrias familiares, que hoje se encontram em funcionamento no município, foram implantadas a partir de fins da década de 1990 e, principalmente, durante a década de 2000.

Nas entrevistas com os agricultores envolvidos nestas iniciativas, observou-se que a EMATER¹⁷⁷ foi a principal instituição a prestar assistência técnica aos produtores. Os relatos dos agricultores chamam atenção, particularmente, para o protagonismo de alguns técnicos, que tiveram um papel importante na dinamização destas experiências. A EMATER possui, além disso, o principal arquivo com fontes documentais sobre as

¹⁷⁷ Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural: empresa pública de direito privado com atuação em âmbito estadual.

atividades de extensão rural desenvolvidas no município, onde foi possível encontrar uma série de informações valiosas para o estudo destas iniciativas.

Este capítulo, toma como foco de análise os projetos e ações desenvolvidos pelos técnicos da EMATER e pelos agricultores familiares de Teutônia na estruturação de atividades econômicas paralelas ou alternativas à *integração*. Busca refletir sobre as possibilidades de consolidação, neste município, de novos arranjos produtivos e de mercado, baseados na agregação de valor ao produto final pelas unidades produtivas familiares e na estruturação de circuitos curtos de comercialização. Os obstáculos existentes à disseminação destas iniciativas são analisados considerando os arranjos econômicos, políticos, institucionais que viabilizaram a modernização da agricultura no contexto analisado.

5.1 Ações e percepções da assistência técnica na estruturação de alternativas à *integração*.

Conforme pontuado anteriormente, até a década de 1980 o escritório da EMATER, que atendia a região de Teutônia, ficava sediado no município de Estrela. Com a emancipação do município, foi instalado um escritório da EMATER em Teutônia. Antes desta data, a grande maioria dos agricultores entrevistados relatou não ter nenhum tipo de vínculo com as agências públicas de extensão rural contando, principalmente, com a assistência técnica prestada pela Cooperativa.

Em seus primeiros anos de atividade, o escritório municipal da EMATER esteve sediado junto ao DAP, no prédio da Cooperativa Languiru (Informativo Languiru, fevereiro de 1983: 5). A parceria estabelecida entre o DAP e a EMATER nos trabalhos de assistência técnica foi uma constante. No exame dos projetos dos técnicos da EMATER de Teutônia, referentes ao período 1983-2010, foi possível observar uma forte dedicação dos técnicos da EMATER a trabalhos relacionados à *integração*, como a produção de aves suínos, gado leiteiro e milho para ração, atividades estas desenvolvidas, na grande maioria das vezes, em parceria com os técnicos do DAP. As análises apresentadas neste capítulo partem, no entanto, de um recorte específico, ou seja, as atividades econômicas alternativas à *integração*, e que representam apenas uma fração menor no conjunto geral de atividades desenvolvidas pela EMATER.

Entre as fontes documentais utilizadas destacam-se os Relatórios de Atividade e Planos de Ação dos técnicos da EMATER (1983-2010) e as entrevistas realizadas com

oito famílias de agricultores e cinco técnicos que trabalharam em instituições diretamente envolvidas nessas iniciativas.

As oito famílias de agricultores entrevistadas destacaram a atuação de dois técnicos vinculados à EMATER como decisiva na dinamização da Feira e das agroindústrias familiares. O técnico André Kich, que trabalhou na EMATER de Teutônia no período 1983-1989, teria tido, segundo os depoimentos, um papel central na estruturação da Feira. Da mesma forma, o técnico Nilo Cortez, que há mais de trinta anos trabalha na EMATER Regional de Lajeado, foi destacado pelos agricultores como um ator importante no processo de estruturação das agroindústrias familiares.

Para trabalhar no escritório da EMATER em Teutônia, o primeiro prefeito do município, Elton Klepker, buscou técnicos que fossem descendentes de migrantes germânicos e falassem o dialeto local. Assim, o primeiro técnico a trabalhar neste escritório foi o engenheiro agrônomo André Kich, técnico agrícola e graduado em agronomia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul no início dos anos 1980¹⁷⁸. O pai de André, Auro Kich, residente na área rural de Teutônia, entrevistado durante o trabalho de campo, relatou que em 1980 seu filho trabalhava no escritório central da EMATER em Porto Alegre. Segundo Auro Kich a contratação de André para o escritório da EMATER de Teutônia teria se dado da seguinte forma:

Meu filho foi o fundador da EMATER de Teutônia (...) ele estava em Porto Alegre trabalhando na EMATER como técnico agrícola. Aí, quando ele se formou, claro, ele passou a ser, lá na EMATER em Porto Alegre, como engenheiro agrônomo. Daí, neste meio tempo, emancipou-se Teutônia. E o prefeito aqui queria um agrônomo que falasse também o alemão. Aí ele ligou pro Hamann, que era, naquele tempo, o presidente da EMATER, né? E pedique queria este agrônomo, né?¹⁷⁹

André Kich trabalhou no escritório municipal da EMATER até fins da década de 1980. Como relatou Auro Kich:

Em 1989 ele saiu da EMATER, mais ou menos. (...) Aí ele foi pra Minas Gerais. (...) É o seguinte, ele disputou uma vaga em todo o Brasil, disputou com o pessoal de todo o Brasil, pra fazer um curso no Japão. Enfrentou e ganhou. Aí ele ficou dois anos no Japão, né? Fazendo um curso de olericultura, horticultura. Aí ele terminou o curso no Japão.

Quando André estava retornando do Japão, um representante da empresa alemã Fucks foi ao seu encontro com uma proposta de trabalho. A partir daí André foi contratado para administrar as fazendas da empresa no Centro Oeste brasileiro. Após a

¹⁷⁸ André Kich reside, atualmente, na Alemanha. Por esse motivo não pode ser entrevistado nesta pesquisa.

¹⁷⁹ Entrevista realizada em 31/10/2011, na unidade produtiva de Auro Kich, na Linha Germano.

saída de Kich, segundo os três agricultores entrevistados que participaram da fundação da Feira, o apoio da EMATER para os feirantes teria decaído muito.

Em 1985, além de André Kich, trabalhavam na EMATER de Teutônia um técnico agrícola e uma auxiliar administrativa (EMATER, escritório municipal de Teutônia, Plano de Trabalho Bianual 1985-1988, 1985: s/p). Em 1986 o quadro pessoal deste escritório também passou a contar com o trabalho de uma extensionista rural, na área de bem estar social. Esta equipe foi mantida até fins de 1988, quando Kich se licenciou para realizar seu curso de especialização no exterior (EMATER, Escritório Municipal Teutônia, 1988: s/p). Em 1989 foi contratado um novo agrônomo, recompondo-se, com isso o quadro de pessoal do escritório da EMATER de Teutônia. Em 1999 a equipe foi ampliada passando a ser formada por dois engenheiros agrônomos, uma extensionista na área de bem-estar social, uma assistente administrativa e uma auxiliar de serviços gerais (Relatório Anual de Trabalho EMATER Teutônia, 1999). Ao longo do ano de 2010 esta mesma unidade contou com o trabalho de: Claudia Paraba, técnica em pecuária, chefe do escritório municipal, a partir de maio do referido ano; Martin Wanderer, engenheiro agrônomo, chefe do escritório municipal entre janeiro e abril de 2010; Lídia Margarete Müller Dhein, assistente administrativa, que trabalhou no escritório de janeiro a setembro; Letícia Maria Pedrussi, assistente administrativa, incorporada à equipe a partir de dezembro (Relatório de Atividades do Escritório Municipal da EMATER Teutônia, 2011). Em abril de 2010 o engenheiro agrônomo que trabalhava na EMATER de Teutônia foi realocado para o escritório regional da empresa, em Lajeado. A partir daí, este agrônomo passou a prestar assistência ao escritório de Teutônia apenas alguns dias por semana. Já a assistente administrativa foi realocada para o escritório da EMATER de Colinas, em setembro de 2010. Assim, a partir do final do ano de 2010, o escritório da EMATER de Teutônia passou a contar apenas com o trabalho da técnica em pecuária Claudia Paraba e da assistente administrativa Letícia Maria Pedrussi. A partir de outubro de 2011 um novo engenheiro agrônomo foi contratado para compor o quadro pessoal da EMATER em conjunto com Claudia e Letícia.

Estas variações no quadro pessoal da EMATER de Teutônia são expressivas dos projetos políticos dos governos do Estado do Rio Grande do Sul frente em relação às políticas públicas de assistência técnica e extensão rural ao longo destes anos. Cabe mencionar, nesse sentido, os investimentos realizados na Empresa durante o governo do PDT (governador Alceu Collares - 1991/1994), principalmente no que se refere à infra-

estrutura (automóveis e informatização). Já o governo do PMDB (governador Antônio Britto – 1994/1998) destacou-se por demitir diversos funcionários da EMATER. O governo do PT (governador Olívio Dutra – 1999/2002) foi marcado pela implementação de políticas que visavam reestruturar o quadro técnico da Empresa, com mudanças importantes no enfoque de assistência técnica adotado pela empresa. Como observa Da Ros: “a prioridade seria a construção de uma matriz produtiva baseada nos princípios da agroecologia (Da Ros, 2006: 331). Neste governo também foram destaque o Programa de Agroindústrias Familiares, marcado pela criação de um selo específico ‘O Sabor Gaúcho’, que passou a ser utilizado pela rede de agroindústrias apoiada pelo poder público estadual - e o Programa RS Rural, que também contribuíram para dinamizar a assistência técnica prestada pela EMATER. Já no governo do PMDB (governador Germano Rigotto – 2003/2006) verifica-se um refluxo nessas iniciativas. No governo do PSDB (governadora Yeda Crusius – 2007/2011) foram demitidos mais de quatrocentos funcionários da EMATER, número este que reflete, em boa medida, uma política de desmonte da instituição neste governo. A partir de 2011 o PT reassumiu o governo do estado (governador Tarso Genro – 2011), verificando-se um esforço de reestruturação, ainda que marcado por uma série de limitações financeiras e institucionais, de diversas políticas de apoio à agricultura familiar que haviam sido implementadas durante o governo Olívio Dutra.

Em entrevista com a técnica em pecuária Claudia Paraiba, que trabalha na EMATER de Teutônia desde maio de 2010, a mesma destacou o interesse da instituição em desenvolver atividades vinculadas à Feira, turismo rural e, principalmente, agroindústrias familiares. Estas atividades, segundo Claudia, estariam sendo desenvolvidos pelos técnicos da EMATER, em articulação com a Secretaria da Agricultura, Sindicato dos Trabalhadores Rurais e Centro de Apoio ao Pequeno Agricultor. Todavia, Claudia frisou a existência de diversos entraves enfrentados nesse trabalho. Primeiramente, salientou os problemas atuais de falta de pessoal no escritório municipal da EMATER. Com o quadro de funcionários existente no escritório, não seria possível dar ênfase a estas atividades, tendo em vista a grande demanda de trabalho com iniciativas relacionadas à *integração* dos agricultores familiares às grandes agroindústrias. A técnica ressaltou que em Teutônia, a demanda de trabalho dos técnicos da EMATER para realização de projetos de licenciamento para a implantação de aviários e pocilgas em sistema de *integração*, é bem mais elevada do que a demanda

observada em municípios vizinhos¹⁸⁰. Segundo Claudia, a EMATER de Teutônia assume a responsabilidade técnica pela grande maioria dos projetos voltados à construção da infra-estrutura necessária à *integração*. Em função desta elevada demanda de trabalho, quando os agricultores procuram a EMATER municipal com o intuito de estruturar projetos de agroindústrias familiares, estes são encaminhados ao técnico da EMATER Regional de Lajeado, Nilo Cortez, que a partir do início da década de 2000, foi designado para trabalhar com estas atividades¹⁸¹.

Em entrevista com o técnico Nilo Cortez, da EMATER Regional de Lajeado, o mesmo destacou que a ênfase de seu trabalho com agroindústrias familiares se deu no contexto de redefinição de diretrizes de ação da EMATER, em fins da década de 1990, com a ascensão do Governo do PT no Rio Grande do Sul:

No início eu trabalhava com outras atividades. Com agroindústrias [familiares] eu comecei a trabalhar a partir de 1999. Foi quando, na época, o governo Olívio Dutra criou o Programa da Agroindústria Familiar¹⁸². E eu tinha alguma vinculação com esta área, porque eu lecionava na UNIVATES a disciplina de agroindústria, e com isto a EMATER disse: ‘puxa, tu já tem uma parte, né? Então, vamos fazer um treinamento.’ Eu fui fazer um treinamento na FAO, puxado, em termos de preparo, transformação de alimentos e aquela história toda, boas práticas... projetos de agroindústrias. Aí então, praticamente a partir de 2000 se entrou neste trabalho com mais intensidade. E sempre, desde aquela época, se trabalhava divulgando o Programa em todos os municípios da região¹⁸³.

Todavia, na percepção de Nilo Cortez, estas iniciativas não teriam encontrado, entre os agricultores de Teutônia, o mesmo respaldo recebido em outros municípios da região. Na percepção de Nilo:

¹⁸⁰ Exceção feita ao município de Westfália, emancipado de Teutônia na década de 1990, onde a Cooperativa Languiru possui um matadouro, e onde as terras acidentadas motivam muitos agricultores a ver, como ‘melhor’ opção, a construção de aviários e pocilgas.

¹⁸¹ Na dinamização de atividades como a Feira, Claudia frisou sua percepção de que os agricultores de Teutônia seriam bastante resistentes a projetos envolvendo sistemas de cultivo e criação diferentes daqueles existentes no município, ou a entrada em circuitos mercantis ainda não consolidados. Isto, segundo Claudia, se deveria ao fato de muitos destes agricultores terem tido experiências frustradas com este tipo de atividade. Segundo a técnica, muitos agricultores de Teutônia já teriam sido ‘iludidos’ com promessas de atores sociais que incentivaram tais iniciativas, visando lucros pessoais, no geral, ‘caloteiros’ que haviam passado pela região. Neste sentido, o agricultor César Kich relatou que em fins da década de 1990, agentes vinculados a uma empresa ‘fantasma’ de criação de minhocas haviam passado pela região e enganado diversos agricultores que foram induzidos a adotar o pacote oferecido pela suposta firma.

¹⁸² Conforme salientado anteriormente, neste governo observa-se uma redefinição da posição do poder público frente à assistência técnica que deveria ser prestada via EMATER. Nestas redefinições foi estabelecido que o público alvo da assistência técnica da EMATER seriam os agricultores familiares e assentados da reforma agrária. Também mereceram destaque neste governo um programa específico de apoio às agroindústrias familiares e a promoção de uma agricultura baseada em um enfoque agroecológico.

¹⁸³ Entrevista realizada em 28/11/2011, nas dependências do Colégio Agrícola Teutônia. Nesta data o técnico Nilo Cortez veio à Teutônia realizar uma conversa com os agricultores do município sobre boas práticas no processamento de alimentos.

Teutônia, como é que eu vou te dizer, ele tá muito centrado em leite, suínos e aves, né? Muito em cima das atividades da Languiru, a Cooperativa, que tem todos os seus méritos, né? Não há críticas neste aspecto aí. Mas isso fez com que se estreitassem as alternativas. (...) Teutônia, em termos de agroindústrias familiares é pique no mundo, e a Feira, cá entre nós, praticamente não existe, né? Existe o esforço de três quatro pessoas que vão lá e elas nunca conseguiram, tentaram no pavilhão da comunidade católica (do bairro Canabarro), depois ali na frente da Blip (empresa do setor coureiro calçadista no bairro Canabarro), houve assim um espaço... ‘óia, isso aí é um espaço de vocês’. Mas aquilo ficou sempre patinando, patinando, né?

Já no primeiro plano de trabalho desenvolvido pelos técnicos da EMATER de Teutônia (1983-1984), estes destacaram ser perceptível uma crescente desmobilização dos agricultores do município na produção de frutas e hortaliças, como também no processamento destes produtos. Frente a este quadro, os técnicos da EMATER estabeleceram como objetivo estimular os agricultores de Teutônia a formar pomares e hortas caseiras, em um primeiro momento, para que, posteriormente, pudessem aumentar sua produção e atender o consumo local de frutas e hortaliças:

A desmobilização dos agricultores no que tange à produção caseira de frutas e hortaliças e sua conservação na forma de *schmier*, doces e conservas, tem sido constatada de ano para ano no município de Teutônia. Tomada a consciência de reativar a produção dos pomares caseiros e diversificar as variedades para produzir, durante a maior parte do ano; num primeiro plano será incentivada a formação de pomares caseiros e num segundo plano, procurar-se-á elevar o consumo das frutas pela produção local (EMATER, Escritório Municipal Teutônia, 1983: s/p)¹⁸⁴.

Em 1984 e 1985 foi realizado um estudo em sete fruteiras e dois supermercados de Teutônia, em que se constatou que 95% do volume de hortigranjeiros comercializados no município vinha de outros municípios, como também, que “10% era vendido por ambulantes que não oferecem garantia de qualidade e não recolhem impostos,” segundo os técnicos da EMATER. Com base neste estudo, os técnicos responsáveis pela elaboração do relatório afirmam:

concluiu-se que são necessárias medidas eficientes quanto à produção de hortigranjeiros no município para o abastecimento da população urbana. A opinião pública, em relação à criação da feira livre do produtor, foi que 100% dos entrevistados, de um número de 75, manifestou interesse em sua instalação (EMATER, Escritório Municipal Teutônia, 1985: s/p).

Assim, para auxiliar na estruturação da Feira, foi “fundada uma comissão Municipal para assistir o assunto”, formada por diferentes instituições às quais foram atribuídas determinadas tarefas:

Câmara de vereadores: redação do estatuto da Feira; levantamentos

¹⁸⁴ Esta documentação encontra-se no arquivo do Escritório Municipal da EMATER – Teutônia, caixa: ‘Plano anual trabalho: 1983-1984, Plano Diretor, Plano anual trabalho: 1984-1985, Plano Plurianual Trabalho: 1993-1996, Proater: 1991-1993; CPLAN: 1a, 1b, 1c, 3b, 3c, CPLAN: 3b, 3c, 89/90/91/92’.

estatísticos; aprovação da lei municipal criando a feira livre rural. Sindicato dos Trabalhadores Rurais: inscrição de produtores; programa de rádio. Cooperativa Languiru: espaço para programa de rádio; composto orgânico para os produtores. Hato Bröenstrup S. A.: fornecimento de hortaliças a preço de custo (EMATER, Escritório Municipal Teutônia, 1985: s/p).

De meados a fins da década de 1980, pode-se observar que, destarte alguns complicadores, a Feira conseguiu se estruturar como um circuito mercantil importante para os agricultores. No Plano de Trabalho da EMATER-Teutônia para os anos de 1986-1987, os técnicos descreveram a situação da Feira Livre do Produtor Rural e dos produtores feirantes da seguinte maneira:

Em nove meses de comercialização foram realizadas 112 feiras, com vendas no valor de Cr\$ 182.000,00. A princípio os produtores estavam bastante motivados com sua produção. No entanto, a partir do mês de outubro, com a estiagem que se fez presente, muitos ainda não estavam estruturados com equipamentos de irrigação. A produção diminuiu muito, porém, o preço recebido aumentou. O maior entrave para o aumento da produção reside no fato de antes de serem feirantes, os produtores são bovinocultores de leite, suinocultores e trabalham na lavoura de milho, soja, etc... Isto significa que nenhum dos produtores gasta mais do que 20% de seu tempo como feirante. Nenhum tem na olericultura a sua principal atividade. Com este quadro, é necessário que seja dada assistência individual e grupal aos 8 produtores feirantes, de modo que seu trabalho seja mais dedicado à olericultura, pois eles mesmos reconhecem que a atividade é rentável (EMATER, Escritório Municipal Teutônia, 1986: s/p).

No Plano de Ação para 1989-1990 os técnicos da EMATER Teutônia novamente descrevem a situação da Feira em bases semelhantes, destacando, entretando, algumas potencialidades do município nesta atividade. Segundo estes técnicos:

Existem em funcionamento no município de Teutônia quatro feiras do produtor. Nestes locais seis produtores comercializam produtos de origem colonial como verduras, frutas, queijos linguças, pão colonial, *schmier*, melado, dentre outros. Apesar das feiras estarem instaladas há quase três anos, persistem ainda problemas quanto à produção de hortigranjeiros e apresentação dos produtos comercializados. As feiras são em geral muito frequentadas, existindo constante falta de produtos. Embora proibidos de serem comercializados em feiras livres, os produtos como linguça, nata e queijo são muito procurados. Tendo em vista que a feira livre do produtor é um meio alternativo de venda de produtos agrícolas diretamente do produtor ao consumidor, torna-se necessário apoiar e assessorar o grupo de produtores feirantes do município de Teutônia através das ações extensionistas da EMATER. O município de Teutônia localiza-se em área privilegiada para a produção de hortigranjeiros, em escala comercial, tanto para o consumo e comercialização interna do município, como também para o maior centro de comercialização do estado, a Região Metropolitana. Soma, para isto, sua gente, solo clima e água. Há a necessidade de formação de canais de comercialização estáveis, que propiciarão iniciativas mais corajosas na produção.

Deste ano, até fins da década de 1990, observa-se que as menções dos técnicos da EMATER à Feira Livre nos relatórios passaram a ser bastante esporádicas referindo-

se, quase sempre, a atividades bem pontuais. Destaque-se, neste sentido, a observação de que 1990 foi o último ano de trabalho do engenheiro agrônomo André Kich no escritório municipal de Teutônia.

A partir de fins da década de 1990, verifica-se um importante realinhamento nas propostas de ação da EMATER no Estado do Rio Grande do Sul, fomentadas pela ascensão de Olívio Dutra, do Partido dos Trabalhadores, ao Governo do Estado. Como destacaram os técnicos da EMATER de Teutônia:

A EMATER teve, no ano de 1999, um realinhamento em sua missão, suas diretrizes e objetivos, em função da mudança de Governo do Estado. A missão da EMATER é trabalhar na missão do desenvolvimento rural sustentável, buscando o crescimento econômico, a equidade e a estabilidade política e ambiental, em parceria com agricultores e entidades empenhadas neste propósito¹⁸⁵.

As redefinições ocorridas nas diretrizes de trabalho da EMATER foram de crucial importância no processo de criação e estruturação de algumas agroindústrias familiares em Teutônia, ainda que em menor número em comparação com outros municípios do estado. Ainda no Relatório de Atividades de 1999, estes técnicos salientaram que “em 1999, foram elaborados, encaminhados e liberados 656 projetos do PRONAF Especial e 47 projetos do PRONAF Normal Investimento. Estes projetos são dos mais diversos setores. Ainda com relação ao crédito, também foram elaborados e encaminhados 2 projetos de agroindústrias”.

No relatório de atividades do escritório municipal da EMATER de Teutônia de 2001, percebe-se que a sustentabilidade ambiental, agroecologia e gestão participativa vinham sendo mantidas como metas centrais, conforme propunha o programa estadual desenvolvido pela EMATER. Neste ano, os técnicos da instituição também apresentaram no Colégio Agrícola de Teutônia o Programa de Agroindústria Familiar “para 4 entidades e para 25 agricultores.” A partir desta apresentação, segundo o relatório: “foram elaborados e encaminhados 2 projetos”. Ainda em 2001, dentre as atividades relacionadas ao associativismo, os técnicos da EMATER salientaram seu apoio à Associação dos Feirantes do município¹⁸⁶.

¹⁸⁵ Neste ano o escritório municipal da EMATER passou a contar com mais um engenheiro agrônomo.

¹⁸⁶ Neste ano os técnicos da EMATER também realizaram reuniões nas vinte e três Linhas do município de Teutônia, nas quais objetivavam realizar um “levantamento de anseios e expectativas da comunidade, escolha dos líderes, bem como uma explanação sobre qual a função dos conselheiros. Nestas reuniões houve a participação de 250 agricultores e agricultoras” (Relatório de Atividades – EMATER – Teutônia, 2001).

Em 2002 os técnicos da EMATER participaram da apresentação do Programa de Agroindústria Familiar, auxiliando na organização do Seminário Municipal da Agroindústria. Segundo estes técnicos:

pensando no desenvolvimento da propriedade rural, através da geração de trabalho e renda e organização solidária, o escritório participou da divulgação do Programa de Agroindústria Familiar, com a promoção de Seminário Municipal da Agroindústria, no mês de setembro, para 40 agricultores e entidades parceiras¹⁸⁷.

No Plano de Trabalho para o ano de 2003, percebe-se que as atividades envolvendo os agricultores feirantes receberam maior destaque. Os técnicos salientaram em seu planejamento a necessidade de acompanhar a Feira o ano todo, em suas três edições semanais, nos bairros Canabarro, Languiru e Teutônia, incentivando o consumo de produtos coloniais e fornecendo assistência técnica aos dez produtores do município envolvidos nesta atividade durante todo o ano¹⁸⁸.

No Relatório de Atividades do Escritório Municipal da EMATER Teutônia relativo ao ano de 2004, os técnicos registraram a assistência técnica prestada aos cinco agricultores feirantes. Destacaram também, nesse mesmo ano, o trabalho de orientação e acompanhamento da instalação de agroindústrias familiares no município. Anexada ao relatório, foi encontrada uma reportagem do periódico *O Informativo de Teutônia* de 26 de maio de 2004, referente à inauguração da agroindústria familiar Harmoni Haus, na Linha Harmonia¹⁸⁹.

No Relatório de Atividades do Escritório da EMATER Teutônia de 2006 os técnicos reportaram seu trabalho de assistência técnica e incentivo à legalização das atividades das agroindústrias familiares no município de Teutônia. Estas atividades foram novamente mencionadas nos relatórios de atividades referentes aos anos de 2007,

¹⁸⁷ A partir deste evento foram elaborados e encaminhados três projetos para o Programa Estadual de Agroindústria.

¹⁸⁸ Neste ano, os técnicos ainda previam avaliar a Feira através da realização de entrevistas com cinquenta consumidores, nos três bairros.

¹⁸⁹ Conforme esta reportagem: “Na tarde da ultima sexta-feira, dia 21, ocorreu a inauguração da agroindústria de embutidos Harmoni Haus, da família de Arlindo Lagemann, localizada em Linha Harmonia. O empreendimento, que teve apoio da EMATER/RS – ASCAR e da Administração Municipal, foi construído com recursos da família e já está produzindo, por mês, em média, 55 quilos de banha, 150 quilos de linguiça, 55 quilos de carne de suíno defumado, 15 quilos de torresmo e 60 quilos de morcilha branca, comercializados em feira de produtores. A família já produzia há algum tempo, mas agora adequou as instalações às normas exigidas pela legislação para as agroindústrias.” O relato continua com o depoimento de Sussiane Lagemann, filha de Arlindo, destacando o trabalho desenvolvido pelo assistente técnico em agroindústrias da EMATER Regional de Lajeado, Nilo Cortez, na implantação do empreendimento, mencionando também o apoio da Vigilância Sanitária e da Prefeitura Municipal de Teutônia. Entre as autoridades que participaram da solenidade de inauguração da Hamoni Hauss são citados: Ricardo Brönstrup (PSDB), então prefeito de Teutônia; Nilo Cortez, assistente técnico em agroindústrias da EMATER Regional de Lajeado e Luiz Rückert, Secretário da Agricultura de Teutônia.

2008, 2009 e 2010. As seis agroindústrias familiares instaladas no município foram Harmoni Haus, embutidos e panificados; Hari Brust, panificados; Matinho, embutidos e matadouro; Lauri Hergemoeller, embutidos; Cogumelos do Sol, desidratação de cogumelos; Lethi, conservas de ovos de codorna. Além destas, estariam sendo implementadas mais três agroindústrias familiares em Teutônia: “Osmar Schneider, laticínios; Rudi Schaffer, laticínios e Erich Heinemann, casa do ovo.” No que diz respeito aos agricultores feirantes é citado, apenas, o trabalho desenvolvido na produção de olerícolas, em que, segundo os técnicos da EMATER, foi realizado o “acompanhamento a produtores olerícolas, através de visitas e contatos, com orientações técnicas e apoio à comercialização através da feira de produtores” (Relatório de Atividades EMATER-Teutônia, 2010).

Como é possível observar, a partir de 1999 os técnicos da EMATER com inserção em Teutônia passaram a enfatizar iniciativas voltadas à agregação de valor nas unidades produtivas, linha de trabalho diretamente relacionada com as redefinições ocorridas nas diretrizes de ação da EMATER-RS, a partir governo estadual do PT. Por outro lado, observa-se que mesmo com a redefinição ocorrida no foco de trabalho da EMATER, a partir de fins da década de 1990 a Feira Livre de Produtores não foi objeto de uma ação mais significativa por parte da extensão rural . Participavam desta feira, no momento em que realizamos o trabalho de campo, apenas três famílias de agricultores atualmente.

O que explicaria as trajetórias percorridas pelas agroindústrias familiares e pela Feira em Teutônia? Os depoimentos dos técnicos envolvidos nessas iniciativas, durante o trabalho de campo, são ricos em reflexões sobre o tema.

A primeira questão salientada por estes técnicos foi a importância da Cooperativa Languiru e de sua articulação com os agricultores. Neste sentido, a técnica Lídia Margarete Müller Dhein, que trabalhou na EMATER de Teutônia do início da década de 1990 a fins da década de 2000, destacou a expressiva expansão das *integrações verticais* a partir da década de 1990, bem como o envolvimento dos técnicos da EMATER do município neste processo:

Nos anos 90 ali, realmente entrou bastante a integração. A integração ali foi alavancada, né? Dinamizou naquela época. E alavancou o município. No interior. Em parte, assim, não quantificou muito as propriedades, mas, assim, qualificou mais elas. (...) Consolidou muitas propriedades com a integração. (...) Aí a EMATER fez, praticamente, todos os projetos nestas áreas: aviários, pocilgas e tambos de leite. (...) A EMATER entra com o projeto técnico, viabiliza a capacidade de pagamento, né?. O proponente vem, aqui no escritório também: ‘- Ah, vou ampliar meu tambo de leite. Tenho cinco

vaquinhas, quero comprar mais umas cinco, sete vacas.’ Então, viabiliza o projeto, né? Assim é o estábulo, comprar resfriador de leite, qualificou, né? (...) Faz os projetos, e na medida do possível tentar acompanhar, porque neste acompanhamento das integradoras a EMATER quase não se envolve depois, com aves e suínos, a própria integradora se encarrega, a EMATER só faz o projeto, de viabilidade econômica, de viabilizar o projeto e faz uma vistoria, visita, né?¹⁹⁰

Com esta expansão, a força de trabalho dos técnicos da EMATER Teutônia ficou bastante comprometida com atividades relacionadas à *integração*.

O técnico da EMATER Regional, Nilo Cortez, destacou, entre os fatores limitantes na dinamização de iniciativas como a Feira e as agroindústrias familiares em Teutônia, a existência da Cooperativa Languiru e sua importância na produção e comercialização da produção agrícola local. Nilo destacou, também, o fraco interesse dos agricultores familiares do município por outras atividades. Chamou atenção, por outro lado, para a falta de interesse da comunidade teutoniense em consumir produtos da Feira. Ainda, segundo Cortez, o fraco interesse, seja dos agricultores seja dos consumidores, por estes circuitos alternativos, inibia a atuação de atores sociais que poderiam auxiliar na dinamização destas alternativas, essencialmente do poder público:

Isso não é uma coisa só, né? A desmotivação que eles passam a ter quando não tem o apoio. Quando eu falo apoio é apoio da comunidade, comprando seu produto, indo atrás, é apoio da área, vamos dizer assim, administrativa do processo, ‘puxa, vamos melhorá, vamos trocá coisa, vamos dar uma chancezinha ali’, né? ‘vamos cria um fundo pra ajudá a eles melhorá as suas atividades dentro da propriedade, dar mais qualidade ao produto, higiene e coisa assim’, né? Isso é muito devagar aqui em Teutônia. Quando tu dá o exemplo de Estrela (município do qual Teutônia se emancipou), Estrela apostou muito na feira deles, e a feira, tu vai lá sábado de manhã, tu vê como é que é, né? Eles têm quarta de tarde, que é a metade de sábado de manhã, mas ela está se estruturando, tá indo. E a municipalidade, a comunidade (do município de Estrela) acreditou nas agroindústrias, hoje eles têm com vinte e uma, mais umas três em projeto, lá. Então eles têm uma organização bem interessante neste aspecto. Coisas que não se desenvolveu em Teutônia. Aí é uma coisa e é a outra, faltou produtores com matéria prima, aí o outro: ‘já que não tem produtor com matéria prima eu já não me animo em incentivar’... então é uma complementação de fatores.

Comentando o apoio do poder público a estas iniciativas, o técnico agrícola Silvério Brune, que foi o primeiro Secretário de Agricultura do município e que continua trabalhando na Secretaria de Agricultura e Meio Ambiente de Teutônia, até hoje,¹⁹¹ destacou que a partir de fins da década de 1990 ocorreu uma mudança nas posições dos agentes da administração municipal frente a iniciativas como as

¹⁹⁰ Entrevista realizada em 10/11/2011, no escritório da EMATER de Imigrante. L. M. trabalha neste escritório desde o ano de 2010.

¹⁹¹ Lembra-se que Silvério também participou da primeira equipe de técnicos do Departamento Agropecuário de Languiru, em meados da década de 1970, conforme destacado no capítulo anterior

agroindústrias familiares. Na entrevista com Brune, o mesmo frisou que no contexto de criação desta Secretaria no município, em 1997, foram estruturadas as primeiras agroindústrias familiares em Teutônia; como também que a partir de fins da década de 2000 a prefeitura municipal passou a enfatizar a necessidade de apoio à estruturação destas iniciativas no município. Todavia, para Brune, as agroindústrias familiares ainda não teriam se dinamizado em Teutônia tanto pelo fato da *integração*, como atividade, contar com uma série de garantias, como também pela Cooperativa cobrar a “fidelidade” dos agricultores na comercialização da produção. Nas palavras de Brune:

Por que não existe uma grande quantidade de agroindústrias familiares na região? Nós tivemos uma reunião em março, com Sindicato, Secretaria, Prefeitura, o próprio prefeito levantou essa questão, ele queria saber o porquê disso. A própria presidente do Sindicato deu a resposta, da seguinte forma, ‘é que os nossos agricultores, eles tem como sobreviver, eles podem produzir frango, podem produzir suínos, podem produzir leite e tem quem compra, tem mercado.’ Então, não surgiu ainda essa necessidade, né? Pro agricultor. Mas alguns despertaram sim, só que despertaram para uma pequena agroindústria familiar, a gente percebeu também, e isso muitas vezes, se alguém começa uma agroindústria, os vizinhos, vale aquela mesma teoria que eu te falei antes, os vizinhos em volta, eles vão observando isso aí, né? Pra você começar hoje por conta, uma agroindústria, não é fácil, né? (...) Nós temos aí alguns exemplos. (...) Mas na época, de montar esse pessoal passou bastante trabalho, e o agricultor, ele observa isso aí, né? Porque esse mesmo cliente que esse agricultor disputa, a Languiru disputa, ele tem que disputar esse mesmo cliente, né? (...) Então existem outras iniciativas, né? Mas ela não surge bem por causa disto daí. E outra, uma coisa nós temos que dizer, eu gostaria que fosse bem interpretado o que eu vou dizer, assim ó, se eu hoje, nós temos três granjas na nossa família uma de 240 litros, outra de 500 litros e outra de 500, 500 e poucos litros (de leite por dia), se eu começo a botar uma agroindústria, né? A Languiru, ela acaba não se interessando mais no restante da minha produção. Então, ou eu sou totalmente fiel a ela ou não, né? Então, eu também não tenho capacidade de botar uma agroindústria pra mil e poucos litros de leite, né? Então, isso muitas vezes inibe. Se eu tenho um aviário, e tenho o leite, e eu quero botar uma pequena indústria de queijo, a Languiru vai me dizer: ‘olha, tu tem que ser fiel na sua totalidade’, então isso também inibe um pouquinho, né? O agricultor, isso assusta ele um pouco, da um pouco de medo, corre estes riscos, né? Se eu me encorajar e botar uma fabriqueta de queijo, com meus 200 litros, isso é complicado, pois eu tenho a segurança do meu ganho nos frangos, no suíno, né? Mas isso a Languiru exige fidelidade, né? Eu, me colocando no lugar da diretoria, não tiro a razão deles, né? Para o produtor isso não é muito bom. Mas a diretoria é composta de agricultores e tudo, no Conselho Fiscal e tudo, né? E eu não tiro a razão deles. (...) Mas o maior motivo, é este primeiro que eu coloquei, né? Este agricultor tem que ir pra um modelo muito competitivo, né? E por outro lado ele tem esta segurança toda na integração.

A fala de Brune destaca também as dificuldades enfrentadas pelos primeiros agricultores que estruturaram suas agroindústrias familiares em Teutônia, principalmente em função da natureza competitiva do mercado em que procuravam se inserir. Segundo Silvério, muitos agricultores, observando as dificuldades enfrentadas

pioneiros em seus esforços por implantar as agroindústrias, viram-se pouco encorajados a apostar nesse tipo de iniciativa.

O técnico da EMATER regional, Nilo Cortez, chamou atenção, em seu depoimento, para o fato de que a grande maioria dos agricultores que realizou investimentos em agroindústrias familiares na região, inclusive em Teutônia, já tinha um histórico de envolvimento com esta atividade, ainda que a mesma não fosse regularizada junto aos órgãos de registro e inspeção. No momento em que esta informalidade tornou-se um entrave, os agricultores buscaram assistência para legalizar seus empreendimentos. Nas palavras de Nilo:

Olha, hoje na Regional nossa, nós temos cento e setenta e três agroindústrias (familiares). Eu não sei de cabeça, mas eu acho que em cento e cinquenta aconteceu a mesma coisa. Eles gostavam de fazer o que eles faziam, né? Ou o queijo, ou a linguiça, ou o salame, ou a rapadura, ou o melado, não importa, o pão, né? faziam ali. Sempre faziam em casa, porque gostavam, o filho levava pra lá, dava pros vizinho, dava uma festa lá e: 'bah, tu faz bem isso, leva pra lá'. E aquilo ali começou a parecer um bom negócio. E os filhos levavam pra cidade, pro colégio, ou trabalhavam num outro lugar, levavam pra Porto Alegre, pra São Leopoldo, e já vendia as cuca da mãe, ou os pão de milho, o salame e coisa. E aquilo, 'puxa, isso é um negócio interessante.' Aí começaram na informalidade já com um caráter comercial. 'Eu vou fazer, ao invés dos meus dez quilos de linguiça, eu vou fazer cem', e começaram a vender. Aí aparece sempre na história, a famigerada (risos), vigilância sanitária, tá? Alias, o de Teutônia aqui, o Cardoso, ele é tranquilo. Eu falo porque sempre a vigilância sanitária toma a linguiça, toma o pão, não importa o que. E a turma diz: 'ó, a partir de agora acabou com esse negócio. Tem que ter o licenciamento, essas coisas, tudo direitinho.' Bom, aí é aquele negócio, tava entrando um dinheirinho bom no bolso, aquilo era uma complementação da minha atividade na propriedade, tenho o mercado, eu só não tenho como fazer. Aí vem as procuras, tem que fazer um prediozinho, eu tenho que melhorar isso daqui pra poder, né? Aquela coisa. Aí surge, então, a padaria, surge uma pequena de embutidos, aqui, ali, do seu Lagemann, e panificados também, que ele faz aquilo lá, é pequenininho mesmo, é a menor que eu tenho,¹⁹² de todas as que eu assisto é a menor. Mas é o suficiente pra ele fazer aquilo lá, e vim vender na Feira, e vim vender na cidade, vender lá pra cima pro pessoal que vai, que passa aqui pra Lagoa da Harmonia. E ele faz aquela complementação com a aposentadoria dele, e vai tocando. E ali em cima já tem um filho, uma filha, aquela história toda. E eles estão com tudo pra ampliar aquelas condições ali. Aí tu vai num outro, o Matinho, já dá uma atividade mais comercial, já encosto ali um restaurante, né? Faz parte do turismo (...) Aí já tem o Osmar Schneider, que levou muito tempo pra aprovar a queijaria dele, mas era um que fazia os queijo entregava nos mercado, e o pessoal ia pegar lá, né? Claro que não tava legal, tava na informalidade, e ele podia vender desde que eu fosse lá pega dentro da propriedade dele e fosse pro meu consumo. E isso aí tudo, puxa, ele tem as vaca, tem o capricho. Ele investiu no prédio dele, e é um dos belos prédios que nós temos aqui na região, na região de Teutônia, né? E tá vendendo o queijo dele. Então, cada uma delas tem uma história assim, quer dizer, foram na vontade, tavam na informalidade e foram pra comercial, né? Tem ainda o Schneider com o alambique. Ele faz parte da rota turística,¹⁹³ então o mercado dele é o turismo, a rota turística, né? Então ele ajeitou, adaptou

¹⁹² Todavia, em Teutônia esta é uma das maiores agroindústrias familiares.

¹⁹³ A implantação da Rota Germânica será discutida mais adiante.

aquilo que ele tinha. E ele tem um jeito muito interessante de receber as pessoas, ele gosta disso. A pessoa precisa gostar disso, pra entrar neste meio. E é uma outra coisa que a gente nota, que a diferença, na hora de comercializar, entre a cultura alemã, do que, por exemplo, a cultura italiana.¹⁹⁴ O italiano é mais expansivo, ele é mais vendedor, sabe? e coisa. O alemão, ele é correto, ele faz aquilo ali, mas muito fechado, sabe? Alguns é que se destacam daí... (risos). Mas a maioria: ‘olha, parece que esse negócio não é pra mim’. ‘Que alguém comercialize pra mim.’ E aí eles tem, tem o espírito cooperativista, se nós olharmos aqui as nossas coisas, escola, comunidade, cooperativa, tudo, ou é associação ou é cooperativa. Então, neste aspecto, aqui, é nota dez, né?

Esta resistência dos agricultores da região de Teutônia em comercializar sua produção também foi salientada pela técnica Lídia Margarete Müller Dhein,¹⁹⁵ como também pelo engenheiro agrônomo Lauderson Holz, que trabalha no Centro de Apoio ao Pequeno Agricultor (CAPA) regional desde meados do ano de 2007. Esta seria, segundo eles, uma características social, étnica e cultura destes agricultores.

Neste sentido, Lídia, ao ser questionada sobre quais os motivos de refluxo de iniciativas como a Feira Livre de Produtores em Teutônia, considerou que:

A origem alemã, assim, ela sabe produzí. Ela produz, até na porteira. Da porteira pra fora, ela sair pra vender o produto que ela tem na propriedade. É muito difícil. (...) Porque teve casos, assim, que a mulher disse assim: ‘não, porque aqui nós estamos com doze vacas, eu boto uma vaquinha a mais, não preciso correr rua, não preciso botar meu produto lá’. Sabe, então, gerar renda ali, e tá resolvido. Por isso assim, a Feira foi degringolando¹⁹⁶.

Da mesma forma, o engenheiro agrônomo Lauderson, ao ser questionado sobre os entraves existentes para o desenvolvimento de alternativas como a Feira em Teutônia, considerou que duas questões seriam centrais: o “volume de capital” circulante via *integração*¹⁹⁷ e a origem alemã dos agricultores da região:

Um aspecto é, numa feira, é tu não ter o mesmo volume de capital que tem num sistema de integração. O volume de dinheiro que circula num aviário ou que vai circular numa feira. E, acho que isso faz parte da cultura alemã, o alemão, que ele tem uma de suas características é que ele sabe produzir. Trabalhar, produzir. Ele produz, pronto. Agora, ele não tem um perfil de venda, de ser vendedor. Isso tá muito mais presente na cultura italiana. O italiano, antes de ele produzir ele se preocupa como ele vai vender isso. Já o alemão não, ele se preocupa como eu vou produzir isso, quando tá pronto ele se pergunta: ‘e agora, como eu vou vender?’ Da porteira pra fora ele não tem este tino comercial. Isso é um fator que limita essas iniciativas. E no atual, assim, a agricultura convencional, nos sistemas de integração, eles tão dando

¹⁹⁴ Esta comparação se deve ao fato de a região de Teutônia situar-se no pé da Serra Gaúcha (Encosta Superior do Nordeste), colonizada sobretudo por imigrantes italianos.

¹⁹⁵ Lídia trabalhou no escritório da EMATER de Teutônia de inícios da década de 1990 a fins da década de 2000.

¹⁹⁶ Entrevista realizada em 10/11/2011, no escritório da EMATER de Imigrante. L. M. trabalha neste escritório desde o ano de 2010.

¹⁹⁷ Nestas atividades Lauderson também destacou que a organização produtiva e de comercialização via *integração* não demonstrou limites em garantir resultados econômicos aos agricultores integrados na região.

a resposta econômica. Enquanto este sistema tiver dando uma resposta econômica, ele (agricultor) não vai procurar uma outra alternativa. Ele vai pensar em uma outra coisa a partir do momento em que o sistema de produção não tiver mais dando o resultado econômico, ou quando ele tiver um problema de saúde muito sério. Tu pode olhar que muitas experiências, muitas iniciativas em produção ecológica¹⁹⁸.

Na nossa compreensão, esta resistência à comercialização direta da produção por parte dos agricultores de Teutônia, apontada pelos técnicos, não pode ser compreendida como uma característica étnica. Pois, como poderia ser explicado o dinamismo alcançado pelas feiras de produtores rurais e agroindústrias familiares em municípios com população de origens étnicas extremamente semelhantes, como é o caso de Estrela? Estas questões nos remetem à necessidade de se analisar de que forma esta resistência à comercialização direta foi sendo construída socialmente, a ponto de ser destacada como uma característica etnico-cultural deste segmento social. Neste sentido, passa-se, aqui, à análise dos depoimentos dos agricultores teutoniense envolvidos nas diferentes iniciativas de agregação de valor e articulação com novos circuitos de mercado em um ambiente hegemonizado pela *integração*.

5.2 Ações e percepções dos agricultores teutonienses na estruturação da Feira Livre de Produtores rurais e das agroindústrias familiares.

Em meados da década de 1980 foi estruturada a Feira Livre de Produtores Rurais em Teutônia. Já as agroindústrias familiares, atualmente em atividade no município, foram implantadas a partir de fins da década de 1990 e, principalmente, nos anos 2000¹⁹⁹. No estudo do processo de implantação destas iniciativas, percebe-se que os diferentes contextos históricos foram de grande relevância para as ações e percepções dos agricultores envolvidos nas mesmas. Assim, neste estudo, as ações e percepções destes agricultores serão analisadas de acordo com a cronologia da estruturação de suas iniciativas. O que se examina a partir de entrevistas realizadas com seis agricultores que participaram da Feira e com cinco famílias de agricultores que estruturaram/formalizaram agroindústrias familiares em Teutônia, a partir de fins da década de 1990.

¹⁹⁸ Entrevista realizada em 26/10/2011, no Sínodo de Teutônia, no bairro Centro Administrativo.

¹⁹⁹ A maioria destas iniciativas é resultado de atividades em que as famílias de agricultores estiveram envolvidas ao longo de sua trajetória. Assim, as mesmas foram formalizadas e dinamizadas como agroindústrias familiares neste contexto. Conforme pode-se observar pelo depoimento de Nilo Cortez. Esta questão pode ser observada na ampla maioria dos processos de estruturação de agroindústrias familiares. A mesma percepção foi desenvolvida no trabalho de Anjos, Caruso e Caldas (2011), ao examinarem o impacto das políticas públicas de incentivo à produção agrícola artesanal na microrregião de Pelotas – RS.

Em trinta de agosto de 1985 foi realizada a primeira edição Feira Livre do Produtor rural em Teutônia. A partir desta data, a Feira passou a ser realizada três dias por semana, um dia em cada centro urbano do município. Nas entrevistas com os agricultores fundadores da Feira, os mesmos destacaram as ações do então presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais (STR) de Teutônia, Décio Schneider, e do engenheiro agrônomo da EMATER municipal, André Kich, como sendo extremamente relevantes na fase inicial de estruturação desta iniciativa. Segundo estes agricultores, Décio e André organizaram visitas de agricultores de Teutônia a feiras de produtores familiares implantadas em outros municípios, articulando, também, diversas reuniões com agricultores interessados em estruturar a Feira.

Além da EMATER e do STR, participaram, também do processo de estruturação da Feira, a Prefeitura Municipal e a Cooperativa Languiru. Cada uma dessas instituições indicou um representante de seu quadro social para participar da Comissão que deveria estabelecer as normas de organização, funcionamento e fiscalização da Feira. Para integrar esta Comissão, os agricultores feirantes também elegeram um representante²⁰⁰.

A Prefeitura Municipal de Teutônia ficou encarregada de: (i) fiscalizar a Feira, garantindo o cumprimento das normas do Estatuto; (ii) assegurar condições de higiene dos produtores e da produção, através dos serviços de fiscalização municipal; (iii) garantir a coleta dos resíduos da Feira; e, (iv) não permitir que vendedores ambulantes comercializassem naqueles bairros, tanto na véspera como no dia de realização da Feira.

O Sindicato dos Trabalhadores Rurais ficou encarregado de realizar o cadastro dos produtores, concedendo-lhes carteiras de identificação, com validade de um ano²⁰¹. A EMATER municipal ficou incumbida de prestar assistência técnica aos agricultores, na produção e comercialização de seus produtos. Além disto, a EMATER ficou encarregada de fornecer “atestado de produtor” aos participantes da feira e de contribuir com o planejamento das atividades, disponibilizando calendários de produção de diferentes cultivares de hortigranjeiros aos agricultores feirantes. O representante dos agricultores ficou com o papel de estabelecer um elo de ligação entre os produtores e a Comissão, informando aos feirantes as decisões da Comissão – que deveriam ser

²⁰⁰ Estas informações foram extraídas das atas das reuniões realizadas com agricultores que queriam participar da Feira no ano de 1985 e através da consulta ao Decreto Municipal Nº 102 que instituiu a Feira. Documentação particular, cedida pelo agricultor Sírío Lorenz, que foi o primeiro presidente da Associação de Feirantes de Teutônia.

²⁰¹ Estas carteiras de identificação foram concedidas tanto ao agricultor feirante, que necessariamente deveria ser produtor rural, como para seu ajudante, que também deveria ser cadastrado.

acatadas pelos produtores – e repassando informações a esse grupo de coordenação sobre o andamento das feiras.

Nos primeiros anos, cerca de oito agricultores participaram da Feira, como atestam os relatórios dos técnicos da EMATER Teutônia²⁰². Nas entrevistas com agricultores que participaram da Feira em sua fase inicial, os mesmos relataram que, neste período, cada agricultor disponibilizava no mínimo quatro produtos diferenciados. A cada feirante estavam atrelados mais quatro agricultores, também cadastrados como participantes da Feira. Para controlar os produtos fornecidos pelos agricultores e seus respectivos preços de venda, cada produtor preenchia uma ficha mensal²⁰³. Esse período, segundo os feirantes entrevistados, foi marcado por um êxito nas vendas.

Conforme relataram os agricultores feirantes entrevistados, ainda no primeiro ano de funcionamento da Feira, apenas o Sindicato de Trabalhadores Rurais de Teutônia e a EMATER municipal - através do agrônomo André Kich - mantiveram seu apoio a esta iniciativa. Segundo estes agricultores, as demais instituições mantiveram-se praticamente inoperantes na Comissão. Por vezes, segundo os depoimentos dos agricultores, os representantes destas instituições ainda causavam danos ao funcionamento da Feira, na medida em que influenciavam as atividades da Comissão. Como exemplo disso, o agricultor Sírío Lorenz²⁰⁴ relatou a ação de um membro da Comissão que ficou encarregado de repassar aos feirantes os valores cobrados pelos hortigranjeiros no supermercado de seu parente. Com base nessa lista de preços, os agricultores estipulavam os valores a serem cobrados na Feira. Conforme registrado na ata de fundação da Feira, a intenção era trabalhar com preços vinte por cento mais baixos do que os preços do supermercado. Entretanto, os preços que este membro da Comissão repassava aos feirantes eram os preços que o supermercado cobrava durante a semana, mais altos do que os valores cobrados nos finais de semana, quando o supermercado realizava promoções de hortigranjeiros. Assim, segundo Lorenz, muitas pessoas deixaram de realizar suas compras de na Feira uma vez que encontravam estes produtos a preços muito menores nos supermercados do município. Sírío destacou que os feirantes só perceberam o que estava ocorrendo depois de um longo período. Depois disso, passaram eles mesmos a fazer um levantamento dos preços cobrados pelos

²⁰² Dois agricultores que participaram da Feira em seus anos iniciais, ao serem entrevistados, relataram que nestes anos a Feira era composta por cerca de doze agricultores feirantes.

²⁰³ Estas fichas foram encontradas no arquivo particular do agricultor Sírío Lorenz.

²⁰⁴ Entrevista realizada em 20/01/2011, na unidade produtiva de Lorenz, localizada na Linha Frank. Este agricultor foi o primeiro representante dos feirantes e assumiu o cargo por longo período.

hortigranjeiros nos supermercados de Teutônia.

Já o apoio da Prefeitura de Teutônia, na percepção dos feirantes entrevistados, restringiu-se à manutenção da fiscalização. Esta, segundo os agricultores, tornou-se frequentemente um entrave, com episódios de apreensão de produtos durante as feiras e constrangimento no acesso dos consumidores às barracas dos feirantes. Sírío Lorenz relatou um desses episódios que caracterizou como emblemático:

Nós tava bastante tempo, que a luta tava feia, né? Principalmente na fiscalização. Eu até um dia xinguei um fiscal aqui em cima,²⁰⁵ uma vez. Eu nem sabia que ele era fiscal da prefeitura. Ele veio assim lá e (disse): ‘- Escuta vocês tão vendendo lingüiça aí na Feira?’ Eu disse: ‘- Tô sim senhor, por que? Quer comprar?’ ‘- Não.’ Diz ele. ‘- Eu sou o fiscal da Prefeitura, vocês tem que recolher isto e levar pra casa e não pode vender mais na Feira.’ Eu disse: ‘- O que? O que o senhor acha que é na vida?’ ‘- Pois eu sou o fiscal da Prefeitura.’ Ele me gritou assim, né? (e complementou): ‘- Tu acha que tá falando com quem?’ Eu disse: ‘- E tu, acha que tá falando com quem? Eu sou o Presidente dos feirantes aqui. E nós temos todos os direitos de fazer isso e tá aqui oh!’ Peguei a pasta, mostrei pra ele. Nós tinha esta ficha de controle. E aí eu sei, tinha tudo em cima. A fiscalização do ICMS atacava nós na rua, não multava! Tava tudo certo. E aí nós começamos a discutir com ele. Eu comecei a discutir com ele. Eu disse: ‘- Este produto nós vamos vender aqui e queira o senhor ou o senhor não queira. Isso nós vamos vender.’ ‘- É mas eu vou chamar a polícia.’ Diz ele. Eu disse: ‘- Pode chamar. Pode chamar.’ Aí, brigamos. Aí, o pessoal tudo parado ali querendo comprar, eu disse: ‘- Olha, a melhor coisa que o senhor pode fazer é ir pra casa e deixar a gente trabalhar.’ Aí ele se invocou comigo. Nem disse adeus e foi embora. Aí eu chamei toda a comissão, né? E fizemos uma reunião. Aí o Silvério era prefeito e não se dava com o A. L.,²⁰⁶ de jeito nenhum. Os dois até hoje, né? Aí então, fizemos uma reunião, todos os feirantes e a comissão, né? E acabamos, continuando fazendo, né? Esse cara tava junto naquele dia, mas ele não abriu a boca, a tarde inteira na reunião. E aí eu disse: ‘- Olha, podem vir no fim da Feira fiscaliza. Se tiver alguma coisa errada, o senhor tem todo o direito de fiscalizar.’ Eu disse isso naquele dia também. ‘Mas vocês sabem muito bem o que nós estamos fazendo pra Feira, né? Vocês muito bem estavam sabendo. Se não estavam sabendo era porque não estavam a par das coisas. E nós vamos vender este produto. Se os senhores quiserem que nós não mais fizemos, então avisa com antecedência. Pra nós não fazer o produto, trazer aqui e querer vender e vocês querem que nós botemos fora, aí a briga tá feita.’

Segundo Lorenz, este foi apenas um dos casos de conflito entre agricultores feirantes e o órgão fiscalizador municipal no início da década de 1990. Na entrevista, Sírío destacou outra situação ocorrida nesse período representativa, segundo ele, do descaso da administração pública para com a Feira. Um produtor rural proveniente do município vizinho de Paverama, começou a expor seus produtos na entrada da Feira no bairro Canabarro. Todavia, de acordo com o Artigo 20 do Decreto Municipal que

²⁰⁵ Neste momento Lorenz apontou para o bairro Teutônia, que fica próxima a Linha Frank, onde o mesmo reside.

²⁰⁶ Outro agricultor que participava da Feira. Em vista de o entrevistado estar relatando uma situação de conflito, optou-se por identificar este agricultor apenas com as iniciais de seus nomes.

institucionalizou a Feira, não era permitido que agricultores não feirantes e comerciantes ambulantes (desprovidos de Alvará de Licença) comercializassem produtos semelhantes aos vendidos na Feira, no dia do evento ou na véspera, nos bairros em que as Feiras eram realizadas.

Com base nessas definições, Sírio solicitou ao agricultor de Paverama que não comercializasse sua produção nos dias da Feira. Todavia, seu pedido de Lorenz não foi atendido o que fez com que o agricultores se dirigisse ao gabinete do então prefeito Elton Klepker²⁰⁷ reivindicando que o Poder Público tomasse alguma medida. Na visão de Lorenz, o prefeito tratou a questão com completo descaso:

Aí eu fui lá no Klepker, aí eu tava com uma barba como esta tua [do entrevistador] assim, né? Que eu não tenho nada contra, porque também já fui assim (risos). Aí, nós, da Feira, fomos lá falar com o prefeito. Aí eu disse pro prefeito: - Olha, o negócio deste jeito não vai funcionar. Nós estamos ali na Católica (Pavilhão da Comunidade Católica do bairro Canabarro), lá em baixo dentro do Pavilhão, e o cara lá de Paverama me chega lá na frente do portão, quando a freguesia entrava já oferecia o produto, os mesmos que nós tínhamos, né? Verduras, né? Eu disse: - Isso não fecha. Sabe o que ele me respondeu? - Eu também não posso tirar o pão da mesa deste pobre coitado. Aí eu disse: - Então quer dizer que o coitado lá de Paverama que não tem nada a ver com nosso município e o senhor acha que não pode tirar o pão da mesa, mas ele pode tirar o nosso da nossa mesa isso é possível, isso pode ser. Ele disse: - Pois é, eu não tenho ninguém pra poder fiscalizar, mas tu que tá com uma barba aí, de homem brabo; diz ele assim: - Eu vou te dar um talão e vou te dar um revólver aí tu fiscaliza aqueles caras. Sabe o que eu disse na cara dele: - Olha prefeito, nós não viemos aqui pra ser debochados, não! Nós queremos, aqui oh, o que o senhor assinou quando nós fizemos os estatutos. Aí ele disse: - Eu não assinei nada. Eu disse: - O que? Aí eu cheguei e fui lá pra fora na Kombi, peguei a minha pasta e levei isto pra ele e disse: - Olha este papel aqui, na última folha (neste momento mostra documento para entrevistador e aponta para assinatura dizendo: Isso aqui é a assinatura dele. Aqui, oh, mais a assinatura do Secretário da Agricultura). Aí eu mostrei isso daqui pra ele, né? Aí eu disse: - Mas de quem é esta assinatura aqui? Aí diz ele assim: - Ah, isso aqui eu nem sabia o que era. Aí eu disse: - Ah tá, então nós temos um prefeito que assina qualquer coisa, assim! Se amanhã eu venho aqui e vou dizer pro senhor me assina este cheque, o senhor vai me assinar também? Aí chegamos a sair de lá, sem, sem, sem resultado nenhum.

Segundo os agricultores entrevistados o não atendimento desta solicitação pela Prefeitura Municipal²⁰⁸ teve um forte impacto e contribuiu, em muito, para o refluxo da Feira, na medida em que possibilitava que outros fornecedores atendessem a demanda de hortigranjeiros existente no município. Estes agricultores relatam que na segunda metade da década de 1990 reduziu-se, em muito, a procura por hortaliças e frutas na Feira. Demanda esta que os supermercados e, principalmente, caminhões de fruteiros e

²⁰⁷ Este fora uma das principais lideranças na fundação da Cooperativa Languiru. Fazendo parte do quadro administrativo da mesma até inícios da década de 1980, quando assumiu a prefeitura do município, após sua emancipação.

²⁰⁸ O que, lembre-se, configurar no não cumprimento do Artigo 20 do Decreto de fundação da Feira.

verdureiros vindos da Serra Gaúcha atendiam. Estes verdureiros e fruteiros ambulantes, como lembrou Sírio, não podiam entrar nos bairros, no dia anterior e na data de realização da Feira. Todavia, este controle nunca teria ocorrido. Assim, segundo Lorenz: “todos os dias o caminhão estava na porta das pessoas oferecendo produtos”. Com isto, segundo relatos dos agricultores feirantes, durante a década de 1990, paulatinamente, decaiu o número de consumidores na Feira, com significativa diminuição da procura por hortigranjeiros. Os consumidores que ainda continuavam frequentando este espaço de comercialização, procuravam produtos processados como queijo colonial, linguiça, carne defumada, morcela e banha.

Todavia, mesmo com esse refluxo do número de consumidores, observa-se que em 1999 ainda participavam da Feira, de acordo com os relatórios dos técnicos da EMATER Teutônia, sete agricultores. Foi sobretudo nos anos 2000 que o número de agricultores feirantes teve uma grande redução. Em 2004 a Feira era composta por apenas cinco produtores. Já em 2011, somente três agricultores continuavam apostando nesse canal de comercialização.

Dentre os produtores que participavam da Feira no momento em que foi realizado o trabalho de campo que subsidiou esta dissertação, a família de agricultores com o maior volume de produção comercializado era a família de Arlindo Lagemann, também proprietária de duas agroindústrias familiares, a primeira delas destinada à produção de linguiça, carne defumada e morcela - e a outra à fabricação de produtos panificados²⁰⁹. A família Lagemann participava da Feira desde meados da década de 1980. Além desta, outras duas famílias de produtores continuavam participando da Feira Livre do Produtor Rural em Teutônia em 2011. A família Heinemann vende ovos e hortigranjeiros e seu envolvimento com a Feira teve início também em meados dos anos 1980. Já o agricultor Jacó Bayer, que comercializa hortaliças produzidas sem adubos químicos e uso de agrotóxicos, começou a vender parte de sua produção de hortaliças na Feira em meados da década de 2000. Todavia, segundo Jacó, apenas 20% de sua produção de hortaliças é comercializada na Feira. O restante de sua produção (80% do volume total) é vendido através do PNAE, sendo Jacó o único agricultor do município que comercializa sua produção através deste programa. Conversando tanto com os

²⁰⁹ Os produtos panificados eram vendidos na Feira, mas a família almejava comercializar estes produtos também através do mercado institucional, por meio do Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE) ou através do Programa de Aquisição de Alimentos (PAA). No momento em que foi realizado o trabalho de campo os agricultores que participavam da Feira também buscavam estruturar um projeto visando comercializar seus produtos via PAA.

agricultores feirantes como com as famílias que estruturaram as agroindústrias familiares no município, observa-se que a grande maioria delas tem interesse em comercializar seus produtos via mercado institucional, mas à exceção da família Bayer, nenhuma delas havia conseguido acessar nem o PNAE, nem o PAA.

Nas entrevistas com os agricultores feirantes, os mesmos destacaram que muitos dos produtores que abandonaram a Feira ao longo da década de 2000 já estavam, naquele momento, aposentados, tornando-se a aposentadoria sua principal fonte de renda. A queda ocorrida no número de consumidores da Feira foi, ao que tudo indica, um estímulo para que abandonassem suas atividades nesse circuito. Em conversas informais com consumidores e ex-consumidores da Feira foi salientada, recorrentemente, a pouca diversidade de frutas e verduras oferecidas pelos feirantes, diversidade esta que é encontrada nos supermercados que foram se instalando no município a partir de meados da década de 1990, incluindo aí os supermercados vinculados à Cooperativa Languiru.

Os agricultores Erich Heinemann e Sírío Lorenz, entrevistados durante o trabalho de campo, e que participaram da Feira ao longo das três últimas décadas, salientaram a necessidade de um trabalho de assistência técnica que os auxiliasse na diversificação da produção e no planejamento das atividades de comercialização, nos moldes da assessoria prestada pelo agrônomo da EMATER André Kich nos anos 1990. Segundo os agricultores, o apoio da EMATER municipal teria decaído muito com a saída deste agrônomo. Na percepção de Sírío e Erich, os sucessores de André na EMATER municipal não demonstraram o mesmo interesse pela Feira e pouco auxiliaram os produtores envolvidos nessa iniciativa. Os feirantes destacaram, no entanto, a assessoria técnica prestada por Nilo Cortez, da EMATER Regional, sediada em Lajeado, auxiliando os produtores no planejamento de suas atividades e compartilhando as experiências de agricultores familiares de outros municípios da região.

Estes dois agricultores também chamaram atenção para o descaso da Prefeitura Municipal de Teutônia com a Feira, praticamente desde a sua criação. Exemplo disso seria a falta de disposição da Prefeitura em viabilizar locais adequados ao funcionamento deste espaço de comercialização. A Feira é realizada, atualmente, apenas no bairro Canabarro, no pavilhão da Comunidade Católica e em um estande de comercialização em frente a uma fábrica de calçados, em um terreno emprestado aos feirantes, passível de ser retirado a qualquer momento. Este estande foi construído com

a madeira que sobrou de uma festa de aniversário do município. Esta situação precária contrasta, em muito, com a infraestrutura disponível para a realização de feiras de produtores nos municípios vizinhos de Estrela e Santa Cruz do Sul, onde foram implantadas instalações adequadas, construídas pelas prefeituras.

Já o agricultor Jacó Bayer, que iniciou suas atividades na Feira a partir de meados da década de 2000, tem uma percepção um pouco diversa dos demais entrevistados no que diz respeito ao apoio da EMATER de Teutônia e do poder público municipal a suas atividades. Jacó iniciou sua produção de hortaliças sem uso de agrotóxicos e adubação químico-sintética em 2002, incentivado por seu genro, técnico agrícola formado em Santa Rosa. Na entrevista com Bayer,²¹⁰ o mesmo salientou que a EMATER Teutônia e a Secretaria da Agricultura Municipal sempre estiveram dispostas a auxiliar no que fosse necessário. Jacó destacou ainda a disponibilidade da Cooperativa Languiru em lhe ofertar um balcão de hortigranjeiros ‘orgânicos’ em seus supermercados, em meados da década de 2000. Bayer não havia aceitado esta oferta, pelo menos até o momento da entrevista, por avaliar que sua produção não seria suficiente para suprir esta nova demanda em quantidade e regularidade suficientes. Na percepção do agricultor, seria necessário, para atender a demanda dos supermercados da Languiru, organizar um grupo de produtores que pudesse se dedicar a esta atividade, de forma a garantir quantidade, qualidade e regularidade durante todo o ano. Todavia, isto ainda não seria possível, segundo Bayer, por não haver agricultores interessados em produzir hortigranjeiros, sobretudo orgânicos, em Teutônia. Nas palavras do agricultor: “o pessoal aqui (agricultores) não se interessa por este tipo de coisa, só na integração em suínos e aves”.

Concebe-se que estas divergências de percepção dos agricultores em relação ao apoio oferecido pelas instituições do município, refletem mudanças ocorridas na agenda política dessas instituições e na sua capacidade de mobilização de recursos a partir do final dos anos 1990. Como foi salientado no início deste capítulo, a partir de 1999, com a posse do governo do PT no estado do Rio Grande do Sul, a EMATER estadual passou a dar maior ênfase em suas atividades à implantação de agroindústrias familiares e à estruturação de circuitos locais e regionais de comercialização. Da mesma forma, percebe-se que a partir de fins da década de 1990, e, principalmente, nos anos 2000, o poder público municipal passou a dar apoio às agroindústrias familiares. Compreende-

²¹⁰ Entrevista realizada em 21/08/2011, na unidade produtiva do agricultor, na Linha Major Bandeira.

se que essa nova postura do governo municipal em Teutônia reflete, em boa medida, as transformações ocorridas nas políticas públicas dirigidas à agricultura familiar, a partir de meados dos anos 1990, transformações estas que incentivaram, por exemplo, a criação, em nível de município, de órgãos específicos responsáveis pela implementação destas novas políticas, como, por exemplo, as Secretarias de Agricultura²¹¹.

Em Teutônia a Secretaria de Agricultura e Meio Ambiente foi criada em 1997. O primeiro secretário de agricultura do município foi o técnico agrícola Silvério Brune, que havia participado da primeira equipe de técnicos do Departamento Agropecuário da Cooperativa Languiru, conforme já mencionado no capítulo anterior. Brune continuava trabalhando na Secretaria de Agricultura e Meio Ambiente de Teutônia até o momento de finalização deste trabalho. Destacou, em sua entrevista, que a estruturação das primeiras agroindústrias familiares em Teutônia encontra-se vinculada ao processo de criação desta Secretaria. Nas palavras de Brune:

Acho que com o tempo isso vai avançar mais [a estruturação de agroindústrias familiares em Teutônia] Nós temos aqui na prefeitura agora, um veterinário contratado, que todas as manhãs ele atende, ele trabalha 20 horas, isso de janeiro [de 2011] pra cá, né? Em vista desta cobrança forte que nós estamos tendo, né? E não é de agora esta cobrança, mas o forte dela veio agora. Nós inclusive, temos uma lei que incentiva, se você coloca uma pequena agroindústria, hoje, tem o incentivo da prefeitura de R\$ 30,00 por metro quadrado construído, até o limite de cem metros quadrados, né? Justamente para fomentar as pequenas agroindústrias familiares²¹².

A visão do poder público municipal sobre estas iniciativas, alternativas à *integração*, também sofreu, ao que tudo indica, transformações nas últimas décadas. Todavia, mesmo com estas variações, observa-se que os agricultores Erich e Arlindo já haviam se afastado tanto da Prefeitura como da EMATER em função de experiências anteriores. Já os agricultores que passaram a interagir mais recentemente com estas instituições, expressaram uma visão mais positiva do apoio prestado à implantação das agroindústrias e à estruturação de circuitos curtos de comercialização. Dentre os quatro agricultores entrevistados que estruturam suas agroindústrias familiares ao longo da

²¹¹ Como observa Mior “embora a ênfase da política agrícola brasileira ainda seja o apoio ao modelo produtivista ou de desenvolvimento agrícola – através de incentivos ao aumento da produtividade e da competitividade agrícola – está havendo uma clivagem da mesma” (Mior, 2005: 163). Nos anos 1990, as políticas públicas de desenvolvimento começaram a dar os primeiros sinais de diferenciação. Merece destaque, neste sentido, a implementação do Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (PRONAF), a partir de 1996, com maior influência, como observa Mior, dos espaços estaduais, regionais e locais na elaboração e execução de políticas agrícolas (Mior, 2005; 163). Este processo irá se intensificar a partir do primeiro Governo Lula, com ampliação significativa dos recursos destinados às políticas de fortalecimento da agricultura familiar.

²¹² Entrevista realizada em 03/06/2011. Na Secretaria de Agricultura e Meio Ambiente de Teutônia. As cobranças a que Silvério se refere na entrevista, seriam feitas pelo prefeito de Teutônia, Renato Altmann.

década de 2000, e que não participam da Feira, três deles destacaram o apoio prestado pela EMATER de Teutônia²¹³ e pelo poder público municipal na estruturação de suas iniciativas.

Apenas o agricultor Osmar Schneider²¹⁴ referiu-se a problemas enfrentados na implementação da agroindústria de sua família particularmente em suas interações com os serviços de inspeção municipal. A família de Osmar comercializa queijos em sua propriedade desde a década de 1980. Inicialmente a produção de queijos era responsável por cerca de vinte por cento da renda da unidade produtiva da família de Osmar. Em fins da década de 1990 o agricultor resolveu ampliar a produção de queijos, implantando uma agroindústria familiar junto a sua residência, onde também era comercializada a produção. Com a constante elevação do número de consumidores, Schneider, a mulher e o filho (que se mantém trabalhando e residindo na unidade) resolveram construir uma nova agroindústria, em prédio específico. Para a construção da agroindústria da família, Osmar destacou que não foram solicitados financiamentos. Atualmente, a porcentagem entre importância de renda do queijo para a venda de leite para a Cooperativa se inverteu, 80% provém da produção de quarenta quilos de queijo por dia, e os demais 20% da venda de leite. Em sua totalidade a produção de queijo é vendida diretamente aos consumidores na unidade produtiva, que fica bastante próxima ao bairro Canabarro.

Osmar comentou na entrevista que em diálogo com o técnico da EMATER Regional, Nilo Cortez - cujo auxílio teria sido crucial na implementação da agroindústria - ficou sabendo que em municípios vizinhos, o problemas relativos à vigilância sanitária e à fiscalização tributária no momento de instalação das agroindústrias seriam bem menores.

Na percepção de Osmar, as dificuldades engrentadas na relação com o poder público municipal seriam uma consequência do poder e da capacidade de influência políticas das grandes agroindústrias no município de Teutônia. Na visão deste agricultor, as grandes agroindústrias exerceriam esse tipo de pressão por temer que os exemplos ‘positivos’ das agroindústrias familiares²¹⁵ pudessem levar a uma redução no

²¹³ Observa-se que estes agricultores não distinguiram o apoio prestado pela EMATER de Teutônia do apoio oferecido pela EMATER regional, considerando que foi através da interação com os técnicos do escritório municipal que estes agricultores acessaram os técnicos da regional.

²¹⁴ Entrevista realizada em 08/07/2011, na unidade produtiva do agricultor, localizada na Linha Ribeiro.

²¹⁵ Principalmente pelo maior valor agregado.

número de produtores *integrados*²¹⁶. Importante considerar que a Cooperativa Languiru é dona dos dois maiores supermercados existentes em Teutônia. Todavia, na visão dos entrevistados, este não seria a principal causa da tensão existente entre a Cooperativa e as atividades alternativas à *integração* e, sim, uma potencial perda de possíveis fornecedores de matéria prima.

Importante considerar, no entanto, que os demais agricultores que estruturaram suas agroindústrias familiares ao longo da década de 2000, tiveram uma percepção diversa da de Osmar ao serem entrevistados. As entrevistas realizadas com membros da família Schneider (Ivo, Maurício e Vânia) são emblemáticas nesse sentido.

Em entrevista com o agricultor Ivo,²¹⁷ que, juntamente com sua irmã, fundou uma agroindústria familiar de embutidos de carnes de suínos e bovinos no ano 2000,²¹⁸ o mesmo relatou que com a fundação do Conselho Municipal de Agricultura e Desenvolvimento Rural, no final da década de 1990, teria sido significativo o apoio das instituições municipais à estruturação das agroindústrias familiares, com destaque para a Prefeitura Municipal (através da Secretaria da Agricultura), o STR e a EMATER Municipal. Segundo Ivo, estas instituições teriam sido extremamente solícitas sempre que acessadas, auxiliando com informações sobre fornecedores de implementos e prestando apoio através da assistência técnica. Quanto à EMATER, Ivo destacou, a exemplo de outros agricultores, a assistência prestada pelo técnico Nilo Cortez, da EMATER Regional. Neste sentido, o agricultor salientou que não diferenciava a atuação da entidade em nível municipal e regional, visto ter acessado os técnicos do escritório regional através da EMATER municipal. Quando questionado sobre o fato de que o número de agroindústrias existente em Teutônia era consideravelmente menor do que a quantidade de empreendimentos deste tipo existente em municípios vizinhos, Ivo considerou que esta desproporção devia-se, essencialmente, ao fato de que a maioria dos agricultores de Teutônia percebiam a *integração* às grandes agroindústrias como a “melhor” alternativa para a produção e comercialização de sua produção, opinião esta compartilhada, de certa maneira, pelo próprio entrevistado. Nas palavras de Ivo: “tu

²¹⁶ Neste sentido, a política de ‘fidelidade’ na entrega da produção dos associados à Cooperativa, poderia se constituir, também, como um complicador para o surgimento destas iniciativas.

²¹⁷ Entrevista realizada em 18/08/2011, na unidade produtiva da família de Ivo, na zona rural do bairro Canabarro.

²¹⁸ A produção da agroindústria da família de Ivo é comercializada diretamente na unidade produtiva e através de da venda direta ao consumidor através de um circuito realizado pela caminhoneta adquirida pela família, nos distritos urbanos de Teutônia.

pode ir aí nas *linhas* mais escondidas, daí tu vai ver como tem *colono* forte, por causa da integração, que também é uma opção boa, né?”.

Visão muito semelhante foi captada na entrevista realizada com o agricultor Mauricio Schneider e sua esposa, Vania Schneider²¹⁹. Mauricio é o atual presidente da Associação da Rota Germânica, que foi inaugurada em 26 de outubro de 2001²²⁰. A data de fundação da Associação corresponde à data de inauguração da Rota Germânica pela administração pública de Teutônia²²¹. Esta iniciativa resultou, segundo Mauricio, de várias reuniões envolvendo os produtores rurais e o poder público, bem como de visitas técnicas, cursos e programas desenvolvidos pelo SEBRAE e SENAR, através do Departamento de Turismo da Secretaria de Cultura, Turismo, Esporte e Lazer. Em 2002, Mauricio e a esposa reestruturaram um alambique em sua unidade produtiva²²². Em 2003 iniciaram suas atividades relacionadas ao turismo rural em articulação com a Associação da Rota Germânica. Os pais de Vania haviam implantado o alambique em 1959, o qual foi desativado na década de 1970. Mauricio e sua esposa foram motivados a retomar a participar da experiência pela então Secretária de Turismo do Município de Teutônia, que teria realizado diversas visitas a sua unidade produtiva. Visando reestruturar o alambique, o casal participou de diversos cursos organizados pelo SEBRAE e pelo SENAR, articulados pelo Sindicato dos Trabalhadores Rurais²²³. No que se refere à assistência técnica os entrevistados destacaram, a exemplo de outros agricultores, o trabalho do técnico da EMATER regional Nilo Cortez Segundo Mauricio e Vania, sua produção é comercializada, principalmente, para os turistas da Rota Germânica ou através de visitas direcionadas especificamente ao alambique. O casal destacou que, até aquele momento, não havia enfrentado problemas relacionados à regulamentação de sua atividade, tendo em vista que a produção era escoada diretamente aos consumidores, no

²¹⁹ Entrevistas realizadas em 08/02/2011, na unidade produtiva da família, em linha São Jacó Alta.

²²⁰ O quadro social da Associação da Rota Germânica é composto, de acordo com o estatuto da entidade por “todos os empreendedores rurais, residentes na Região Turística dos Vales e Montanhas” (Estatuto Social da Associação da Rota Germânica, 2001).

²²¹ Na data de fundação da Rota o Secretário de Cultura, Turismo, Esporte e Lazer do município, que também era vice-prefeito à época, destacou que “uma das preocupações da Administração Municipal (era) buscar alternativas para incrementar a economia no meio rural, sendo que esta é a primeira Rota Turística do Vale do Taquari” (Ata de Fundação da Rota Germânica, 2001).

²²² Este empreendimento possui um sítio eletrônico, no qual é possível realizar a compra de produtos processados na unidade produtiva. O site apresenta o empreendimento, seu histórico e diversas outras informações. Em suas análises, Ploeg (2008) chama atenção para a criação de espaços virtuais por iniciativas desse tipo reforçando a importância da inserção nestas redes virtuais como forma de reconhecimento e valorização identitária dos agricultores, seus produtos e suas unidades produtivas.

²²³ Importante observar que a reconstituição do alambique, com base em uma arquitetura que buscou preservar alguma de suas características históricas, foi feita pelo casal. O ambiente da unidade produtiva, como um todo, é marcado por arranjos estéticos que o diferenciam dos demais estabelecimentos agrícolas existentes em Teutônia.

próprio estabelecimento.

Mauricio e Vania destacaram, ainda, que as atividades turísticas desenvolvidas através da Rota Germânica são muito dependentes das administrações municipais. Esta dependência, na percepção do casal, tem aspectos positivos e negativos. Entre os aspectos positivos, os produtores sublinharam o apoio do poder público municipal à dinamização do turismo, com destaque para a manutenção de um ônibus que viabiliza o transporte dos visitantes. Por outro lado, a relação de dependência em relação à Prefeitura, tornava os empreendedores bastante vulneráveis aos distintos posicionamentos das administrações municipais frente ao turismo rural. Neste sentido, Mauricio e Vania destacaram que o governo que havia ocupado a administração municipal entre 2004 e 2008 teria tratado as atividades da Rota Germânica com certo descaso. Já o governo eleito no período subsequente, estaria direcionando esforços na reestruturação desta iniciativa, contratando, inclusive, uma turismóloga para se dedicar a esta atividade, esforço este que teria contribuído para o aumento do número de visitantes recebidos, na última *safr*a 2010-2011.

No que tange às possibilidades de expansão do turismo rural em Teutônia, Mauricio e Vania destacaram que os participantes da Associação avaliam de forma bastante positiva as potencialidades da região neste setor. Todavia, segundo eles, a maioria dos agricultores do município não se interessaria pela atividade. Nas palavras de Mauricio: “o pessoal (agricultores) não percebe outra possibilidade além do porco, frango ou leite na *integração*”. Uma das expressões deste tipo de percepção seria o reduzido número de agroindústrias familiares existente no município. Segundo este produtor, durante muitos anos estas atividades de organização produtiva e de comercialização da agricultura familiar, alternativas à *integração*, teriam sido relegadas a um segundo plano pelas administrações públicas do município. Todavia, na visão de Mauricio, esta situação “aos poucos vem mudando”.

Em entrevista com a atual presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Teutônia e Westfália, Liane Brackmann²²⁴, a mesma salientou que alternativas de organização produtiva e de comercialização da agricultura, baseadas na agregação de valor e na dinamização de circuitos locais e regionais de comercialização, a exemplo da Feira e das agroindústrias, precisam ser construídas no imaginário dos agricultores familiares de Teutônia como atividades econômicas viáveis e interessantes. Pois,

²²⁴ Entrevista realizada em 14/06/2011, na sede deste Sindicato, no bairro Languiru.

conforme Liane, ao longo das últimas cinco décadas foi construída a percepção de que a *integração* a grandes agroindústrias seria a única possibilidade de manutenção da agricultura familiar. Nos meses de agosto e setembro de 2011, quando realizei o trabalho de campo, foram organizadas três reuniões com agricultores na sede do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Teutônia, com o objetivo de reestruturar/dinamizar a Feira de produtores rurais no município. Estas reuniões foram convocadas pelo Sindicato, EMATER Teutônia, Secretaria de Agricultura e Meio Ambiente, Secretaria de Cultura, Turismo, Esporte e Lazer do município e pelo Centro de Apoio ao Pequeno Agricultor (CAPA).

Os três agricultores que atualmente trabalham na Feira participaram destas reuniões. Salientaram, repetidas vezes que para a dinamização da Feira o poder público deveria investir em um local apropriado para a realização desta atividade. Destacaram, ainda, a necessidade de impor restrições à comercialização de hortigranjeiros por comerciantes ambulantes no município, atividade esta que seria prejudicial aos feirantes.

Os agricultores envolvidos na estruturação de agroindústrias familiares em Teutônia, incluindo aqui tanto os produtores que já tinham suas agroindústrias implantadas como famílias que estavam ingressando nessa atividades, também participaram assiduamente destas reuniões, reforçando em suas intervenções a necessidade de um local adequado para a realização da Feira. Na terceira reunião, ocorrida em quinze de setembro de 2011, o agricultor Ivo Faine também salientou que, uma vez construído um espaço adequado, a Feira poderia ser realizada diariamente, citando como exemplo da feira existente no município de Venâncio Aires, onde os feirantes contratam um funcionário para que este comercialize a produção de todos os agricultores durante seis dias por semana. Outra opção apontada por Faine seria escalonar os agricultores feirantes para que cada um se responsabilizasse por comercializar a produção de todos em um dia específico, pois assim a feira seria realizada todos os dias, sem que todos os agricultores necessitassem dedicar-se ao trabalho de comercialização ao longo da semana. Ivo salientou que somente desta forma a Feira poderia concorrer em igualdade de condições com os supermercados, pois os consumidores já estariam habituados a se abastecer com produtos da feira sempre que tivessem necessidade, sem precisar programar semanalmente suas compras. Esta proposta foi recebida com entusiasmo por todos os agricultores participantes da reunião. Todavia, as instituições organizadoras destas reuniões salientaram que

momentaneamente este projeto era inviável. A única possibilidade, segundo seus representantes, seria a realização de uma primeira Feira, mais ampla, num dia de sábado, no Centro Administrativo municipal. A partir desta primeira experiência, tentar-se-ia dinamizar esta Feira para que a mesma fosse realizada semanalmente e, no futuro, construir um espaço adequado para sua realização, conforme a demanda dos agricultores. Esta proposição não pareceu ter agradado a grande maioria dos produtores presentes nesses encontros. Todavia, sendo a “única alternativa possível”, nos termos propostos pelas entidades que haviam organizado as reuniões, ficou decidido que a Feira seria realizada desta forma.

A dinamização/consolidação da Feira é claramente uma demanda dos agricultores atualmente engajados na implantação de agroindústrias familiares em Teutônia. Essa constatação parece ser contraditória com as afirmações dos técnicos Nilo Cortez, Lauderson Holz e Lídia Muller, que afirmaram em seus depoimentos que os agricultores de Teutônia, em função de sua origem germânica, seriam resistentes ou teriam dificuldades de comercializar sua produção diretamente aos consumidores, para além das porteiras de suas unidades produtivas. O que tudo indica essas e duas iniciativas, a Feira e as agroindústrias familiares, deveriam ser pensadas em conjunto, tendo em vista que a dinamização/consolidação da Feira poderia viabilizar um importante mercado para as agroindústrias familiares em Teutônia. O interesse manifesto pelos agricultores de comercializar seus produtos através do mercado institucional também deveria ser levado em conta nesse processo.

Este capítulo buscou demonstrar que a construção no município de Teutônia de alternativas de organização produtiva e de comercialização paralelas à *integração* enfrentou tensões e obstáculos de diferentes tipos. Estas dificuldades contribuíram para sedimentar determinadas percepções e disposições por parte dos atores sociais, sobretudo por parte dos agricultores, em relação a estas atividades e seu potencial de estruturação.

A primeira questão a ser destacada diz respeito à influência da Cooperativa Languiru e de sua conformação como um complexo agroindustrial sobre as ações desenvolvidas pela EMATER, influência esta visível desde a instalação do escritório da EMATER em Teutônia, no ano de 1983. Os técnicos da empresa deram ênfase em seu trabalho de assessoria às atividades econômicas já estabelecidas na região, com especialmente atenção à criação de aves, suínos e gado leiteiro e ao cultivo do milho

para ração. A dedicação a estas linhas de produção, em consonância com as ações implementadas pela Cooperativa, marcou fortemente o trabalho da EMATER de Teutônia de 1983 a 2010. Através da análise dos projetos desenvolvidos pelos técnicos da EMATER Teutônia foi possível observar que a Cooperativa Languiru esteve intensamente presente como instituição parceira desde a inauguração do escritório, sendo que o Departamento Agropecuário da Cooperativa tornou-se uma referência para os técnicos da EMATER.

É possível perceber, no entanto, algumas variações contextuais nessas relações ao longo do período analisado. Registra-se, em meados da década de 1980, em um contexto de crise econômica da produção *integrada*, a criação de uma Feira Livre apoiada pelo poder público municipal, pela EMATER e pela própria Cooperativa Languiru. Todavia, com a recuperação e dinamização dos setores de aves, suínos e gado leiteiro, em regime de *integração*, a partir de meados da década de 1980, o apoio à Feira tornou-se bem mais restrito, com um certo refluxo tanto do apoio da Prefeitura como do trabalho de assistência técnica desenvolvido pela EMATER. Na visão dos agricultores a falta de apoio político e institucional a essa iniciativa foi de crucial importância para que a mesma tivesse um alcance bastante restrito, reforçando-se com isso a ideia de que a produção *integração* seria a ‘melhor’ alternativa aos agricultores familiares de Teutônia.

A partir da década 1990 verifica-se uma importante reconfiguração das iniciativas paralelas à *integração*, impulsionada por uma ampla gama de fatores, incluindo aí a mobilização das organizações sociais do campo intensificada em um contexto de crise da agricultura, e que resultou na criação, a partir de meados década de 1990, de políticas públicas específicas direcionadas à agricultura familiar. Estas transformações, ocorridas em um contexto social e político mais amplo, contribuíram para redirecionar as políticas de assistência técnica desenvolvidas pela EMATER-RS, mudanças estas que ganharam cada vez mais expressão a partir de fins de 1990. É justamente nesse período que se verifica, em Teutônia, um esforço tanto por parte da EMATER como do poder público municipal no sentido de incentivar a estruturação de agroindústrias familiares. Importante considerar, no entanto, que nesse momento, já havia se consolidado entre os agricultores teutonienses um ideário de que a ‘melhor’ alternativa econômica para a agricultura no município seria *integração* a grandes agroindústrias, percepção esta que impactou e continua impactando a disseminação dessas iniciativas. A predominância desta visão entre os agricultores do município parecem ter sido de crucial importância para que as agroindústrias familiares não

tenham se dinamizado em Teutônia de forma tão intensa como ocorreu em outras Regiões do Rio Grande do Sul, ou mesmo em municípios vizinhos, como Estrela, em que na última década foram estruturadas mais de trinta agroindústrias familiares.

Considerações finais.

“Não gosto de conclusões.

Conclusões são chaves que fecham. (...)

Quando o pensamento aparece assassinado,
pode-se ter certeza que o criminoso foi uma conclusão.”

Rubem Alves

Muitas pessoas nomeiam esta parte final de seus textos de conclusão. Todavia, somos mais próximos à ideia de que nunca se conclui um trabalho, realmente. Em algum momento o abandonamos, ou melhor, chega o momento em que somos forçados a finalizá-lo. Para além disso, é importante reconhecer que nosso objeto de estudo é avesso a conclusões fechadas. É difícil tecer conclusões finais sobre processos sociais, pois nunca estão plenamente concluídos. Os do tempo presente ainda estão em curso, os processos sociais passados, continuam dando margem a novas compreensões e percepções. Cada nova pesquisa de cunho histórico lança novos olhares sobre estes momentos passados a partir de questionamentos instigados pela sociedade presente, gerando novas percepções e concepções provisórias sobre os mesmos, mas nunca conclusões finais permanentes. Assim, chegamos então, às breves e provisórias considerações finais desta pesquisa.

Com o estudo desenvolvido nesta dissertação de mestrado, acreditamos ter avançado alguns passos no objetivo de compreender como a *integração* de agricultores familiares às agroindústrias consolidou-se, simbólica e materialmente, como uma trajetória de “sucesso” e de permanência na agricultura e no espaço rural no município de Teutônia, no horizonte temporal das últimas quatro décadas. O estudo buscou trazer contribuições à análise dos processos microsociais através dos quais foi sendo construída a modernização da agricultura brasileira, apreendendo seu movimento de constituição em um determinado recorte espacial, nesse caso específico, um pequeno município da Região Sul do Brasil.

A pesquisa buscou analisar como os agricultores familiares de Teutônia foram construindo, ao longo do tempo, seus arranjos produtivos e de mercado, considerando as diferentes possibilidades de articulação econômico-produtiva que foram se configurando, ao longo do tempo, para e a partir dos agricultores da região. Acreditamos que essa reconstituição histórica poderia contribuir para uma melhor compreensão do modo como determinadas alternativas foram sendo percebidas pelos

diferentes atores como “alternativas viáveis”. Buscamos compreender estas possibilidades de articulação econômico-produtiva, contextualmente situadas em Teutônia, considerando suas interconexões com estruturas sociais mais amplas, analisando tanto as iniciativas que se tornaram hegemônicas, no caso, a *integração*, quanto alternativas paralelas a esse sistema, como a construção de agroindústrias familiares e a comercialização de produtos através de circuitos curtos de comercialização. Ao longo da pesquisa, foi ficando claro que as possibilidades de efetivação desses arranjos estavam diretamente vinculadas a processos sociais que transcendiam o território de Teutônia, incluindo, aí, as diferentes perspectivas de desenvolvimento rural que foram ganhando espaço, em momentos distintos, no rural brasileiro.

Observou-se, por outro lado, que este conjunto de transformações sociais de mais longo escopo somente pode afetar as oportunidades sociais e a conduta dos indivíduos e famílias analisadas, na medida em que conseguiu influenciar suas experiências cotidianas, modificando seus repertórios de ação. Emblemática, neste sentido, é a observação de que, em que pese à emergência, sobretudo na década de 1990, de novas perspectivas de desenvolvimento rural voltadas à agregação de valor pela agricultura familiar e ao fortalecimento de sua inserção em mercados locais e regionais, estas alternativas tiveram pouco eco junto aos atores sociais ligados ao mundo rural em Teutônia, encontrando muitas dificuldades no sentido de se institucionalizar, não apresentando. Portanto, um dinamismo semelhante ao observado em outros municípios do Rio Grande do Sul, ou mesmo da região. Cabe citar aqui, como exemplo, o município vizinho de Estrela, que serviu de base, nas últimas duas décadas, para a estruturação de mais de trinta agroindústrias familiares.

A *integração* vertical à agroindústria passou a ganhar cada vez mais espaço a partir da década de 1990, fenômeno que pode ser explicado, pelo menos em parte, pelo intenso trabalho desenvolvido por um conjunto de atores sociais inseridos no rural da região e que se consolidaram como mediadores sociais durante o processo de modernização da agricultura em Teutônia nas décadas de 1960 e 1970. Esta posição de mediadores foi mantida por estes atores sociais durante o período de crise dos anos 1980 e na etapa de consolidação de sistemas de *integração* vertical à agroindústria, iniciada a partir dos anos 1990. Nesse processo estes mesmos agentes utilizaram-se inclusive de instrumentos de políticas públicas dirigidos à agricultura familiar, a exemplo do PRONAF. Ao longo do processo histórico analisado, observou-se que a

Cooperativa Languiru, e a rede de atores a ela vinculada, teve um papel de destaque, construindo laços políticos, econômicos e de mediação técnica, com uma amplo conjunto de agentes, inclusive com empresas transnacionais, conseguindo estabelecer relevantes parcerias na consolidação de arranjos técnico-produtivos baseados na *integração* em Teutônia. Por outro lado, também foi possível observar o fortalecimento do Departamento Agropecuário (DAP) desta instituição e dos técnicos a ele vinculados, que foram se constituindo como atores sociais com crescente capacidade de *agência* no rural teutoniense, ou seja, com expressiva capacidade de influenciar as ações e percepções dos demais atores sociais, particularmente dos agricultores.

Como buscamos demonstrar ao longo do texto, esse empoderamento da Cooperativa e de seus técnicos como atores não foi um efeito, somente, dos resultados econômicos alcançados pelo sistema de *integração*, envolvendo um conjunto mais amplo de elementos sociais, políticos e culturais que possibilitaram a construção de uma determinada visão de mundo a partir da qual o próprio sistema de *integração* passou a ser avaliado. Exemplo disso foi o trabalho desenvolvido pela Cooperativa e seus técnicos, no sentido de reconquistar a confiança dos agricultores cooperativados no setor de suínos, na primeira metade da década de 1980. Em um contexto de crise econômica, a proximidade dos técnicos com o universo cultural dos agricultores e suas lógicas de sociabilidade, bem como a histórica vinculação destes agricultores à Languiru, foram de crucial importância para que a Cooperativa mantivesse sua legitimidade e respaldo.

Juntamente com a construção de um determinado ordenamento do mundo material, de toda a estrutura logística que viabilizou a *integração*, foi necessário também construir uma determinada forma de apreender o mundo, um olhar a partir do qual os resultados alcançados pelo sistema proposto pela Cooperativa fossem avaliados. Os resultados obtidos nas atividades em *integração* só puderam influenciar as decisões dos sujeitos históricos na medida em que foram percebidos de determinada maneira, ou seja, eles só fizeram sentido por serem compreendidos dentro de limites socialmente estabelecidos. Os resultados atingidos com as constantes elevações escalares de produção, por exemplo, só podem ser compreendido como “positivos” dentro de circunscrita forma de percepção de mundo, socialmente construída e legitimada ao longo de dado processo social. Outra visão possível seria considerar estes resultados como negativos, chamando atenção, por exemplo, para sua insustentabilidade do ponto de vista ambiental.

Entretanto, em Teutônia, observa-se que dentre o universo de agricultores familiares entrevistados para esta pesquisa, predomina uma visão “positiva” da *integração*, fortemente reforçada pela capacidade demonstrada pela Cooperativa, ao longo do tempo, de gerenciar as crises, minimizar riscos através da participação dos agricultores em diferentes cadeias produtivas, de construir sinergias entre diferentes etapas do processo produtivo e de assegurar, de forma relativamente constante, determinados níveis de rendimento. Importante destacar, aqui, que em que pese o fato da *integração* não ter se constituído como uma alternativa para todos os agricultores, as famílias que não conseguiram se viabilizar através desse sistema encontraram outras alternativas, engajando-se, por exemplo, em atividades não agrícolas, dinamizadas na região ao longo do mesmo período.

Desta forma, considera-se que a partir dos desdobramentos deste estudo seja possível observar a relevância e pertinência dos referenciais teórico-analíticos postos em ação na realização da presente pesquisa. Podemos observar que o estudo do processo de modernização da agricultura brasileira, ao ser realizado a partir do exame de experiências de atores sociais inseridos em um fragmento territorial específico, em nosso caso, Teutônia, muito antes que negligenciar as forças estruturais e de mais longo escopo presentes naquele processo, foi de grande importância para que se examinasse este conjunto de forças no nível analítico em que as mesmas podem ser observadas em ação, sua única forma de aparência, enquanto fenômeno. Da mesma forma, consideramos de relevância a observação de que o processo social analisado somente pode ser apreendido a partir de uma análise que busque articular diferentes dimensões (econômicas, sociais, culturais) considerando sua articulação específica nos diferentes períodos analisados.

Referencias bibliográficas

- ABRAMOVAY, Ricardo. *Paradigmas do capitalismo agrário em questão*. 2 ed. S. Paulo: Hucitec/Editora da UNICAMP, 1998.
- ALBERGONI, L. e PELAEZ, V. Da Revolução Verde à agrobiotecnologia: ruptura ou continuidade de paradigmas? *Revista de Economia*, v. 33, n. 1, jan. – jun. 2007, p. 31-53.
- ALMEIDA, J.; DEPONTI, C. M.. *Sobre o processo de mediação social nos projetos de desenvolvimento: uma reflexão teórica*. Congresso da Sociedade Brasileira de Economia, Administração e Sociologia Rural - Rio Branco – Acre, 20 a 23 de julho de 2008.
- ARCE, Alberto. Re-approaching social development: a field of action between social life and policy processes. In.: *Journal of International Development*, vol.15, 2003, pp. 845-861.
- ARÓSTEGUI, Julio. *A pesquisa histórica: teoria e método*. Bauru: Edusc, 2006.
- AHLERT, Lucildo. *Repensando o Agro: um Programa de Discussão e Planejamento do Agronegócio no Vale do Taquari*. Disponível em: www.portaldoagrovit.com.br/agro/_ufrgs.pdf. Acesso em 20/06/2009.
- BACELLAR, Carlos. Fontes documentais: uso e mau uso dos arquivos. In: PINSKY, Carla B. *Fontes históricas*. São Paulo: Contexto, 2005.
- BADGLEY, Catherine et alli. Organic agriculture and the global food supply. *Renewable Agriculture and Food Systems*. 22(2); 86–108, 2006.
- BARREMAN, G. Por detrás de muitas máscaras. In. ZALUAR,. *Desvendando máscaras sociais*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1975.
- BAYER, Cimélio; SCHNEIDER, Nestor Guilherme. *Milho: o suporte da pequena propriedade*. Teutônia, Cooperativa Regional Agropecuária Languiru Ltda, 1990.
- BAYER, Dirceu. Disponível em: www.al.rs.gov.br/plen/SessoesPlenarias/visualiza_sem_menu.asp%3FID_SESSAO%3D371+languiru+indigena&cd=3&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br. Acessado em 17/12/2009.
- BORLAUG, Norman. *The Green Revolution revisited and the road ahead*. Special 30th Anniversary Lecture, The Norwegian Nobel Institute, Oslo, September 8, 2000. Disponível em: http://sciencepolicy.colorado.edu/about_us/meet_us/roger_pielke/envs5100/docs/borlaug_lecture.pdf. Acesso em: 28 de fevereiro de 2010.
- BOURDIEU, Pierre. Introdução a uma sociologia reflexiva. In. _____. *O Poder Simbólico*. Lisboa: Difel, 1989.

_____. La construcción del objeto. In. _____. (et. al.) *El oficio de sociólogo. Presupuestos epistemológicos*. Madrid, España, Siglo XXI Editores: 1975.

_____. *O senso prático*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2009.

_____. *O poder simbólico*. 15ª Ed., Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.

BOSSI, Ecléia. *Memória e sociedade: lembrança de velhos*. Rio de Janeiro: Cia das Letras, 1995.

BUTTEL, Frederick H.. Transiciones agroecológicas em el siglo XX: análisis preliminar. *Agricultura e sociedad*. N 74, enero-marzo, 1995.

BRAVERMAN, Harry. *Trabalho e capital monopolista*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1974.

CAMARGO, Aspásia de Alcântara. A questão agrária: crise de poder e reformas de base (1930-1964). In.: FAUSTO, Boris. *O Brasil Republicano (1930-1964)*. Sociedade e política. Tomo III. 3ª ed. Rio de Janeiro: DIFEL, 1986.

CARDOSO, C. F. S. & BRIGNOLI, C. F. S. H. P.. *Os métodos da história: Introdução aos problemas, métodos e técnicas da história demográfica, econômica e social*. Rio de Janeiro: Graal, 1983.

CHAYANOV, Alexander. *La Organización de la Unidad Economica Campesina*. Buenos Aires: Nueva Visión, 1974.

CHAYANOV, A. L. Sobre a teoria dos sistemas econômicos não capitalistas. In: CHAYANOV, A. et al. *Chayanov y La teoria de La economia camponesa*. México: Cadernos de passado y presente. Siglo XXI Ed., 1987.

COOPERATIVA CENTRAL GAÚCHA DE LEITE LTDA. *Silagem: manual prático*. Varese, DITEC Publicações, 1980.

COOPERATIVA LANGUIRU. *25 anos: Cooperativa Regional Agro-Pecuária Languiru Ltda. Programa do Terneiro Estabulado*. Teutônia, Agosto, 1980.

COOPERATIVA LANGUIRU. *Languiru recebe a visita do presidente Geisel: momento histórico na história do Cooperativismo brasileiro*. 1975.

COOPERATIVA LANGUIRU. *Por que você deve plantar milho: os resultados de um trabalho técnico da Cooperativa Languiru Ltda*. Teutônia, s/d (publicado em fins da década de 1970).

CORADINI, Odacir L. Produtores, cooperativismo empresarial e multinacionais: o caso do trigo e da soja. In.: CORADINI, Odacir L e FREDERICQ, Antoniette. *Agricultura, cooperativas e multinacionais*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981.

CORADINI, Odacir L e FREDERICQ, Antoniette. *Agricultura, cooperativas e multinacionais*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981.

COTTER, Joseph. *Troubled harvest: agronomy and revolution in México, 1880-2002*. Westport-Connecticut: Praeger, 2003.

DA ROS, Cesar Augusto. *As políticas agrárias durante o governo Olívio Dutra e os embates sociais em torno da questão agrária gaúcha (1999-2002)*. Tese de doutorado, CPDA/UFRRJ. Ano de obtenção: 2006.

DELGADO, Guilherme da Costa. *Capital financeiro e agricultura no Brasil: 1965 – 1985*. São Paulo: Editora da Unicamp, 1985.

DELGADO, Nelson Giordano. *Papel e Lugar do Rural no Desenvolvimento Nacional*. 2009.

DUARTE, Laura Maria Goulart. O Cooperativismo como espaço de politização da questão tecnológica. In: PORTO, Maria Stela Grossi (org.). *Politizando a tecnologia no campo brasileiro: dimensões e olhares*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1997.

DUARTE, Laura Maria Goulart. *Capitalismo e Cooperativismo no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre, L & PM, 1986.

ELIAS, Norbert. *Introdução à sociologia*. São Paulo: Martins Fontes - Edições 70, 1994.

ELIAS, Norbert. *A sociedade dos Indivíduos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.

FAO/INCRA Diretrizes de Política Agrária e Desenvolvimento Sustentável. Brasília, Versão Resumida do Relatório Final do Projeto UTF/BRA/036. 1994.

FRANÇA, Maria. *Tradições compartilhadas, experiências transmitidas: estudo etnográfico da memória intrageracional de avós e netos em Teutônia*. 2002 (mimeo).

FONTANA, Josep. *História: análise do passado e projeto social*. Bauru: EDUSC, 1998.

FOUCAULT, Michel. *Ditos e Escritos: Estética – literatura e pintura, música e cinema (vol. III)*. Rio de Janeiro : Forense Universitária, 2001.

FUNDAÇÃO DE ESTATÍSTICA E ECONOMIA. *Municípios do Rio Grande do Sul: dados sócio-econômicos 1985-1987*. Porto Alegre, 1989.

FUNTOWICZ S. y RAVETZ, J. R. *Epistemologia política: ciência con la gente*. Buenos Aires: Centro Editor de América Latina S. A., 1993.

GALLAR, David e CALLE COLLADO, Ángel. Agroecología Política: transición social y campesinado. *VIII Congreso Latinoamericano de Sociología Rural – ALASRU*. Del 15 al 19 de noviembre de 2010, en Porto de Galinhas, Pernambuco, Brasil. GRUPO 2.

- GERHARDT, Ruben. *Colonização de Teutônia e Corvo: imigração alemã no sul do Brasil*. Lajeado, Univates, 2004.
- GOODMAN, David, SORJ, Bernardo, WILKINSON, John. *Da lavoura às novas biotecnologias: agricultura e indústria no sistema internacional*. Rio de Janeiro: Campus, 1990.
- GOODMAN, David, REDCLIFT, Michael. *Refashioning nature: food, ecology and culture*. London and New York: Routledge, 1991.
- GUEVARA, María de los A. Arias. *Cuba: La crisis de los noventa y el tránsito hacia un nuevo modelo tecnológico en la agricultura*. *Desenvolvimento e Meio Ambiente*. Editora UFPR, n. 14, p. 23-31, jul./dez. 2006.
- GUIMARÃES, Alberto Passos. *Quatro Séculos de Latifúndio*. RJ: Paz e Terra, 1968.
- GINZBURG, C. *Relações de força. história, retórica, prova*. Tradução de Jônatas Batista Neto. São Paulo: Companhia das letras, 2002.
- HAESBAERT, Rogério. Concepções de Território para Entender a Desterritorialização. In: *Território Territórios*. Niterói: Programa de Pós Graduação em Geografia – PPGeo-UFF/AGB, 2004.
- _____. Território e multiterritorialidade: um debate. In. *GEOgraphia*. Ano IX, nº 17. 2007.
- HAMESTER, Silério. *A construção e a gestão da marca Mimi*. Lajeado, 2007 (mimeo).
- HARRES, Marluza. *História oral: algumas questões básicas*. In. *Anos 90*. Porto Alegre, v. 15, n. 28, p. 99-112, dez. 2008.
- HEINBERG, Richard. Fifty million farmers. *Energy Bulletin*, nov. 2006. Disponível em: <http://www.energybulletin.net/node/22584>. Acesso em: 20 de fevereiro de 2010.
- HOBBSAWM, Eric J... *A Era das Revoluções(1789-1848)*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1979.
- _____. *Mundos do trabalho: novos estudos sobre história operária*. Tradução: Waldea Barcellos e Sandra Bedran. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- _____. *Sobre História*. São Paulo: Companhia Das Letras, 1998.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATISTICA. *Censo Agropecuário*: Rio Grande do Sul. Rio de Janeiro, 1985.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATISTICA. *Censo Agropecuário*: Rio Grande do Sul. Rio de Janeiro, 1995-96.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATISTICA.
<http://www.sidra.ibge.gov.br/bda/tabela/1990>, acessado em 27/07/09.

INSTITUTO BRASILEIRO DE ESTATISTICA E ECONOMIA.
<http://www.sidra.ibge.gov.br/bda/tabela/protabl.asp?c=74&z=t&o=3&i=P>, acessado em 27/07/09.

IOKOI, Zilda Márcia Gricioli. As lutas camponesas no Rio Grande do Sul e a Formação do MST. In.: *Revista Brasileira de História* (ANPUH). V. 11, nº 22. São Paulo, março 1991.

CARNEIRO, M.J.; BRUNI, R.; LEITE, S.P.. *Conhecimento científico e políticas públicas: mobilização e apropriação do saber em medidas de conservação da Mata Atlântica*. Estudos Sociedade e Agricultura (UFRJ), v. 17, p. 254-303, 2009.

LINHARES, Maria Yeda. História agrária. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (orgs.). *Domínios da história: ensaios de teoria e metodologia*. Rio de Janeiro: Elsevier, 1997, p. 168. Neste texto a autora seguiu a mesma distinção de Cardoso.

LONG, N.; LONG, A.. *Battlefields of knowledge: the interlocking of theory and practice in social research and development*. London: Routledge, 1992.

LONG, Norman. *Sociología del desarrollo: uma perspectiva centrada em el actor*. Colección Investigaciones: México, 2007.

LONG, Norman e VILLARREAL, Magdalena. Las Interfases del Desarrollo: De la Transferencia de Conocimiento a la Transformación de Significados. Publicado em Schuurman, F.J. *Beyond the Impasse: New Directions in Development Theory*. London: Zed Press, 1993.

LONG, N.; PLOEG, J. D. van der. Heterogeneity, actor and structure: towards a reconstitution of the concept of structure. In: BOOTH, D. (Ed.). *Rethinking Social Development: theory, research and practice*. Harlow: Longman, 1994.

LOUREIRO, Maria Rita Garcia (org.). *Cooperativas Agrícolas e Capitalismo no Brasil*. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1981.

MAGEDANZ, Ariberto. *Linha Clara, Teutônia e os 180 Anos da Colonização Alemã no Rio Grande do Sul*. Teutônia, 2004.

MARX, Karl. *O Capital: o processo global de acumulação capitalista*. São Paulo: Difel, 1982.

MAESTRI, Mário. A aldeia ausente: índios, caboclos, cativos, moradores e imigrantes na formação da classe camponesa brasileira. In: STEDILE, João Pedro (org.). *A questão*

agrária no Brasil: o debate na esquerda – 1960-1980. São Paulo: Expressão Popular, 2005.

MAGEDANZ, Ariberto. *Linha Clara, Teutônia e os 180 Anos da Colonização Alemã no Rio Grande do Sul*. Teutônia, 2004.

MALUF, Renato S. Mercados agroalimentares e a agricultura familiar no Brasil: agregação de valor, cadeias integradas e circuitos regionais. *Ensaio FEE*. Porto Alegre, v. 25, n. 1, p. 299-322, abr. 2004.

MEDEIROS, Natalino Henrique. O Cooperativismo Agrícola e sua fragilidade estrutural. In: *Sociedade Brasileira de Economia e Sociologia Rural* (SOBER). v. 2, p. 779-791, 1998.

MEIKSINS, Peter. Trabalho e capital monopolista para os anos 90: uma resenha crítica do debate sobre o processo de trabalho. *Crítica Marxista*. São Paulo: Brasiliense, 1996, vol. 1, nº 3, p. 106-117.

MIOR, Luiz Carlos. *Agricultores familiares, agroindústrias e redes de desenvolvimento rural*. Chapecó: Argos, 2005.

MOURE, Telmo. A inserção da economia imigrante na economia gaúcha. In: LANDO, Aldair Marli (et al.). *RS: imigração & colonização*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1980.

MUELLER, Charles C.; MARTINE, George. Modernização da agropecuária, emprego agrícola e êxodo rural no Brasil - a década de 1980. *Revista de Economia Política*. Vol 17, nº 3, julho-setembro 1997.

NAVARRO, Zander. *Desenvolvimento rural no Brasil: os limites do passado e os caminhos do futuro*. Estudos avançados. Vol. 15, nº 43, p 83-100, 2001.

NEVES, Delma Peçanha. *Engenho e Arte - Estudo do processo de subordinação da agricultura à indústria na região açucareira de Campos – RJ*. Ano de Obtenção: 1988.

_____. Mediações sociais e mediadores políticos. In: NEVES, D.P.. (Org.). *Desenvolvimento social e mediadores políticos*. Desenvolvimento social e mediadores políticos. Porto Alegre/Brasília: Editora da UFRGS/PGDR/NEAD, 2008.

_____. *A modernização da agricultura: convergências de interesses*. Cadernos IFCH. Universidade Federal Fluminense. Nº 35, novembro: 1990.

PADUA, José Augusto. *As bases teóricas da história ambiental*. Estud. av. [online]. 2010, vol.24, n.68, pp. 81-101.

PALMEIRA, Moacir. *Modernização, Estado e a questão agrária*. Estudos Avançados, USP, 3 (7), 1989.

- PAULILO, Maria Ignez Silveira. *Produtor e agroindústria: consensos e dissensos. O caso de Santa Catarina*. Florianópolis: Editora da UFSC, 1990.
- PESAVENTO, S. J. *A burguesia gaúcha: dominação do capital e disciplina do trabalho — RS 1889-1930*. Porto Alegre, Mercado Aberto, 1988.
- PETERSEN, Silvia Regina Ferraz. “*Que a união operária seja nossa pátria!*”: história das lutas dos operários gaúchos para construir suas organizações. Santa Maria: Ed. da Universidade Federal de Santa Maria; Porto Alegre: Ed. da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2001.
- PETRONE, M. Thereza Scroer. *O imigrante e a pequena propriedade (1824-1930)*. São Paulo, Brasiliense, 1982.
- PÉREZ, Carlota. Desafíos sociales e políticos del cambio de paradigma tecnológico. Presentación en el Seminario. *Venezuela: Desafíos y Propuestas con motivo del 60 Aniversario de la Revista SIC*. Caracas, Febrero de 1998.
- PIRES, Maria Luiza Lins e Silva. *O cooperativismo em questão: as tramas das relações entre projeto e prática em cooperativas do Nordeste do Brasil e do Leste (Quebec) do Canadá*. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2004.
- PLOEG, Jan Douwe van der. *Camponeses e impérios alimentares*. Lutas por autonomia e sustentabilidade na era da globalização. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2008.
- _____. *Labour, markets, and agricultural production*. Unidet States of America: Library of Congress Cataloging-in-Publication Data, 1990.
- _____. Farming Styles Research: the state of the art. Keynote lecture for the Workshop on ‘*Historicising Farming Styles*’, to be held in Melk, Austria, 21-23 of October, 2010.
- PLOEG, Jan Douwe van der e WISKERKE, J. S.C. *Seeds of Transition: essays on novelty production, niches and regimes in agriculture*. Royal Van Gorcum, 2004.
- POLANYI, Karl. *A grande Transformação*. Rio de Janeiro: Campus, 1980.
- PORTO, Maria Stela Grossi. Tecnologia e Violência: algumas relações possíveis. In: PORTO, Maria Stela Grossi (org.). *Politizando a tecnologia no campo brasileiro: dimensões e olhares*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1997.
- PRADO JR, Caio. *Formação do Brasil Contemporâneo*. 14ª ed, São Paulo: Brasiliense, 1976.
- KAGEYAMA, A (et al). *O novo padrão agrícola brasileiro: do complexo rural aos complexos agroindustriais*. Campinas: Unicamp, 1987.
- KLEPKER, Elton. In: <http://www.klepker.com.br/>: única. Acessado em 20/11/2009

KONRAD, Glaucia. *A política cultural do Estado Novo no Rio Grande do Sul – imposição e resistência*. Porto Alegre, PUC-RS (dissertação de mestrado): 1994.

_____. *Os Trabalhadores e o Estado Novo no Rio Grande do Sul: um retrato da sociedade e do mundo do trabalho (1937-1945)*. São Paulo: Unicamp (tese de doutoramento): 2006.

KUJAWA, Henrique Ancieto. *Cultura e religiosidade cabocla: Movimento dos Monges Barbudos no Rio Grande do Sul – 1938*. Passo Fundo: UPF, 2001.

IOKOI, Zilda Márcia Gricioli. As lutas camponesas no Rio Grande do Sul e a Formação do MST. In.: *Revista Brasileira de História* (ANPUH). V. 11, nº 22. São Paulo, março 1991.

RADOMSKY, Guilherme F. W.; CONTERATO, Marcelo; NIEDERLE, P.; SCHNEIDER, S. . Mercantilização e mercados: a construção da diversidade da agricultura na ruralidade contemporânea. In: SCHNEIDER, Sergio; GAZOLLA, Marcio (Org.). *Os atores do desenvolvimento rural: perspectivas teóricas e práticas sociais*. Os atores do desenvolvimento rural: perspectivas teóricas e práticas sociais. Porto Alegre: Ufrgs, 2011.

ROCHE, Jean. *A Colonização Alemã e o Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Ed. Globo, 1969, vol. 1 e 2.

RODRIGUES, Carlos Henrique Machado. A indústria vinícola gaúcha e o capitalismo: um universo de luta e sobrevivência. In: *Ciências & Letras*. Porto Alegre, n. 41, janeiro/junho, 2007.

SACCO DOS ANJOS, Flávio ; CARUSO, Cíntia de Oliveira ; CALDAS, Nádia Velleda. Estado e agricultura familiar: o papel das políticas públicas de incentivo a agroindustrialização no extremo Sul do Brasil. *Redes* (Santa Cruz do Sul. Impresso), v. 16, p. 80-97, 2011.

SANTOS, José Vicente Tavares dos. *Colonos do vinho: estudo sobre a subordinação do trabalho camponês ao capital*. São Paulo, Editora HUCITEC, 1978.

SEYFERTH, G.. Os teutos-brasileiros e a integração cívica: observações sobre a problemática convivência do Deutschtum com o nacionalismo brasileiro. *Jahrbuch*. Institut Martius-Staden, v. 53, p. 117-156, 2006.

SCHMITT, Claudia J.. *Tecendo as redes de uma nova agricultura: um estudo socioambiental da região Serrana do Rio Grande do Sul*. (Tese de doutorado). UFRGS: Porto Alegre, 2001.

_____. Redes, atores e desenvolvimento rural: perspectivas na construção de uma abordagem relacional. *Sociologias* (UFRGS. Impresso), v. 13, p. 82-102, 2011.

SCHNEIDER, Sérgio. Agricultura Familiar e desenvolvimento rural endógeno: elementos teóricos e um estudo de caso. In: DIESEL, Vivein; FROEHLICH, José M.. *Desenvolvimento rural: tendências e debates contemporâneos*. Ijuí, Editora Unijui, 2006.

_____. *A pluriatividade na agricultura familiar*. 2º ed. Porto Alegre: Editora Universidade UFRGS, 2009.

_____. *Agricultura Familiar e industrialização: pluriatividade e descentralização industrial no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Editora Universidade UFRGS, 1999.

_____. As transformações recentes da agricultura familiar no Rio Grande do Sul: o caso da agricultura em tempo parcial. In: FUNDAÇÃO DE ESTATÍSTICA E ECONOMIA. *Ensaio*. nº 16. Porto Alegre, 1995.

SCHNEIDER, Sérgio; SILVA, Marcelo Kunrath; MARQUES, Paulo Moruzzi E. (et al). *Políticas públicas e participação social no Brasil*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004.

_____. Situando o desenvolvimento rural no Brasil: o contexto e as questões em debate. *Revista de Economia Política*. Vol 30, nº 3 (119), pp 511-531, julho-setembro/2010.

SCHNEIDER, José Odelso; KONZEN, Otto Guilherme. 2001. 100 anos de cooperativismo no Rio Grande do Sul. 100 anos de experiência solidária. In: *Perspectiva Econômica*. Série Cooperativismo, v. 36, n. 116, São Leopoldo: UNISINOS, 2001.

SINGER, Paul. *Desenvolvimento econômico e evolução urbana*. 2ª ed. São Paulo: Nacional, 1977.

SILVA, José Graziano da. *A modernização dolorosa*. Estrutura agrária, fronteira agrícola e trabalhadores rurais no Brasil. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981.

SILVA, José Graziano da. *A pequena produção agrícola*. Santa Maria/RS: Editora UFSM, 1984.

SOMMER, Arno. *Reminiscências: da Colônia Teutônia – Estrela, décadas de 1920 e 1930*. São Leopoldo, 1984.

TEDESCO, João Carlos. Agroindustrialização do espaço agrário e a pequena produção familiar: tendências e controvérsias. In: *Teoria e Evidência Econômica*, ano 2, n. 3. Julho, 1994.

_____. *Terra, trabalho e família: racionalidade produtiva e ethos camponês*. Passo Fundo, EDIUPF, 1999.

TEDESCO, João Carlos; CARINI, Joel João. *Conflitos agrários no norte gaúcho 1960-1980: o Máster, indígenas e camponeses*. Porto Alegre: EST edições, 2007.

THOMPSON, Edward. P. *A miséria da teoria: ou um planetário de erros. Uma crítica ao pensamento de Althusser*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1981.

_____. *A formação da classe operária inglesa: a árvore da liberdade*. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997, Vol. I.

_____. *Costumes em comum: estudos sobre a cultura popular tradicional*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

THOMPSON, Paul. *A voz do passado*. São Paulo: Paz e Terra, 1992.

WANDERLEY, Maria. Raízes históricas do campesinato brasileiro. In: *XX Encontro Anual ANPOCS-GT17. Processos sociais agrários*. Caxambu, out. 1996 (mimeo).

_____. *O camponês: um trabalhador para o capital*. São Paulo: Unicamp, 1979.

_____. *Agricultura familiar e campesinato: rupturas e continuidades. Estudos agricultura e sociedade*. Rio de Janeiro: outubro de 2003.

WILKINSON, John. *Mercados, rede e valores*. P. Alegre, Ed. UFRGS, 2008.

_____. Sociologia econômica, a teoria das convenções e o funcionamento dos mercados: *inputs* para analisar os micro e pequenos empreendimentos agroindustriais no Brasil. *Ensaio FEE*, Porto Alegre, v. 23, n. 2: 805-25, 2002.

_____. Cadeias produtivas para a agricultura familiar. *Revista de administração da UFLA. Organizações rurais e agroindústrias*. Vol. 1, nº 1. Jan-Jun, 1999.

WOLF, Eric. *Antropologia e poder*. São Paulo: Unicamp, 2003.